



ROBBIE & CARALYN

JORNADA ÀS Terras Altas

KEIRA

MONTCLAIR

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

JORNADA ÀS Terras Altas



ROBBIE & CARALYN

KEIRA MONTCLAIR

Tradução: Andréia Barboza

Viagem às Terras Altas

Keira Montclair

Copyright de *Journey to the Highlands* © 2014 Keira Montclair.

Copyright da tradução © 2024

Tradução: Andreia Barboza.

Capa e formatação: The Killion Group
(<http://www.thekilliongroupinc.com>)

Texto revisado segundo o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Todos os direitos reservados sob as Convenções Internacionais e Pan-Americanas de Direitos Autorais.

Ao pagar as taxas necessárias, foi concedido a você o direito não exclusivo e intransferível de acessar e ler o texto deste livro. Nenhuma parte deste texto pode ser reproduzida, transmitida, baixada, descompilada, feita a engenharia reversa ou introduzida em qualquer sistema de armazenamento e recuperação de informações, de qualquer forma ou por qualquer meio, seja eletrônico ou mecânico, agora conhecido ou inventado no futuro, sem a permissão expressa por escrito do proprietário dos direitos autorais.

Por favor, observe:

A engenharia reversa, o upload e/ou a distribuição deste livro via internet ou qualquer outro meio sem a permissão do detentor dos direitos autorais são ilegais e puníveis por lei. Compre apenas edições eletrônicas autorizadas e não participe nem incentive a pirataria eletrônica de materiais protegidos por direitos autorais. Seu apoio aos direitos do autor é apreciado.

Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida ou transmitida de qualquer forma ou por qualquer meio eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia, gravação ou por qualquer sistema de armazenamento e recuperação de informações, sem a permissão por escrito do editor, exceto onde permitido por lei.

Obrigada.

Sinopse:

O Capitão Robbie Grant sempre teve um jeito com as moças, mas seu coração de guerreiro está muito ligado ao campo de batalha para procurar uma esposa. Então Robbie salva uma beleza misteriosa de um atacante nórdico. Ele sabe pouco sobre Caralyn Crauford além de que ela tem um passado conturbado e duas filhas pequenas, mas se voluntaria para levá-la e às meninas a um convento onde estarão seguras do iminente conflito. A última coisa que ele espera é que Caralyn lhe dê uma noite de paixão sem limites e então desapareça. Mas quando ela desaparece, ele está determinado a encontrá-la.

Depois de passar anos sob o domínio de homens que só se importavam com sua beleza, Caralyn já não sabe quem é nem porque importa. A única coisa que lhe interessa é o bem-estar das filhas. Mas quando o Capitão Robbie Grant entra em sua vida, ela se atreve a querer algo mais. No início, ela apenas fica grata ao belo Highlander, mas sua natureza nobre e seu coração gentil a cativam. A noite que passam juntos só a confunde mais, mas Caralyn não tem tempo para lidar com seus sentimentos porque seu passado ressurge e ameaça arruiná-la. Robbie não medirá esforços para resgatar Caralyn e suas filhas e levá-las em segurança para as Terras Altas, mas ela será capaz de curar as feridas do seu passado o suficiente para se permitir ser amada?

Índice

[CAPÍTULO 1](#)
[CAPÍTULO 2](#)
[CAPÍTULO 3](#)
[CAPÍTULO 4](#)
[CAPÍTULO 5](#)
[CAPÍTULO 6](#)
[CAPÍTULO 7](#)
[CAPÍTULO 8](#)
[CAPÍTULO 9](#)
[CAPÍTULO 10](#)
[CAPÍTULO 11](#)
[CAPÍTULO 12](#)
[CAPÍTULO 13](#)
[CAPÍTULO 14](#)
[CAPÍTULO 15](#)
[CAPÍTULO 16](#)
[CAPÍTULO 17](#)
[CAPÍTULO 18](#)
[CAPÍTULO 19](#)
[CAPÍTULO 20](#)
[CAPÍTULO 21](#)
[CAPÍTULO 22](#)
[CAPÍTULO 23](#)
[CAPÍTULO 24](#)
[CAPÍTULO 25](#)
[CAPÍTULO 26](#)
[CAPÍTULO 27](#)
[CAPÍTULO 28](#)
[CAPÍTULO 29](#)
[CAPÍTULO 30](#)
[CAPÍTULO 31](#)
[CAPÍTULO 32](#)
[CAPÍTULO 33](#)
[CAPÍTULO 34](#)
[CAPÍTULO 35](#)
[CAPÍTULO 36](#)

[CAPÍTULO 37](#)

[CAPÍTULO 38](#)

[CAPÍTULO 39](#)

[CAPÍTULO 40](#)

[EPÍLOGO](#)

[DISPONÍVEL POR KEIRA MONTCLAIR](#)

[NOTA DA AUTORA](#)

[SOBRE A AUTORA](#)

CAPÍTULO UM

1263, Outono

Ayrshire, Escócia

Caralyn de Crauford House parou, pedindo silêncio à sua menina de oito verões com um movimento de mão. O riso ecoou pela terra... não o som alegre tão amado pelo seu clã, mas as gargalhadas obscenas de invasores determinados a fazer o pior. Esse som rastejava pela sua nuca, arrepiando os cabelos ali.

Nórdicos. Rumores dos saques já feitos pelos homens desses navios galeões nórdicos se espalharam pelas pequenas vilas costeiras da Escócia como fogo, mas ela tinha esperança de que passassem despercebidos pela sua pequena vila de pescadores, escondida na borda do seu clã. Caralyn espiou por entre as coberturas de pele através de sua janela e viu seu pior pesadelo: homens com tochas correndo pelos caminhos entre as cabanas, gritando em uma língua estrangeira.

Caralyn girou para encarar sua filha e sussurrou:

— Ashlyn, pegue sua irmã.

Elas vasculharam a cabana de dois cômodos atrás da pequena, sua amada criança.

— Gracie? Gracie, onde está você? — Ao entrarem na câmara, a filha loira de olhos azuis aproximou-se, com os braços levantados da maneira habitual para tentar que sua mãe a erguesse. Com pouco mais de dois verões, ela falava pouco, mas entendia tudo.

Caralyn pegou Gracie no colo e dirigiu-se para a porta dos fundos.

— Pegue o saco, Ashlyn.

Elas foram avisadas de que os nórdicos poderiam vir. O Rei Haakon da Noruega, furioso com as ações do Rei Alexandre III da Escócia, havia navegado por Firth of Clyde. Rumores diziam que os inimigos seguiam em direção à vila real de Ayr, mas, dada a quantidade de navios e galeões ancorados em Arran, eles poderiam parar em qualquer lugar pelo caminho. Homens em guerra podiam ser implacáveis; isso ela sabia muito bem, especialmente depois dos relatos que ouvira sobre seus saques em outras vilas litorâneas. As bandeiras de corvo da frota de Haakon já haviam sido avistadas ao largo de Kintyre, onde seus homens haviam devastado o continente.

Por que Malcolm levou seus guardas consigo outro dia? Agora estavam completamente desprotegidas. Caralyn fez o que pôde para se preparar, forçando suas filhas a praticarem esconder-se repetidamente. Simplesmente falando, os nórdicos teriam que matá-la primeiro antes de tocarem em suas meninas.

Ashlyn apareceu virando a esquina, amarrando o pequeno saco à sua cintura.

— Mamãe, vem conosco?

Caralyn colocou os dedos nos lábios da filha.

— Shh, querida. Vou seguir assim que puder. Agora faça como praticamos. Leve sua irmã e corra até encontrar as rochas, então se esconda. Não saia por nenhum motivo. Eu vou encontrá-las.

O olhar de terror nos olhos da filha apertou seu coração. Um dia, prometeu a si mesma que eliminaria o medo nos olhos de Ashlyn, mas hoje, não tinha escolha senão enviá-las à frente sem ela. Ela sabia o que precisava fazer para proteger suas crianças. Se fosse com as meninas, os nórdicos as seguiriam. Caralyn atrairia os atacantes e os distrairia; ela sabia o que eles queriam.

Caralyn ajoelhou e beijou ambas as meninas.

— A mamãe promete. Você me ouviu, Ashlyn? Mamãe não suportaria que algo acontecesse às suas doces meninas. — Ela as empurrou para fora da porta dos fundos e as seguiu. — Vão.

Assim que ela pisou do lado de fora, em seus ouvidos ecoaram de um grito de guerra afiado. Virou-se para ver um homem grande com uma tocha acesa correndo para sua cabana. Apenas alguns haviam chegado tão longe, mas sua casa poderia ser destruída com uma única tocha. Ele tocou a borda no canto do telhado e a palha pegou fogo, queimando e fumegando furiosamente.

O olhar do homem encontrou o dela e ele sorriu antes de gritar em exultação, jogando a tocha na terra e batendo no peito como se ela fosse um prêmio glorioso. Sim, sabia o que ele queria. Ela gritou:

— Corra, Ashlyn. Corra!

Caralyn partiu na direção oposta, esperando ter chamado a atenção o suficiente para que ele deixasse as meninas e a seguisse. Pelo canto do olho, notou Ashlyn correndo em direção à praia como planejaram. Caralyn tateou seu punhal nas dobras do bolso que costurara em suas saias. Um último

recurso. *Senhor, ajude-me a ser forte, eu lutarei. Lutarei pelas minhas meninas. Por favor, me ajude.*

Seus pés a levaram pelo caminho em direção ao centro da vila, onde os pescadores mantinham seus barcos. Havia alguém por perto para ajudar? Olhou por cima do ombro e notou que o nórdico tinha caído em sua armadilha e a perseguia, seus passos largos se aproximando a cada instante. Olhando para o lado direito, ela agradeceu a Deus que suas meninas não podiam mais ser vistas e rezou para que estivessem seguras. Ashlyn era uma garota forte, como ela foi obrigada a ser. O Senhor as guardaria em suas mãos.

Uma mão grande agarrou seu cabelo e a puxou para trás. Ela caiu com um grunhido e seu agressor riu. O odor cru da carne suja assaltou suas narinas quando ela olhou para cima e viu o sorriso no rosto encrustado de sujeira. Reconheceu aquele olhar. Era uma expressão de desejo perverso. Esse homem não tinha estado com uma mulher por tanto tempo que a necessidade sexual impulsionava cada um de seus movimentos. Ele ansiava pelo seu corpo pelo que era, um meio para um fim, com total desconsideração pela sua alma e suas emoções. Lambendo o lado de seu rosto, ele apalpou seu seio através do vestido de lã. Ele não era diferente de nenhum outro homem. Não pararia até a estuprar.

Que assim fosse. Ele podia fazer o que quisesse com ela desde que se mantivesse afastado de suas meninas. Faria qualquer coisa para garantir a segurança delas. Estuprá-la, bater nela, poderia lidar com qualquer coisa desde que ele não tocasse em suas filhas.

Uma mão forte agarrou firmemente seu braço, e ele a puxou para cima e virou para o lado do caminho como se estivesse procurando um lugar para possuí-la. Mas ele parou, ouvindo seus arredores, olhando ao redor. Ela imaginou que ele procurava por seus camaradas, mas nenhum estava visível.

Como se tivesse tomado uma decisão, o homem puxou seu braço e a arrastou para trás dele em direção à costa. Lutou para acompanhá-lo enquanto ele seguia por um caminho alternativo através de um denso grupo de árvores. O que diabos ele estava planejando? Caralyn conseguira se acalmar quando esperava ser jogada nas moitas e forçada a se submeter a ele. Ela temia seu toque, mas entendia tal destino. Poderia lidar com isso. Agora engoliu em seco em uma tentativa de acalmar seu coração acelerado porque não tinha ideia para onde estavam indo. O desconhecido a assustava

e ela não sabia o que ele estava planejando. Sua atitude havia mudado sutilmente, mas o suficiente para ela perceber que seu objetivo não era mais o mesmo. Assim que romperam as árvores para a vasta costa, ele gritou pela praia para seus amigos. Caralyn tropeçou ao lado dele, mas paralisou quando seu olhar se fixou em seu destino, a realização a atingindo com força entre os olhos.

Um navio. Ele estava arrastando-a para o navio dele. Queria levá-la em sua galeia para servir a todos os camaradas também. Não havia outra fêmea à vista, embora ela visse um monte imóvel de lã não muito longe. Uma mecha de cabelo se destacava do monte. Quem era, alguém que conhecia? Ela já estava morta? *Acalme-se, Caralyn, você pode vencê-los, mas apenas se estiver no controle.* Ela forçou várias respirações profundas em seus pulmões, se esforçando para relaxar.

Mas não conseguia. Um navio, ele a estava levando para o navio, e ele a arrancaria de suas meninas. E o que seria dela assim que pisasse naquele navio? Eles a usariam como quisessem, depois a jogariam ao mar. Poderia nadar, mas não do centro do estuário.

Nunca. Nunca ele a faria subir naquele navio. Tinha que pensar e agir rapidamente. Pensou em suas meninas, nos grandes olhos azuis de Gracie olhando para ela. Quem cuidaria delas se algo acontecesse com ela? Elas eram sua vida. A única coisa que valorizava neste mundo inteiro estava escondida entre as rochas na praia. Mesmo que não tivesse sido capaz de proporcionar a melhor vida para as meninas, estava determinada a mudar isso se sobrevivesse a esse sofrimento.

Desencadeando a raiva acumulada por todas as injustiças que havia enfrentado, Caralyn canalizou aquela fúria, direcionando-a para esse único homem diante dela. Os estrangeiros podiam bater nela, terem o que quisessem com ela, mas não deixaria suas filhas, nem agora nem nunca. Ainda estavam a uma boa distância do navio, o suficiente para ela lutar e escapar. E lutar era o que faria.

Caralyn gritou e pegou seu punhal escondido, cravando-o na coxa do brutamontes. Ele berrou e soltava seu braço por um instante, apenas o suficiente para ela se afastar. A moça correu de volta em direção ao caminho, mas não chegou longe antes que ele agarrasse seu cabelo trançado, a girasse e a esbofeteasse.

Vivas vieram do navio, mas ninguém veio em socorro do homem, felizmente. Esta seria uma performance para seus colegas de navio

assistirem. A moça contra o nórdico, e ela lutaria com tudo o que tinha.

— Seu bruto vil, me deixe em paz! — ela gritou e arranhou, cuspiu e mordeu. Ele a atingiu na barriga, mas a dor não a fez hesitar. Quando ele desviou o olhar dela por um momento para remover o punhal de sua coxa, ela o chutou na virilha e o homem se encolheu no chão, perdendo a faca na areia. Gritos vindos dos outros homens continuaram. Girando, ela tentou correr, mas ele agarrou seu tornozelo e ela caiu de bruços na cascalho. Ele a puxou lentamente de volta para si, passando a mão sobre sua perna nua sob suas saias. Ela virou-se de costas e o chutou no queixo com o outro pé.

O nórdico amaldiçoou e a soltou.

Caralyn procurou seu punhal na areia, mas não o viu. O brutamontes conseguiu se levantar e cambaleou sobre ela. Ficando de pé, ela pegou a maior pedra que conseguiu encontrar e a lançou direto na cabeça dele. Quando acertou sua têmpora e um baque ressonante ecoou no ar, esperou que ele caísse, mas em vez disso ele a encarou, com um rosnado baixo rasgando sua garganta e se transformando em uma expressão furiosa. Ele a pegou pelos dois braços e a jogou para o ar. Incapaz de amortecer a queda, bateu no chão em um ângulo estranho, torcendo o tornozelo embaixo dela. Gritou de dor ao cair na sujeira. Ele pulou em cima dela, puxou o punho para trás, pronto para atingir seu rosto, e a última coisa que ela se lembrou antes de a escuridão a envolver foi dos olhos tristes de Gracie.

CAPÍTULO DOIS

O Capitão Robbie Grant liderou seu grupo de guerreiros pelo caminho costeiro, passando por pequenas vilas e cabanas. Nada. Alexander de Dundonald, o administrador do Rei Alexandre III, os enviou ao sul de Ayr no caso de as galés do Rei Haakon da Noruega estarem desembarcando para saquear e roubar. Desesperado para estabelecer sua soberania sobre as Ilhas Ocidentais, o governante norueguês enviou múltiplos navios e muitos homens para a Escócia. Agora estavam ancorados em Arran, aguardando instruções. Seria fácil para ele enviar alguns para as vilas costeiras para semear o caos e confiscar alimentos e suprimentos.

Ele dividiu seus homens e enviou metade por um caminho diferente enquanto seguia diretamente para uma das vilas de pescadores espalhadas ao longo das belas águas costeiras. Antes mesmo de ver qualquer coisa, seu nariz o alertou sobre problemas iminentes – fumaça, se espalhando em direção a eles vindo do sul. Esporeando seu cavalo, liderou seus homens, esperando descobrir a origem do odor pungente. Conforme se aproximavam da vila, passaram por algumas cabanas já em chamas.

Ele gritou para seu melhor amigo, Tomas.

— Não gosto nada disso.

— Sim, pode ser ruim. — Tomas assentiu, seu olhar percorrendo a área em busca de estrangeiros.

Robbie apontou para as cabanas em chamas e acenou para um grupo de guerreiros.

— Verifiquem se há sobreviventes. Nós continuaremos em frente. — Impulsionado por uma força desconhecida, ele seguiu em direção à costa. Gritou para Tomas enquanto seu amigo voltava para se juntar a ele: — Você vê algum nórdico?

Tomas, que havia liderado alguns dos homens de Robbie em um amplo percurso pela pequena vila e pelas florestas, balançou a cabeça.

Foi quando Robbie ouviu – o som de lamento de uma moça em dor.

Ele olhou para Tomas.

— Santos do céu, estão atacando à frente de nós.

Fazendo seu cavalo galopar, ele seguiu os gritos da moça até a praia. Em um instante, avaliou a situação. Um navio galé cheio de invasores estava na borda distante da praia, os homens gritando e fazendo piadas

sobre algo na praia. Alguns segundos depois, ele entendeu. Um único nórdico estava espancando uma mulher escocesa nas proximidades sob os aplausos de seus camaradas. Robbie enviou vários guerreiros pela praia em direção ao barco com ordens para usar seus arcos para eliminar os invasores.

A moça de cabelos escuros lutava com o brutamontes com todas as suas forças, socando e chutando-o em todos os lugares que conseguia alcançar. Robbie desembainhou sua espada e avançou diretamente para o tolo, os gritos da garota alimentando sua fúria. Sem perceber Robbie, o bruto puxou o punho para trás e socou-a em cheio no rosto, nocauteando-a antes de se voltar para os companheiros com o punho no ar e gritando sua satisfação por seu feito.

Robbie avançou diretamente em direção ao tolo, esperando aproveitar sua distração momentânea. Mesmo que seus amigos gritassem para o homem solitário para tentar avisá-lo, ele os ignorou, ocupado demais celebrando sua vitória sobre a moça. Quando o brutamontes virou-se novamente, foi bem a tempo de ver a espada de Robbie atravessá-lo diretamente pelo ventre, o choque em seu rosto visível antes de ele desmoronar no chão.

O resto dos nórdicos sobreviventes se aglomeraram na galé assim que viram os guerreiros escoceses se aproximando junto com múltiplas flechas voando. Eles se afastaram, não dispostos a arriscar uma tentativa de recuperar o corpo morto de seu camarada da praia. Robbie pulou de seu cavalo e se ajoelhou ao lado da moça, rezando para não ter chegado tarde demais. Os olhos da mulher estavam fechados, mas sua beleza não escapou dele. Ela tinha cabelos castanhos escuros, balançando ao vento ao redor dela como seda ondulante. Apenas algumas mechas ainda estavam presas, um testemunho de como ela tinha lutado duro. Seu rosto tinha uma beleza assombrosa sob os hematomas e a palidez. Ele pousou ambas as mãos na pedra e na areia ao lado dela, depois se inclinou para ver se conseguia ouvir sua respiração. Um leve suspiro escapou de seus lábios e ele se apoiou de volta sobre os calcanhares, agradecido por ela ainda estar viva.

Seus guerreiros, que tinham enviado os nórdicos remando furiosamente para longe da costa, voltaram para ajudá-lo. Ele acenou para seus homens, dando instruções para verificar ao longo da costa por mais galés enquanto cuidava da mulher ferida.

Como desejava que sua irmã Brenna, a curandeira, estivesse ao seu lado. Ela saberia exatamente como ajudar a moça. Observou-a enquanto ela estava deitada na praia, perguntando-se se havia algum osso quebrado. Seu tornozelo esquerdo estava inchado, mas não parecia quebrado. Múltiplos ferimentos abertos estavam espalhados por sua pele como se ela tivesse sido arrastada pelas pedras. Sujeira e areia cobriam a maioria deles. A moça claramente fora arrastada de uma das cabanas próximas, e o brutamontes que a levou estava determinado a arrastá-la para a galé em retirada.

Todos os santos do céu deviam ter vigiado a jovem dama, e foi uma boa coisa que Robbie e seus homens tivessem chegado quando chegaram. Ele estremeceu com o pensamento do tratamento que ela teria recebido pelas mãos de uma galé cheia de homens solitários e obcecados pela batalha. Se ela não tivesse gritado e lutado com tanta bravura e persistência, estaria naquele navio.

Tomas veio relatar a ele.

— Não encontramos mais nenhum nórdico na costa, Grant — ele disse de cima de seu cavalo. — Não há galés ao sul, e não há evidências de mais saques. As únicas cabanas em chamas são aquelas perto daqui e estão contidas. Muito tarde para parar. Muitas das outras cabanas estão vazias.

— Pegue um pouco de água, Tomas. Quero ver o que posso fazer pela moça antes que os outros voltem para me relatar.

— Ela ainda está viva? — Tomas perguntou.

— Sim, está, mas não sei por quanto tempo.

— Ele fez um bom trabalho espancando a beleza, não é? — Tomas pegou a peça de água de seu cavalo antes de se juntar a Robbie na beira do mar.

— Sim, ela estará dolorida quando acordar. — Ele não pôde deixar de suspirar. — Se ela acordar.

Tomas entregou sua peça de água para Robbie.

— Ela não está alerta o suficiente para beber.

— Ah, eu sei. Você não consegue ver todos os cristais de cascalho e pedrinhas em sua pele rasgada? Minha irmã é louca por limpar feridas. — Robbie disse. — Segure a perna dela para que eu possa limpar o máximo de sujeira possível. É melhor fazer isso agora enquanto ela está inconsciente.

Tomas fez como foi ordenado e então soltou um assobio lento assim que avistou as longas pernas sob suas saias.

— Magnífica, não é? É triste vê-la tão maltratada.

— Mantenha os olhos longe das pernas dela, Tomas — Robbie grunhiu.

— Ah, então você está encantado com ela, velho amigo? Não vejo isso há um tempo. — O sorriso de Tomas se estendeu por seu rosto.

— Como diabos posso ficar encantado por alguém com quem não falei? Você, às vezes, é um tolo obtuso. — Robbie rasgou um pedaço de pano da saia dela para limpar a sujeira o máximo possível.

— Seria bom encontrar uma moça para aliviar seu estresse. Você passa muito tempo se forçando a trabalhar demais.

— Sim, mas é a única vez que tive a chance de provar meu valor. Você sabe quantas vezes fui deixado na fortaleza para proteger o clã enquanto meus irmãos estão em batalha. — Robbie se moveu para limpar a outra perna dela.

— Não é fácil proteger um clã do tamanho dos Grant.

— Ah, sim, mas nunca houve necessidade de usar minhas habilidades de batalha, já que nunca fomos atacados.

— E é uma boa coisa também. — Tomas sorriu para seu amigo.

— Sim, mas esta é minha chance de provar meu valor. E não permitirei que uma moça me distraia de meu propósito. Eu luto pelos escoceses e lidero os guerreiros Grant. Não posso perder meu foco.

— Veremos, meu amigo. O que fará com ela? — Tomas ergueu a sobrancelha para ele.

— Envie alguns homens para as poucas cabanas ocupadas e veja se ela tem família por perto. Se não, voltaremos para o acampamento na vila real. Ela viajará comigo.

Os olhos de Tomas se arregalaram.

— Viajará com você?

— Não posso deixá-la aqui, não é mesmo? Onde diabos você deixou seu cérebro, Tomas? — Robbie balançou a cabeça frustrado.

Tomas riu, os olhos brilhando.

— Ah, mal posso esperar para testemunhar isso. Será entretenimento, com certeza. Espero estar ao seu lado quando você chegar ao Dundonald com uma moça em seu colo.

CAPÍTULO TRÊS

Quando Caralyn abriu os olhos, ela encarou diretamente o teto áspero da tenda sobre sua cabeça. O sol estava nascendo, mas ela não tinha ideia de onde estava ou de quem era a tenda. Seu rosto latejava muito, e ela passou os dedos com cautela por suas feições, detectando sangue seco, inchaço ao redor do olho e do osso da bochecha, e um lábio cortado. O que havia acontecido? Seu fôlego falhou diante da dor lancinante sempre que tocava as áreas inchadas. Oh, querido Deus, o que tinha acontecido e onde estavam suas crianças?

Ela moveu as pernas, mas gemeu quando a dor disparou do tornozelo até o quadril. Seus olhos se fecharam, ansiando por um retorno à escuridão tranquila, mas algo a incentivou a permanecer alerta. Virando-se de lado, ela gemeu com a pelagem macia sob ela. Estava sozinha na tenda, que era maior do que qualquer uma que já tinha visto. Lágrimas ameaçaram rolar por suas bochechas, mas ela as controlou, tirando força de seu âmago. Sua pele estava ferida em vários lugares, e memórias surgiram do grosseiro nórdico que a havia arrastado em direção à beira-mar.

Ela conseguiu se sentar e murmurou:

— Não! Minhas meninas... — Ela as enviou para o esconderijo entre as rochas. Ainda deviam estar lá. Impulsionou-se contra o chão e tentou se levantar na tenda, agarrando uma plaid que usara como cobertor, mas sem se importar com o que tinha por baixo ou quem veria sua pele nua. Suas filhas. Precisava encontrá-las. Um gemido triste alcançou seus ouvidos e ela percebeu que vinha de seus próprios lábios. Finalmente, ela se levantou e dirigiu-se à aba da tenda, mancando de dor, mas jurando não parar por nada nem ninguém. Ao dar um passo lá fora, deixou a plaid cair no chão e segurou seu vestido enquanto observava os arredores, apenas para encontrar um mar de rostos masculinos encarando-a. Confusão nublava sua mente. Onde estava? Quem eram esses homens?

A recepção deste grupo de homens a confundiu. Eles não fizeram nenhum comentário insultuoso sobre sua falta de roupa e nenhum deles tentou agarrá-la; eles apenas a olharam com preocupação. Ela atravessou a multidão, ignorando a dor no tornozelo enquanto avançava, tentando encontrar alguém, qualquer pessoa, que pudesse ajudá-la a encontrar suas meninas.

— Por favor, alguém me ajude — ela gritou, sem se importar com quem respondesse a seu apelo urgente.

— Moça, não parece que a senhora deveria estar se levantando e andando.

— O Capitão não ficará feliz em vê-la fora da tenda.

A princípio, ela parou quando os comentários registraram em sua mente. Ela devia ser uma visão desagradável para receber tal resposta. Mas não havia nada que pudessem dizer que a fizesse desviar de seu propósito. Continuando, ela encarou os homens enquanto passava, esperando que alguém desse um passo à frente e a ajudasse.

— Minhas filhas? Alguém sabe onde estão minhas filhas?

Nada. Os homens se entreolharam confusos. Ela tinha que manter o foco.

Um assobio parou todos os homens e um silêncio sinistro desceu sobre o grupo de guerreiros vestidos com tartãs vermelhos. Caralyn não parou; não podia parar. Ela tinha apenas um objetivo: encontrar suas crianças. Um homem grande envolto no mesmo tartã vermelho atravessou o grupo, bradando para que todos recuassem.

— Deixem-na em paz, eu disse. Terminem suas tarefas.

O que aparentava ser líder dos guerreiros ficou em sua frente com as mãos nos quadris, seu olhar fazendo os homens se dispersarem em várias direções. Quando seus olhos se fixaram nela, a respiração da moça falhou em resposta à sua boa aparência. Fazia muito tempo desde que tinha visto um homem tão bonito. Ele não falou, mas estendeu o braço na tentativa de conduzi-la de volta à tenda.

Caralyn não permitiria.

— Não, não me empurre para dentro. Preciso sair. — Ela empurrou contra o peito duro como pedra dele e afastou as mãos, lutando contra qualquer coisa que percebesse como uma possível ameaça. Olhando ao redor do ambiente estranho, ela parou para perguntar: — Onde exatamente estou?

— Moça, a senhora está no acampamento dos guerreiros do Clã Grant. Meu nome é Capitão Robbie Grant e estou encarregado desses homens. Estamos aguardando ordens do nosso rei sobre a guerra com a Noruega.

— Onde estão minhas meninas? Leve-me até elas. O senhor as tem, não tem? O senhor as encontrou? — Ela passou a mão pelos seus cabelos emaranhados, desesperada para dar sentido a tudo, especialmente quando

ele balançou a cabeça em resposta. *Não, não, não.* — Por que me trouxe aqui? Preciso encontrar minhas filhas. Me diga que não as deixou sozinhas na noite fria?

— Que meninas? Eu a encontrei na praia, ao sul de Ayr. A senhora foi atacada por um único nórdico. Ele estava arrastando-a para sua galé quando o vi dar um soco em seu rosto. Ele a deixou inconsciente, moça. — A piedade em seus olhos disse a ela o quanto a situação foi ruim.

O pânico percorreu o corpo de Caralyn enquanto ela travava olhares com ele. O suor pingava de suas mãos então ela apertou os punhos em seu vestido. Faria qualquer coisa para mudar a realidade da situação, mas não havia como evitar o fato de que suas meninas estavam desaparecidas.

O Capitão Grant estendeu a mão em direção à tenda.

— Por favor, explicarei tudo que sei.

Caralyn não teve escolha. Ela se dirigiu à tenda e permitiu que ele segurasse a aba para ela. Seus ombros caíram quando a verdade pesou sobre ela. Estava totalmente dependente deste único homem agora.

Contendo a ansiedade, buscou a força de que precisava para ouvir e planejar.

— Não havia crianças ao seu redor — disse o Capitão Grant assim que a tenda foi fechada atrás deles. — A senhora não as deixou para trás na cabana, deixou? — Seus olhos cinzentos a encararam, dando-lhe algo inesperado... um estranho senso de apoio.

Ela balançou a cabeça.

— Não, eu as enviei para o esconderijo delas.

— Onde? Não vi ninguém.

— Há um grupo de rochas irregulares não muito longe da costa. Eu as treinei para se esconderem lá em caso de ataque para que não pudessem ser vistos por ninguém. — Lágrimas se formaram em seus cílios. — Preciso ir. Elas devem estar lá ainda.

— Qual é o seu nome? — Ele se abaixou para pegar um tartã, provavelmente aquele que ela deixou cair ao sair da tenda, e o jogou sobre os ombros dela. A moça encolheu-se em resposta. O guerreiro ergueu as mãos. — Moça, a senhora tem minha palavra de Highlander Grant, não vou machucá-la.

— O que o faz diferente? Todos os homens me machucam. — Ela roeu a unha do polegar, observando-o com cuidado.

— Não, eu não farei isso. Como eu disse, sou um Grant, e meu pai me ensinou a agir de forma diferente. Nunca levantarei a mão para uma mulher. A senhora pode confiar em mim. Agora, me diga seu nome e farei o que puder para ajudá-la.

Ela lançou um olhar para o grande Highlander antes de voltar sua atenção para a unha. Será que era verdade? Podia confiar nele? Ele tinha olhos bondosos, cinzentos com flocos de prata. Não poderia fazer mal dizer seu nome, decidiu.

— Caralyn. Caralyn dos Crauford.

— E a senhora tem duas filhas?

— Sim. — Ela pisou com o pé esquerdo e fez uma careta ao lembrar que não podia colocar todo o peso nele, mas ele a segurou antes que ela caísse. O Capitão Robbie Grant era enorme e de ombros largos, com a pele bronzeada pelo sol e cabelos castanhos claros. Seus braços pareciam troncos de árvores pelos músculos visíveis através de sua túnica. Mas por algum motivo estranho, confiava nele, e não por causa de sua aparência. Não, havia algo diferente em seu acampamento, em seus guerreiros. Eles não pareciam ser os típicos guerreiros grosseiros. Eles a trataram com respeito. Será que era isso?

Ele estendeu o braço para ajudá-la a se equilibrar.

— Como elas se chamam?

— Gracie tem pouco mais de dois anos e Ashlyn tem oito. — Com a decisão tomada, sua voz caiu para um sussurro. — O senhor vai me ajudar? Por favor? Eu preciso encontrar minhas meninas.

CAPÍTULO QUATRO

Montando seu cavalo em direção ao sul de Ayr pela segunda vez, Robbie achava que certamente enlouqueceria. Ele não conseguia acreditar em como seu dia tinha transcorrido. Depois de caminhar para sua tenda ao amanhecer e encontrar a bela moça, vestida com nada além de uma camisola entre seus guerreiros, o que mais ele poderia fazer senão enlouquecer? Felizmente, seus homens entenderam que ele não toleraria qualquer abuso contra uma mulher, mas ainda assim, eles eram apenas humanos e Caralyn Crauford, se esse fosse seu verdadeiro nome, tinha os seios mais gloriosos que ele já vira. E era inegável que a visão dela tinha chamado sua atenção também. O fato de ela estar tão preocupada com as filhas o fazia sentir-se culpado por apreciar seu corpo, mas, minha nossa, a moça tinha a forma mais bela que ele já tinha visto. E aqueles mamilos? Eles tinham que ser da tonalidade de pêssego mais profunda, e ele ansiava por vê-los descobertos. O que ele não daria para sugá-los até ela gritar seu nome.

Felizmente, seu senso de dever sobrepujou seus desejos carnaais, e ele a levava para sua tenda para descobrir o que podia fazer por ela. A única coisa que ela lhe havia contado fora seu nome e que tinha duas filhas desaparecidas. Como ele tinha uma irmã mais nova, Jennie, além de seis sobrinhos, tomara a única decisão possível. Havia duas meninas sozinhas em South Ayr, então ele voltaria para a área onde a encontrara pela primeira vez. Seu comandante, Alexander de Dundonald, não ficaria satisfeito com o atraso, mas, sabendo em primeira mão do que os nórdicos eram capazes, não podia fazer nada além de seguir sua intuição. Se os nórdicos tivessem encontrado as pequenas, tudo o que ele poderia fazer seria balançar a cabeça diante do pensamento do que poderia ter acontecido com elas.

Comandar o maior grupo de guerreiros das Terras Altas, contando cerca de trezentos e cinquenta ao todo, era uma empreitada importante. Uma guerra generalizada era iminente, Robbie podia sentir, o que também era o motivo pelo qual seu oficial comandante não ficaria feliz com sua decisão. Ele deixara outro guerreiro encarregado antes de partir com Tomas para tentar encontrar as meninas. Precisavam agir rápido caso os guerreiros Grant fossem convocados para a batalha. Robbie estava determinado a estar

lá quando fosse necessário. Ele faria seu clã orgulhoso, mesmo que perdesse a vida no empreendimento.

Caralyn implorou para acompanhá-los, mas eles a convenceram de que seu ferimento só os atrasaria.

Robbie desceu pelo caminho e diminuiu para um trote, gritando para Tomas.

— Verifique as cabanas e garanta que não haja evidências de corpos.

Olhando para as cabanas queimadas, ele esperava que as pequenas tivessem sabedoria suficiente para ficar longe das brasas. Quando encontrou a área de grandes rochas perto da praia, ele parou seu cavalo. Esse tinha que ser o lugar que Caralyn descrevera.

— Gracie? Ashlyn?

Silêncio.

Tomas se juntou a ele.

— Não encontrei nenhum corpo. Parece que todos conseguiram sair a tempo das duas cabanas que verifiquei.

Ele e Tomas desmontaram antes de vagarem pela área e procurarem entre as rochas, mas não havia sinal das meninas. Diabos, tinha que encontrá-las.

— Siga pela praia, Tomas. Eu irei por este lado. O pensamento de duas garotas aqui sozinhas revira meu estômago. Onde elas poderiam estar?

Robbie imaginou como ficaria o rosto de Caralyn Crauford se ele fosse obrigado a informá-la de que não conseguiu localizar suas filhas. Não podia permitir que isso acontecesse. De repente, ele entendeu por que seu irmão Alex estava tão determinado em ajudar sua agora esposa Maddie quando eles se conheceram. Sua devoção a ela e sua determinação em salvá-la do abuso o transformaram em um homem diferente.

Justo quando Robbie estava prestes a seguir em uma direção diferente, ouviu um som à sua esquerda em um grupo de árvores. Virando a cabeça naquela direção, ele paralisou. Uma menina da idade de sua sobrinha, Lily, estava atrás da primeira fila de árvores. Ela não fez nenhum som, apenas o encarou, a curiosidade aparentemente vencendo a necessidade de se esconder.

— Gracie? — Robbie deu alguns passos em direção à menina, mas então parou no meio do caminho, não querendo assustá-la.

— Gracie — ele se agachou não muito longe da criança. — Sua mamãe está comigo em meu acampamento. Ela me mandou resgatar você e sua

irmã, e levá-las de volta para ela. Onde está Ashlyn? — Sem resposta. Ela o encarou com os maiores olhos azuis que ele já tinha visto. A menina não sorriu nem chorou, apenas encarou. Ele se levantou e deu alguns passos mais perto.

Uma voz atravessou as árvores.

— A Gracie não gosta de homens.

— Ashlyn? Meu nome é Capitão Robbie Grant. Eu vim para ajudá-las. Sua mamãe me enviou. Vocês estão bem?

Ashlyn saiu de trás de um tronco de árvore grande.

— O senhor não é o homem que a levou até a praia. — Ela apontou para Tomas que se aproximava. — Quem é aquele?

— Não, não sou o homem que machucou sua mãe. Eu nunca machucaria uma mulher ou uma criança. Podem confiar em mim, menina. E podem confiar no meu amigo.

Seu olhar firme o capturou.

— O senhor é o homem que a levou em seu cavalo. Mas matou o homem mau primeiro. Vi quando o senhor o atravessou com sua espada depois que ele deu um soco na nossa mamãe.

Ela permaneceu ereta e orgulhosa, assim como sua mãe fazia. Infelizmente, isso lhe dizia muito sobre seu passado. Elas não tinham vivido uma vida fácil. Essa garotinha de oito verões havia protegido a irmã e as mantido ambas vivas durante a noite, um forte tributo ao seu caráter.

— Sim, menina, fui eu. Sinto muito que tenha tido que ver isso. — Robbie deu um aceno para Tomas, que se aproximara lentamente e agora estava ao seu lado. — Este é meu amigo, Tomas.

Ela se moveu para o lado da irmã e segurou a mãozinha da pequena.

— Eu não deixei a Gracie ver, só eu vi. Tinha que ver onde a mamãe estava. Mas o senhor a levou e eu não sabia para onde ela tinha ido. Procurei por ela ontem à noite. Mamãe está segura?

— Sim, sua mãe machucou a perna e está com alguns hematomas, mas ficará bem em alguns dias. Ela está muito preocupada com vocês. As duas estão bem?

— Não estamos machucadas, só com fome. Os bolinhos de aveia acabaram. A Gracie está com muita fome.

Robbie estendeu a mão para a garotinha.

— Venham comigo. Tenho alguns bolinhos de aveia no alforje do meu cavalo.

— Por favor, dê para Gracie. Ela precisa comer mais do que eu. — Ashlyn se inclinou para a irmã e sussurrou em seu ouvido. — Vamos, Gracie. Esse homem tem um bolinho de aveia para você.

Gracie olhou para a irmã e assentiu. Robbie esperou, esperando ver um sorriso iluminar o rosto da menina ao mencionar comida, mas sua expressão não mudou. Tomas os seguiu até os cavalos.

Adivinhando seus pensamentos, Ashlyn disse:

— Ela nunca sorri, Capitão Grant, nem fala.

— Ela não precisa falar ou sorrir, desde que coma. — Ele conduziu as duas até seu cavalo e revirou a bolsa até encontrar dois bolinhos de aveia. — Tem algo que deseja levar consigo, moça?

— Sim, a minha sacola está atrás da árvore. Gracie, fique com o Capitão Grant por um momento enquanto pego nossas coisas. — Ela soltou a mão de Gracie e correu de volta para dentro das árvores.

Robbie ofereceu o bolinho de aveia para Gracie. Ela pegou da mão dele e sentou-se no chão. A menina devorou a comida, mas não afastou os olhos arregalados dele. Quando Ashlyn voltou, ele ofereceu um bolinho de aveia para ela também, mas a menina o entregou a Gracie, que o terminou em segundos. Ele entregou a Ashlyn sua vasilha de água.

— Ashlyn, você também precisa manter suas forças. Precisa comer também. Tomas, tem outro bolinho de aveia com você?

— A Gracie precisa mais. Estou bem. — Ela se inclinou sobre sua irmã e limpou as migalhas da boca e das saias antes de ajudar a mais nova a beber da vasilha. — Obrigada por salvar nossa mamãe. — Ela devolveu a água para Robbie.

Tomas entregou um bolinho de aveia para Ashlyn.

— Aqui, moça, isso é para você.

Ashlyn pausou por um momento antes de pegá-lo, enfiando-o nas dobras de sua saia.

— Obrigada. Vou comer mais tarde. Podemos ir vê-la agora?

— Sim, você pode ir com Tomas e Gracie pode ir comigo. Tomas irá amarrar suas coisas na sela dele. — Ele entregou o saco para seu amigo.

— Mas a Gracie não irá com o senhor. É como eu disse, ela não gosta de homens.

— Nem mesmo o pai dela?

— Ela não conhece o pai, e o meu morreu há vários anos.

Gracie olhou para os dois homens desconfiada. Ela levantou-se e foi até a irmã, segurando a mão de Ashlyn.

— Ela provavelmente terá que ir comigo.

Robbie não ia discutir.

— Tudo bem. Vou entregá-las depois que você montar, Tomas.

— Quando Tomas estava em sua sela, Robbie acomodou Ashlyn na frente dele. Quando Robbie estendeu a mão para Gracie, ela ergueu os braços para ele, mas quando ele a levantou em direção a Tomas, ela balançou a cabeça veementemente.

Ashlyn sussurrou:

— Eu disse que haveria problemas com ela. A Gracie só conheceu homens ruins.

Robbie olhou nos olhos da pequena. Não gostava da ideia de descobrir sobre os homens ruins em sua vida ou porque ela nunca sorria. Depois de uma breve pausa, a mão de Gracie se ergueu e apontou diretamente para o cavalo de Robbie. Ashlyn ofegou em surpresa aparente.

Robbie não esperou para ver se a menina mudaria de ideia. Ele não tinha tempo. Montou com a garota sob o braço, então a acomodou na frente dele. Em vez de reclamar ou chorar, ela se agarrou ao seu antebraço.

— Capitão Grant, o senhor deve ser especial. — Ashlyn sorriu do cavalo de Tomas.

Robbie começou seu cavalo em um trote lento, mas Gracie não se mexeu, apenas continuou a se segurar firme em seu braço. Ela era uma coisinha doce, mas triste por nunca sorrir. Quando aumentou o ritmo para um galope, com Tomas seguindo atrás dele, ele verificou a menina novamente, mas ela parecia bem. Menos de meio quilômetro depois, Gracie inclinou-se para trás e adormeceu em seu colo, com o dedo polegar na boca.

CAPÍTULO CINCO

Caralyn andava de um lado para o outro não muito longe do caminho, indo até lá de vez em quando para ver quem estava indo em direção ao acampamento. Tentou convencer o Capitão Grant a levá-la consigo, mas sem sucesso.

Sua preocupação era que ele não entendesse suas meninas. Dada a experiência de suas filhas com os homens, havia uma chance de que elas se recusassem a voltar com os Highlanders, mesmo se eles conseguissem encontrá-las. Graças a Malcolm e seus amigos malvados, Gracie desconfiava de todos os homens. Quando mencionou isso ao Capitão Grant, ele riu e perguntou:

— Quantos anos ela tem? Acho que podemos encontrar uma maneira de trazê-la de volta.

Então agora ela andava de um lado para o outro, preocupada. Mesmo que seu tornozelo doesse, não conseguia parar de andar freneticamente. Um dos guerreiros arrumara um grande galho para ajudá-la a suportar seu peso, mas estava muito frenética com a apreensão para diminuir o passo o suficiente para usá-lo. O que faria se ele voltasse sem suas garotas? O que faria a seguir? O que poderia fazer?

Isso tudo era culpa sua. Fez o melhor para ser uma boa mãe. Infelizmente, para cuidar das filhas, foi forçada a tomar algumas decisões difíceis. Fez algumas coisas das quais não se orgulhava exatamente, mas suas meninas estavam indo bem. Elas sempre tinham comida na barriga, e ela havia conseguido manter a pequena cabana em que viviam até que os nórdicos apareceram.

Seus pais morreram há muito tempo, e seu marido, o pai de Ashlyn, também estava morto há vários anos. Ela estava sozinha há um tempo. A vida não tinha sido fácil, mas fez o que precisava para sobreviver. Uma nuvem de poeira se agitou ao longe. Sem sair do lugar, ela manteve os olhos fixos no movimento até que os cavalos entraram em sua linha de visão. Assim que pôde ver que Robbie Grant estava na frente, ela prendeu a respiração, apertando os olhos ao sol para ver se uma ou as duas meninas estavam com ele.

Quando finalmente compreendeu que Gracie estava na frente dele, ela pulou para cima e para baixo, ignorando a dor no tornozelo. Tomas estava

cavalgando rápido atrás dele, então Ashlyn devia estar no outro cavalo. Ela mancou pelo caminho, incapaz de conter a alegria. Lágrimas de alívio escorriam por suas bochechas quando Robbie parou seu cavalo e entregou Gracie para ela.

Caralyn soluçou.

— Gracie, oh, minha querida Gracie. — Ela segurou a filha em seu peito, depois inclinou a cabeça para trás para que o rosto da pequena estivesse na frente dela. — Você está bem, meu doce?

Gracie assentiu, deu um tapinha na bochecha da mãe e voltou o polegar para a boca. Ashlyn desceu do cavalo de Tomas e correu até a mãe. Caralyn se agarrou à sua mais velha.

— Menina, estou muito orgulhosa de você. Obrigada por cuidar de sua irmã.

Depois de beijar as filhas várias vezes, ela se dirigiu a Robbie Grant, que havia amarrado seu cavalo e já estava voltando para a tenda de oficial. Ela segurou sua plaid por trás.

— Capitão Grant, por favor.

Robbie parou e girou ao redor.

— Caralyn, minhas desculpas, não quis interferir em seu retorno. Preciso verificar meus homens, e depois ajudarei a senhora a decidir qual será o próximo passo a partir daqui.

— Obrigada, Capitão Grant. Do fundo do meu coração, agradeço por salvar minhas filhas.

Robbie sorriu.

— A senhora as criou bem, Caralyn. Elas conseguiram sobreviver lá fora sozinhas. — Ashlyn a seguiu, e ele parou de falar por tempo suficiente para dar um tapinha no ombro da menina. — Sua filha fez um trabalho excelente.

Caralyn encarou os olhos cinzentos de Robbie, impressionada novamente por sua boa aparência. Seus cabelos castanhos eram quase loiros, e ele tinha um calor nos olhos que não estava acostumada a ver nos homens. Seu apelo irresistível a pegou desprevenida desta vez. Sim, havia algo muito diferente sobre Robbie Grant, embora ele não fosse querer nada com ela assim que descobrisse o que ela era.

Dundonald ficou descontente com o plano de Robbie, mas no final concordou com ele. O acampamento dos guerreiros das Terras Altas estava atualmente a nordeste de Kilmarnock, e depois de discutir o assunto com Caralyn, Robbie decidiu que o melhor e mais seguro lugar para ela e as meninas era Glasgow. Dundonald havia sugerido um priorado perto da cidade. Um curandeiro conhecido lá poderia ajudar Caralyn com seus ferimentos.

Dundonald não queria enviar Robbie com os guerreiros que escoltavam a moça e suas crianças. O homem queria que ele estivesse disponível para liderar seus homens no instante em que a luta começasse. Eles receberam a notícia de que houve pouco movimento pelos nórdicos, no entanto, então Dundonald permitiu que ele fosse. Robbie poderia garantir sua viagem segura para Glasgow, passar uma noite lá, e então retornar ao acampamento dentro de um dia.

Robbie teve que admitir para si mesmo que não estava liderando a expedição apenas porque ele poderia fazer melhor. Tendo perdido muitas das aventuras de seus irmãos, ele agora entendia por que salvar alguém tinha tanto significado. Sentia uma necessidade inesperada e poderosa de proteger Caralyn, Gracie e Ashlyn. O sentimento o consumia.

Ashlyn cavalgava na frente da mãe, e ele notou que ela mantinha um olho em tudo o que Robbie fazia. Gracie insistira em montar com ele novamente, o que chocou Caralyn. A pequena menina estava novamente adormecida em seu colo, sem se preocupar com o local para onde estavam indo. Depois de um tempo, Caralyn montou ao lado dele para verificar a filha, enquanto Ashlyn fazia questão de olhar para Gracie também.

— Capitão Grant — ela disse. — Se a Gracie o incomodar, por favor, diga, e eu a colocarei em meu cavalo.

Robbie balançou a cabeça. Como uma criaturinha tão pequena poderia incomodá-lo?

— Oh, ela não está causando nenhum problema, moça. — Ele suspeitava que conhecia a verdadeira motivação de Caralyn para fazer a oferta. — Pode confiar em mim. Espero que você saiba disso até agora. Tenho várias sobrinhas e sobrinhos.

Ela olhava diretamente à frente, tão majestosa quanto qualquer rainha. Seus cabelos castanhos estavam trançados com perfeição, revelando um rosto belo o suficiente para prender a atenção de um homem, mas seus olhos verdes estavam atentos e vigilantes para as filhas. Ela não permitia

que os hematomas afetassem sua expressão, embora muitos ainda devessem doer. A moça o fazia se lembrar de um gato selvagem quando se tratava de suas filhas. Como ela sobreviveu a esses tempos difíceis sem ninguém para protegê-la?

Ela suspirou.

— Sim, o senhor fez muito por mim e por minhas filhas. Eu só tenho dificuldade em confiar nos homens às vezes.

— Entendo, especialmente após sua experiência mais recente, mas suspeito que seja mais do que isso. Há algo que gostaria de compartilhar? — ele perguntou, embora não esperasse uma resposta.

— Não, não há nada para contar. — Mechas de cabelo escapavam de sua trança e dançavam ao redor de seu rosto. Santos acima, ela era uma beleza. A moça parecia não se importar com a aparência. Ela não era do tipo que buscava a atenção de um homem.

— A senhora não tem família na região? O que aconteceu com seus pais?

— Eles morreram há muito tempo. Sinto muita falta deles, especialmente de minha mãe. Me entristece que minhas garotas nunca tenham conhecido seus avós. Como minha mãe teria amado suas netas. Ela era a mulher mais doce.

— O pai da Gracie? Ele é o motivo pelo qual ela teme os homens? — Ele observou a reação dela à sua pergunta, e foi rápida, muito rápida.

— O que o senhor sabe sobre o pai da Gracie? — A fúria em seus olhos deixou claro que a moça tinha um temperamento. Também lhe disse muito sobre o que ela pensava do pai da menina.

— Nada. Apenas notei que ele não está por perto.

— Eu posso cuidar de mim mesma e das minhas garotas. Pelo menos podia, antes de os nórdicos chegarem.

— A senhora fez um excelente trabalho criando suas garotas sozinha. — Robbie abandonou o assunto, não querendo provocar seu temperamento na frente de Ashlyn.

Sim, ele estava certo de que Caralyn tinha sido maltratada no passado, e esse pensamento despertou ainda mais sentimentos em seu âmago. Ele entendia o desejo de protegê-la e às pequenas, mas era mais do que isso... mais do que queria admitir. Ele tinha homens para liderar na batalha. Este não era o momento para se perder por causa de uma moça. Mas havia prometido ajudá-la e não recuaria agora.

Apesar do momento terrível, sentiu a necessidade de conhecê-la melhor. Não era apenas sobre sua aparência, embora ela tivesse um rosto e corpo maravilhosos, ele tinha que aplaudir e admirar uma moça que era lutadora, uma que fazia tudo o que podia por sua família. Ela sobreviveu a adversidades indescritíveis e saiu mais forte.

A escuridão havia descido cerca de uma hora atrás quando finalmente localizaram o priorado para onde Dundonald os enviou. Robbie ficou parado no portão e explicou seu propósito, Gracie dormindo profundamente sobre seu ombro, antes que o guarda abrisse os portões e os permitisse entrar.

Enquanto empurravam os portões, uma freira se aproximou e emitiu instruções claras.

— Seus homens dormem nos estábulos, senhor. Encontraremos uma câmara para o senhor e providenciaremos algo para seus homens comerem. Não temos muito, mas compartilharemos.

Robbie agradeceu com um aceno e enviou os homens na direção dos estábulos. Depois de ajudar Caralyn e Ashlyn a desmontar, ele entregou Gracie para a mãe. Olhou ao redor para ver se tudo parecia seguro. Dois ou três guardas eram visíveis, mas mais ninguém se destacava além de algumas freiras perambulando pelos jardins.

O grupo seguiu a mulher idosa para dentro do priorado e por um corredor frio, escassamente iluminado com tochas. Ashlyn se aproximou da mãe e segurou sua mão. Gracie continuou a dormir.

A mulher os conduziu a uma pequena sala e eles se acomodaram em uma mesa enquanto a freira saía para chamar a madre superiora, prometendo trazer comida para Robbie. Ele sorriu para Caralyn e ela desviou o olhar, passando os dedos pelo cabelo de Ashlyn.

— Mamãe, estou com fome. — Ashlyn se inclinou ao lado da mãe no banco.

— Shh, querida. Comeremos com as irmãs em alguns momentos, tenho certeza. O Capitão Grant comerá sozinho depois que formos levadas para nossa câmara para a noite. — Caralyn olhou para Robbie. — Agradeço por nos escoltar até aqui, milorde.

— Robbie, por favor. Não sou lorde, sou das Terras Altas.

— Como desejar, Capitão. O senhor parece nobre para mim. — Ela olhou em seus olhos ao dizer isso.

— Caralyn, devo admitir que gostaria que as circunstâncias fossem diferentes para que pudéssemos nos conhecer melhor. — Ele encarou seus olhos verdes, esperando ver mais do que apenas apreciação por seu papel em salvar a ela e suas filhas.

— Capitão Grant, eu também gostaria disso, mas o senhor é das Terras Altas, e eu das Terras Baixas. O senhor não ficará aqui por muito tempo.

Ele achou ter capturado um lampejo de anseio em seus olhos, mas ele desapareceu antes que pudesse ganhar vida.

— Adoraria mostrar-lhe as Terras Altas. Já esteve lá?

— Não, mas ouço dizer que é lindo. — Um sorriso hesitante cruzou seu rosto.

Ele estendeu a mão e passou os dedos pelas bochechas machucadas.

— Gostaria de ter chegado mais cedo.

— O senhor já fez mais por nós do que qualquer um. — Ela ergueu a mão para cobrir a dele, fechando os olhos enquanto se inclinava em seu carinho.

Robbie, totalmente confuso, perguntou:

— Como pode ser? Uma linda moça, com duas filhas lindas? Ashlyn disse que seu marido morreu há algum tempo. O que aconteceu?

Ela balançou a cabeça.

— Um acidente de pesca.

A porta se abriu e a superiora entrou, seguida por várias freiras. Uma mulher alta com um rosto gentil, porém sério, Robbie supôs que não se discutia muito com ela. As freiras atrás ficaram em silêncio, aguardando suas instruções. Ela fez uma reverência para Robbie.

— Boa noite, milorde. Irmãs, por favor, ajudem com as crianças. — Ela se afastou e acenou com os braços para apressar suas assistentes.

Robbie e Caralyn se levantaram. Caralyn segurou a mão de Ashlyn.

— Não, por favor. Eu gostaria de manter minhas meninas comigo.

O olhar de pânico no rosto de Caralyn fez a madre superiora pausar. Ela se aproximou, procurando o rosto de Caralyn.

— Disse suas crianças, senhora? Não são suas e do seu marido?

Caralyn balançou a cabeça e riu nervosamente.

— Não, este homem não é meu marido. Estas são minhas filhas, Gracie e Ashlyn.

A madre juntou as mãos na frente dela.

— Perdoem-me, seus espíritos são semelhantes. Eu pensei que fossem um casal. — Sua mão alcançou e levantou gentilmente o queixo de Caralyn, virando seu rosto para que pudesse vê-la à luz da tocha próxima. — Ele não é o homem que provocou essas contusões, espero?

Caralyn corou.

— Não, vossa graça, ele me salvou do homem que me bateu. Nossa cabana foi queimada por completo e não temos para onde ir.

Robbie acrescentou:

— Eu sou o Capitão Robbie Grant, dos Grant Highlanders. Viemos da costa. Os Nórdicos estão esperando para desembarcar com milhares de homens. Caralyn é vítima de um dos navios de guerra do Rei Haakon que atracaram ao sul de Ayr. O lugar mais seguro para sua família agora é no interior.

A voz da madre suavizou.

— E vejo que a jovem dama precisa de um curandeiro agora. E há muitos aqui para ajudá-la com as crianças enquanto a senhora se cura. — A madre segurou uma das mãos de Caralyn na sua.

— Vossa graça — disse Robbie —, ficaria muito agradecido se a senhora as acolhesse por enquanto até que ela decida o que fazer. Também gostaria de fazer uma doação pela sua hospitalidade antes de partir ao amanhecer.

— Claro, rapaz. — Ela sorriu e deu tapinhas nas costas de Gracie antes de pegar a menina dos braços de Caralyn. — Por favor, sente-se e eu voltarei depois de acomodar as meninas. — Ela se virou para sair, mas deu espaço para permitir a entrada da freira original, que retornava com uma tigela de sopa fumegante e um pedaço de pão escuro para ele.

O vapor da sopa aqueceu seu queixo enquanto ele observava Caralyn se afastar. Como não tinha comido uma refeição quente há muito tempo, seu único interesse deveria ter sido na comida, mas não conseguia tirar os olhos da bela mãe e de suas duas filhas partindo. Na porta, Caralyn virou-se e sussurrou:

— Obrigada, Robbie.

E com isso, elas se foram. Ele as veria novamente algum dia?

CAPÍTULO SEIS

Caralyn tinha colocado as duas meninas juntas em um leito macio. Satisfeitas após a ceia nutritiva, elas caíram no sono assim que suas cabeças encostaram nos travesseiros. Ela também cochilou por um tempo, mas agora estava inquieta. A luz da lua pela pequena janela mostrava que Gracie estava chupando o dedo. Como ela amava suas meninas. Seus olhos se encheram de lágrimas ao pensar no que quase aconteceu com elas. Ela tinha que fazer melhor. Tinha que garantir que algo assim nunca mais acontecesse. O quanto essas meninas deviam ter ficado assustadas depois de se esconderem nas rochas por tanto tempo. Elas foram forçadas a passar uma noite fora sem ela.

A moça fechou os olhos contra o assalto da culpa, que a atormentava mesmo que estivesse plenamente consciente de que a situação estava completamente fora de seu controle. Depois de passar os dedos pelos cabelos dourados de Gracie, ela saiu da cama, procurando algo para calçar. Havia algo que precisava fazer. Ela *tinha* que fazer.

Depois de uma última verificação em suas filhas adormecidas, Caralyn entrou no corredor fresco e fechou a porta atrás de si. Suas meninas estavam acostumadas a vê-la sair no meio da noite. Se acordassem, e ela duvidava que isso aconteceria, não iriam andar por aí. Graças a Deus elas tinham uma à outra.

Caralyn caminhou sorrateiramente pelos labirintos dos corredores, racionalizando suas ações enquanto procurava pela câmara de Robbie Grant. Ele era seu salvador. Se ele não a tivesse encontrado, ela teria sido passada de homem para homem em um navio nórdico, indo para sabe-se lá onde. Se ele não estivesse disposto a ajudá-la, como poderia ter encontrado suas filhas com um tornozelo torcido? Ela mancava pelo corredor, decidida em sua missão. Tudo o que tinha sido capaz de fazer era lhe dar seus agradecimentos. Palavras não eram suficientes. Por mais que amasse sua mãe, sabia que ela discordaria de sua escolha, mas sua decisão estava tomada.

Ela sabia o que os homens queriam, e ela pretendia dar isso a ele. Ela se dizia que era apenas porque estava grata e não devido ao florescer em seu coração, embora soubesse que era mentira. Robbie tocou algo dentro dela, algo que a moça não entendia completamente, mas não podia negar. A

força desse sentimento só deixava uma opção de ação: agir sobre ele, mesmo que soubesse que corria o risco de uma punição severa se fosse pega.

Quando ela encontrou a câmara certa, abriu a porta, entrou e a fechou silenciosamente atrás de si. Esperou até que seus olhos se ajustassem à luz da lua, observando o homem dormindo no pequeno leito, alheio ao mundo ao redor. Ela estava tão certa quanto jamais estivera sobre qualquer coisa, de que ele nunca a machucaria, de que sempre estaria segura nas mãos de Robbie Grant. Como desejava que as circunstâncias pudessem ser diferentes e que eles realmente pudessem ser um casal. Mas ela sabia que isso nunca poderia acontecer.

Assim que pôde enxergar, ela removeu a camisola e levantou o lençol fresco da cama, deitando-se ao lado dele. Seus olhos se abriram e ele estendeu a mão para sua adaga, mas ela segurou sua mão.

— Não há motivo para se preocupar, Robbie. Sou apenas eu.

Confusão cruzou seus traços. Ele umedeceu os lábios e a encarou. Sem dizer mais uma palavra, ela segurou o rosto dele e o beijou. Caralyn o beijou com todas as fibras de seu ser, algo completamente fora de seu caráter, mas ela queria muito fazer isso. Isso era diferente; Robbie Grant era diferente. Ela o provocou com a língua e ele de repente se animou, envolvendo-a em seus braços e a puxando para perto. Ele não estava vestindo nada e seu calor a envolveu. Absorver o calor masculino dele a aqueceu até o âmago. Seu pênis cresceu e pressionou com força contra ventre. Ela o tocou, de leve a princípio, apenas na ponta, e então envolveu a mão ao redor dele.

Robbie gemeu e a apertou em seu abraço, beijando-a de forma apaixonada, inclinando a boca para poder provocá-la com a língua. Ela queria mais e o encorajou, balançando o quadril em direção a ele, esfregando o membro contra sua entrada molhada e pressionando seus seios cheios contra os pelos ásperos do peito dele. Envolveu a mão em seu seio, provocando o mamilo com o polegar até que ele endurecesse. Ela gemeu em sua boca e passou a mão de seu quadril até a bunda para poder puxá-lo para mais perto.

Ele soltou a boca de Caralyn e acariciou o mamilo com a língua, depois o sugou até que ela gritasse. Acariciou a parte inferior do seio, um afago suave e tentador enquanto lambia o mamilo até que ela quisesse gritar de prazer, finalmente raspando os dentes sobre a ponta sensível. Ela agarrou os

bíceps dele apenas porque precisava de algo para se segurar. Sabia que não poderia mantê-lo, mas não queria perdê-lo ainda... seu corpo gritava por satisfação de tantos lugares, e ele ainda não tinha cuidado de todos eles. Suas pernas se abriram, afastadas por uma força desconhecida, uma pressão que tinha se acumulado desde o centro de seu ser, lutando para sair e trazê-lo para ela, dentro dela, por toda parte. Ela o queria em todos os lugares.

Passou a mão pelo quadril dela enquanto ele a beijava novamente, invadindo sua boca, devorando-a. Ele desceu até que seus dedos encontraram a entrada úmida e deslizou para dentro de sua bainha molhada até que ela gemesse. Ela moveu seu corpo para que os dedos dele imitassem o que seu membro faria em breve. Uma necessidade feroz varreu seu corpo que ela era impotente para deter.

— Agora, por favor, Robbie. Eu preciso de você agora.

Ele recuou e a encarou.

— Moça, estamos em uma abadia. Você tem certeza?

— Sim, não pare. Preciso de você dentro de mim. — Ela alcançou seu membro e provocou a entrada com ele, esperando que isso o levasse ao limite. Ela o guiou para dentro, movendo-se nele de maneira lenta.

E Caralyn soube que ele estava perdido. Ele gemeu e investiu rápido dentro dela. Ela suspirou de pura felicidade enquanto ele a preenchia, acariciando seu interior com sua rigidez. A moça segurou os quadris dele e o forçou a acelerar, estocando forte nela, acariciando-a até que ela quisesse gritar. Seu corpo pulsava em resposta, forçando um frenesi nela que estava totalmente fora de seu controle. Ela se agarrou a ele com um desejo e uma fome até mesmo ela não entendia, uma necessidade tão profunda que a possuía, cada nervo em seu corpo pronto para explodir. Suas unhas cavaram nos bíceps quando ele desceu para tocar seu botão de prazer. Ela quase gritou, mas ele trouxe os lábios de volta aos dela, engolindo os gemidos de prazer enquanto ela se despedaçava e estremecia sob ele, os músculos contraindo até que ele derramou seu sêmen dentro dela, gemendo seu nome como se ela fosse a única pessoa na terra.

Ele beijou sua testa e depois ambos os lados do rosto antes de finalmente se estabelecer em seus lábios.

— Cara, isso foi incrível. — Ele a beijou com ternura e ela se deliciou com sua gentileza, a mão deslizando sobre sua pele, acariciando-a, quase a valorizando.

Ela olhou nos olhos cinzentos dele, perguntando-se o que havia de diferente sobre esse homem. Ele atendeu às suas necessidades, como se ela importasse, preocupando-se com seu prazer antes do dele. Quando isso havia acontecido antes com ela? Ele havia a acariciado na hora certa, fazendo-a se despedaçar em mil pedaços, proporcionando-lhe um prazer como ela nunca havia experimentado antes. Oh, ela havia ultrapassado o limite antes, mas não assim. Ela nunca experimentou tanta sensualidade combinada com segurança e intimidade. Isso era fazer amor, não sexo. Foi uma experiência para ser guardada em seu coração e revivida repetidamente.

Eles se abraçaram por alguns momentos até que seu toque suave desencadeou outra sensação em seu corpo, uma florescência deliciosa de sensibilidade que ela era incapaz de desligar. Ela fechou os olhos para desfrutar da sensação decadente, algo que apenas Robbie Grant poderia provocar.

A voz de sua mãe parecia sussurrar em seu ouvido. *Minha querida, isso está errado. Você sabe que eu a amo, mas isso está errado. Lembre-se do que eu a ensinei. Por favor. Ele é um bom homem, mas não se manche.*

Não houve culpa, nem acerto de contas e nenhum arrependimento. Por mais que a amasse, ela não permitiria que sua mãe manchasse essa experiência.

Mãe, fique longe. A senhora não vai me fazer sentir culpado por isso. Ela confiava em Robbie Grant, acreditava nele, deixaria que ele controlasse seu corpo durante o curto período de tempo que teriam juntos.

Ela empurrou seus ombros e ele rolou de costas, levando-a consigo. Ela se sentou, passando as mãos pelo corpo dele em uma carícia lenta. Seu corpo ficava tenso cada vez que ela o tocava. Olhando em seus olhos, ela sorriu. Neles ela viu algo diferente, mais do que apenas luxúria. Massageando cada músculo de seu braço, ela se deleitou com sua força e sua resposta a cada aperto de sua dureza. Suas mãos tremiam enquanto ela sondava e empurrava cada centímetro da parte superior de seu corpo, deslizando os dedos por seu peito.

Ela se inclinou e passou a língua sobre o mamilo dele, depois aninhou-se e lambeu até o outro mamilo. Seu pênis voltou à vida debaixo de sua fenda. Ela poderia deslizá-lo dentro dela com apenas um toque, mas queria provocá-lo um pouco mais. Seus lábios percorreram seu abdômen tenso até que ela ficou a um passo de sua ereção espessa. Robbie estremeceu debaixo

dela enquanto ela continuava seu lascivo ataque aos seus sentidos. Esta era uma experiência que ela prolongaria ao máximo possível – porque ela poderia sentir esse momento. Desta vez ela poderia se gloriar em cada toque, cada movimento, cada formigamento que compartilhavam.

Mamãe, a senhora não vai me fazer sentir culpada por isso. Ele salvou suas netas. Não há nada de ruim neste homem. Não, este é bom.

Descendo por seu corpo, ela passou a língua contra a ponta túrgida de sua masculinidade, saboreando a gota salgada de líquido ali, antes de tomá-lo completamente em sua boca. Robbie gemeu e colocou as mãos nos cabelos dela. A excitação a inflamou, incitando-a a querer mais. Ela o chupou até que ele resistiu contra ela, então suas mãos a agarraram por baixo dos braços, puxando-a para cima até que sua carne dura ficasse diretamente sob seu monte pulsante.

Abrindo as mãos sobre seu peito, ela o acariciou e o provocou um pouco antes de se sentar nele. As mãos dele alcançaram seus seios, acariciando-os até que ela quis gritar de alegria. Quando ele acariciou seus mamilos, ela o montou com força, absorvendo-o o máximo que pôde, sua respiração ofegante, inabalável, implacável, forçando-a a aumentar a pressão, o estímulo, e então empurrando-se sobre seu eixo até que ela estremeceu, onda após onda de êxtase atingindo seu núcleo em uma deliciosa rendição. Ela pôde sentir o momento em que ele gozou nela, tentando abafar o rugido enquanto agarrava seus quadris.

Seus sentidos vacilaram até que ela se acomodou e a verdade interrompeu sua coincidência.

Criança, não foi assim que a criamos. Seja uma boa garota. Pare.

Por mais que ela tentasse, sua mãe não iria embora desta vez. A culpa voltou aos cantos de sua mente e ela se acalmou, empurrando contra o peito dele.

— Pare — ela sussurrou. — Pare agora. Sinto muito, Robbie. Eu tenho que ir.

Ela pulou da cama, ignorando a expressão no rosto chocada. Ela fechou os olhos na esperança de afastar o que acabara de fazer. Virando-se de costas, ela vestiu a camisola e saiu da câmara.

Precisava ser a última vez que o veria.

CAPÍTULO SETE

Robbie aguardava no portão na manhã seguinte. Ele havia solicitado uma reunião com a madre superiora antes de ele e seus guerreiros partirem. Tentou encontrar Caralyn durante toda a manhã, mas ela não estava em lugar algum. Depois de acordar, passou vários momentos revivendo a noite especial que passaram juntos, mas não conseguia encontrar nenhuma explicação para sua partida brusca. Precisava descobrir o que tinha causado a mudança repentina de atitude. Por mais que Tomas tentasse convencê-lo do contrário, ele não partiria sem vê-la primeiro. Tinha a esperança de que a madre o ajudaria.

A madre aproximou-se, com as mãos cruzadas na frente dela e um pequeno sorriso no rosto.

— Sim, Capitão Grant? Queria me ver?

Robbie exibiu seu melhor sorriso antes de pigarrear, tentando controlar a desesperação que o consumia.

— Bom dia, Vossa Graça. Eu tenho uma doação antes de partir. — Ele entregou as moedas e ela agradeceu com um aceno de cabeça. *Vá em frente e pergunte a ela. Você não pode partir sem ver Caralyn novamente.* — Eu gostaria de falar com a jovem e sua família antes de ir. Estou preocupado com elas. A senhora poderia me permitir uma última visita? Não vou demorar mais que alguns minutos.

A abadessa olhou para suas mãos antes de retornar o olhar para ele.

— Infelizmente, Capitão Grant, a senhora não deseja mais vê-lo.

Robbie forçou seu sorriso ensaiado.

— Vossa Graça, tenho certeza de que a senhora ficaria feliz em me ver por um momento. A senhora tem certeza? Eu a salvei das mãos de um bruto vil. Só quero tranquilizar minha mente e ver se estão todos bem. — Isso não podia estar acontecendo com ele. Primeiro ela fez amor selvagem com ele, depois fugiu de sua câmara sem explicação, e agora nem mesmo falaria com ele? O que ele fez?

— Capitão, tenho certeza de que seu sorriso cativante funciona com muitas moças, mas não comigo. A moça está traumatizada e ficará por um bom tempo. Ela precisa descansar. Suspeito que há mais em seu passado do que o senhor testemunhou.

— O quê? — Seu sorriso cativante? Ele não sabia como responder. Ele se forçou a se concentrar em Caralyn. Sim, ela precisava descansar para se curar do ataque do nórdico, mas o que a mãe queria dizer com traumatizada? Caralyn pareceu bem ontem. — Não entendo.

— Suponho que esta não foi a primeira vez que ela foi agredida, física ou emocionalmente. Ainda temos que determinar todos os danos dela, mas a ajudaremos a se curar. O Senhor vai cuidar dela aqui.

Robbie encarou a mãe. Ele já havia suspeitado muito sobre o passado de Caralyn. Mas o que isso tinha a ver com ele? Ontem, ela parecia feliz por estar em sua presença. Na noite passada, foi até ele. Seria por causa de seu passado que ela fugira depois de fazerem amor?

A forma como ela saiu o deixara completamente perturbado. Em um momento, havia se agarrado a ele como se nunca quisesse soltá-lo. Então, de repente, não queria mais nada com ele. Por que ela mudou de um extremo para o outro? Ele não entendia o funcionamento da mente feminina.

Bem, se Caralyn não queria seu toque, ela tinha uma maneira diferente de mostrar isso. Totalmente perdido, tudo o que ele conseguia pensar era em vê-la novamente, conversar com ela. Ele não iria embora. Não podia.

A abadessa limpou a garganta.

— Talvez o senhor possa voltar em outra ocasião. Ela pode estar pronta para vê-lo então. Bom dia e que o Senhor o acompanhe e aos seus homens durante este momento difícil. — Ela assentiu e seguiu de volta pelo caminho bem gasto.

O estômago de Robbie se retorceu em resposta à sua rejeição fria. Uma mão segurou seu ombro por trás, e ele virou a cabeça para ver Tomas ali parado.

— Oh, a moça estava vivendo sozinha por um bom tempo. Isso é muito incomum, especialmente nos arredores de seu clã. Não havia muitas pessoas na vila, já que a Casa Crauford fica um pouco afastada. Quem sabe o que há em seu passado? Temos ordens de Dundonald para retornar ao acampamento, pois os nórdicos podem estar à nossa porta a qualquer momento. Considere suas prioridades, Grant. Devemos ir.

Robbie assentiu, sabendo que tudo o que Tomas disse era verdade, mas seu instinto discordava dele. É verdade, nos Terras Baixas, os Clãs muitas vezes eram chamados de Casas, mas ele esperava que a honra escocesa

ainda os orientasse a proteger seus membros. Alguém havia falhado com Caralyn.

Ele se virou e seguiu Tomas até seus cavalos, perdido em seus pensamentos, mas a sensação de estar sendo observado o atingiu. Olhando de volta para a abadia, viu uma menininha de cachos loiros e um rosto muito sério parada em um portão de ferro forjado distante, suas mãos segurando o metal frio. Assim que ele a viu, uma mãozinha se ergueu ao lado de seu rosto e acenou. Sem sorriso, mas Gracie pelo menos disse adeus à sua maneira. Ele sorriu e enviou um beijo para ela.

Caralyn ficou junto à janela, espiando através da pele e observando enquanto Gracie tentava alcançar Robbie pelo corredor. Uma das irmãs agarrou a menininha e a puxou de volta. Por que Gracie estava tentando segui-lo? Ela odiava Malcolm e qualquer homem que ele trouxesse junto.

O Capitão Robbie Grant era especial, até mesmo para sua filha. Lágrimas escorriam por suas bochechas enquanto ela observava os exuberantes terrenos do convento. A irmã carregava Gracie por um caminho separado antes de colocá-la na grama macia ao lado de Ashlyn. Assim que as mãos da freira a soltaram, Gracie correu em direção a um pequeno portão lateral, espiando o grupo de guerreiros e seus cavalos.

Caralyn conseguia ouvir a mulher conversando com sua filha não muito longe da janela.

— Calma, clama, minha pequenina. Esses cavalos são grandes demais para você. Eles te esmagariam num instante. — A irmã correu atrás de Gracie, mas parou para deixá-la olhar os cavalos. — Não faz mal deixar você observá-los, não é mesmo? — A freira ficou de braços cruzados enquanto Gracie se agarrava às grades de ferro forjado do portão, observando o grupo de guerreiros Grant.

Caralyn começou a chorar enquanto observava Robbie Grant conversar com a madre superiora. Ele fez o melhor para convencer a boa senhora a deixá-lo entrar, mas ela fizera o que Caralyn havia pedido e negou. Ela enxugou as lágrimas que escorriam pelo seu rosto, borrando sua visão. Ela nunca o esqueceria: seus olhos gentis, seu toque, sua forma com suas filhas. Ele fizera mais por ela em dois dias do que qualquer pessoa já tinha feito. Em troca, ela havia feito algo que viveria para se arrepender. Ela perdeu seu

coração para ele em um dia. Como alguém se apaixonava tão depressa? Seria possível?

Seu corpo lutava contra soluços, mas ela não conseguia se afastar da janela. Os ombros de Robbie caíram visivelmente quando ele se aproximou de seu cavalo. Uma força desconhecida parecia puxá-lo e ele parou, olhando por cima do ombro a tempo de ver Gracie levantar a mão e acenar para ele de trás do portão. Ele sorriu e mandou um beijo para ela. Observando-os, Caralyn colocou as mãos em ambos os lados da cabeça e chorou como nunca antes. Gracie confiava no Highlander e o aceitava. Soluços irromperam do âmago de Caralyn porque ela sabia que sua filha tinha sido capaz de fazer algo que ela não conseguira.

Quando Robbie desapareceu na distância, Caralyn sentou-se à mesa em sua câmara, apoiou a cabeça nos braços e continuou a chorar, soluçando tão forte que seu corpo tremia.

Uma mão gentil repousou em seu ombro. Caralyn se assustou e ergueu o olhar para ver a mãe de pé atrás dela.

— Criança, se queria que ele ficasse, eu poderia ter permitido. Ele poderia pelo menos ter entrado para se despedir de você e de suas crianças. — Ela inclinou a cabeça para a janela. — Até mesmo sua menina desenvolveu um carinho pelo rapaz.

— Não, Vossa Graça, eu não podia — ela fungou.

— Menina, ele parece ser um homem honrado. Por que não? Sei que está sofrendo com seus ferimentos, mas talvez ele pudesse tê-la ajudado a passar o tempo.

Caralyn ficou de pé, sua respiração presa enquanto lutava para se acalmar. Quando se acalmou, ela se ergueu e foi para o lado da mãe. Virando-se para encarar a mulher, ela juntou as mãos e se ajoelhou no chão. Olhando nos olhos da freira, ela segurou as saias da mulher mais velha e soluçou incontrolavelmente, enterrando o rosto nas pregas do manto preto.

— Perdoe-me, mãe, pois pequei. Por favor, abençoe minha alma e a de minhas filhas.

A abadessa repousou as palmas das mãos sobre a cabeça de Caralyn e suspirou antes de começar uma ladainha de orações. Após alguns momentos, ela disse:

— Criança, o que alguém tão jovem poderia ter feito para causar tal culpa, tal arrependimento?

Caralyn ergueu o olhar e começou sua confissão.

A abadessa inclinou a cabeça de Caralyn para baixo para que ela pudesse se curvar em oração, mas não antes que Caralyn percebesse a expressão chocada no rosto da mulher quando ela começou sua lista de transgressões.

CAPÍTULO OITO

Uma tempestade enorme chegou naquela noite, mas a tripulação de Robbie conseguiu voltar para o acampamento. Quando chegaram, Dundonald estava lá esperando por ele, mas a batalha ainda não havia começado. Passaram a maior parte do dia discutindo estratégias e enviando patrulhas, mesmo com os fortes ventos outonais.

No dia seguinte, as tensões aumentaram. Mais rumores surgiram, e seus homens estavam prontos para a batalha. A tempestade havia diminuído, então o clima no acampamento melhorou. Várias patrulhas saíram ao amanhecer e voltaram ao meio-dia.

Tomas e Angus entraram na tenda do capitão sem se anunciar. Robbie e Dundonald encararam os dois highlanders, sabendo que traziam notícias importantes.

— Os navios deles — disse Tomas ofegante. — Vários navios encalharam e há nórdicos correndo por toda a costa e a praia. Eles estão tentando recuperar o que podem dos barcos viking danificados, mas muitos estão lutando com os escoceses locais na área. Dizem que Haakon está chegando à costa com mais homens.

— Alguma coisa a acrescentar, Angus? — perguntou Robbie.

— Sim, vamos descer lá antes que eles tomem conta.

Dundonald assentiu e olhou para Robbie.

— Leve metade de suas forças e eu enviarei outros clãs também. Deixe metade aqui caso haja um ataque vindo de outra direção. Se precisar deles, envie Tomas de volta.

Era isso. Robbie mal podia acreditar. Os escoceses realmente iriam lutar contra os nórdicos. Ele saiu da tenda e assobiou para seus homens. Planejaram o ataque e ele montou com dois homens em cada flanco carregando o estandarte do Clã Grant.

Havia conversado com seu irmão, Brodie, algumas horas atrás, mas ele havia partido em busca de um traidor. Fez uma breve oração para proteger todo o seu clã nesse empreendimento, assim como por orientação e sabedoria para fazer o que fosse melhor.

Assim que se aproximaram da costa, gritos e berros rasgaram o ar, indicando que a batalha já havia começado. Ele liderou seus homens para a briga, dando instruções aos seus arqueiros e soldados antes de impulsionar

seus homens montados para frente. Ele mal podia acreditar na quantidade de nórdicos correndo pela área. Os vários navios encalhados eram uma visão para ser vista, com mais barcos nórdicos se aproximando do fiorde. Ele sabia que os escoceses precisavam afastá-los antes que todos os outros reforços chegassem.

Havia duas principais forças nórdicas, uma no monte não muito longe da praia e outro grupo na praia. Dirigiu seus guerreiros para atacar o grupo no monte, determinado a empurrá-los de volta para seus navios.

Eles lutaram por horas sem conseguir muito terreno. Robbie enviou Tomas de volta para reunir mais homens. Procurou por Brodie ou Alex na batalha, mas havia tantos tartans diferentes que não conseguiu encontrar nenhum dos dois. Finalmente, tendo a sensação de que estavam avançando, ouviu gritos vindo atrás dele. Ele se virou a tempo de ver Alex, com um elmo dourado na cabeça e montado em um cavalo revestido de malha, se juntar aos escoceses com outros cem homens a cavalo, balançando seus braços de espada com uma fúria que os nórdicos eram impotentes para deter.

Ele urrou o grito de guerra dos Grant quando percebeu alguns dos nórdicos recuando para a praia. Alex estava muito longe para chamar sua atenção, mas pelo menos Robbie podia dizer se ele estava machucado ou não. Robbie continuou, impulsionado ainda mais pela visão de seu irmão lutando na praia ao lado dele. Eles tinham que mandar os nórdicos de volta para seus navios.

Balançou sua espada até pensar que seu braço se deslocaria da articulação, mas nunca desistiu. Mais perto do anoitecer, os nórdicos finalmente recuaram para seus navios e partiram. O chão estava coberto de mortos, mas a luta havia acabado.

Pelo menos por enquanto.

Na manhã seguinte, Robbie percebeu o senso de alívio permear o grupo reunido depois que a Batalha de Largs havia terminado, mas não mais do que ele depois da luta feroz em que havia participado, uma experiência que ele nunca esqueceria. Todo o sangue, sujeira, a morte, a preocupação constante se seus camaradas sobreviveram haviam moldado um dos dias mais difíceis de sua vida.

A pior parte da luta pelas Ilhas Ocidentais havia acabado, ou assim todos na reunião esperavam. Robbie, Tomas, Boyd, Mure e Campbell estavam todos dentro da tenda de Alexander de Dundonald. Os noruegueses foram forçados de volta para seus navios em Largs, embora não sem um dia inteiro de batalha e muitas baixas de ambos os lados.

Dundonald sorriu enquanto recriava parte da feroz batalha, seu peito estufando enquanto falava.

— Grant, seu irmão no corcel revestido de malha foi fundamental para virar o favor desta batalha em nossa direção. Que visão ele foi com seu elmo dourado. Ele lutou como um guerreiro enlouquecido, derrubando todos perto dele.

A risada calorosa dos homens diante do ponto focal de seu comandante se juntou à dos homens em um tipo diferente de camaradagem, evidência da quantidade de estresse que precisava ser aliviada após os confrontos do dia anterior.

Robbie concordou com ele.

— Sim, Alex foi impressionante, mas todos os nossos guerreiros também foram. Eles lutaram e avançaram juntos como uma unidade, forçando os nórdicos a saírem do monte e irem para a praia, correndo e se acovardando de volta para seus navios galés, uma visão que não esquecerei tão cedo. — Ele deu um tapa no ombro de Tomas enquanto riam.

Robbie e seus homens estavam lutando na praia na época, mas ainda conseguiam ver Alex quando ele chegou, seu cavalo Midnight dançando e empinando nas patas traseiras de excitação. Robbie esperava o seu outro irmão, Brodie, por perto, mas não o encontrou entre os centenas de escoceses que haviam descido sobre o campo de batalha costeiro.

— Ah, sim, claro que você está certo. Nossos rapazes foram demais para os nórdicos. Mas foi a primeira vez que vi cavalos revestidos de malha. — Dundonald balançou a cabeça enquanto olhava para o chão de terra. — Eles eram uma visão para se ver.

Mure falou.

— Relatório sobre baixas? Quantos perdemos?

— Meus homens estão procurando no campo de batalha enquanto falamos. Vamos enterrar nossos mortos amanhã, depois de fazermos uma contagem e uma lista de seus nomes. — O semblante de Dundonald mudou para uma natureza mais séria.

— E meu irmão, Alex? Alguém o viu depois da batalha? — Robbie prendeu a respiração sem perceber.

— Sim — Dundonald apertou seu ombro. — Ele sobreviveu. Da última vez que o vi, estava na tenda do curandeiro. Seu outro irmão teve um ferimento na perna. Foi providenciado para que ele fosse levado para casa, para ser atendido por sua curandeira.

— Brodie ficou ferido?

— Sim, não foi um ferimento fatal, mas o curandeiro do campo queria amputar. Grant não permitiu. Ordenou que alguns guerreiros o escoltassem até sua irmã, Brenna. Ela realmente salvou a perna de um laird que estava pendurada por um fio?

Robbie assentiu.

— Sim, não era só um fio, mas ela o costurou.

— E ela salvou seus sobrinhos de uma morte certa?

— Sim, é verdade. Brenna é uma grande curandeira porque usa a própria mente e as crenças de minha mãe e meu avô.

Dundonald assentiu antes de continuar.

— Bom saber caso eu fique gravemente doente. Também disse ao Grant que estava enviando-o para o sul novamente, apenas até termos certeza de que os noruegueses recuaram.

— É provável que tenhamos mandado os nórdicos correndo de volta para Arran. — Boyd tinha um sorriso de vitória no rosto.

— Sim, eles recolheram seus mortos, descarregaram o que puderam de seus navios encalhados e voltaram rio abaixo. Espero que tenham passado direto por Arran e voltado para a Noruega.

Um tumulto interrompeu sua reunião. Dois guardas estavam na entrada da tenda e estavam detendo alguém que não estava feliz.

À medida que as vozes aumentavam, Dundonald puxou a aba para o lado.

— Problema, rapazes?

— Sim, este homem, que afirma ser um comerciante local, está chamando pelo Capitão Grant.

As orelhas de Robbie se ergueram enquanto Dundonald continuava.

— Diga seu propósito.

— Estou procurando por minha esposa.

Robbie olhou para Tomas. O que ele saberia sobre a esposa de alguém?

Dundonald olhou por cima do ombro para Robbie.

— Se importa de falar com o homem?

— É claro que não. Vou ajudar se puder. — Robbie, Tomas e Dundonald saíram pela aba da tenda.

Um homem alto de cabelos escuros estava do lado de fora da tenda, com as mãos nos quadris. Ele viajou a cavalo com alguns de seus próprios guardas. Robbie podia dizer com apenas um olhar que ele era do tipo que não sujava as mãos. Ele disse com um sorriso:

— Fico feliz em ajudar, se puder.

O estranho se apresentou.

— Malcolm Murray. Estou aqui pela minha esposa. O boato é que ela estava no seu acampamento não faz muito tempo.

Robbie o avaliou cuidadosamente.

— Sua esposa? Não tive a esposa de ninguém no meu acampamento.

Murray tinha uma maneira que não parecia verdadeira, não querendo manter contato visual. Seus olhos se moviam de forma anormal, e ele tinha uma aura de superioridade que Robbie não gostou.

— Ouça, Capitão. A casa da minha esposa é nada além de pedra e cinzas. Vivíamos em South Ayrshire e as pessoas de lá me dizem que os nórdicos vieram, queimaram as casas e tentaram sequestrar algumas mulheres, mas guerreiros escoceses carregando a bandeira dos Grant expulsaram os nórdicos de volta para seus navios. Quero saber onde está minha esposa.

Enquanto Murray falava, seus guardas se aproximaram dele, fosse para protegê-lo ou ameaçá-los, Robbie não estava certo, mas conseguiu conter o desejo de rir. Quem seriam os dois brutamontes para atacar em um acampamento cheio de escoceses das Terras Altas?

Dundonald disse:

— Grant, tem certeza de que não viu nenhuma mulher?

Seu comandante sabia que Robbie tinha ido para Glasgow com uma mulher, mas Robbie lhe enviou um olhar significativo, esperando que ele percebesse o caráter de Murray e não o entregasse. Sim, ele tinha levado Caralyn para Glasgow, mas ela não era casada até onde ele sabia, e não houve menção de crianças. Ele deveria estar preocupado com as filhas também, não é?

Robbie encarou Malcolm Murray, usando vestes finas e luvas.

— Sim, tenho certeza. Não vi nenhuma esposa sua. Qual é o nome dela?

— Catriona Crauford. Ela estaria com duas meninas.

— E os nomes delas?

O rosto do homem ficou sombrio instantaneamente. Sim, ele devia estar procurando por Caralyn, mas não sabia os nomes de suas filhas? Algo não estava certo.

A expressão sombria de Murray mudou para um sorriso presunçoso.

— Acho que sei os nomes das minhas filhas. Agora, o senhor as viu ou não? Onde as levou?

As mãos de Robbie se firmaram em seus quadris.

— Desculpe, não posso ajudá-lo.

Murray deu um passo à frente até ficar a uma curta distância do rosto de Robbie.

— Não pode ou não quer?

Robbie deu um passo mais perto.

— Ambos. Vá embora.

Murray se virou e montou em seu cavalo. Ele a sua rédea no flanco do cavalo e partiu, levantando intencionalmente uma nuvem de poeira atrás dele.

Assim que os guardas do homem partiram, Dundonald lançou um olhar para ele antes de voltar para dentro da tenda.

— Não entendo sua razão, mas não vou interferir com o Capitão dos guerreiros que acabou de mandar os nórdicos para casa.

A repreensão de Tomas estava clara.

— Sei que os primeiros nomes eram diferentes, mas você mentiu sobre a esposa de um homem?

— Sua esposa? Você não percebeu como ele disse minha casa em vez de nossa casa? Ou que ele não sabia os nomes das próprias filhas?

— Talvez elas não sejam suas filhas. Talvez apenas Gracie seja.

O olhar de Robbie se estreitou.

— Você não percebeu que o nome da esposa dele é Crauford e o dele é Murray? Oh, Tomas. Você não estava prestando atenção.

— Ainda assim. A casa deles queimou, o sobrenome é o mesmo e ela tinha duas meninas. Tem que ser ela. — Tomas olhou para ele como se estivesse maluco.

— Acho que se fosse verdade, ele teria perguntado sobre suas filhas diretamente em vez de por último. Também me lembro de que Ashlyn me disse que o pai delas estava morto e que Gracie nunca conheceu o pai.

Tomas deu de ombros e levantou os braços no ar.

— Então o que você está dizendo?

— Estou dizendo que algo sobre esse marido não estava certo. Não sei qual é o propósito dele, mas vou descobrir.

Ele esperava descobrir a verdade, e que Caralyn não estivesse mentindo a respeito de tudo.

CAPÍTULO NOVE

Ela desabou nos braços de Robbie Grant em alívio. Como ela o amava, e finalmente ele voltou por ela. O calor do toque dele aquecia seu corpo, seu desejo por ele corria por suas veias. Ela queria mais, muito mais dele.

A mão dele acariciava sua pele, traçando um caminho pela barriga e descendo pelos quadris. O toque da língua acendeu um fogo que ela se deliciou, levando-a à beira do clímax onde ela esperava por mais dele para que pudesse mergulhar em redemoinhos de êxtase e prazer.

Robbie, eu o amo. Apenas você, mais ninguém. Ele sacudiu o braço dela, que se perguntou o que ele estava fazendo.

Seus olhos se abriram imediatamente, reconhecendo o mesmo sonho que tivera todas as noites no convento desde que Robbie tinha partido, exceto que esta noite havia uma diferença.

Uma mão estava espalmada entre suas pernas, provocando-a, zombando dela, enquanto sua outra mão sacudia seu braço. Ela sabia quem era pelo cheiro.

Ele riu na escuridão.

— Achou que poderia escapar de mim? Mas olha como você está molhada por mim, pelo meu toque. Por mais que queira me negar, você não pode, não é?

Caralyn juntou as pernas e se afastou. Queria gritar e correr ao mesmo tempo. Ele a tinha encontrado novamente.

Malcolm agarrou sua perna e a imobilizou.

— Não se mexa, minha bela. Gus e Sorley estão com suas meninas enquanto falamos e tivemos que derrubar alguns guardas para chegar aqui. Você causa muitos problemas. Faça o que eu digo ou sabe o que vai acontecer... a menos que precise de um lembrete?

Caralyn encarou o olhar cruel do homem que controlara sua vida logo após a morte de seu marido. Toda a sua esperança se desfez. Como poderia ter pensado que estar em um convento a protegeria? O que um grupo de freiras poderia fazer para afastar Malcolm?

O cabelo preto estava penteado para trás, como sempre, e seus olhos castanhos pareciam negros como carvão na escuridão da noite. Enquanto alguns o consideravam atraente, sua natureza arruinava a boa aparência. Ele

não tinha nada em comum com o Capitão Grant, até suas mãos eram frias e duras, assim como sua alma. Ela tinha esperado tanto proteger suas meninas dele desta vez.

— Por favor, não machuque minhas meninas. Por favor, Malcolm.

Ele se inclinou e pressionou o rosto entre as pernas dela, provocando-a botão com a língua.

— Goze para mim e eu deixarei suas meninas em paz. — Ele continuou as carícias até que ela estremeceu debaixo dele.

Lágrimas rolaram por suas bochechas, de raiva contra esse homem e contra si mesma. Ela foi traída por seu próprio corpo novamente. *Você precisa aprender a ser forte por suas filhas. Lute contra ele!* Ela cravou as unhas na pele macia do pulso oposto, deleitando-se com a dor. Merecia isso. Como poderia encontrar prazer, mesmo que fosse contra sua vontade, quando suas lindas meninas estavam sendo mantidas por dois brutos?

Ele a puxou da cama.

— Vamos, agora você se lembra quem a controla?

Ela baixou a cabeça, incapaz de falar.

— Eu não ouvi. — Seu aperto apertou em seu braço.

— Sim — ela sussurrou, frustração, desespero e culpa tecendo um fio familiar dentro dela.

— Você pensou que poderia escapar de mim. Eu nunca vou me separar de você, minha Cat. — Ele lambeu o lado de sua bochecha e riu.

Ela se encolheu com o uso do nome com o qual ele a tinha batizado. Catriona. Como ela odiava. Odiava a forma como soava na câmara. Odiava a ele.

— Vamos lá. Você irá comigo para Glasgow. Aquela casinha que encontrei para você antes não existe mais. Encontraremos outra em Glasgow, onde passo a maior parte do meu tempo. Preciso de você lá.

— Qualquer coisa, apenas prometa que não vai machucar minhas filhas, Malcolm.

— Desde que você seja colaborativa, as meninas ficarão bem. Caso contrário, tenho certeza de que podemos encontrar um chicote em algum lugar ao longo do caminho. Mas você sabe que eu digo o que faço, não é? Aqui — ele jogou o vestido para ela. — Vista-se para que possamos sair agora, princesa. — Poucos minutos depois, ele a arrastou para fora da porta.

Não havia muitas freiras por perto no meio da noite. Um homem no final do corredor jazia no chão, embora ainda respirasse. Gus e Sorley já

estavam no corredor, cada um segurando uma de suas filhas. O coração de Caralyn se partiu quando viu o medo em seus olhos. Como poderia ter pensado que uma fuga era possível? A madre superiora havia prometido que elas poderiam ficar, mesmo depois que Caralyn compartilhou seus medos. A gentil freira tinha prometido que as protegeria. Mas não havia proteção para ela.

Ao saírem por um dos portões laterais, notou que dois dos guardas estavam esparramados no chão. Murmurando um agradecimento silencioso por estarem vivos, ela fechou os olhos para bloquear a fria realidade de sua situação, mesmo que por um instante.

Malcolm estava de volta. Novamente. E ela nunca, jamais se veria livre dele.

Os nórdicos haviam partido, todas as suas galés voltavam pelo Firth of Clyde, e Robbie esperava que nunca mais retornassem. Tomas e Robbie acabaram de sair do acampamento Grant e estavam deixando o castelo real em Ayr, Tomas indo diretamente para o pub mais próximo. Dundonald aconselhara Robbie a manter alguns guardas por pelo menos uma semana, então ele ordenou que cerca de cinquenta ficassem no acampamento com Angus no comando, embora fossem autorizados a viajar para a cidade real de Ayr. Ele enviou o restante dos guerreiros do clã Grant de volta às Terras Altas com notícias. Haveria uma celebração no dia seguinte em Glasgow, mas ele convenceu Tomas de que precisava fazer uma coisa antes de poder comemorar com os outros.

— Por favor, não me diga que você é burro o suficiente para ir atrás da mulher casada. — Tomas saltou de seu cavalo e entregou as rédeas aos garotos perto da estalagem local, onde pretendia passar a noite. — Finalmente, vou poder dormir em um leito de verdade e você quer me arrastar de volta ao convento perto de Glasgow?

Robbie permaneceu em seu cavalo enquanto falava com seu amigo.

— Só porque recebeu alguma compensação do rei não significa que você precise gastá-la agora. Além disso, eu garanto que ela não é casada.

— Só em sua mente tola ela não é casada. Você olhou nos olhos do marido dela. E eu preciso de um sono reparador para variar. Talvez eu possa encontrar uma moça bonita no pub local para aliviar meus ossos doloridos.

— Então vá encontrá-la. Eu irei ao convento sozinho. Estarei de volta com tempo de sobra para a celebração amanhã. — Robbie esporeou seu cavalo e seguiu pela estrada da vila, sem querer incomodar mais seu amigo. Poderia fazer isso sozinho. Sabia que não seria capaz de dormir à noite até ter certeza de que a moça e suas filhas estavam seguras. Ele não confiava em Malcolm Murray e seus brutamontes. Nem um pouco.

Robbie sorriu para si mesmo quando ouviu um cavalo o seguir na estrada para fora da cidade. Tomas.

— E o que pretende fazer quando chegar lá? — seu amigo berrou para ele do lugar em que estava na estrada. — Qual é o seu plano final?

— Vou garantir que ela esteja segura lá e que o idiota não a tenha sequestrado ou algo pior. Não vai demorar muito para conversar com a moça por alguns momentos. E se não quiser dormir sob as estrelas novamente, tenho certeza de que a abadessa nos hospedará por uma noite.

Ele não conseguia parar de pensar em como a madre superiora o aconselhou a voltar depois de um tempo para tentar ver Caralyn novamente. Toda noite ele acordava com o membro rígido pensando na moça. Somado a isso, a culpa que sentia por deixar a pequena Gracie à potencial tortura de três brutamontes, e ele não estava dormindo nada. Ainda assim, não admitiria nada disso para Tomas.

— Ah, sim — Tomas resmungou, fazendo seu cavalo galopar.

Depois de uma viagem em grande parte silenciosa, a dupla chegou ao mosteiro ao anoitecer. Robbie desmontou e avançou até o portão. O guarda perguntou-lhe o motivo da visita, depois saiu para falar com a madre superiora. Quando retornou, conduziu os dois para dentro e esperaram na mesma sala onde Robbie tinha ficado com Caralyn. Robbie andou de um lado para o outro na câmara enquanto Tomas sentava-se em uma cadeira, cruzava os braços e encarava seu amigo.

— Diga o que precisa dizer, Tomas. Diga isso para que possa parar com esse sorriso maléfico que você sempre ostenta.

Tomas cruzou os braços e recostou-se na cadeira para que ficasse equilibrada apenas em duas pernas.

— Você está enfeitiçado. Não vai ouvir razão sobre essa moça. Não consegue entender que cometeu um erro? Mal posso esperar para a moça entrar na sala com um sorriso no rosto para que possamos partir.

Depois de vários minutos, a abadessa entrou, uma expressão séria no rosto.

— Boa noite, Capitão Grant. Por favor, sente-se. — Ela o convidou para a mesa onde Tomas estava sentado. — Como posso ajudá-lo?

Robbie não gostou da expressão em seu rosto.

— Sua Graça, vim verificar a jovem que trouxe aqui há quinze dias, aquela com duas filhas. Ela havia sido espancada e estava com o tornozelo inchado, a senhora se lembra dela?

— Sim, claro que me lembro. Era uma jovem adorável, assim como suas filhas.

— Era? — O estômago de Robbie se contraiu enquanto prendia a respiração, aguardando a resposta dela.

— Sim, receio que o homem com quem ela vivia antes do ataque dos nórdicos veio e a levou embora no meio da noite.

— O marido dela? — O pior medo de Robbie se tornara realidade. Malcolm Murray a havia sequestrado.

— Oh, não acredito que fossem casados, mas ela o temia. Ela havia compartilhado comigo alguns dos problemas que estava enfrentando em Ayr. Ele não era o pai de suas filhas. Ele veio no meio da noite e nocauteou nossos guardas antes de entrar na câmara da moça e levá-la com eles.

— E as meninas?

— Sim, foram levadas também. Embora os guardas afirmem que ele disse ser o marido dela. Eles não cederam, mas é o que ele afirmou.

— Alguma ideia de onde ele possa tê-las levado? — Mesmo sendo membro da igreja, Robbie queria estender a mão e sacudir a mulher. Que tipo de proteção ela oferecera às três?

— Não, não faço ideia. Sinto muito, Capitão. Sei que o senhor gosta da moça.

Robbie pulou da cadeira e começou a andar de um lado para o outro, mas não antes de lançar a Tomas um olhar furioso.

— Obrigado, Sua Graça. Sei que fez o melhor que pôde. — Robbie saiu pela porta e seguiu pelo corredor. O som dos sapatos de Tomas batendo no chão de pedra indicava que seu amigo não estava longe atrás.

— Grant, vamos encontrá-las. Elas devem estar em Glasgow e não é uma cidade tão grande. Tem apenas quatro ruas principais. Ela está aqui em algum lugar. — Tomas gritou: — Grant, espere.

Robbie o ignorou e continuou. Estava quase chegando ao final do corredor quando ouviu os passos da abadessa atrás deles.

— Capitão Grant?

— Sim, Sua Graça? — Robbie parou e esperou a abadessa alcançá-lo.

— Sei que o senhor está interessado nela. Sinto que preciso dizer algo.

— Sim, abadessa. Por favor, fale o que está em sua mente.

— Eu disse antes que não conhecia todos os demônios e as feridas que ela havia sofrido.

— Sim. — Robbie não tinha ideia do que ela estava prestes a lhe dizer.

— Agora eu conheço. Após uma longa conversa com Caralyn, gostaria de dizer que ela é realmente uma jovem adorável, mas precisará de um homem paciente ao seu lado.

Robbie assentiu, sem saber o que dizer.

Ela continuou.

— Mas o senhor não terá arrependimentos se a perseguir. Ela é especial e tem um coração caloroso. O senhor é exatamente o que ela precisa, um homem gentil e paciente. Acho que Deus não gostaria que o senhor desistisse de sua busca pela moça. Algo está de fato errado.

— Obrigado, Sua Graça. — Robbie pigarreou e voltou na direção de onde tinham vindo. Ele não sabia o que dizer para aquela declaração. Olhou para Tomas, cuja expressão de autoconfiança havia desaparecido do rosto.

No momento presente, tudo o que queria era localizar Caralyn e suas meninas. Mas não tinha ideia de por onde começar.

CAPÍTULO DEZ

Os olhos de Robbie Grant percorreram o grande salão, esperançosos em encontrar Caralyn ali. Ele e Tomas vasculharam toda a cidade de Glasgow sem encontrar um único sinal da moça. Ele contava com o fato de que Malcolm Murray, um homem cheio de si, se consideraria importante o suficiente para aparecer no castelo para a celebração da vitória.

Tomas interrompeu seus pensamentos.

— Boa sorte para você que o Rei Alexander decidiu celebrar aqui em Glasgow em vez do burgo real, não é?

Ocupado demais procurando Caralyn, Robbie sequer olhou para o amigo.

— Oh, mas deveríamos tê-la encontrado até agora. Como uma moça simplesmente desaparece?

— Glasgow é muito maior, com cavalos de carga indo para os navios no estuário.

— Não mencione nem mesmo essa possibilidade de que eles tenham partido. Ela está em Glasgow. Eu sinto isso.

— Espero que esteja correto. Precisamos encontrá-la para que possamos tirá-la de sua mente e voltarmos às Terras Altas, onde pertencemos.

Dundonald aproximou-se deles, dois estranhos o acompanhando de perto.

— Senhores — ele afastou-se para permitir que os companheiros ficassem ao seu lado. — Gostaria de apresentar o Capitão Grant e seu camarada, Tomas More, de Drumiston. O Clã Grant, sob sua liderança, foi fundamental para nossa vitória contra os nórdicos na Batalha de Largs. Lorde Montgomery e o barão Strathman gostariam de expressar seus agradecimentos pela sua assistência em nome da Coroa Escocesa.

Lorde Montgomery falou primeiro.

— Meus agradecimentos por mandar os nórdicos correrem. Ouvi dizer que eles correram do monte para a praia assim que viram vocês, montanheses, se aproximando.

Baron Strathman riu.

— Capitão Grant, era o senhor o do elmo dourado? Ouvimos muitas histórias do valor de um guerreiro de elmo dourado em batalha.

— Não, era meu irmão, o laird Alexander Grant, com o elmo dourado e no corcel vestido de malha. Ele é um lutador feroz.

— Nossos agradecimentos pelo fim rápido da batalha. Temíamos por nossas próprias embarcações no Firth of Clyde — disse Montgomery.

— Os senhores são mercadores que vivem em Glasgow? — Robbie deu um gole na sua cerveja, seu coração acelerando enquanto lutava para manter uma aparência calma.

Os dois homens assentiram enquanto Dundonald oferecia uma rápida reverência e se afastava. Agora era a sua chance. Talvez eles soubessem algo do canalha que havia sequestrado Caralyn.

— O que sabem sobre um mercador chamado Malcolm Murray?

Tomas lhe lançou um olhar significativo antes de voltar a atenção para seus companheiros.

Robbie avaliou cuidadosamente os homens em busca de alguma reação ao nome. Ambos pareceram incertos no início, mas o reconhecimento logo se manifestou no rosto do barão.

— Murray, o senhor diz? Acho que já ouvi falar desse nome. Porque... ah, não. — Ele e lorde Montgomery trocaram um olhar de entendimento.

Robbie precisava saber mais, tanto quanto eles pudessem lhe contar.

— Senhores? Estou pedindo um favor. Por favor, me digam o que sabem. Ele não é amigo meu. Estou buscando apenas informações.

Lorde Montgomery assentiu.

— Malcolm Murray afirma ser mercador e é um homem rico, mas... — ele pigarreou antes de continuar — ...seus negócios são questionáveis. Isso é tudo que posso oferecer.

— Ele reside em Glasgow?

— Sim, em um pequeno castelo nos arredores da cidade.

Robbie assentiu.

— Meus agradecimentos.

— Oh, o prazer foi nosso, rapazes. Apreciamos tudo o que fizeram para acabar com essa bobagem com o Rei Haakon da Noruega. Hora de voltarmos aos negócios normais. Capitão. — Lorde Montgomery segurou o ombro de Robbie antes de se dirigir a outro grupo de homens.

Robbie virou-se para Tomas.

— Aí está. Precisamos encontrar o castelo dele, então terei a resposta para minhas perguntas.

— Sim — disse Tomas. — Vamos apenas esperar que ele não mantenha muitos guardas ao redor do seu castelo.

As festividades se intensificaram conforme mais escoceses continuavam a entrar na grande sala. Trovadores vagavam pelo salão, fazendo seu caminho entre as pessoas e entretendo os convidados à vontade. As moças que serviam comida em pequenas bandejas circulavam pela periferia da grande câmara. Robbie pegou um pedaço de pão integral de uma bandeja e começou a comer.

— Tomas, deve haver muitos homens aqui que conhecem Glasgow bem. Só precisamos encontrar os certos e interrogá-los. — Ele fez uma pausa para tomar um gole de cerveja.

— Você pode não precisar fazer isso — Tomas disse.

— O quê? — Robbie paralisou enquanto uma sensação estranha subia por seu pescoço. Tomas balançou a cabeça para a esquerda deles.

Robbie virou a cabeça, e lá estava. Malcolm Murray se pavoneava, segurando alguém atrás de si. Robbie ainda não conseguia ver o rosto dela, mas sabia quem era: Caralyn. Ele reconhecia aqueles fios sedosos de cabelo escuro, aquelas curvas voluptuosas. Ele a reconheceria em qualquer lugar.

Ela virou-se e encontrou seu olhar, corando instantaneamente e virando a cabeça o mais rápido que pôde. Por quê? O que ele havia feito para fazê-la negá-lo?

Não teve que esperar muito por sua resposta. Assim que Murray o avistou, ele atravessou a multidão e foi direto até ele. Ele puxou Caralyn para a frente, uma mão segurando seu pulso, a outra em sua cintura.

— Capitão Grant, gostaria que conhecesse minha esposa, Catriona.

Robbie não pôde fazer nada além de concordar.

— Senhora. — Ele queria que ela o olhasse, mas ela se recusou, mantendo os olhos determinadamente baixos.

Murray apertou sua cintura.

— Fale com o capitão, meu amor.

Caralyn manteve os olhos baixos, mas sussurrou:

— Saudações, Capitão.

Robbie não hesitou.

— Saudações, Catriona. — Ele prolongou o nome dela como se para lembrá-la de sua mentira. Em questão de segundos, memórias da noite deles juntos encheram seus sentidos, a sensação do corpo dela contra o dele, da pele macia sob seu toque. Seu leve perfume o provocou. Sua paixão não

conhecia limites, mas agora ela sequer conseguia olhá-lo. De alguma forma, o nome Caralyn combinava muito mais com ela do que Catriona. Olhando para Murray novamente, ele disse: — E como estão suas duas filhas? Qual era o nome delas mesmo?

— Eu não disse. Elas estão bem.

Robbie insistiu.

— Aline, Alison, Ashley...

— Ashlyn — Caralyn murmurou o nome de sua filha, mas então corou e uma expressão estranha cruzou seu rosto.

Medo. Robbie viu. Ela estava com medo do marido. Ele a encarou, desejando que ela levantasse o olhar, mas a moça não o fez. Seu rosto ficou sombrio, o rosto mais bonito que ele já viu, e ele percebeu de repente o que havia causado a mudança. Seu marido tinha um aperto firme em seu polegar e estava dobrando-o para trás. Robbie agarrou seu braço e torceu.

— O senhor sempre trata sua esposa com tanto cuidado, Murray? Solte-a.

Murray rangeu os dentes.

— Não sei qual é o seu jogo, Capitão, mas ela é minha esposa. Farei o que quiser com ela. Nunca mais olhe para ela se valoriza sua vida. — Ele se virou e puxou Caralyn atrás de si.

Ela virou a cabeça para trás para Robbie e murmurou as palavras: “me ajude”.

Eles desapareceram pela porta.

Robbie foi imediatamente na mesma direção, chamando Tomas.

— Agora. Vamos segui-los e, se tivermos a chance, a roubarei esta noite.

Tomas o alcançou perto dos estábulos. Assim que avistaram Murray, os dois recuaram.

— Maldição, ele tem cinco homens o acompanhando — disse Tomas. — Você nunca a pegará esta noite. São seis contra dois. — Ele montou seu cavalo, mas dançou em círculos em vez de avançar.

Robbie montou o próprio cavalo.

— Sim, há muitos por aqui por causa das festividades — ele disse. — Mas ainda podemos descobrir onde ela mora.

CAPÍTULO ONZE

— Agora você quer me dizer a verdade sobre o Capitão Grant, meu amor? — Malcolm Murray a levava de volta para seu castelo.

Ela sabia que ele estava irritado, mas não tinha certeza do motivo. Ele não sabia de nada.

— Por que ele sabe de você? Por que pergunta a seu respeito? — Ele a agarrou e apertou sua mão, os dedos cravados na carne macia de sua axila.

Eles estavam na câmara, com a porta trancada. Ela odiava quando Malcolm ficava bravo. O homem não sabia como controlar seu temperamento e geralmente descontava nela.

— Me diga! — Ele a puxou mais para perto até que ela ficasse a apenas alguns centímetros de seu rosto.

— Foi ele — ela sussurrou. Oh, como queria que ele pudesse ser o único homem em sua vida. Ele era o único a tratá-la com qualquer gentileza, o único que parecia se importar com ela.

— O quê?

— O homem que me salvou dos nórdicos. Eu contei sobre o homem que me socou e tentou me levar para o navio dele. — Lágrimas embaçaram seus olhos, mas ela tentou não perder o controle. — O Capitão Grant o deteve.

— Então você estava com ele? — Uma fúria familiar preencheu o olhar de Malcolm.

— Não, não assim. O nórdico me nocauteou. Quando acordei, estava em uma tenda em um acampamento cheio de guerreiros das Terras Altas.

— E?

— E ele voltou para encontrar minhas filhas e depois me levou para o convento.

— Você teve relações com ele? Você deu meus bens de graça? Ou você cobrou?

— Não, eu não fiz nada.

Ele soltou o braço dela e deu um tapa em sua face. Ela levantou a mão para se defender da brutalidade dele.

— Os homens não seguem uma mulher assim a menos que tenham provado dela. Você o deixou provar de você? Deixou?

— Não! Eu não fiz nada. Meu tornozelo estava inchado; meu rosto estava todo machucado e cortado. Eu tinha feridas abertas por todo o corpo por ter sido arrastada pelas pedras. Você viu as feridas. Estava com tanta dor que nem conseguia pensar em tal coisa.

— Você mente. — Ele a jogou na cama. — Mente e vai pagar por isso. Nunca. — Ele se inclinou e apontou o dedo para o rosto dela. — Nunca deixe outro homem tocá-la a menos que eu mande.

Ele agarrou a capa e se dirigiu para a porta. Caralyn pulou da cama.

— Para onde você vai? Por favor, minhas meninas. Não as machuque. Isso não teve nada a ver com elas. — Ela esfregou a palma da mão na bochecha dolorida.

Ele parou na porta e virou-se, com a mão ainda na maçaneta.

— Você vai pagar por isso. Achou que eu a deixaria vê-las em uma semana? De jeito nenhum. Você não verá suas filhas até a próxima lua. Tente me trair novamente. — Malcolm saiu andando e bateu com a porta. — E não saia desta câmara! — ele berrou enquanto descia as escadas.

Caralyn se jogou de volta na cama.

— Não, não, não! Minhas garotinhas. Por favor, não. Tenho que vê-las. — Soluços arrancavam de suas entranhas. Como ela esperava que Robbie tivesse visto seu pedido. Ele a ajudaria? Ele poderia? Não suportava ser separada de suas meninas.

Por que isso tinha acontecido com ela? Ela finalmente convencera Malcolm a deixá-las viver sozinhas na cabana, com visitas abertas, é claro, mas agora tudo estava arruinado. Sim, ele deixou guardas enquanto estava ausente, e ela ainda tinha sido forçada a fazer coisas que não queria, mas pelo menos suas filhas estavam ao seu lado. Justo quando pensou que sua vida não poderia piorar, Malcolm encontrou uma nova maneira de torturá-la.

Por que os nórdicos tinham aparecido e arruinado sua vida?

Duas noites depois, Caralyn descansava de lado na cama. Malcolm havia acabado de sair depois de usá-la. Odiava fazer sexo com ele, mas sabia que não tinha escolha. Ele a possuía. Ele tinha suas filhas. Ela só as viu uma vez desde que deixaram o convento. Os rostos de Ashlyn e Gracie lhe contaram tudo; elas estavam infelizes. Ashlyn havia lhe dito que o lugar onde estavam sendo mantidas era sujo, mas elas não estavam machucadas.

Gracie apenas a encarou com o mesmo olhar assombrado nos olhos, o olhar que Caralyn esperava banir do olhar da pequena para sempre. Ela falhou com as filhas novamente. Agora, faria o que Malcolm quisesse apenas para poder vê-las novamente.

Um leve farfalhar do lado de fora da janela chamou sua atenção. Ela ergueu a cabeça, ouvindo, tentando determinar a origem do som baixo. Empurrando as cobertas, ela se sentou e pendurou as pernas para fora da cama, arrastando os pés para encontrar seus sapatos. Foi até a janela na ponta dos pés, e puxou a pele o suficiente para espiar sobre a borda.

Um homem havia escalado sua parede, aparentemente usando uma corda presa ao telhado. Por algum motivo, ela não gritou. Observando o topo de sua cabeça, reconheceu o cabelo castanho claro, os ombros largos, as mãos fortes. Ele parou por um momento, como se pudesse sentir sua presença na janela. Agarrando a corda com uma mão, ele ergueu o olhar para o dela e levou um dedo aos lábios, pedindo-lhe para ficar em silêncio. Robbie Grant. Ela notou seu amigo na base da corda.

Seu coração se encheu de alegria ao vê-lo. Como desejou que Robbie Grant pudesse estar ao seu lado pelo resto da vida. Ele seria o melhor pai do mundo. Enquanto sua mão se estendia até a borda, ela puxou a pele para trás, permitindo sua entrada em sua câmara.

Ele pisou no parapeito e se ergueu até sua altura total, sorrindo, mostrando seus gloriosos dentes brancos. Piscando para ela, ele desceu ao lado dela.

— Saudações, moça.

— Robbie Grant, você deve estar maluco. Se Malcolm o encontrar aqui, ele o matará.

Robbie piscou para ela.

— Oh, moça, você realmente acha que Malcolm poderia me machucar sozinho? Ele não é nada sem seus brutamontes.

Ela não pôde deixar de sorrir.

— Não pensei que você viria.

A mão dele segurou o queixo dela, o polegar acariciando a linha de sua mandíbula por um breve momento.

— Você não me pediu ajuda? Acha que eu poderia deixar uma moça em necessidade? Ora, sou um guerreiro Grant, amor. Eu nunca poderia deixá-la nas mãos desse monstro.

Robbie se inclinou e roçou os lábios nos dela, um beijo hesitante, mas que a fez querer mais. Ela abriu os lábios para ele, que a provou com sua língua, um doce carinho que a fez perder os sentidos e se inclinar em seu abraço.

Quando ele terminou o beijo, ela suspirou de satisfação, esperando mais beijos desse homem que roubou seu coração. Um sorriso travesso cruzou seus traços, derretendo um pouco mais seu coração.

A expressão em seu rosto mudou de encantadora para séria em questão de segundos.

— Moça, precisamos conversar. Por favor, me conte o que está acontecendo aqui. Malcolm é seu verdadeiro marido?

O olhar de Caralyn caiu para o chão.

— Não. — Ela se jogou na cama. — Ele não é meu marido. Eu nunca teria concordado em me casar com ele. Ele me escolheu quando vivíamos em South Ayrshire. Foi depois que perdi meus pais e meu marido. Minha vila fazia parte da Casa Crauford à beira-mar, mas perdemos tantos para a enfermidade que poucos de nós restamos. Eu não tinha para onde ir. Ele usa minhas meninas para me chantagear.

— Onde elas estão agora? — Robbie afagou os fios sedosos de seu cabelo em um carinho suave.

Lágrimas rolaram por suas bochechas.

— Não sei. Ele nunca foi tão cruel em Ayrshire. Agora ele as esconde de mim, e se eu não fizer exatamente o que ele ordena, ele diz que não permitirá nenhuma visita.

— Quando foi a última vez que você as viu?

— Há alguns dias — ela soluçou, seus soluços fazendo sua respiração falhar. — Elas são mantidas em uma câmara desarrumada, não sei onde. Ashlyn disse que ficam com dois homens. Malcolm falou que eu poderia vê-las uma vez por semana, mas depois de vê-lo, ele disse que eu não poderia vê-las por uma lua inteira.

— Oh, Cara, eu sinto muito. — Ele a levantou e a envolveu em seu caloroso abraço.

Por que eles não podiam ficar juntos? Robbie era tudo o que ela sempre quis em um parceiro: caloroso, terno, amoroso, honrado e seguro. Mais do que tudo, ela queria estar segura, e queria que suas filhas também estivessem seguras. Por que eles não podiam viver juntos como uma família?

— Caralyn, por que ele a chama de Catriona?

— Oh, eu odeio isso. Ele diz que é o nome dele para mim, e que nunca devo ser chamada de Caralyn novamente. Mas o nome que minha mãe e meu pai me deram é Caralyn.

— Em que tipo de negócio Malcolm está envolvido?

— Não tenho certeza. Acho que ele negocia com uísque e especiarias do Oriente, mas não posso afirmar com certeza. Recentemente, ele falou de notas irlandesas. Às vezes, ele fica fora por muito tempo. É por isso que morávamos na cabana ao sul de Ayr. Ele queria que eu estivesse disponível sempre que ele chegasse em seu navio. A embarcação atracava no cais em South Ayrshire, depois seguia em direção a Glasgow. Ele descia e passava alguns dias comigo, e depois seguia viagem. Nunca foi tão ruim como isso, mas nunca foi feliz. Robbie, o que posso fazer? Eu o odeio. Por favor, me ajude.

— É por isso que estou aqui. Venha comigo agora e eu ajudarei você a encontrar suas meninas.

— Não! — Ela empurrou o peito dele.

— Shh, moça. Você quer ser ouvida pela equipe? — Robbie sussurrou.

— Não, mas não posso arriscar. E se não conseguirmos localizar minhas filhas? Eu poderia perdê-las para sempre. Ele as mataria se eu não estivesse aqui. Ele odeia crianças.

— Moça, me ouça. Vamos encontrá-las primeiro. — Ele segurou a mão dela na dele, puxando-a para longe do rosto.

Uma pequena chama de esperança ardeu dentro dela ao pensar em ser resgatada e protegida por Robbie.

— Sim, isso pode funcionar.

— Mas as meninas podem não querer ir comigo.

— Gracie o ama. Você é o único homem que ela já permitiu voluntariamente perto dela. Ela irá com você. Sei disso no meu coração. Por favor, Robbie. Encontre-as primeiro, depois venha me buscar.

Robbie a aconchegou, ponderando aparentemente as informações que ela havia lhe dado. Ela não podia perder suas meninas, mas se Robbie conseguisse encontrá-las, elas poderiam ter uma chance de felicidade juntos.

Ele se inclinou e segurou o rosto dela, beijando-a ternamente, o tipo de beijo que ela sonharia e guardaria próximo ao coração nos dias que viriam.

Ele a beijou como se tivesse fortes sentimentos por ela, como se houvesse mais nela do que agradar um homem com seus favores.

— Está bem, moça, vamos tentar desse jeito. Se você estiver em apuros, mande uma mensagem para o convento. Eu passarei lá ocasionalmente para verificar. Ele permite que você saia de casa para cultuar?

— Sim, com um escolta, mas eu vou para o convento onde você me levou.

— Então envie uma mensagem pelas freiras ou pelos guardas, e eu vou encontrá-la.

Mais um beijo casto nos lábios e ele se foi. Ela umedeceu os lábios, querendo saborear o gosto do único homem em sua vida em quem confiava e amava. Esgueirando-se até a janela, seu olhar seguiu o Highlander enquanto ele escorregava pela parede de pedra, pousando tão silenciosamente quanto havia subido. No final, ele olhou para cima e lhe lançou um sorriso rápido antes de desaparecer na noite. Sim, ela estava desesperadamente apaixonada por Robbie Grant. Mas nada poderia resultar disso, ela estava certa.

CAPÍTULO DOZE

Robbie e Tomas estavam em frente ao convento. Robbie acabara de ter uma conversa com os guardas e a abadessa, explicando a situação e como contatá-lo, se necessário. Um mensageiro aproximou-se dele montado em seu cavalo enquanto conversavam.

— Capitão Grant? — O mensageiro aguardava a resposta de Robbie.

— Sim. Sou o Capitão Robert Grant.

O rapaz se inclinou sobre o cavalo para entregar o pergaminho que estava segurando.

— Mensagem para o senhor de Dundonald.

Robbie agradeceu e pegou a carta, verificando o selo antes de romper o lacre. Depois de uma rápida leitura, ele suspirou e olhou para o amigo.

— Temos outra missão.

— Agora? Pensei que finalmente poderíamos retornar ao Clã Grant. Temos apenas alguns guerreiros restantes na área. Não podemos fazer muito com uma força tão reduzida.

— Não sei, mas Dundonald está pedindo para voltarmos ao burgo real para receber instruções.

— É tudo o que ele diz? Nenhuma informação a mais do que isso? Não sobre a duração da jornada, ou em que direção?

— Não, ele só diz que ficaremos em Ayr por pouco tempo antes de retornar a Glasgow. Mas não há menção da missão. Ele não pode estar nos mandando reconstruir nenhuma das cabanas destruídas pelos nórdicos, no entanto. Ele prometeu que não nos usaria para isso.

O rosto de Tomas caiu.

— O resgate das garotinhas terá que esperar, certo? — Aparentemente, seu amigo era atraído pelas pequenas meninas, assim como ele.

— Odeio sair sem encontrar as filhas de Caralyn primeiro. Minha intuição me diz que Murray não é confiável e continuará se movendo. Quem sabe o que ele fará em seguida? Crianças podem atrapalhar e ele pode querer se livrar delas sem contar para Caralyn, especialmente a pequena Gracie.

— Quem sabe podemos descobrir mais sobre Murray no burgo real. Ela estava morando logo ao sul de lá não faz muito tempo.

A expressão de Robbie estava sombria enquanto ele voltava a montar em seu cavalo.

— Boa sugestão. Veremos o que podemos descobrir sobre Malcolm Murray e seus negócios. Espero que possamos retornar rapidamente. Não será fácil localizar duas crianças nesta grande cidade.

O crepúsculo desceu enquanto Tomas e Robbie cavalgavam em direção a Ayr. Robbie entregou as rédeas de seu cavalo ao rapaz do estábulo e dirigiu-se para o grande salão, suas botas batendo nas pedras do calçamento. A cidade de Ayr parecia estar voltando à vida depois da ameaça dos homens de Haakon ter passado. Embora os nórdicos não tivessem alcançado Ayr, o clima geral dos habitantes da cidade tinha sido envenenado pela possibilidade. Agora, havia uma atitude jovial nos pubs locais, não mais rostos abatidos e olhares temerosos.

Qualquer que fosse sua missão, ela precisava ser realizada no menor tempo possível. Seus irmãos haviam sido surpreendidos por garotas – Alex por Maddie, Brodie por Celestina – e ele jurou que isso nunca aconteceria com ele. Agora, ele sabia diferente. Antes, sentia um grande orgulho cada vez que adentrava os portões do castelo real, mas agora, só desejava terminar sua tarefa e voltar para Glasgow. Ele queria estar perto dela.

O mordomo conduziu Robbie a uma das muitas pequenas salas solares do rei. Ele não via o solário principal do rei desde o dia em que ele e Brodie foram convocados para Ayr, no verão passado. Assim que acomodou-se em uma cadeira, Dundonald abriu a porta com um estrondo e falou com a voz alta, sua voz ecoando pelas pedras do cômodo.

— Capitão Grant, que bom vê-lo novamente. Agradeço sua prontidão em atender ao meu chamado. Onde está seu guarda, Tomas de Drumiston?

Robbie pulou da cadeira para cumprimentar seu oficial superior.

— Drumiston está lá fora, cuidando de nossos cavalos. Eu transmitirei as informações necessárias a ele.

Uma batida soou na porta, e o mordomo deixou Tomas entrar.

— Oh, sem necessidade. Aqui está ele agora. — Dundonald ofereceu-lhes uma cerveja antes de falar. — Rapazes, preciso que lidem com um assunto muito sensível.

Robbie olhou para Tomas.

— Sim, somos confiáveis, Chefe.

— Disso eu sei, meu filho. Aqui estão as informações e eu os enviarei em seu caminho. Vocês podem querer mais um ou dois guerreiros com vocês nesta missão. — Ele contornou a mesa no canto da sala e sentou-se na cadeira atrás dela com as mãos dobradas no colo.

— Vocês estão cientes de que os nórdicos atacaram muitas de nossas pessoas quando saquearam as áreas em South Ayrshire e até Loch Lomond, certo?

Robbie e Tomas ambos assentiram.

— Sim, estávamos em South Ayrshire quando uma das galés deles desembarcou homens que atearam fogo a um conjunto de cabanas.

Dundonald assentiu.

— Bem, isso não será uma completa surpresa se vocês já testemunharam a brutalidade dos nórdicos. Enquanto eles seguiam para o sul, por Firth of Clyde, uma das embarcações dos nórdicos encontrou um único navio mercante escocês indo para o sul. Alguns tolos não nos ouviram quando aconselhamos nossos mercadores locais a adiar todas as viagens e manter os navios fora do Firth. Os nórdicos capturaram o navio, fizeram o que precisavam e deixaram a galé à deriva nas águas de Arran. O navio finalmente encalhou um pouco ao sul daqui e gostaria que os senhores ajudassem alguns de nossos homens com a carga. E como vocês acabaram de voltar de lá, gostaria que a carga fosse levada ao convento perto de Glasgow.

Robbie e Tomas trocaram olhares perplexos. Robbie disse:

— Com licença, com que carga estaremos lidando que deve ser levada para Glasgow por terra? Não entendo, Chefe. Por que não enviá-la para Glasgow por navio, como foi planejado?

A voz de Dundonald caiu para pouco acima de um sussurro.

— Porque o navio estava carregado de mulheres. Nenhum mercador se apresentou para reivindicar o navio. Nossa suposição é que as mulheres estavam destinadas a uma vida de escravidão no Oriente.

— Um navio cheio de mulheres para serem vendidas como escravas?
— Tomas perguntou, incrédulo com as implicações do que Dundonald havia dito.

Robbie só conseguia balançar a cabeça diante da ideia do que poderiam encontrar. Ele viu o que um nórdico fizera com uma moça. Como deve tê-los encantado encontrar um navio cheio de mulheres desprotegidas. — Isso

faz com que nos perguntemos, qual destino teria sido pior para elas? O Oriente ou os nórdicos?

Dundonald resmungou.

— Gostaria que o cretino que possuía o navio reivindicasse sua carga para que eu pudesse cortar seus testículos em público para todos verem. Precisarão de estômago forte para esta jornada. O que os nórdicos fizeram com elas não é agradável. Quero que as mulheres sejam levadas para o convento para se curarem, os senhores devem garantir que ninguém as veja enquanto viajam.

Robbie e Tomas saíram do solar e do castelo real. Enquanto seguiam pelo pátio de paralelepípedos dentro das muralhas do castelo, um grito do lado de fora chamou os ouvidos de Robbie.

— Grant, poderia se apressar? Preciso falar com você.

O falante estava logo fora do portão do castelo, claramente incapaz de passar, já que não estava ligado ao rei. Robbie franziu os olhos, esperando desmascarar o estranho.

— Não vai parar de me encarar? Não consegue reconhecer um dos membros da família de sua irmã?

Robbie observou o homem antes de se abrir em um sorriso largo.

— Logan? Logan Ramsay? O que diabos você está fazendo aqui, seu bastardo nascido na moita? — Ele saiu apressado pelo portão com Tomas logo atrás dele.

Logan segurou Robbie pelos dois ombros quando se encontraram nos paralelepípedos.

— Idiota, é? Vamos ver do que seus irmãos irão chamá-lo quando você voltar para casa. Eles estão irritados com o seu desaparecimento e me mandaram encontrá-lo.

Robbie virou a cabeça para o amigo.

— De alguma forma, duvido que meus irmãos tenham enviado você para me encontrar. — O sorriso irônico de Logan disse que ele estava correto em sua avaliação da situação. — Você não consegue ficar em um lugar, então veio aqui por conta própria. Dundonald informou ao meu irmão sobre o que eu estava fazendo, e já enviei um grupo de guerreiros para casa. Meus irmãos não devem ter ficado excessivamente preocupados com o meu bem-estar.

Logan riu.

— Meio bastardo. Isso faz diferença? Talvez não para seus irmãos, mas as mulheres estão todas preocupadas, pensando que você nunca mais vai voltar. Você partiu muitos corações no clã Grant.

Robbie riu.

— Agora podemos ouvir a verdade? Você só queria estar no meio das coisas novamente, Ramsay. Você simplesmente não consegue se estabelecer por muito tempo.

Logan riu.

— Oh, sim, isso também. Chega de falar sobre minhas razões para vir. O que você ainda está fazendo no castelo do rei, e para onde está indo?

Robbie pensou por um momento. Dundonald havia mencionado que talvez precisasse de mais homens. Andar em uma carroça cheia de mulheres não seria fácil, especialmente com os renegados fora de Glasgow.

— Você chegou na hora certa. Preciso de mais alguns guerreiros para minha próxima missão. Vai se juntar a mim?

— É claro, essa era minha intenção desde o início. Mostre o caminho.

CAPÍTULO TREZE

Algumas horas depois, eles se aproximavam da Igreja ao sul do burgo real. Robbie podia ouvir soluços vindo de dentro à medida que se aproximavam. Esperava poder lidar com qualquer coisa que encontrassem lá dentro. Não poderia ser tão ruim quanto uma batalha, certo?

Ele bateu na porta trancada da igreja, a noite já havia caído. Olhou para as estrelas, esperando que pudesse terminar essa missão e voltar depressa para continuar sua busca pelas filhas de Caralyn.

A porta se abriu um pouco e um padre o encarou.

— Diga o seu propósito.

Depois que Robbie o convenceu de que foram enviados por Dundonald para ajudar, o padre os conduziu para uma sala nos fundos, usada para armazenamento. Conforme se aproximavam, podiam ouvir um coro doloroso de gemidos e resmungos vindo do fundo. Robbie balançou a cabeça, rezando por força. Qualquer que fosse a descoberta que estivesse prestes a fazer, sabia que não descansaria até encontrar o bastardo responsável por enviar um navio cheio de mulheres sozinhas para um propósito tão sombrio.

Eles entraram na pequena câmara e Robbie fez uma avaliação lenta dos ocupantes. Seis leitos estavam espalhados ao redor da sala, mulheres jovens descansando neles em vários estágios de recuperação. Cortes, contusões, lábios sangrando, ossos quebrados e, pior de tudo, espíritos quebrados. Algumas soluçavam abertamente, enquanto outras olhavam para o espaço vazio. Alguns padres ajudavam a limpar os ferimentos das mulheres e ofereciam conforto onde podiam, mas era óbvio que esses ferimentos levariam muito tempo para cicatrizar. Ver as mulheres maltratadas trouxe memórias de Caralyn no dia em que ele a encontrou nas mãos do nórdico. Talvez o mesmo grupo de bestas tivesse encontrado este navio.

Robbie virou-se para o padre, incerto sobre como proceder melhor com o transporte das mulheres para Glasgow.

Padre MacLaren falou em um sussurro suave.

— Provavelmente é melhor movê-las esta noite, rapazes. Não há mais nada que possamos fazer por elas aqui. Elas precisam ser cuidadas por mulheres, e nós não temos os suprimentos para curativos ou curandeiros para ajustar seus ossos quebrados.

Robbie franziu a testa, mas procurou o rosto do padre.

— Como vamos movê-las, padre?

— Oh, há duas carroças. Acredito que podemos deixá-las confortáveis em sua maior parte. Há várias pilhas de feno atrás. Meu medo é que, se vocês esperarem até o amanhecer, chamarão mais atenção para as mulheres. Se saírem logo, devem conseguir chegar ao priorado pela manhã. Pelo menos viajarão pelo burgo real no escuro.

Tomas e Logan entraram na sala atrás dele. Sem falar, Logan aproximou-se de uma das camas onde uma mulher alerta estava descansando, observando todos os movimentos deles. Ele se aproximou um pouco dela, Robbie não sabia por quê.

A mulher rosnou:

— Me toque e vou arrancar seus testículos ao meio, seu bastardo maldito.

Padre MacLaren virou-se para a jovem, que parecia ter por volta dos vinte anos.

— Gwyneth, esses homens estão aqui para ajudar. Eles não são inimigos. Sua missão é transportá-las para o priorado. Por favor, seja cooperativa.

Gwyneth levantou a cabeça para a luz para poder examinar o grupo. Robbie decidiu que ela era uma mulher bonita antes de encontrar os nórdicos, embora fosse difícil dizer entre os hematomas.

Ela se ergueu o suficiente para quase olhar Logan nos olhos. Ele ainda estava um pouco acima dela, mas estava perto. Pernas longas a sustentavam e ela segurava um pequeno tartã em seu torso.

A moça virou a cabeça para Robbie.

— Me leve de volta para Glasgow e serei eternamente grata, mas não irei ao priorado. Um aviso justo para qualquer um dos senhores: se tentarem me tocar, vou enfiar uma faca entre suas costelas quando virarem a cabeça.

Padre MacLaren disse:

— Gwyneth, estes são os homens que lutam pela coroa escocesa. Eles não estão aqui para machucá-la.

— Com sua licença, Padre. Exceto pelo senhor, todos os homens são iguais. Me leve para Glasgow e nunca mais terão que me ver. Apenas me dê meu arco e flechas, e minha faca, e serei uma mulher feliz. E não tente me dizer que não estão aqui, porque sei que o maldito pretendia vender minhas armas também.

Logan examinou a mulher dos pés à cabeça, sorrindo quando seu olhar o encontrou.

— Faça isso de novo, e será a última coisa que fará, guerreiro ou não. — Ela se aproximou dele até ficar nariz a nariz com Logan. — O senhor não me assusta. Eu poderia matá-lo facilmente.

Logan travou olhares com ela, seu sorriso agora desaparecido.

— Não duvido disso, moça. Vou manter minhas mãos longe até que a senhorita peça o contrário.

Os dois se encararam por um longo momento, Gwyneth com um rosnado, mas Logan implacável. O ar emanava tensão, embora Robbie não estivesse muito certo sobre que tipo de tensão era. Será que seu cunhado impulsivo e temerário havia encontrado seu par? Finalmente, Padre MacLaren pigarreou e disse:

— Venha, moça, vou lhe dar suas coisas, contanto que prometa não usar suas armas contra esses homens.

Gwyneth seguiu atrás do padre, mancando.

— Enquanto ninguém me tocar, o senhor tem a minha palavra, Padre. Se algum homem se atrever a colocar a mão em mim, acredite, a vida dele estará em minhas mãos. — Quando fez esta última afirmação, ela se virou para lançar um olhar significativo a Logan, que ainda não havia desviado o olhar dela.

As mãos de Caralyn tremiam enquanto aguardava a chegada da abadessa. Ela não pôde vir na noite passada, mas hoje de manhã, assim que Malcolm saiu, ela dirigiu-se ao convento. Malcolm dera permissão para ela ir a apenas dois lugares, ou à Igreja ou ao convento, supostamente para rezar com as freiras. Ele enviava dois acompanhantes com ela cada vez que a moça saía do castelo para garantir que ela não fosse a nenhum outro lugar. Felizmente, o convento não ficava longe da residência de Malcolm a cavalo, e os homens ficavam satisfeitos em vigiar do lado de fora do prédio.

Chegando à abadia, Caralyn voluntariou-se para contribuir de alguma forma para o priorado. Madre Mary a conduziu por uma escadaria escura até o porão. Depois de guiá-la por um labirinto de corredores, a Madre parou em frente a uma porta e virou-se para falar com ela.

— Minha querida, sei que sua vida tem sido difícil. Eu poderia pedir para você trabalhar na horta ou na cozinha descascando batatas, mas meu

instinto me diz que você pode servir melhor a nosso Deus aqui embaixo. Aqui é onde nossos curandeiros fazem seu trabalho, e o que fazem varia, dependendo das necessidades da cidade. Não faz muito tempo, tratamos homens feridos na Batalha de Largs. Agora, temos a necessidade de tratar aqueles que foram feridos pela guerra de uma maneira diferente.

Ela fez uma breve pausa e continuou:

— Padre MacLaren enviou uma mensagem ontem, me informando sobre um grupo de mulheres que foram espancadas e brutalizadas por um navio cheio de nórdicos. Essas mulheres estavam em um navio quando os nórdicos o tomaram. Eles usaram as mulheres como quiseram e deixaram a embarcação à deriva no mar. O navio foi recuperado pela coroa escocesa e trazido à costa ao sul de Ayr.

Caralyn estremeceu.

— As mulheres estão sendo trazidas aqui para tratamento. Um pequeno grupo de guerreiros das Terras Altas do rei irá escoltá-las até aqui em carroças. Esta será uma missão desafiadora para qualquer pessoa. Acredito que você está à altura desse desafio. Diga-me agora se errei em meu julgamento. — Madre Mary cruzou as mãos na frente do corpo, aguardando a resposta de Caralyn.

— Sim, a senhor julgou corretamente, Madre.

— Entende que pode ver mulheres na mesma condição em que veio até nós, ou pior? Mantivemos você lá em cima na época, porque este salão estava cheio de homens. Mas agora serão só mulheres. Se em algum momento você sentir que isso é inadequado ou doloroso, por favor, volte lá para cima. Eu cuidarei de suas escoltas.

— Eu gostaria de fazer isso, Madre. Por favor.

— Siga-me, criança. — A abadessa adentrou o longo salão ladeado por pequenas camas de ambos os lados da sala. Uma grande lareira estava situada fora da câmara e uma pequena lareira onde aqueciam água e caldo ficava contra outra parede. Mesas ficavam no meio cobertas com tiras de linho e pomadas. Baús de armazenamento estavam aos pés de muitas das camas.

As camas estavam vazias. Algumas freiras mexiam com suprimentos, mas não havia ninguém precisando de cuidados ainda. Uma irmã com um sorriso caloroso e uma covinha avançou em direção a elas, abrindo os braços para Caralyn.

— Minha querida, veio nos ajudar no cuidado dos fracos?

O queixo de Madre Mary ergueu-se um pouco, chamando a atenção da irmã.

— Irmã Donna, esta é Caralyn. A senhora pode se lembrar dela de uma quinzena atrás. Ela esteve aqui com suas duas filhas.

— Claro, me lembro dela. E como estão suas doces meninas?

Caralyn deu uma olhada rápida nas pontas de dedos antes de responder.

— Elas estão bem, Irmã Donna. Agradeço sua preocupação. — Como desejava poder ser sincera e dizer que não tinha ideia de como suas filhas estavam, que tinham sido tiradas dela e estavam sendo mantidas contra a sua vontade. A felicidade delas dependia completamente de sua submissão a Malcolm.

Madre Mary disse:

— Deixarei Caralyn com a senhora, Irmã. Espero que ela possa ser de assistência. Meus mensageiros me dizem que devemos esperar nossos visitantes ainda esta manhã.

A abadessa partiu e Irmã Donna deu a Caralyn uma apresentação rápida pela instalação, explicando onde os suprimentos mais utilizados eram armazenados. Ela a apresentou a outra freira, Irmã Elinor, uma moça mais jovem com cabelos dourados e um sorriso doce. Felizmente, Irmã Elly, como a chamavam, tagarelava tanto que Caralyn não precisava falar. No momento, seus pensamentos estavam com suas meninas. Lágrimas ameaçavam escorregar por suas bochechas, mas um ruído lá de cima interrompeu seus pensamentos.

— Oh, eles estão aqui, minha querida. Siga-me e direi o que fazer. — Irmã Donna a conduziu até a entrada.

Ela esperou no fundo, o que provou ser uma atitude sábia. Permitiu que ela escondesse sua surpresa quando reconheceu o primeiro homem a carregar uma mulher ferida para dentro da câmara como ninguém menos que o Capitão Robbie Grant. Ele parou quando a viu, mas depois continuou, passando por Irmã Donna. Oh, como seu coração acelerou ao ver Robbie Grant. Sim, ela se perguntava se ele tinha localizado suas filhas, mas tinha que admitir que sua reação à visão dele era mais forte do que jamais teria imaginado.

Robbie parou a caminho da porta e disse com um sorriso:

— É bom vê-la, Caralyn. — Ele seguiu pelo corredor, presumivelmente para ajudar mais mulheres que precisavam de cuidados. Seu sorriso tinha uma maneira de aquecê-la até o âmago, fazendo-a corar de prazer.

Irmã Donna supervisionava tudo, enquanto Caralyn trabalhava com Irmã Elly, que a mantinha tão ocupada que ela não teve a oportunidade de procurar Robbie novamente. Esperava que ele viesse falar com ela novamente antes de partir, já que estava desesperada para ouvir qualquer coisa sobre suas filhas. No entanto, a localização exigia discrição, então ela não sabia se ele teria chance ou não.

Gemidos ocasionais podiam ser ouvidos do grupo, mas, na maioria das vezes, as moças estavam em silêncio, suspirando visivelmente quando se deitavam nos colchões macios e cediam aos cuidados das irmãs ao redor delas. Uma discussão interrompeu o silêncio.

Caralyn girou a tempo de ver um Highlander robusto carregando uma mulher para dentro da câmara. Ela discutia com ele o tempo todo.

— Solte-me, Logan Ramsay. Eu disse que o senhor nunca deveria me tocar. Como se atreve a assumir que preciso de ajuda quando não preciso? E também não vou ficar aqui.

Logan sorriu de orelha a orelha enquanto atravessava a câmara.

— Apenas sigo ordens, minha senhora. Quero ter certeza de que a senhora não tem ferimentos graves. — Logan a deixou cair no leito mais próximo e ela pousou com uma série de imprecações.

Caralyn congelou.

— Gwyneth? — Ela atravessou a sala mancando, seu tornozelo ainda um pouco dolorido, e os braços abertos. — Santos abençoados, é realmente você?

— Caralyn? Inferno! Como eu senti sua falta.

Gwyneth sorriu e as duas moças se lançaram uma nos braços da outra, abraçando-se como se não se vissem há anos.

Caralyn deu um passo para trás e acariciou o braço de Gwyneth.

— Estava com medo de nunca mais vê-la. Onde você esteve? Está ferida? — Ela ajudou Gwyneth a se deitar de volta no leito antes de se sentar ao lado dela.

— Eu não me sentaria aqui para ninguém além de você, Caralyn Crauford, especialmente não para este patife! — Ela acenou com o braço na direção de Logan, que estava encostado na parede, com os braços cruzados e um sorriso no rosto. Com um resmungo, ela virou as costas para ele. — Caralyn, estou tão feliz em vê-la. Onde estão suas doces meninas? A pequena Gracie deve estar tão grande agora.

O rosto de Caralyn se contorceu em um franzido, e ela balançou a cabeça.

— Não sei. Por favor, podemos falar sobre isso mais tarde? — Ela olhou para cima bem a tempo de ver Robbie se aproximar da cama, com Logan ao seu lado. O olhar de Caralyn encontrou o dele e ele balançou a cabeça.

Ele sussurrou para que mais ninguém pudesse ouvi-lo além de Logan, Caralyn e Gwyneth.

— Sinto muito, moça. Ainda não encontramos suas pequenas.

CAPÍTULO QUATORZE

Várias horas depois, Caralyn lavava as mãos na bacia no canto da câmara cheia de camas, preparando-se para ir embora no final do dia. Depois que Gwyneth adormeceu profundamente, Caralyn ajudou Irmã Donna e Irmã Elly onde fosse necessária. Foi uma manhã e tarde ocupadas. Felizmente, Malcolm havia dito que estaria fora durante a maior parte do dia, o que era a única razão pela qual ela foi autorizada a permanecer no convento por tanto tempo. Ela sabia que ele nunca teria permitido se soubesse o que ela estava fazendo.

Enquanto secava as mãos na toalha de linho, ela olhou por cima do ombro para as mulheres nas camas. Tinha ajudado Irmã Elly a limpar e banhar cada mulher e a tratar de suas feridas. Então ela ajudou a confortá-las da melhor maneira que podia. Ela havia massageado costas, ouvido suas histórias e abraçado enquanto elas soluçavam.

Lágrimas escorriam por suas bochechas e ela se virou novamente das camas. Ela poderia ter sido qualquer uma daquelas mulheres ou algo pior. Sim, foi ferida e machucada pelo nórdico, mas não brutalizada ou estuprada.

O Capitão Robbie Grant havia cuidado disso. Ela se perguntou por que sentia a necessidade de chorar agora e não enquanto ouvia suas histórias. Isso significava que ela tinha ficado dura e fria?

Uma mão gentil repousou em seu ombro. Ela se assustou ao ver o rosto sorridente da Irmã Donna.

— Menina, para todos é diferente. Alguns choram quando acontece, outros só choram depois. Você foi de grande ajuda para mim e sua força foi uma bênção para todas essas pobres vítimas. Elas precisavam que você

fosse forte por elas, assim como eu. Agora, você pode se deixar levar. É aceitável ficar emocionada com o que você viu. — Irmã Donna beijou sua bochecha. — Por que não sai para tomar um pouco de ar fresco?

Caralyn assentiu e agradeceu à freira. Ela saiu pelo corredor e, após andar alguns passos, encontrou um banco e sentou-se, descansando o tornozelo por um tempo, ainda não pronta para sair.

Essa experiência a forçou a confrontar exatamente o que o Capitão Grant havia evitado. Ela havia agradecido verbalmente a ele, mas depois de cuidar dessas vítimas dilaceradas, suas palavras pareciam miseravelmente inadequadas. Ele não apenas a salvou, mas também suas filhas.

Sim, ela também o agradeceu, mas uma tremenda culpa a abalou profundamente depois que tudo aconteceu. Ela não sentia mais culpa. Eles haviam compartilhado algo bonito. Incapaz de entender na época, ela permitira que a culpa a dominasse. Agora, reconhecia sua relação pelo que era: normal e especial ao mesmo tempo.

Ele lhe deu um vislumbre do que poderia ser. A maioria de suas experiências passadas com sexo estavam manchadas, mas cada momento que compartilhou com Robbie foi bonito, amoroso, terno, cheio de cuidado e tão diferente de sua vida. Ele era tudo o que ela havia sentido falta desde que seu marido falecera. Uma noite com um estranho lhe deu algo que nada mais jamais havia dado: esperança.

E enquanto Robbie a havia salvado dos abusos do nórdico, a realidade mais dura acabara de atingi-la. As histórias de muitas das mulheres machucadas não eram muito diferentes de sua vida com Malcolm. Elas falavam de humilhação e degradação, algo que Malcolm a fazia sentir todos os dias. Estava mais convencida do que nunca de que precisava fazer tudo ao seu alcance para se afastar dele. Para sempre. Desde o início, quis fazer isso por suas filhas, mas agora ela compreendia a verdade: precisava escapar por si mesma.

Sim, estava pronta para ser desvinculada de Malcolm, o homem que roubou sua vida. Ela precisava ser livre, livre do ódio e da humilhação, livre para amar e cuidar de suas filhas. Por um homem que a amasse e a honrasse.

Vozes no final do corredor interromperam seus pensamentos. Ela olhou para cima a tempo de ver Robbie entrar pela escadaria. Um olhar para ele e sentiu um frio na barriga. Ele estava conversando com Tomas e o rapaz que trouxera Gwyneth para a câmara dos doentes, mas parou quando a viu. Ela

engoliu em seco, esperando que ele não se afastasse. Seu olhar encontrou o dela e ele sorriu.

O sorriso de Robbie tinha um jeito de alcançar direto seu coração. Seus passos ecoaram nas pedras enquanto ele seguia diretamente em sua direção. Ela não poderia ter se movido se quisesse, presa ao lugar pelo olhar bonito dele.

— Caralyn, estou feliz que ainda esteja aqui. — Ele parou na frente dela e apresentou seus amigos. — Você se lembra do Tomas?

— Sim. — Ela assentiu, as mãos unidas no colo na tentativa de esconder o tremor.

— E este é Logan Ramsay, de West Lothian. O irmão dele é casado com minha irmã.

Caralyn assentiu.

— Saudações, lorde Ramsay.

Logan riu.

— Senhora, não sou um lorde, acredite em mim.

Ela não pôde deixar de sorrir em resposta ao seu sorriso e aos seus olhos franzidos.

— Capitão Grant — ela virou-se para Robbie. — Agradeço por trazer minha amiga, Gwyneth, de volta a Glasgow. Nós nos encontramos em Kirk não faz muito tempo. Fiquei muito feliz em vê-la.

Robbie suspirou.

— Devo me desculpar. Tomas e eu tínhamos toda a intenção de encontrar suas filhas quando fomos enviados nesta missão.

— Oh, bem, foi uma tarefa muito importante.

Robbie sussurrou:

— Assim como encontrar suas filhas.

Caralyn fechou os olhos e os apertou para tentar evitar que as lágrimas caíssem. Ela assentiu, mas não falou.

— Caralyn, agora somos três. Logan é um dos melhores rastreadores de todos os escoceses. Nós as encontraremos. Tendo completado tudo o que precisamos fazer para o nosso comandante, prometo focar em salvar suas filhas.

— Sim, lhe agradeço, Capitão Grant.

— Estou surpreso que o Malcolm permita que você venha ao convento.

— Sim, ele me permite vir aqui ou na igreja com escolta, quando está fora da cidade. Ele sabe que gosto de rezar quando posso. No entanto, ele

não sabe que estou ajudando as irmãs com suas doentes. Madre Mary tem mantido seus homens ocupados para que eu possa ser de assistência. — Caralyn mexeu no polegar, os olhos baixos.

— Descobriu mais alguma coisa sobre onde ele pode estar mantendo as pequenas? — Ele segurou sua mão na dele, parando seu movimento repetitivo com o polegar.

— Não, não faço ideia. — Ela levantou o olhar para ele. — Encontre minhas filhas e irei embora com você. Para qualquer lugar. — Chocada com o que acabara de dizer, ela percebeu que a declaração refletia seus sentimentos mais profundos. Às vezes, era melhor não pensar, mas seguir o coração. Robbie Grant era o seu coração.

Robbie assentiu.

— Nós as encontraremos.

CAPÍTULO QUINZE

Robbie ficou parado do lado de fora do convento, olhando de um lado para o outro na rua como se uma ideia fosse pular sobre ele. Logan e Tomas estavam com ele, todos absortos em pensamentos.

— Precisamos de um plano — Robbie declarou.

— Sim. Você tem alguma ideia de por onde começar? — Logan perguntou.

— Não. Não conheço Glasgow melhor do que você ou Tomas. Suponho que começaremos interrogando pessoas ou passando tempo no mercado, conversando com os vendedores locais. Que ideias vocês dois têm?

Uma quarta pessoa se juntou ao grupo.

— Eu irei com vocês — Gwyneth anunciou, com as mãos nos quadris como se desafiasse alguém a discordar.

Robbie perguntou:

— A senhorita conhece Glasgow?

Gwyneth assentiu.

— Conheço e encontrarei as meninas. Tenho uma intuição sobre onde Murray as esconderia na cidade.

— Então aceito sua ajuda — Robbie falou.

Logan olhou para Robbie primeiro, depois para Gwyneth.

— O quê? Você está louca, moça? Deveria estar deitada no leito, descansando.

Gwyneth retrucou:

— Vá se danar. Acha que só porque sou uma mulher, não sou forte o suficiente para me juntar aos senhores?

Logan argumentou.

— Não, acho que alguém fez um bom trabalho em surrá-la, e a senhorita está cheia de hematomas da cabeça aos pés.

Gwyneth não hesitou por um segundo.

— Isso não tem nada a ver. Essas garotas precisam ser encontradas, e sou quem vai encontrá-las. Ou será que seu pênis é tão pequeno que o senhor tem medo de mulheres só porque elas podem descobrir o tamanho?

Logan sorriu enquanto segurava a virilha.

— Gostaria de ver meu pênis e julgar por si mesma?

Um fogo queimava no olhar de Gwyneth.

— Sim, mostre, mas deixe-me pegar minha adaga primeiro. Pegarei um dos seus sacos como troféu. O último que cortei, joguei no rio.

Um silêncio mortal pairou no ar. Robbie não tinha intenção de interromper o jogo de espera de quemalaria primeiro. Gwyneth iria com eles, não havia dúvida em sua mente disso, já que precisavam de sua expertise, mas os dois precisavam chegar a um acordo um com o outro se fossem trabalhar juntos como uma equipe. Além disso, ele não se divertia tanto há muito tempo.

Depois de um longo momento, Logan sussurrou:

— Não duvido da sua força em um bom dia, moça. Mas os nórdicos tiraram seu fôlego. Posso ver o leve tremor na sua mão. A única coisa que a senhorita precisa é de descanso.

Gwyneth deu um passo mais perto de Logan.

— Felizmente, o que o senhor diz não significa nada para mim. Eu faço o que eu quiser, não o que algum homem me ordena fazer.

Robbie levantou as mãos.

— Oh, moça. Ninguém está tentando lhe dar ordens. A senhorita veio até nós, lembra?

— Sim — ela disse, seu olhar nunca deixando o de Logan. — E estou indo com os senhores.

Logan apoiou as mãos em seus quadris enquanto ele continuava a encará-la.

— Me dê uma boa razão para levá-la conosco. Eu a vejo como um obstáculo para nossa missão. A senhorita será lenta e teremos que nos preocupar com suas necessidades.

Gwyneth moveu o rosto alguns centímetros mais perto de Logan.

— Não serei lenta, e os senhores não terão que se preocupar com minhas necessidades.

Ainda encarando nos olhos de Gwyneth, Logan disse a Robbie:

— Humpf. Ouviu alguma razão para levarmos ela, Grant? Porque eu certamente não ouvi.

Gwyneth cruzou os braços na frente dela.

— Porque as meninas me conhecem. Elas nunca irão com os senhores. E não acho que queiram lidar com a troca de uma menina de dois anos assim que as encontrar.

Robbie sabia que esse raciocínio não funcionaria com Logan. Ele cuidou de seus sobrinhos.

Logan deu um passo para trás e olhou para Tomas e Robbie, uma expressão estranha no rosto. Ele finalmente baixou as mãos dos quadris e se afastou.

— Acho que ela vai conosco. Preparem-se e vamos nos mover.

Robbie levantou a sobrancelha para Tomas, mas depois deu de ombros em concordância.

— Vamos antes do pôr do sol.

Gwyneth sorriu e pulou no cavalo de Logan.

Logan rosnou:

— Moça, arrume seu próprio cavalo.

— Já arrumei. — Ela sorriu e seguiu pelo caminho.

Logan montou no cavalo de Tomas em um piscar de olhos e partiu atrás dela. Quando estava perto o suficiente, ele agarrou as rédeas, piscou para Gwyneth e disse:

— É melhor segurar firme. — Ele assobiou e seu cavalo parou abruptamente. Gwyneth quase voou para frente, embora de alguma forma ela tenha conseguido se segurar.

Gwyneth gritou.

— Oh, pare! Vou descer. Fique com seu cavalo tolo.

Logan jogou as rédeas para Tomas, que tinha se aproximado pelo outro lado com Robbie. Então, desmontando do cavalo, ele subiu atrás de Gwyneth na sela.

Gwyneth deu um grito e deu um soco nele.

— Não me toque, bruto.

Logan riu e partiu, sussurrando alto o suficiente para Robbie ouvir:

— Deveria ter pensado nisso antes de roubar meu cavalo. Agora vai comigo. — Ele a segurou contra si em um aperto firme e gritou cima do ombro. — Vamos, Grant.

Robbie sorriu. Gwyneth teria problemas com Logan Ramsay. Ela escolheu o homem errado para provocar.

CAPÍTULO DEZESSEIS

Robbie fez um gesto para Gwyneth e Logan liderarem. Depois de cavalgarem por um tempo, encontraram uma área que parecia um tanto suspeita e Gwyneth sinalizou para o grupo parar e investigar. Ele desmontou perto de várias fileiras de cabanas em ruínas. O cheiro de esgoto estava forte e montes de lixo estavam à frente de cada choupana, como se os proprietários não se importassem com suas casas. Um riacho corria atrás das fileiras, provavelmente sua única fonte de água. Dada a quantidade de esgoto por perto, era um mistério como ainda viviam ali.

Ele olhou para Logan, que também desceu do cavalo, puxando Gwyneth consigo. Assim que seus pés tocaram o chão, ela girou e acertou Logan na lateral da cabeça com o punho. Logan a virou em questão de segundos e a segurou firmemente na frente dele. Gwyneth lutava para se libertar, mas Robbie sabia que ela não tinha chance. Logan era grande e de ombros largos, com um corpo revestido de músculos sólidos. Robbie confiava nele para fazer o que era certo, então ele e Tomas ficaram de lado para deixá-los resolver suas diferenças.

— Me largue, seu touro maldito. — Gwyneth lutava para manter algum senso de compostura.

Logan a apertou contra o peito e falou em seu ouvido.

— Agora, tenho total controle sobre você, moça.

— Sim, solte-me, seu brutamontes mal-educado! — Ela lutava até que seu rosto ficou vermelho, cuspiendo e chutando qualquer coisa que conseguisse alcançar.

— Lembre-se disso. Eu tenho total controle sobre você. Você não tem poder sobre mim sem suas armas. Concorde?

— Sim — ela rosnou.

— Então saiba disso. Eu nunca a machucarei ou forçarei. Se eu quisesse, poderia jogá-la no chão e fazer o que quisesse. Mas não farei. Sabe por quê?

O único som vindo de Gwyneth foi um rosnado baixo enquanto ela lutava para se libertar do agarre de Logan.

— Muito bem, vou contar mesmo que não esteja inclinada a ouvir, por favor me ouça bem.

Gwyneth conseguiu dar um chute na canela dele enquanto continuava a se debater.

— Moça, eu nunca a machucarei. Não machuco mulheres. Não está em mim, nem em meus amigos. Você precisa aceitar isso. Existem dois tipos de homens, os que batem em mulheres e os que não batem. É lamentável que os únicos homens que você conheceu sejam uns tolos, mas não sou um deles. Gosto que minhas mulheres estejam dispostas e nunca bato.

Ele continuou sussurrando até que ela parecesse menos agitada.

— Mas vou me proteger. Pode prometer não me bater nem em meus amigos? Não vou soltá-la até que concorde.

Ela se acalmou, mas não concordou. Logan continuou.

— Estou aqui para salvar as pequenas. Tenho uma sobrinha chamada Lily que adoro. Ela é um pouco mais velha que Gracie, e eu mataria qualquer homem que ousasse machucá-la. Então você precisa decidir. Vai se juntar a nós para ajudar a salvar as meninas, ou continuará tentando me fazer pagar por quaisquer atrocidades que você tenha sido obrigada a suportar, o que vai atrasar consideravelmente o nosso resgate?

Uma lágrima escorreu pela sua bochecha antes de ela assentir.

— Eu vou soltá-la, e juro por todos os santos, se você me atacar, vou amarrá-la naquela árvore enquanto procuramos pelas meninas. Não a trouxemos para nos atacar. — Logan relaxou os braços e ela se afastou dele.

Gwyneth engoliu três vezes antes de falar.

— Pense bem, Gwyneth. Vou ajudá-lo a amarrá-la naquela árvore se for necessário. Estou aqui por Ashlyn e Gracie. E você? — Robbie esperou pela resposta dela enquanto organizava suas armas.

— Sim. Me diga o que fazer. Eu posso matar o Logan enquanto ele dorme esta noite. — Ela estava com as mãos cruzadas atrás das costas como se não confiasse em si mesma.

— Esta é a área mais provável, Gwyneth? — Robbie perguntou.

— Sim, algumas são apenas pobres, mas muitas são questionáveis. — Robbie notou que ela se recusava a olhar para Logan.

— Alguma fileira específica? — Tomas perguntou.

— Não, elas podem estar em qualquer lugar. Precisamos olhar mais de perto. — Robbie percebeu que Gwyneth lutava para manter o controle, então tomou sua decisão. Precisava separar Logan dela.

— Quero que cada um de vocês vasculhe as duas fileiras de choupanas para ver se encontra algum sinal das crianças. Talvez ouçamos vozes ou

choro, qualquer coisa. É uma área com muitas choupanas por causa do riacho. Se olharem naquela direção, acho que encontrarão outra fileira ao redor da curva no riacho. Nos encontramos aqui daqui a uma hora. — Ele atribuiu uma fileira a cada pessoa e se separaram, cada um segurando as rédeas do seu cavalo enquanto avançavam.

Robbie vasculhou a área que escolhera, mas não encontrou nada. Ouviu atentamente, mas não havia nada além de discussões e roncões. A escuridão estava quase sobre eles. Olhou para o céu, pensando em Ashlyn e Gracie. Infelizmente, Gracie nunca falava, e ele nunca a ouvira chorar. Sua irmã mais velha se apegava a ela, sempre assumindo o papel de guardiã. Nenhuma delas era barulhenta. Como descobririam o paradeiro delas?

Voltou, esperando que alguém tivesse tido mais sucesso do que ele, quando notou Gwyneth correndo em sua direção

— O que foi, Gwyneth?

Ela parou para recuperar o fôlego.

— *Rags* — ela ofegou.

— O quê? — Robbie não conseguia entender o que diabos ela estava falando.

— *Raggies*. As *fraldas* de uma criança. — Ela apontou para uma choupana. — Um monte inteiro de trapos encharcados de urina está na frente daquela cabana.

Robbie fez seu chamado de pássaro, e Tomas e Logan correram para o seu lado.

— Acho que podemos ter encontrado, se a Gwyneth estiver certa. — Ele apontou para a choupana em questão. — Gwyneth, você vá até a porta para ver se as meninas estão lá e quantos guardas estão vigiando-as. Pergunte pelo pub mais próximo e finja que está perdida. Prometo protegê-la enquanto Tomas e Logan vão pelos fundos.

Gwyneth tropeçou pelo caminho da frente, fazendo barulho enquanto Robbie e os outros se posicionavam.

Uma mulher magra abriu a porta, com uma criança em cada braço. Gwyneth ficou ali parada, percebendo que tinham escolhido a casa errada. Seu olhar vasculhou o interior, mas não havia outras crianças à vista.

— Senhora, parece que cometi um engano. Há outras crianças na área? Duas pequenas meninas? Vim visitar minha amiga.

A mulher balançou a cabeça e começou a fechar a porta, mas parou.

— Sim, eu vi duas crianças do lado de fora, cuidando de suas necessidades ontem. Uma tinha cabelos castanhos e a outra loira. Elas estão no final da trilha. — Seu dedo apontou na direção do riacho.

— Agradecida. — Gwyneth assentiu. Assim que a porta se fechou, ela se virou para Robbie e ele assobiou para que seus amigos se juntassem a eles.

Quando Logan e Tomas voltaram, Tomas perguntou:

— Nada? Lugar errado?

Robbie disse:

— Sim, mas ela nos indicou a choupana que precisamos. Mesmo plano, mas abaixo do caminho.

Eles seguiram para a cabana suspeita e armaram a mesma cena. Robbie esperava que isso não se desenrolasse por dez cabanas antes de encontrarem as garotas. Gwyneth tropeçou pelo caminho novamente para que Logan e Tomas pudessem ir pelos fundos. A porta da frente se abriu, e um tolo acima do peso abriu a porta.

— Fingal, veja o que encontrei. — Ele estendeu a mão para Gwyneth. — Um brinquedo. Agora temos algo para nos entreter.

Robbie pôde ver que foi preciso todo o controle de Gwyneth para permitir que o homem a tocasse e a puxasse para dentro. Ele se aproximou da porta para dar uma olhada. Justo quando chegou à entrada, ouviu um barulho vindo de trás. Pulando para dentro, viu as duas garotas encolhidas no canto, os braços de Ashlyn envolvendo Gracie. Ele ergueu a mão para Ashlyn para garantir que ficassem fora do caminho.

O brutamontes estava com o braço em volta de Gwyneth e uma faca em sua garganta. Fingal estendeu a mão para as meninas, mas Tomas o girou e o pressionou contra a parede, com sua espada em sua garganta.

Robbie falou:

— Solte-a, e meu amigo soltará seu camarada. — Ele não viu mais ninguém dentro. Eram apenas os dois.

O brutamontes cheirava a medo.

— Não, solte Fingal e iremos embora. Vocês podem ficar com as garotas. Soltem-no ou corto a garganta dela.

Logan avançou mais para dentro e ficou ao lado de Gwyneth e do tolo, ainda a uma distância para não fazer o idiota perder o controle. Robbie pôde perceber que seu cunhado estava se posicionando para um bom golpe.

— Mais um passo e eu a mato. Deixe-nos ir e vocês podem ficar com as três vadias.

— Isso seria impossível. — Um sorriso apareceu no rosto de Logan. — Essa é minha moça que você está segurando.

Fingal disse:

— Não queremos problemas. Podem ficar com ela. Deixem-nos ir.

— Não posso fazer isso — Logan falou.

— Por quê? — Seu olhar se alternava entre Logan e Tomas, cuja espada ainda estava posicionada na garganta de seu camarada.

— Porque você tocou na minha garota e ninguém a toca. — Logan arremessou a faca e ela acertou o lado do homem, entre as costelas. Um estranho som de borbulho surgiu dos lábios do homem enquanto ele deixava cair a faca e olhava para Logan, seus olhos cheios de choque, e então para a faca em seu lado. Ele desabou no chão.

Fingal gritou:

— Você matou meu irmão. — Ele puxou sua própria faca e tentou esfaquear Tomas, mas a faca de Robbie acertou seu corpo no mesmo instante em que Tomas perfurou seu pescoço com a espada.

Fingal caiu no chão, morto.

CAPÍTULO DEZESSETE

Gwyneth correu até as duas meninas no canto. Ashlyn gritou *Gwyneth!* antes de pular em seus braços. Mas quando a moça se inclinou para pegar Gracie também, a pequenina passou direto por ela, correndo para os braços de Robbie. Ele a pegou, e ela envolveu os braços em seu pescoço e escondeu a cabeça em seu ombro.

O nariz de Gwyneth enrubesceu e Ashlyn começou a chorar.

— Estamos fedendo, Gwyneth. Além de trocar as roupas da Gracie uma vez por dia, eles não nos deixavam nos limpar. Estamos sujas. A mamãe ficaria tão chateada.

Robbie disse:

— Não temos tempo para limpá-las agora, Ashlyn. Precisamos ir.

Logan passou um jarro para Tomas e disse:

— Pegue um pouco de água do riacho.

— O que está fazendo, Ramsay? — Robbie grunhiu de cima da cabeça de Gracie.

— Minha aposta é que vocês irão mandá-las para o norte, certo? Para seu clã?

— Sim. Então como isso muda a situação?

— As crianças não querem ficar sujas e temos uma longa viagem pela frente. Quanto mais viajarmos, mais frio será para elas. É melhor limpá-las agora, perto do riacho.

Finalmente, Robbie concordou e colocou Gracie no chão enquanto Tomas corria para pegar a água. Se Logan queria assumir o comando disso, então ele concederia seu desejo.

— Precisamos limpar vocês antes de irmos — Robbie disse para a pequenina. — Então eu prometo levá-las longe daqui.

Alguns momentos depois, Tomas entrou com a água. Robbie, Gwyneth e Tomas olharam para o jarro, sem saber o que fazer em seguida. Tomas finalmente o colocou no chão, então ele e Robbie arrastaram os dois corpos para fora do caminho, cobrindo-os.

Enquanto faziam o trabalho desagradável, Logan pegou uma grande bacia e despejou a água nela. Quando os dois homens terminaram sua tarefa, ele entregou tigelas e baldes para os outros adultos e disse:

— Mais.

Robbie decidiu que era o melhor trabalho para ele. Não sabia nada sobre lavar crianças e, julgando pela expressão de Tomas e Gwyneth, eles também eram igualmente ignorantes.

Quando voltaram, Logan havia rasgado tiras de linho da camisa de Ashlyn e as meninas estavam esfregando o rosto com o pedaço de sabão que ele sempre carregava. Ele despejou os novos baldes de água fresca na bacia, tirou o vestido e o pano de Gracie, a pegou pelas axilas e perguntou:

— Pronta, mocinha?

Gracie assentiu e Logan mergulhou seu traseiro na bacia e a girou dentro dela. A menina deu um gritinho e riu, enquanto todos olhavam incrédulos. Robbie nunca tinha visto a garotinha sequer sorrir. Agora ela estava rindo com Logan?

Ele a tirou de lá e a entregou para Gwyneth com uma tira de linho.

— Seque-a. — Então ele virou as costas, estendeu sua manta para o lado e disse para Ashlyn:

— Há outra bacia de água fresca. Faça o que precisar, mocinha. Não vamos olhar. Gwyneth pode ajudar se precisar.

Enquanto esperavam por Ashlyn, os companheiros de Logan o encaravam incrédulos.

— O que foi?

Robbie riu.

— Você tem talentos até mesmo eu não esperava, Ramsay.

— Eu te disse que tenho uma sobrinha, mas também tenho um sobrinho, e ambos eram doentes e sem mãe. Aprendi como cuidar deles. Não é tão difícil.

Assim que Ashlyn terminou, eles seguiram para os cavalos. Ashlyn foi com Tomas e Gracie com Robbie. Eles seguiram para o norte e fora da cidade. Assim que encontraram uma clareira, Robbie parou e eles juntaram um grupo de toras para fazer uma fogueira.

— Maldição, Grant. Pensei que voltariamos para o convento para encontrar Caralyn — Gwyneth falou.

— Não, já está escuro e ela estará com Murray agora. Ele ainda a controla. — Ele puxou as duas garotas para perto e falou diretamente com elas. — Meninas, sei que vocês querem ver sua mãe, mas não seria seguro agora.

Ashlyn assentiu, mas seus ombros caíram.

— O senhor consegue tirá-la de Malcolm, Capitão Grant? — ela perguntou em voz baixa. — Não gostamos dele.

Dois rostinhos olharam para cima para ele e seu coração se partiu. Sabia que elas não ficariam felizes com sua decisão, mas Robbie tinha adivinhado seus desejos corretamente. Ele decidira que a melhor maneira era mandá-las para as Terras Altas.

— É exatamente isso que pretendo fazer, Ashlyn, mas preciso ter certeza de que vocês duas estão seguras primeiro para que ele não possa vir e levá-las embora novamente. Sua mãe é obrigada a fazer o que ele quer quando ele as mantém longe dela. Vocês entendem?

Ashlyn assentiu.

— Acho que sim. Sempre o ouço dizer para mamãe que vai nos machucar, e ele nos bateu uma vez enquanto a mamãe gritava e chorava. Ela disse para ele que faria o que ele quisesse se ele parasse de nos machucar. Não quero voltar para ele nunca mais. Onde o senhor vai nos esconder?

— Vou mandar vocês para um lugar maravilhoso, mas vai demorar um pouco para chegarem lá, então preciso que sejam fortes. E vocês não vão ver a mamãe por um tempinho, mas todo mundo nesse lugar vai amar e cuidar de vocês, e eu prometo que vamos nos juntar a vocês em breve. Vai ter outras crianças para vocês brincarem, mas, acima de tudo, sei que estarão seguras.

— Onde é isso? — Ashlyn o encarou, de olhos arregalados. — Nós nunca brincamos com outras crianças.

— Vou enviá-las para o meu clã. Vocês vão para as Terras Altas, para a fortaleza dos Grant, um grande castelo com muitas pessoas boas para amar e cuidar de vocês.

— A mamãe vai junto, também?

— Sim, assim que eu resgatar sua mamãe, vou levá-la até vocês.

— Não podemos esperar? — Ashlyn sussurrou.

— Não, Malcolm vai tentar encontrá-las de novo. Preciso levá-las o mais longe possível daqui. Me desculpe, mocinha, mas é a única maneira.

Ashlyn ponderou sobre o que ele disse, então assentiu. Ela segurou a mão de Gracie.

— Desde nos leve juntas.

— Sim, vocês irão juntas.

— Como vamos chegar lá? — Ela mordeu o lábio enquanto olhava para o grupo ao seu redor.

— Logan e Gwyneth vão levá-las. Tomas e eu vamos encontrar sua mamãe. — Robbie sabia que ainda estava agindo como o Capitão dos guerreiros Grant ao falar antes de perguntar a eles, mas estava disposto a arriscar.

Gwyneth fez um som estrangulado.

Ashlyn olhou para ela.

— Gwyneth, você vai conosco? Por favor?

A moça assentiu, mas lançou a Robbie um olhar duro que ele não pôde ignorar.

— Tomas, leve as meninas e arranje bolinhos de aveia para elas. Meninas? Vocês estão com fome, não estão? — As duas assentiram e seguiram Tomas até os cavalos.

Assim que eles se afastaram, Gwyneth aproximou-se dele, não parando até estar a menos de um centímetro de seu nariz.

— Não pode estar falando sério. Eu não vou viajar com aquele bruto.

— Gwyneth, estou tentando fazer o que é melhor para as meninas. Preciso de pessoas em quem confio para viajar com elas pelas Terras Altas, o que não será uma viagem fácil nesta época do ano. Tenho mais quatro guardas perto de Glasgow que enviarei com vocês como proteção.

— Tudo bem, então mande o Tomas conosco. Logan pode ficar aqui.

Logan ficou atrás dela, com os braços cruzados sobre o peito e um sorriso debochado no rosto.

— Não, Logan conhece as Terras Altas melhor do que qualquer pessoa que eu conheço, e ele também é o melhor rastreador. Eu me sentiria melhor se ele estivesse com vocês. Ele não só liderará o grupo, mas também rastreará à frente e garantirá que ninguém esteja na área. Viajar com duas crianças é muito arriscado. Existem javalis selvagens e lobos. Você protegerá as meninas enquanto Logan lidera, rastreia e mata quando necessário.

— Mas eu nunca estive nas Terras Altas. Não quero ir tão para o norte. É congelante lá em cima. — Ela esfregou os braços enquanto falava.

— Você não me disse que é boa com arco e flecha? — Robbie perguntou.

— Sim, sou, mas...

— Então você também pode ajudar a encontrar comida. Veja como Ashlyn está magra. Certamente elas não foram alimentadas muito bem, e Ashlyn dá a Gracie a parte dela de qualquer comida que recebem. Preciso que cuide delas. Não será uma jornada fácil, e as meninas precisam de você. E acho que Caralyn se sentirá melhor se souber que você está com elas. Estou pedindo que deixe seus problemas com Logan de lado pelas meninas. Uma vez lá, você pode fazer o que quiser, mas tenho certeza de que Caralyn apreciaria se você esperasse até ela chegar, antes de partir, e acho que as meninas se sentirão mais seguras com você por perto.

Gwyneth olhou para Robbie, depois para Logan, com as mãos nos quadris.

— Moça, acho que você pode gostar das Terras Altas. É uma terra linda, e você pode ficar o tempo que quiser no clã Grant. Vamos recompensá-la quando eu chegar. Faça uma visita à nossa armaria; encontre novas armas para seu arsenal. Vou lhe pagar com roupas de lã para o inverno. Sejam quais forem suas necessidades, me avise.

Logan suspirou, o sorriso desaparecendo do rosto.

— Moça, eu prometi isso antes, e vou fazê-lo novamente: você tem minha palavra de honra do clã Ramsay de que não vou tocar em você a menos que peça. Vou controlar minhas brincadeiras pelas meninas. Acho que Ashlyn se sentirá mais confortável indo com você.

Ele foi até seu cavalo e pegou uma de suas plaids.

— Aqui, você pode usar isso quando ficar com frio, e *vai* fazer frio, especialmente à noite.

Ela olhou para Logan, depois foi pegar a plaid que ele ofereceu, jogando-a sobre os ombros e amarrando-a em torno de sua cintura.

— Senhor, me dê forças. Grant, preciso pegar seu cavalo emprestado antes de irmos, para avisar minha família dos meus planos. — Ela caminhou para dentro das árvores antes de gritar por cima do ombro. — Vou precisar do meu próprio cavalo, e eu não sou sua moça, Ramsay.

Logan sorriu e disse para Robbie, para que ela não ouvisse:

— Agora é, com minha plaid em você.

Tomas entrou na clareira com as duas meninas em fila, uma expressão perplexa no rosto.

— Acabei de ver Gwyneth com sua plaid, Ramsay?

— Sim, mas aparentemente ela não sabe o que isso significa, então fique quieto sobre isso. Vai ser uma viagem fria, sabe disso. — Logan disse,

piscando para ele. Ele se abaixou para pegar a pequena Gracie, que não ofereceu resistência.

Robbie deu a Tomas mais uma tarefa antes de enviar Logan e Gwyneth para as Terras Altas.

— Não quero esperar muito, Tomas. Encontre provisões e os guardas, e volte. Provavelmente só temos algumas horas até que Murray descubra que as meninas estão desaparecidas. Ele pode enviar guardas imediatamente.

Logan disse:

— Não se preocupe. Se eles fizerem isso, vamos despistá-los.

Depois que Tomas partiu, Robbie sorriu para Logan.

— Duvido que você tenha dado a plaid para Gwyneth apenas para protegê-la do frio. Quade vai adorar ouvir isso.

— Sim, falei a sério na cabana. Ela é minha e ninguém a toca. A plaid garantirá que seus guardas saibam seus limites. — Então ele riu. — Só não informe ela sobre o significado. Não entendo por que ela não sabe, mas talvez não façam isso nas Terras Baixas a oeste de Glasgow. E vou contar ao meu irmão quando ele precisar saber.

Duas horas depois, o grupo estava selado e pronto para partir, incluindo os guardas. Logo antes de Gwyneth montar, uma Gracie de semblante sombrio correu até Robbie e ergueu os braços para ele. Robbie a pegou no colo e ela sussurrou em seu ouvido.

— Por favor, salve a minha mãe. — Ela segurou o rosto dele com suas mãozinhas e lhe deu um beijo antes de pular para baixo e correr de volta para Gwyneth.

Aquelas seis palavras foram as primeiras que ele já ouvira Gracie proferir.

CAPÍTULO DEZOITO

No dia seguinte, Caralyn foi autorizada a ir ao convento novamente. Ela tinha ido ajudar Irmã Donna com mais novas chegadas, incluindo uma que estava grávida, e de repente se viu no meio do parto de um bebê. Felizmente, Caralyn não teve muito tempo para pensar, caso contrário, teria ficado com muito medo para ajudar. Ainda bem, porque ela ficou desapontada ao ver que Gwyneth tinha partido.

Depois de limpar e secar as mãos, voltou ao lado de Irmã Donna e pegou o recém-nascido em seus braços. Ela o limpou enquanto a irmã limpava a mãe. Agora, ela só podia ficar olhando para o bebê maravilhada.

— Posso segurá-lo? — a mãe perguntou.

— Claro — Caralyn respondeu. Ela entregou o recém-nascido para a mãe. Que egoísta da parte dela querer segurar o garoto. Ele era perfeito. Caralyn chegara bem a tempo antes de seu cabelo escuro emergir da mãe, mas alguns empurrões antes de ele entrar no mundo. Ela ajudara Irmã Donna a amarrar o cordão umbilical e assistira maravilhada enquanto a nova mãe entregava a parte que seguia o nascimento. Encantada com sua tarefa designada, ficara mais do que feliz em limpar o novo rapazinho enquanto ele continuava a anunciar sua presença para o mundo.

Era hora de se despedir após a experiência maravilhosa. Desculpou-se com Irmã Donna, sabendo que Malcolm estaria em casa em breve. Ela não queria chegar lá depois dele.

De volta ao castelo de Malcolm, ela subiu os degraus até sua câmara, ainda saboreando a magia e o espanto da nova vida. O estrondo da porta para o grande salão foi um choque, e ela precisou se agarrar ao corrimão para não cair escada abaixo. Quando olhou por cima do ombro, Malcolm estava parado na base da escada.

— Onde elas estão? — ele rosnou.

Um medo crescente subiu pela espinha dela.

— O quê? Quem? Do que você está falando, Malcolm?

Ele a seguiu até os degraus e a empurrou o resto do caminho para cima e através da porta de sua câmara. Ele torceu o braço dela para trás.

— Suas filhas desapareceram e dois dos meus melhores homens estão mortos. Quem fez isso? — Ele apertou ainda mais seu braço até que cada dedo cravasse em sua carne.

— Do que você está falando? Minhas filhas? Você perdeu minhas crianças? Ah, Deus misericordioso, me ajude. Onde estão minhas meninas?

— Não minta para mim, vadia. Você sabe onde elas estão. — Ele encarou Caralyn, sua fúria tão potente que ela podia sentir a força dela.

— Malcolm, não sei onde elas estão. Você checkou em todos os lugares? Gracie gosta de se esconder. Talvez elas estivessem se escondendo.

Ele a puxou com mais força para perto dele.

— Elas não estão se escondendo! Eu disse que meus homens estavam mortos. Um levou uma facada na garganta e o outro nas costelas. Eles não estão respirando. Isso é tudo culpa sua! Aquele capitão... qual era o nome dele? Ele a queria, eu pude perceber.

— Capitão Grant? Por que ele roubaria duas meninas inocentes? Por favor, Malcolm. Me solte. Você está me machucando.

— E caso você tenha alguma ideia tola, saiba que nunca vou deixá-la ir. Vou segui-la até o fim da terra e trazê-la de volta para o meu lado. Você é minha e nenhum Highlander selvagem me assusta. Onde quer que você vá, eu vou segui-la. E quando eu a encontrar, vou bater até você sentir tanta dor que não consiga se mexer por três luas.

Malcolm a jogou no leito antes de virar-se e sair pela porta. Ele fechou a porta e a trancou lá dentro.

— Você não irá a lugar algum. Ouviu? Lugar nenhum.

Caralyn respirou fundo três vezes para diminuir o sangue disparando pelo corpo de medo. Ela nunca vira Malcolm dessa maneira. Ele tinha ficado com raiva antes, mas agora estava louco. Tinha que ser Robbie. Sim, Malcolm sabia quem tinha levado suas filhas. Agora ela estava presa.

Leve-as para um lugar seguro, Robbie. Por favor, proteja-as. Ela tinha que acreditar que finalmente a coisa certa tinha acontecido. Suas meninas estariam seguras.

O que significava que Robbie viria buscá-la em breve.

No meio da noite seguinte, ela ouviu um arranhão distante contra a pedra. Pulou da cama, agradecida por Malcolm ainda estar fora, e correu para a janela, seu coração batendo rápido no peito enquanto ela puxava as peles para ver quem estava do lado de fora. Suspirou ao espiar pelo lado da parede de pedra.

O Capitão Robbie Grant estava escalando o lado do castelo novamente. Ela rapidamente trocou o camisão de dormir por um vestido e calçou meias e botas de lã quentes. Sempre tinha uma pequena bolsa com alguns itens essenciais pronta, então ela a pegou e ficou ao lado da janela, torcendo as mãos em suas saias. Isso poderia estar acontecendo? Ela finalmente estaria livre de Malcolm?

Momentos depois, a mão de Robbie se estendeu pelas peles e sua cabeça apareceu na câmara enquanto ele se segurava na beirada.

— Você está pronta, moça?

Caralyn correu para a janela.

— Você pegou minhas filhas?

— Sim, peguei. Elas estão longe dos brutamontes. Estou aqui para levá-la até elas.

Ela não conseguia se conter. Segurou o rosto de Robbie e o beijou rapidamente nos lábios.

— Obrigada. — Quando levantou os lábios, seu olhar encontrou o dele e ela corou.

— Eu que agradeço, moça, mas se me beijar mais do que isso, vai me fazer perder o equilíbrio e cair.

Sua mão voou para a boca para cobrir um suspiro.

— Oh, sinto muito.

Robbie sorriu.

— Eu não. Você sabe que amo o seu sabor, moça, mas não me faça perder a cabeça ainda.

Ela riu e ele pulou para dentro da câmara. Antes que ela percebesse, ele a ergueu em seus braços e voltou para a beirada.

— Pronta, moça? Agora segure-se na minha cintura.

Caralyn assentiu com a cabeça e o abraçou firmemente. Apoio a cabeça contra o peito dele e tentou esconder seu suspiro de felicidade. Robbie era tão forte e gentil, tudo o que ela sempre quis em um homem. Ele cheirava a madeira e pinheiro, além das folhas de hortelã que frequentemente mastigava. Seu poder deveria ser suficiente para afastar qualquer homem. *Segura*, ela se sentia segura em seus braços.

Se alguma vez ela desejou um homem, seria ele o escolhido.

A voz de sua mãe interrompeu seus pensamentos. *Eu lhe disse, um homem assim nunca se interessaria por você. Ele nunca se casaria com você, especialmente sabendo do seu segredo.*

Ela fechou os olhos para afastar a mãe. *Por favor, mamãe. Eu não mereço felicidade também?*

Eles pousaram com um leve baque e Robbie a colocou cuidadosamente no chão antes de levá-la até seu cavalo. Ela notou que Tomas não estava longe, e havia mais dois guerreiros mais adiante no caminho.

Caralyn se acomodou na frente de Robbie em seu cavalo e se inclinou contra ele, permitindo que a intimidade do contato invadissem seus sentidos. Eles cavalgaram por quilômetros. Quanto mais avançavam, mais a escuridão da noite contra a lua brilhante aumentava sua ansiedade. O medo de estarem sendo seguidos a consumia, e ela continuava achando que ouvia outros cavalos atrás deles. Algumas horas depois, ela não conseguiu mais se conter.

— Pare. Por favor, pare. — Ela virou-se para olhar Robbie. — Preciso parar por um momento.

Robbie encontrou um pequeno clareira e fez sinal para seus homens pararem.

— Moça, se precisar cuidar de suas necessidades, é só dizer. — Ele a ajudou a descer do cavalo e fez um gesto para seus homens inspecionarem a área para segurança.

— Não, quero dizer, sim. Por favor, espere. Minhas meninas. Onde estão minhas filhas? — Ela precisava saber mais; não aguentava mais o suspense por mais um momento.

— Oh, moça. Nós temos suas meninas. Eu as enviei adiante há algumas noites. — Ele afastou um fio de cabelo solto de sua testa.

Caralyn segurou o rosto entre as mãos.

— Oh, graças aos santos acima, e obrigada a você e seus homens, Capitão Grant. Elas estão bem?

— Sim, elas estavam sujas e famintas, mas nenhum mal foi feito a elas.

— E você as alimentou? — Ela sabia que era uma pergunta ridícula. Claro que ele as teria alimentado, mas ainda precisava saber.

Robbie sorriu.

— Sim, é claro. Nós as alimentamos, e Logan e Gwyneth as limparam antes de partirmos.

— Logan lavou minhas meninas e elas aceitaram isso? — Ela não podia acreditar no que ouvia. A pequena Gracie odiava homens estranhos.

— Sim, não são muitos de nós quem têm muita experiência nisso. Ashlyn ficou chateada por não terem sido autorizadas a tomar banho. Logan

tem uma sobrinha da idade da Gracie. Ele cuidou da pequena e Ashlyn cuidou de si mesma.

Ela suspirou.

— Obrigada novamente. Onde você as levou?

— Caralyn, relaxe. As meninas estão bem, mas vai demorar um tempo antes de chegarmos até elas.

Por algum motivo, ela não confiava na expressão no rosto de Robbie. Ele estava ansioso, mas ela não conseguia decidir por quê.

— O que você quer dizer? Onde elas estão? — Ela torceu as mãos, aguardando sua resposta.

Robbie segurou suas mãos nas dele, esfregando-as para aquecê-las no ar frio da noite.

— Eu as enviei para o único lugar onde eu poderia garantir a segurança delas... minha casa, o Clã Grant.

— Você não quer dizer as Terras Altas. Quer? — Seus olhos se arregalaram enquanto ela falava.

— Sim, moça. Eu as enviei para minha casa nas Terras Altas.

Santos acima, ela desmaiaria com certeza. Suas filhas estavam muito longe dela agora.

— O quê? Com quem? Quem está com as minhas crianças? Oh, por todos os santos, minhas crianças nunca conseguirão atravessar as Terras Altas. Como pôde fazer uma coisa dessas? Elas são pequenas. — Ela arrancou as mãos das dele e andou em círculos, as mãos apoiadas nos quadris.

— Caralyn, elas estão com Logan Ramsay e Gwyneth e quatro dos meus guerreiros. Eu prometo que eles as levarão em segurança.

— Como pôde enviar minhas meninas com cinco homens estranhos? — O tom de sua voz quase chegara a um grito. Sua cabeça latejava enquanto todos os seus medos corriam por sua mente.

Robbie se aproximou e a segurou pelos ombros.

— Se acalme e pare de gritar. Não precisamos chamar a atenção para nós.

Caralyn passou a mão pela boca, reconhecendo a verdade em suas palavras. Mas ainda temia por suas meninas... tão longe e com estranhos. Ela segurou a cabeça nas mãos quando as lágrimas começaram.

— Não, não.

Robbie lhe lançou um olhar confuso.

— Moça, prometo a você, nada de ruim acontecerá às suas meninas. Eu confiaria nesses homens com minha vida. Você não confia na Gwyneth?

— Sim, eu confio na Gwyneth. Mas elas raramente estiveram longe de mim. Somente por causa de Malcolm, e ele as enviou com dois homens maus. Agora elas vão com outros. — Ela segurou o braço de Robbie. — Eu me preocupo com elas. Elas pareceram aceitar isso?

Robbie envolveu os braços ao redor dela.

— Caralyn, eles são das Terras Altas. Vivem e respiram honra. As meninas estavam bem com eles. E Gracie estava confortável com Logan, acredite ou não. O importante é que elas estão seguras.

Caralyn segurou sua túnica de lã e soluçou em seu peito. Ele estava certo, ela sabia. Só não conseguia suportar ficar longe de suas meninas por mais tempo. Não as via há tanto tempo, e agora demoraria ainda mais. Ela tinha pensado em vê-las em um dia ou algo assim, assim que Robbie a tivesse resgatado.

Ele a segurou com firmeza e passou os dedos pelo seu cabelo, massageando seu pescoço.

— Elas estão bem. Por favor, me ouça antes de chorar mais.

Sua voz suave a acalmou e ela se agarrou a ele, permitindo que sua voz acalmasse suas emoções caóticas.

— Eu as enviei para as Terras Altas porque Malcolm nos seguirá. Não acho que ele deixará você partir facilmente. Ele estará em perseguição assim que reunir um grupo de guerreiros. Eu queria que suas meninas estivessem seguras. Logan é o melhor rastreador e um dos melhores espadachins de todos os escoceses. Gwyneth é talentosa com arco e flecha, assim como dois dos outros homens. Você não concorda?

— Sim, você está certo. — A mão dele havia caído para suas costas e a estava acariciando suavemente ali, seu toque aliviando os músculos tensos. Enfim relaxando, ela disse a si mesma para deixá-lo assumir o controle, deixar este homem cuidar dela e de suas meninas. Talvez pudesse deixá-lo se preocupar por um dia para que ela pudesse descansar, por mais difícil que fosse, já que tinha confiado em si mesma por tanto tempo.

— Enquanto cavalgamos, eu vou lhe contar tudo sobre o Clã Grant. Acredite em mim, as meninas vão adorar estar lá, e minhas irmãs e a esposa do meu irmão vão cuidar bem das suas filhas.

— Elas vão? — Sua voz mal passava de um sussurro. Pensou em tudo o que sabia sobre Robbie Grant, o homem que lhe dera esperança pela

primeira vez em anos, como uma flor finalmente desabrochando dentro dela, o homem que a salvou e a suas meninas de uma vida no inferno. Ele fez tudo isso, e ela tinha gritado com ele.

— Vou contar mais duas coisas para tranquilizar sua mente, e depois temos que ir. A esposa de Alex, Maddie, foi maltratada. Confie em mim quando digo que ela não permitirá que nada de ruim aconteça com suas meninas. E segundo, Logan é tio de duas crianças que eram tão doentes que ele era obrigado a cuidar delas às vezes. Seu irmão disse que ele cuidava delas melhor do que qualquer mulher poderia. Logan ama as crianças. Você pode confiar nele.

Ela assentiu com a cabeça preguiçosamente, mas não o soltou.

— Teremos uma jornada difícil o suficiente só nós quatro. Dei a Logan e Gwyneth uma vantagem de dois dias para garantir que eles levassem as meninas para a segurança a tempo. Nós talvez tenhamos que lidar com Malcolm, mas eles não. — Robbie recuou e levantou o queixo dela com os dedos. — Podemos ir para ficarmos bem à frente de Malcolm? Eu me preocupo com você também.

Caralyn assentiu e então apontou para os arbustos. Robbie se inclinou e beijou seus lábios, um beijo suave, terno, que derreteu seu coração. Algum dia ela já tinha sido beijada por um homem sem intimidade em mente? Ele a empurrou levemente na direção dos arbustos enquanto caminhava na direção oposta.

Alguns minutos depois, ela saiu dos arbustos nos braços dele, entregando-se a ele, permitindo que ele cuidasse dela. Ele a acomodou na frente dele no cavalo e galopou para longe, com os outros os seguindo.

Ela dormiu em segundos.

CAPÍTULO DEZENOVE

Robbie gostava bastante da sensação de ter Caralyn na frente dele em seu cavalo. As curvas dela se encaixavam perfeitamente em seus braços. Até agora, tudo havia funcionado conforme o planejado, e ele confiava que Logan e os outros atravessariam as Terras Altas sem dificuldades e levariam as meninas em segurança para o seu clã.

O que o preocupava era Malcolm.

Podia dizer pelo brilho duro nos olhos do homem que ele não desistiria facilmente. Tudo era uma competição para ele, e ele seguiria Caralyn. Seus devaneios foram interrompidos quando ela se reposicionou na sela. Minha nossa, mas toda vez que ela mexia o bumbum, seu membro se erguia imediatamente. Sabia que ela não era inocente e podia sentir a pressão, mas ela ignorava. Até que era melhor assim. Não havia nada que pudessem fazer enquanto estavam a cavalo.

Algumas horas depois, ela acordou abruptamente, agarrando o braço dele como se quisesse ter certeza de que Robbie ainda estava lá. Ele a apertou de leve, e a moça instantaneamente relaxou. Depois de um momento de silêncio, ela virou a cabeça para trás sobre o ombro dele.

— Me conte sobre o seu clã.

Ele sorriu e assentiu.

— Sim, meu irmão, Alex, é o chefe do clã e é casado com Maddie. Eles têm dois meninos da mesma idade da Gracie e uma garotinha chamada Kyla. Meu outro irmão, Brodie, é mais jovem que eu, mas se casou recentemente, e sua esposa, Celestina, está envolvida nas políticas escocesas e norueguesas. Ele a perdeu e depois a encontrou novamente, mas essa é uma longa história.

Ele fez uma breve pausa e continuou:

— Minha irmã, Brenna, é curandeira e mora em West Lothian com seu marido, Quade Ramsay, mas eles estão atualmente no forte Grant, no norte.

— Ele é parente de Logan?

— Sim, Quade é irmão de Logan e chefe do clã Ramsay, mas muitos de seu clã que ainda não são velhos o suficiente para lutar estão atualmente na residência do clã Grant para garantir que estejam longe das cenas de batalha. Quade e seus homens foram convocados para lutar, assim como muitos clãs, porque o rei não tinha ideia de quantos nórdicos viriam para cá.

Ele enviou Logan e seu outro irmão, Micheil, em seu lugar e ficou para proteger a família. Brenna o convenceu a seguir para o norte, para nossa casa.

— São os filhos de Brenna e Quade que estão doentes?

— Não, Quade tem dois filhos de seu primeiro matrimônio. Eles estavam muito doentes, mas Brenna os ajudou. Agora, eles estão bem e saudáveis. Só precisam ter cuidado com o que comem. Foi antes de Brenna tratá-los que Logan ajudou a cuidar deles. Uma das outras características pelas quais Logan também é conhecido é se aventurar na natureza selvagem, e Quade acredita que era a única maneira de ele lidar com a enfermidade de seus sobrinhos. Ele os ama muito. Haverá muitos pequenos para suas duas meninas brincarem.

Caralyn esfregou a mão enluvada na mão grande dele, que estava em sua cintura.

— Há espaço suficiente para todos eles?

— Oh, a fortaleza Grant é enorme. Nosso grande salão atende a todos no inverno. Meu irmão mandou construir outra cozinha nos fundos, com uma passarela coberta para proteger as mulheres da neve. Elas precisavam de mais espaço para preparar toda a comida. Ele alimenta todos que pode no inverno. É frio lá em cima e neva muito. Mas a fortaleza tem três andares cheios de aposentos, e as meninhas dormem todas juntas. Também tenho uma irmã mais nova, Jennie, e ela tem idade para cuidar das crianças, embora ainda não tenha idade suficiente para se casar. Quade tem uma irmã mais nova, Avelina, que tem quase a idade de Jennie, e as duas costumam cuidar dos pequeninos.

— Seu irmão e a esposa devem ser muito ocupados.

— São, mas prometo que receberão você e as meninas de braços abertos. Todos nós contribuímos para ajudar onde for necessário. Os guerreiros trabalham nas listas, sim, mas nós também caçamos e cortamos lenha. As moças fazem seus bordados e confeccionam meias e mantas de lã para nos manter aquecidos. Embora o solo não seja dos melhores nas Terras Altas, temos sido mais do que produtivos com os nossos campos. Cultivamos aveia, temos um pomar de macieiras e pereiras, e muitos jardins de grãos. Nossa cozinheira faz os melhores doces. Pergunte à minha irmã Jennie. Ela é apaixonada por doces.

— Robbie?

— Sim? — Ele esfregou o braço dela e acariciou seu cabelo.

— Acho que não vamos nos encaixar.

— Oh, não seja tola. Claro que vão. Temos até cães no grande salão, embora Maddie e Brenna os restrinjam apenas a certas áreas. Mas Jennie tem três e Torrian tem um grande cão de caça que o ajudou a aprender a andar novamente após a enfermidade. As meninas vão adorar os cachorros.

— Mas o que podemos fazer para ajudar? Eu não tenho habilidades. — Ela olhou por cima do ombro para avaliar a reação dele à sua declaração. — Não sei cozinhar nem costurar.

— Minhas irmãs vão lhe ensinar. Maddie também faz lindos desenhos e é uma maravilhosa contadora de histórias. Todos os bebês a amam.

Robbie deu um tapinha no braço dela, mas percebeu que ela não acreditava nele.

— Por que não descansa um pouco os olhos? Em algumas horas pararemos novamente, mas não há razão para você ficar acordada. Acho que você está cansada.

Ela encaixou a cabeça sob o queixo dele, mas não tinha muito a dizer. Robbie sabia que ela ainda estava acordada, olhando para frente com os olhos abertos, e não pôde deixar de se perguntar quais eram os pensamentos dela. Ele sabia por que ela estava preocupada. Sua vida não poderia ter sido muito normal com Malcolm e ela se preocupava em como se adaptaria. Certamente ela faria isso, com Malcolm fora.

Ele teve que se perguntar o que queria desse relacionamento. Algo dentro dele ainda não tinha certeza. A única noite de amor deles foi maravilhosa. Ela tinha duas filhas, mas isso não o incomodava. Aos vinte e nove anos, estava velho demais para tentar encontrar uma noiva virginal. Queria que ela ficasse no Clã Grant? Sua resposta definitiva a essa pergunta era sim. Mas será que ele a queria o suficiente para considerar casar-se com ela?

Muitas vezes, sentiu inveja do que Maddie e Alex compartilhavam. Quando Brodie lhe disse que havia encontrado alguém, isso o pegou completamente de surpresa. Robbie era um ano mais velho que Brodie, então sempre esperou se casar primeiro. Mas ele ainda não tinha encontrado ninguém e sua prioridade era como capitão dos guerreiros das Terras Altas. Ele poderia ser necessário novamente, e o que faria com uma esposa se isso acontecesse?

Não sabia.

Algumas horas depois, eles pararam pouco antes do amanhecer. Robbie e Tomas procuravam por comida enquanto Angus e Rory, dois de seus guerreiros, vasculhavam a área. Caralyn foi para o mato para cuidar de suas necessidades.

Quando Robbie voltou para a área onde haviam deixado os cavalos, ele paralisou. Ele só a deixou por um momento, mas isso foi tudo o que foi necessário.

Malcolm estava na clareira, com as costas apoiadas em uma árvore, o braço em volta de Caralyn e uma faca pressionada contra sua garganta. Um homem armado estava de cada lado dele.

— O senhor não cuida muito bem da sua refém, Grant. Vagando enquanto ela cuida de suas necessidades nos arbustos. Isso me deu a oportunidade perfeita para agarrá-la. Eu sabia que o senhor iria falhar.

Robbie se aproximou.

— Deixe-a ir, Murray. Ela não o quer.

Malcolm sorriu.

— Ah, mas eu a quero. E quero as meninas dela também. Elas serão uma propriedade valiosa para mim em breve. Onde elas estão?

— As meninas estão longe, muito longe daqui. O senhor nunca as pegará. Elas estão dois dias à nossa frente.

— Então acho que devemos seguir adianta. Elas são minha propriedade.

— Tire as mãos da moça, Murray. Se não fizer o que peço, vou enfiar minha espada na sua garganta.

— Ah, pelo olhar apaixonado em seus olhos, Grant, suponho que minha gatinha nunca lhe contou muito sobre si mesma, não é?

Robbie não reagiu às palavras, mas olhou para o rosto de Caralyn por um segundo, apenas o tempo suficiente para ver o rubor de constrangimento percorrer suas feições. O que o patife poderia querer dizer?

— Sei tudo o que preciso saber sobre Caralyn. — Robbie segurou sua espada com força.

— Isso é verdade? Ela lhe contou o que faz por mim? Ela contou como tem sido minha prostituta?

Murray estava tentando perturbá-lo e Robbie sabia que precisava ignorá-lo. Ainda assim, olhou para Caralyn para ver se as palavras de

Murray eram verdadeiras. Ela desviou os olhos. *Não importa, lide com o assunto como seu irmão lhe ensinou. Este homem não é uma ameaça para os Grant, apenas um tolo que acredita que detém o poder.*

— Ela não lhe contou que foi a prostituta de South Ayr por um tempo?

Robbie tentou o melhor que pôde para mascarar a expressão de choque em seu rosto, mas falhou.

Malcolm riu.

— Ela não contou, não é? — Ele puxou o cabelo dela e inclinou seu rosto para trás, então ela foi forçada a olhar Robbie nos olhos. — Você não disse a ele que trabalhou deitada? Que fez o que eu quis com quem eu quis?

Robbie viu vermelho. Ele queria sufocar o homem com as próprias mãos. Queria cortar suas entranhas e enfiá-las na boca. Como ele poderia ser tão vil? E era verdade? Ela tinha sido uma prostituta? Não, ele reprimiu tais pensamentos. Sem dúvida, o que quer que ela tivesse feito, fez apenas para garantir a segurança de suas filhas. Nenhuma outra razão. Ela foi forçada pelo cretino que estava na frente dele, e o homem morreria por seus crimes. *Concentre-se, Grant. Ele não é uma ameaça.*

— Gus e Sorley irão segui-lo para encontrar as meninas e eu levarei minha querida comigo. Ela tem trabalho a fazer agora que foi desobediente. — Ele assobiou e mais cinco brutos saíram das árvores.

Tomas emergiu da floresta e ficou atrás de Robbie.

Malcolm gritou:

— As probabilidades não estão a seu favor, rapazes. Subam em seus cavalos e mostrem o caminho até as meninas. Ou talvez primeiro amarremos vocês e pegaremos suas armas.

Tomás riu.

— As probabilidades parecem a nosso favor, Grant. O que acha?

Robbie riu quando seus quatro guardas surgiram da cobertura das árvores.

— Seis de nós e oito deles torna tudo quase fácil demais.

Malcolm gritou:

— Pegue-os!

Ninguém se mexeu. Os homens contratados se entreolharam confusos. Malcolm baixou a faca da garganta de Caralyn por um segundo para repreender seus homens, e ela chutou sua canela.

Robbie atacou, com Tomas logo atrás dele.

Os seis lutaram contra os sete homens de Malcolm, enquanto Malcolm fugia com Caralyn a reboque.

Tomas gritou:

— Vá atrás dele, Grant. Nós damos conta disso.

Sorley se lançou sobre Robbie quando ele estava prestes a ir até seu cavalo. O choque do aço impressionante ecoou na manhã tranquila. O homem lutou com Robbie, mas não teve chance contra Grant. Quando Robbie o viu ofegante, ele enfiou a espada em seu coração, puxou-a e montou em seu cavalo sem demora. Malcolm e Caralyn já estavam alguns minutos à frente dele.

Robbie saiu depressa da clareira e encontrou o caminho que Murray havia seguido. Ele estava em um corcel perseguindo duas pessoas em um pequeno cavalo. Ele pegaria o cretino. Inclinado em seu cavalo, ele se forçou a controlar a respiração. Todo animado e pronto para lutar, tinha que recuperar o controle de si mesmo. Alex sempre lhe ensinou isso. Se quisesse vencer, teria que manter o controle.

Ele estava perdendo a batalha. Seu estômago se apertou ao pensar que Caralyn estaria nas garras de Malcolm mais uma vez. O sangue correu por seu corpo, o suor o encharcou mesmo no ar fresco da noite das Terras Altas. Caralyn era sua. Ele não podia perdê-la agora, não depois de tudo o que haviam passado, e nem suportava a ideia de dar más notícias às filhas dela. A força de Caralyn trouxe os três até aqui; ele não a decepcionaria.

Notou pequenas nuvens de poeira à frente, evidência de que estava se aproximando. Ele e seu cavalo passaram por arbustos e galhos de árvores, contornando curvas e subindo pequenas encostas. Puxou seu arco com uma flecha, esperando ter a chance de usá-lo.

Finalmente, a oportunidade chegou. Estava em um caminho reto, Murray claramente visível à sua frente. Disparou a primeira flecha e errou. Respirando fundo para se equilibrar, apontou a segunda flecha e a soltou. O movimento brusco no ombro direito de Malcolm indicou que a flecha o acertou. Um berro seguiu o movimento e alguém caiu do lado do cavalo.

Ao se aproximar, Robbie percebeu que Murray ainda estava montado no cavalo. Caralyn devia ter caído. Agora ele enfrentava uma escolha.

O que faria? Seguir Malcolm e acabar com ele ou se certificar de que Caralyn estava viva?

CAPÍTULO VINTE

Caralyn caiu com força no chão e uma onda de dor subiu por sua perna, vinda do tornozelo anteriormente machucado. A velocidade da queda a fez cair por um barranco, rolando por entre arbustos, galhos rasgando a pele macia de seu rosto. Ela enterrou o rosto nas mãos enluvadas o melhor que pôde, mas então precisou das mãos para impedir a queda.

Quando finalmente pousou na base da pequena rampa, abriu os olhos lentamente, com medo de ver onde estava. Embora não tivesse certeza, ela pensou que Malcolm tinha se machucado logo antes de empurrá-la do cavalo.

Os cascos de outro cavalo ecoaram enquanto eles passavam, voando atrás de Malcolm. Não tinha ideia se era um dos homens de Robbie ou um dos lacaios de Malcolm. Apoiou a mão no matagal e se sentou. Quem quer que tivesse acabado de passar parou e recuou, voltando na direção dela. Embora não conseguisse ver quem era, ouviu a voz no topo da colina enquanto o cavaleiro desmontava.

— Caralyn? — Robbie gritou. — Caralyn, você está ilesa?

Ela olhou para cima e deu uma resposta fraca.

— Aqui. Acredito que estou bem.

Robbie desceu a colina, fazendo pequenas pedras ricochetearem em sua direção. Ela cobriu o rosto novamente e se virou.

— Oh, querida, me desculpe. Eu não pretendia piorar as coisas. — Ele desacelerou os passos e se ajoelhou lado dela assim que a encontrou. Sua mão afastou os cachos emaranhados de seu rosto. — Tem certeza de que está bem?

— Acredito que sim. Posso ter machucado meu tornozelo novamente.

— O mesmo que você machucou antes? — Ele segurou a perna dela e levantou-a. — Ah, está inchando de novo.

Ele virou a cabeça e ela se pegou olhando para ele.

— O que é? — ele sussurrou.

— Você veio atrás de mim. — Ela mal conseguia pronunciar as palavras, engasgando-se com os soluços. Quando Malcolm a jogou de cima do cavalo, ela pensou que sua vida havia acabado. Depois do que Robbie descobriu a seu respeito, tinha certeza de que ele nunca mais iria querer nada com ela.

— Claro que vim atrás de você.

Ela olhou nos olhos dele, perdida no calor que viu ali. Então ele não a odiava pelo que ela havia feito?

Ele apoiou a perna dela no chão e segurou as mãos dela.

— Ah, eu entendo. Você pensou que eu iria parar de me importar por causa do que Malcolm disse sobre o seu passado?

Incapaz de falar, ela assentiu enquanto enxugava as lágrimas que queimavam seu rosto.

Ele ergueu o queixo dela e segurou-o.

— Você permitiu que usassem seu corpo porque queria?

— Não! — ela gritou.

— Foi o que pensei. Meu palpite é que você foi forçada a cumprir ordens, embora eu me pergunte por que seu clã não fez um trabalho melhor para protegê-la.

Ela não conseguia parar de respirar.

— Estávamos muito longe e eles estavam tendo problemas com um clã vizinho. Muitos morreram em nossa pequena área. Não sobrou ninguém para nos ajudar. Eu não sabia o que fazer.

— E você tinha uma filha para proteger. Foi assim que ele fez você acompanhá-lo desde o início? Ele ameaçou tirar a menina de você?

— Sim. Eu só tinha... — ela soluçou. — ...Ashlyn. Tive a Gracie depois. — Ela soluçou novamente. — Não sei quem é o pai da Gracie e isso faz de mim a pior mãe do mundo.

Caralyn lamentou, incapaz de conter suas emoções por mais tempo.

— Eu odiava tudo o que ele me obrigava a fazer. Eu o odeio. Eu odiava cada... — soluço — ...homem... — soluço — ...que ele me fez tocar. Eram homens nojentos. É por isso que as meninas têm medo dos homens. Exceto de você.

Robbie pegou-a e acomodou-a em seu abraço caloroso, beijando cada bochecha antes de beijar sua testa.

— Malcolm não vai voltar, vai? — ela sussurrou, agarrando-se a ele.

— Se ele voltar, cuidarei dele. Não ouvi nenhum outro cavalo vindo nesta direção, então meus guerreiros devem ter cuidado de seus homens. Malcolm está sozinho agora e não voltará para lutar sem mais homens. Ele é um tolo em tentar ir contra os Grant.

Ela enterrou o rosto em seu peito e soluçou. A coisa mais importante sobre esse homem? Ele nunca desistia. Robbie a segurou até que ela não

tivesse mais lágrimas. Ela encharcou a túnica dele e ele continuou a abraçá-la, esfregando suas costas e beijando o topo de sua cabeça. Como ela desejava que pudessem ficar assim para sempre. Nenhum lugar nesta terra parecia mais seguro do que seus braços.

Quando o choro dela diminuiu, ele se inclinou e segurou suas bochechas.

— Eu não a culpo por fazer o que precisava para proteger a si mesma e a suas meninas. Agora, há mais alguma coisa que você precisa me dizer?

Ela enxugou as lágrimas dos olhos, finalmente capaz de ver novamente. O que ela viu a deixou sem fôlego. Robbie olhava para ela com um carinho e uma preocupação que ela nunca tinha visto antes.

Ela balançou a cabeça.

— Então seguiremos em frente. — Ele beijou seus lábios e ela suspirou. Sua língua varreu dentro de sua boca e ela se derreteu nele. Quando ele terminou o beijo, ela não conseguia se mover.

Ele a tirou do colo e se levantou, estendendo a mão para ela.

— Venha, vamos encontrar suas meninas.

Caralyn estendeu a mão para ele e se levantou, mas tropeçou com o tornozelo fraco. Sem dizer uma palavra, Robbie pegou-a nos braços e carregou-a pela pequena ladeira antes de colocá-la em seu cavalo.

Eles voltaram para a pequena clareira. Tomas e seus homens estavam no meio, com sorrisos nos rostos.

Robbie puxou as rédeas do cavalo.

— Ah, vocês fizeram um trabalho rápido com o resto deles?

Tomas riu.

— Da próxima vez, deixe-nos um desafio maior, certo? Isso foi muito fácil. Você cuidou de Murray?

Robbie suspirou.

— Não.

— O quê? O que diabos aconteceu? Você não conseguiu lidar com um homem? — Tomas perguntou.

— Sim, ele levou uma flechada no ombro, mas empurrou Caralyn do cavalo e ela rolou por uma ladeira. Ela foi minha primeira preocupação. — Robbie apertou o braço dela enquanto falava.

Robbie realmente a escolheu? Ele estava preocupado o suficiente para salvá-la em vez de ir atrás de Malcolm. Sua mente estava totalmente sobrecarregada com tudo o que acabara de acontecer e ela não conseguia

nem considerar as implicações. Malcolm sobreviveu, então o medo ainda a envolvia. Ela se inclinou para ele e fechou os olhos, em busca de uma felicidade estúpida.

Robbie acenou com a cabeça para Angus.

— Traga dois de seus cavalos. Podemos precisar deles, já que em breve estaremos nas profundezas das Terras Altas. — Os homens montaram em seus cavalos e voltaram à rota original. Tudo o que ela pôde fazer foi recostar-se no torso duro de Robbie e fechar os olhos. Estava tão cansada, mas não conseguia tirar Robbie da cabeça. Malcolm ainda estava por aí e provavelmente causaria mais problemas. O que eles fariam?

A única noite no convento que ela e Robbie compartilharam voltou à sua mente. O tempo que passaram juntos foi o melhor que já experimentara com alguém. Foi até lá com a intenção de deixá-lo saber o quanto apreciava tudo o que ele fez por ela, mas a noite acabou lhe provando algo. Havia uma razão pela qual ela odiava todos aqueles outros homens. E embora tivesse apreciado o marido, agora entendia que não o amava.

Mas o Capitão Robbie Grant? Tudo em Robbie era diferente e não fazia sentido tentar mentir para si mesma. Ela o amava, sem dúvida.

Mas como poderiam ter um relacionamento depois de tudo que ela fez? Ele não se casaria com uma mulher que tinha sido prostituta, mas estaria disposto a mantê-la como amante?

CAPÍTULO VINTE E UM

Eles cavalgaram o dia todo até Robbie encontrar uma clareira fora do caminho principal que ele considerou segura o suficiente para descansar. Ele não acreditava que Malcolm voltaria tão cedo. Provavelmente, o homem retornaria a Glasgow para tratar do ombro antes de contratar mais guardas. Se conseguissem se distanciar o suficiente, Malcolm teria dificuldade com alguns de seus mercenários. O ar das Terras Altas requeria um certo tempo de adaptação, especialmente em novembro.

Os homens mataram alguns coelhos e os assaram no centro da clareira. Tomas até encontrou algumas maçãs para compartilharem. Essa poderia ser a única oportunidade que teriam para cozinhar e se alimentarem bem. O pé de Caralyn estava bastante inchado e seu rosto era uma massa de cortes dos arbustos pelos quais ela havia passado, embora seus ferimentos não parecessem incomodá-la. Robbie queria uma noite de nutrição e descanso antes de avançarem o máximo possível. Eles cavalgaram por quase um dia e meio, e os cavalos precisavam descansar tanto quanto eles.

Robbie se perguntou como Caralyn dormiria. Queria tê-la em seus braços, mas não achava que ela estivesse pronta para aceitar isso ainda. Não queria se afastar muito, pois no meio da noite ela estaria tão fria que procuraria calor. Não permitiria que ela se aquecesse com ninguém além dele.

Ele colocou uma manta no chão para ela, não muito longe da sua e perto do fogo. A moça olhou para a manta, claramente contemplando o que deveria fazer. Girando para verificar a área, viu onde os outros três haviam se instalado. Quando chegou a ele, parou.

Robbie inclinou a cabeça em direção à manta.

— Não queria que você ficasse muito longe. Você é bem-vinda para dormir ao meu lado para se aquecer, se quiser.

A moça franziu a testa, mas ela balançou a cabeça.

— Vou ficar bem aqui perto das brasas.

— Se mudar de ideia, é só dizer. Estarei bem atrás de você.

Ela assentiu e tentou se acomodar na manta, envolvendo-se nela.

— Caralyn, você tem a minha palavra de que serei honrado. Vai fazer frio.

Ela olhou por cima do ombro para ele.

— Obrigada, mas ficarei bem aqui.

Ele a observou se mexer e se virar, mas fechou os olhos quando ela finalmente se acomodou.

No meio da noite, ele acordou com um som estranho. Observou a área antes de perceber que o som vinha de Caralyn. Ela estava tremendo tanto que seus dentes batiam. A moça devia estar congelando. Ele aproximou-se dela e colocou a mão em seu ombro.

Ela se sobressaltou ao toque dele.

— Não. Vou ficar bem.

— Moça, não seja tola. — Ele colocou a mão em seu rosto para mostrar a diferença. — Confie em mim, Caralyn. Só estou oferecendo calor.

Ela rolou de costas e olhou nos olhos dele com uma expressão tão triste que seu coração se partiu.

— Promete? Nada mais com todos esses guardas ao redor?

— Dou minha palavra de honra como um Grant. — Isso certamente iria matá-lo e testar todo o seu autocontrole, mas não queria acordar com um cadáver pela manhã. Ela estava muito magra para suportar as noites nas Terras Altas sozinha.

Ela assentiu em concordância e rolou para o lado. Robbie se aproximou por trás dela e acomodou seu corpo ao lado do dela, abrindo sua plaid para envolvê-la.

Um gemido baixo escapou dos lábios dela quando o calor dele se instalou ao redor de Caralyn, diminuindo os tremores de seu corpo. Ela se aconchegou mais, esfregando o traseiro contra a virilha dele. Infelizmente, ele reagiu de imediato, e ela ficou tensa em resposta. Ela não era inocente; sabia exatamente o que tinha acontecido.

— Moça, não se preocupe. Sou humano e você tem um traseiro adorável, mas prometo não agir por impulso. Você precisa se manter aquecida. — Ele sentiu os músculos dela relaxarem contra ele. — Posso fazer uma pergunta?

— Sim — ela sussurrou.

— Aquela noite no convento. Para mim, foi muito especial. Definitivamente, há algo entre nós, mas você me afastou no final. Por quê?

Caralyn pigarreou antes de responder.

— Culpa.

— Por quê? Você é uma mulher adulta. Por que se sentir culpada pelo que compartilhamos?

— Robbie, primeiro você precisa entender algo sobre mim. Fui até você naquela noite porque precisava agradecer por tudo que você fez por mim e por minhas filhas.

— Você já tinha me agradecido. Não precisava vir até mim. Pensei que fosse algo mais. Pensei que você me queria.

— Por favor, não se ofenda, mas essa é a única maneira que sei agradecer aos homens. A primeira razão foi pelo que você fez por mim contra o norueguês e, segundo, por ter voltado para encontrar minhas filhas. As palavras de agradecimento não pareciam suficientes. E sei o que os homens querem. Então, dei o que você queria.

Robbie ficou rígido. Foi só isso para ela? Uma tarefa de agradecimento?

— Mas eu nunca pedi seu corpo.

— Eu sei, mas é o que todos os homens querem.

— Não lhe ocorreu que eu pudesse ser diferente?

— Não, não naquele momento. Desde então, descobri que você é diferente. Mas me envergonhei ao ir até você no convento. Poderia ter sido severamente punida. E, quando pensei no que fiz, fiquei constrangida. — *E não posso admitir o quanto eu realmente gostei daquilo. Quero que você me ame.*

— Não acredito quando você diz que não podia perceber que o que compartilhamos foi diferente. Você teve que sentir isso. Talvez essas fossem suas intenções quando veio até mim, mas você tem que admitir que somos especiais juntos. Não?

— Sim, Robbie, foi uma noite muito especial para mim também. Mas para onde vamos a partir daqui? Eu sou uma prostituta, e não acho que seu clã vai me aceitar.

— Basta. Não quero ouvir essas palavras de você novamente. Você não é uma prostituta. Você foi forçada a fazer uma escolha para salvar suas filhas. — Ele rangeu os dentes antes de continuar. — Vá dormir, temos um longo dia amanhã. — Maldição, ela o deixou tão furioso que ele não conseguia falar. Se ouvisse aquela palavra mais uma vez, gritaria alto o suficiente para agitar todos os animais da floresta.

A mulher o enfureceu.

Quando Caralyn acordou, a primeira coisa que fez foi tremer e puxar a plaid ao seu redor ainda mais apertado. Robbie devia ter saído, levando seu calor delicioso com ele. Ela olhou ao redor da clareira e notou que os quatro homens estavam de pé e se movendo. Eles comiam bolos de aveia e bebiam de odres.

Ela se sentou e esfregou os olhos. Seu rosto doía e ela o tocou com cuidado, suspirando quando sentiu o sangue seco e incrustado ali novamente. Que visão seu rosto devia estar. Robbie se aproximou dela e lhe entregou um odre de água.

— Beba um pouco e cuide de suas necessidades. Talvez seja uma boa ideia lavar o rosto. Você tem muitos cortes dos arbustos. — Ele lhe entregou um pequeno pedaço de sabão.

Ela pegou o sabão e o odre e o agradeceu, umedecendo um pedaço de sua saia para poder esfregar o rosto. Algo estava diferente em Robbie naquela manhã. Seu comportamento havia mudado. O sorriso efervescente e o bom humor tinham desaparecido. Ele parecia quase zangado com ela.

Tinha que estar relacionado à conversa deles. Ele disse que achava que havia algo especial entre eles, que a noite deles juntos no convento foi como nenhuma outra que ele já havia tido, e ela afirmou que não passava de uma maneira de agradecê-lo.

Ele ficou zangado depois que ela disse que era prostituta e que temia que seu clã não a aceitasse. Ele viu a verdade em suas palavras quando gritou? Ou foi porque ela não lhe contou seus verdadeiros sentimentos?

Por que ela não admitiu a verdade? De fato, tinha ido até ele com a intenção de agradecê-lo, mas a noite significou muito mais para ela. A maneira como ele a segurou, como a olhou e como a fez sentir... foi uma revelação.

Seu coração acelerou ao pensar que a noite deles juntos também havia significado algo para ele, mas Caralyn sabia que não podia explicar seus verdadeiros sentimentos. Havia dois problemas que eles nunca conseguiriam superar. Primeiro, ela era uma prostituta. Não importava o quanto ele ficasse zangado com esse pensamento, era a verdade. E segundo, ela sabia que seu clã não a aceitaria. Provavelmente, era melhor se separarem agora.

A noite anterior foi muito difícil para ela. Como ela queria se virar e encará-lo; compartilhar seu corpo com ele novamente. Ela sonhou em tê-lo

profundamente dentro dela, segurando-a enquanto ela gritava de prazer, e depois chamando seu nome ao encontrar seu alívio.

Mas ela não podia permitir que seu corpo a traísse novamente. A voz de sua mãe ecoava em sua mente novamente. *Sim, você sabe disso. Você foi má, muito má naquela noite. Peça perdão ao Senhor.* Ela mordeu o polegar enquanto procurava o corte certo em seu braço. Precisava ser o mais profundo. Quando ficou satisfeita com o que escolheu, cravou a unha bem no meio dele. Como doeu! Ela não gritou, mas empurrou mais forte. Estava muito envergonhada de seu comportamento. *Isso mesmo, minha querida, você foi má.*

Robbie parou na frente dela, com os olhos frios e distantes.

— Está pronta? Precisamos continuar. É melhor entrarmos profundamente nas Terras Altas o mais rápido possível.

Ela apontou para os arbustos.

— Sim, cinco minutos para cuidar de suas necessidades. Depois, seguimos.

Tomas gritou do outro lado da clareira.

— Qual é o seu problema hoje, Grant? Não desconte na moça.

Robbie a encarou por um momento, com as mãos nos quadris, seu olhar zangado percorrendo-a. Isso, sim, ela estava acostumada.

CAPÍTULO VINTE E DOIS

Eles não conversaram pela maior parte da manhã. Robbie podia ver pela postura rígida dela à sua frente que ela estava chateada com a maneira como ele a tratou. Ela tinha que esperar isso. Não se insulta as pessoas sem receber uma retaliação. Pelo menos, a maioria das pessoas não. Mas o que mais o havia irritado foi o uso descuidado do termo “prostituta”. Como alguém poderia falar de si mesmo de tal maneira?

Mas Caralyn não era como a maioria das pessoas. Ela não agia como nenhuma outra moça que ele já conheceu. Seu foco inteiro eram suas filhas; isso ele entendia. Mães se tornavam muito protetoras. Mesmo sua cunhada, que parecia tímida para ele antes de ter filhos, se transformava em uma fera ao redor de seus pequenos. Ninguém ousava enfrentar Maddie quando se tratava dos gêmeos ou de Kyla. Até Alex pisava em ovos. Ele sorriu com uma lembrança carinhosa. Os gêmeos, John e Jamie, haviam entrado no grande salão um dia puxando espadas reais maiores do que eles. Tudo o que Maddie disse foi *Alex!* e seu irmão pulou. Os meninos estavam brincando com suas próprias espadas de madeira em um dia.

Então, o que era diferente em Caralyn? Por um lado, Robbie nunca teve que se preocupar com uma moça antes. Na verdade, elas caíam aos seus pés no clã Grant. Sim, em parte porque ele era um Grant, mas havia mais do que isso. Ele aprendeu desde jovem que tudo o que precisava fazer era exibir seu sorriso para uma moça, e ela faria o que ele quisesse. Brodie dizia que era a cor clara de seu cabelo, mas ele acreditava que era seu sorriso.

Seu sorriso não funcionava em Caralyn. Quando ele olhava para ela daquela maneira, ela não lhe dava os olhares admiradores aos quais ele estava acostumado a receber das outras moças. Ele só podia chegar a uma conclusão: Caralyn não o achava atraente.

Mesmo que esse fosse o caso, Robbie ansiava por entendê-la melhor. Ele vasculhou a mente enquanto cavalgavam, tentando pensar em alguém que ele conhecesse que tivesse passado por algo semelhante ao que Caralyn passou, alguém com quem pudesse compará-la.

Ela mencionou ser aceita por seu clã. Por que ela se preocuparia com uma coisa dessas? Seu clã não era assim. Algo o incomodava no fundo de sua mente; algo semelhante. Sim, sua família a aceitaria pelo que ela era,

mas e os outros? Maddie não fora acusada de não ser boa o suficiente para Alex depois que os Comming espalharam mentiras sobre ela? Ah, sim! O pequeno Tommy havia atirado pedras em Maddie. Todos pediram desculpas depois que ela salvou Jennie e a pequena Emma, e ele nem sabia que algo fora do comum estava acontecendo. O mundo era diferente para as mulheres. Talvez ele tivesse sido muito crítico.

A espinha dela ainda estava ereta como uma tábua na sela à sua frente.

— Moça, você pode se apoiar em mim.

Ela olhou por cima do ombro antes de voltar a olhar para suas mãos.

— Pensei que você não quisesse nada comigo depois desta manhã.

— Sim, bem, eu posso ser teimoso às vezes, mas isso não é razão para você ficar com dor nas costas. — Ele acariciou de leve o braço dela, esperando que ela entendesse que seu humor havia mudado.

Ela se inclinou para ele.

— É um longo caminho até a sua terra, não é?

— Sim, talvez mais um dia.

— É o mesmo caminho que Logan e Gwyneth teriam tomado com as meninas?

Ele podia ver que ela esperava ansiosamente por sua resposta. Logan era um excelente rastreador e seguiria seu próprio caminho, mas em algumas áreas, não havia outras opções.

— Sim, na maior parte, mas Logan é excepcional. Ele pode conhecer um caminho diferente do meu. Ele as levará pelo caminho mais rápido, sem dúvida. Faz frio nas Terras Altas nesta época do ano para suas meninas.

— Você notou algum sinal de problema? Se algo tivesse acontecido, você saberia, não saberia?

— Não vi sinal de nada.

Ela assentiu e relaxou um pouco mais.

— Ah, mas a terra é deslumbrante, Robbie. Nunca vi tamanha beleza.

— Caralyn levantou o rosto para o sol, suspirando quando os raios dançaram sobre suas feições. Sua beleza o comoveu, especialmente com o leve sorriso que ele raramente via.

— Você sempre morou em South Ayrshire? — Robbie esperava conseguir fazê-la falar sobre seu passado. Ele queria saber o máximo possível sobre o que fez dessa mulher quem ela era.

— Na maior parte. Quando eu era jovem, vivíamos no interior, perto da sede do clã, mas meu pai queria pescar, então nos mudamos para a costa, e

ele e alguns amigos construíram um pequeno barco. Meu pai adorava pescar e me levava com frequência.

— E sua mãe?

— Não, ela não gostava. Quando cresci, o filho do amigo dele me pediu em matrimônio e meu pai aceitou. Nos dávamos bem. Ele pescava com meu pai e os amigos dele também.

— Você ainda gosta de pescar? Temos um lindo lago não muito longe. Os peixes são incríveis lá.

— Sim, gosto e a Ashlyn também. Ela não lembra bem do pai, mas adora o cheiro de peixe e até me ajuda a limpá-los. Já a levei comigo antes enquanto Gracie brincava na água.

— O que aconteceu com seus pais e seu marido?

— Meus pais faleceram da febre pouco tempo depois de nos casarmos. Morávamos na casa deles. Quando Ashlyn tinha três verões, meu marido e seu amigo saíram para pescar um dia e nunca mais voltaram. Foi em outubro, quando os ventos fortes chegam rapidamente, e eles foram pegos em uma tempestade. Nunca soubemos o que aconteceu com eles até que partes de seu barco apareceram na praia uma quinzena depois.

— Ah, moça, sinto muito por uma perda assim. — Ela ficou sozinha com uma criança de três anos. Sem pais, sem marido. — Como você sobreviveu sozinha?

— Havia alguns outros amigos que ajudaram por um tempo, mas um amigo era o pai do homem que morreu com meu marido, e ele se mudou, incapaz de lidar com a situação.

Caralyn não disse nada por vários metros. Robbie decidiu que ela falaria sobre Malcolm quando estivesse pronta. Viu-a enxugando os olhos.

— Moça, não precisa falar sobre isso. Me perdoe por trazer à tona algo tão doloroso. Estou apenas tentando entender.

— Quero que você saiba. Houve um período naquele inverno em que Ashlyn e eu ficamos sem comida por quase uma semana. — Ela apertou a mão dele. — Sabe o quanto é difícil ver um filho passar fome? Procurei em todos os lugares por comida, até comecei a andar na neve e pedir ajuda aos nossos vizinhos, mas foi um inverno difícil.

Robbie segurou a mão dela e deixou-a continuar. A verdade era que ele não conseguia imaginar uma coisa dessas; uma mulher sozinha, sem ninguém para recorrer, sem clã para protegê-la.

— Malcolm passava frequentemente por nossa cabana quando estava entregando caixas pelo caminho. Um dia, ele veio com um saco de nabos e bolachas de aveia. Ele trouxe para dentro e simplesmente o deixou lá. Eu tinha medo de aceitar a comida, mas Ashlyn estava com muita fome. Racionamos, mas ainda não foi suficiente.

Ele não sabia o que fazer por ela além de ouvir.

— Ele veio mais uma vez e deixou comida novamente, mas da próxima, trouxe dois amigos. Descobri o que eu devia a ele pela comida. Só concordei porque ele prometeu mais comida e roupas para Ashlyn, e partia meu coração vê-la passar fome, Robbie. — Ela baixou a cabeça e enxugou as bochechas. — Eu não sabia o que fazer. Estávamos famintas.

Ela fez uma breve pausa e continuou.

— Todas as semanas ele vinha com outros homens, mas geralmente os mesmos amigos. Todas as semanas eu pagava para minha filha comer. Então ele voltava para o barco e seguia para Glasgow. Se eu tivesse para onde ir, teria ido embora. Depois de um tempo, ele começou a deixar homens para nos proteger, ou pelo menos dizia isso. Descobri que era para me impedir de fugir.

Robbie não conseguia lidar com mais nada. Ele a virou na sela e a acomodou para segurá-la enquanto ela chorava.

— Algumas vezes, ele nos levava à cidade real quando tinha negócios. Foi lá que conheci Gwyneth. Eu ia à igreja frequentemente com escolta, e ela ia lá porque seu irmão é um sacerdote. Malcolm sempre tinha alguém nos vigiando. Tentei escapar para a abadia antes de Gracie nascer, mas os homens dele nos pegaram. Ficou muito difícil depois que tive Gracie, e suas visitas diminuíram. Eu esperava que parassem por completo. Então os nórdicos apareceram e arruinaram tudo.

Robbie beijou o topo da cabeça dela.

— Talvez um dia você considere isso como uma bênção. Foi o nórdico quem a colocou em meus braços.

— Robbie, como eu queria que as coisas pudessem funcionar entre nós. Eu só não sei como pode acontecer. Tem muitas coisas contra nós.

Ela se inclinou contra ele e os suaves montes de seus seios se acomodaram contra o braço dele. Robbie inalou o perfume dela e suspirou, desejando que estivessem em outro lugar, em qualquer lugar, menos em cima de um cavalo. Ela se moveu e devia ter descoberto como ele estava excitado, mas não se afastou. Em vez disso, apoiou o queixo em seu outro

ombro para poder pressionar os belos seios contra seu peito. Tudo o que ele conseguia pensar era em como ela pareceu em pé no meio de um mar de guerreiros com nada além de uma camisola, e os mamilos rosados totalmente visíveis. Seu próximo pensamento foi a doce lembrança de como ela gritou quando ele estava enterrado profundamente dentro dela.

Eles não tinham muitas coisas contra eles, pelo menos, não em sua mente. Ele encontraria uma maneira.

CAPÍTULO VINTE E TRÊS

Caralyn não conseguia dormir. Robbie a envolvia em seu abraço quente no chão frio, e por algum motivo desconhecido, ela gostava de ouvir sua respiração rítmica. Tinha que admitir que dormir com ele assim provavelmente era um de seus maiores prazeres. Quem poderia imaginar que dormir com um homem poderia ser tão agradável? Sim, ocasionalmente ela percebia sua ereção, mas fazia o possível para não inflamá-lo, e ele manteve sua palavra sobre não buscar sexo.

A cada dia que passava com o Capitão Robbie Grant, ela o amava ainda mais. Adorava cavalgar perto dele, conversar e ouvi-lo falar sobre seu clã. Ele era um homem orgulhoso que amava muito sua família e faria qualquer coisa por eles. Seu sorriso poderia iluminar o mundo e também o seu coração. Ela não achava que encontraria outro homem por quem se importasse tanto quanto Robbie.

Na verdade, nada a fazia mais feliz do que se casar com Robbie Grant. Mas sabia que isso nunca poderia acontecer com seu histórico. Poderia viver com ele como sua amante? Ele a queria tanto assim ou tinha outra esperando por ele?

Quanto mais perto chegavam de sua casa, mais nervosa ela ficava. Ela tinha tantas perguntas. Suas meninas estariam seguras e ilesas? Para onde iriam assim que chegassem? Ela não sabia o que Robbie planejou para ela e suas filhas. Elas teriam que ficar nas Terras Altas, mas onde?

— Você está animada para ver suas garotinhas novamente? — Um sussurro suave roçou seu ouvido e ela sorriu.

— Sim, mas estou nervosa. — Os Grant pareciam tão maravilhosos, suas garotas provavelmente nunca quereriam ir embora, especialmente depois da vida difícil que tiveram. Elas mereciam felicidade para variar, em vez de passarem fome e lidarem com homens rudes.

— Por quê? Confie em mim, Logan chegou com elas lá antes de nós com segurança.

Ela rolou para ficar de costas e olhou para as estrelas através das copas das árvores.

— E se elas preferirem viver com seu clã a comigo? — Ela o encarou, esperando que ele entendesse a gravidade de sua preocupação. — Minhas

garotas nunca tiveram a oportunidade de brincar com outras crianças. Elas nunca vão querer partir.

— Brincar com os outros, e amar e sentir falta da mãe são coisas diferentes. Elas provavelmente estão tão ansiosas para vê-la quanto você está. — O polegar dele acariciou sua bochecha. — Confie em mim, tenho dois sobrinhos pequenos que adoram brincar e lutar com todos os guerreiros, mas quando querem a mamãe, não há substituto.

— Agradeço a você, Capitão Robbie Grant, por tudo que fez por nós. Nunca poderei retribuir. — Ela se inclinou para beijar seus lábios.

Robbie recuou e ela o encarou chocada.

— Moça, não quero seus beijos se forem apenas para me agradecer. Eu só os quero se vierem do seu coração e forem para mim, não por minhas ações honrosas.

Caralyn pensou por um momento e então assentiu com a cabeça.

— Então gostaria de beijá-lo por você, Robbie. Por sua ternura, sua bondade, e por tudo o que compartilhamos.

— Tem certeza disso?

Ela hesitou antes de responder.

— Sim, estou certa. Eu o beijo pelo modo como você me faz sentir, especial e protegida, mas você também me confunde. Ainda não sei o que pensar. Você é muito diferente para mim, e ainda assim não desejo perdê-lo. Aceitará sob essas condições?

— Sim.

Ele acariciou sua bochecha e a beijou com uma ternura que a tocou profundamente. Os lábios dele eram macios, quentes e tentadores ao mesmo tempo. Ela não queria que acabasse. Suspirou e entreabriu os lábios, oferecendo mais, dando-lhe um gosto dela que raramente oferecia. A língua invadiu sua boca e a provocou, convidando-a para dançar com ele. Então ela o fez, querendo ver como era desejar beijar, desfrutar da pessoa com quem compartilhava tanta intimidade, e não conseguia o suficiente dele. Queria saborear esse doce prazer pelo máximo de tempo possível, sem incentivá-lo a ir mais longe.

Porque ela ainda não podia ir até lá. Ainda não. Ele encerrou o beijo como se sentisse seus pensamentos conflitantes. Se fosse atraí-lo, tinha que ser boa. Sua mãe tinha insistido. Homens não se casam com meninas más. Ela amava a mãe e sempre tentava ser boa. *Mamãe, tentarei ser boa para que ele fique comigo.*

Ele sorriu e ela retribuiu, querendo que ele soubesse o quanto um gesto tão pequeno significava para ela. Ele permitiu que ela ditasse o ritmo do beijo deles. Um pequeno aperto em seu coração quase a empurrou de volta para mais, mas não podia arriscar. *Serei boa, você verá. Não vou estragar isso.*

Ela estava muito feliz com o que considerava ser o primeiro beijo de verdade deles, não um beijo de gratidão ou desespero, mas um beijo de esperança; um beijo do seu coração.

Robbie se levantou e a ajudou a se levantar.

— Não deve demorar muito até chegarmos à fortaleza dos Grant, moça. Venha, vamos seguir nosso caminho. Espero chegar antes do anoitecer.

Muitas horas depois, Caralyn acordou com um toque em seu braço. A escuridão logo chegaria. Ela afastou o sono, impressionada com a rapidez com que conseguia dormir nos braços de Robbie. Quando finalmente conseguiu entender o que estava em sua linha de visão, prendeu a respiração.

Uma fortaleza, uma das maiores que já havia visto, se erguia no topo de uma colina ao longe, cercada por fileiras de chalés de palha arrumados.

— Meu lar, moça. Bem-vinda ao castelo dos Grant. — Os olhos de Robbie brilhavam com um senso de orgulho e alegria. Ela algum dia teria um lar que inspirasse tais sentimentos nela?

— Robbie, é imenso. Tem tantas pessoas aqui. — Um movimento frenético de membros do clã se desenrolava, ocupados em seu trabalho diário. Um lago sereno se estendia ao longe. Um agrupamento de edifícios ficava dentro do pátio, e grupos de guerreiros praticavam em um campo lateral, o clangor de metal ecoando para todos ouvirem. Uma explosão de esperança brotou novamente em seu coração. — Ele nunca conseguirá chegar até mim aqui, não é? — ela sussurrou.

Robbie se inclinou para ouvi-la.

— O que você disse?

Ela olhou para ele por cima do ombro.

— Malcolm. Ele nunca conseguiria reunir homens suficientes para sequestrar minhas meninas deste lugar. Estaremos seguras, não é?

Robbie esfregou seu braço.

— Cara, ele nunca conseguirá chegar até você aqui. Vê todos os homens nas ameias perto das torres? Todos os guerreiros trabalhando nas arenas? Até mesmo todos os homens trabalhando no pátio vão lhe proteger. Não permitimos que homens machuquem mulheres aqui, ou as sequestrarem.

Eles continuaram descendo a colina e se aproximaram da ponte levadiça, Caralyn observando maravilhada tudo o que se desenrolava ao seu redor. Sua voz tremia.

— Acha que as minhas meninas ficarão felizes em me ver? — Apesar do que ele tinha dito a ela, o impacto de suas palavras reconfortantes, ela ainda temia que não ficassem.

Robbie seguiu em direção aos estábulos e parou, ajudando-a a desmontar. Ele inclinou a cabeça em direção ao castelo.

— Veja por si mesma, moça.

O som mais belo que ela já tinha ouvido a saudou: a voz de Gracie. Ela se virou e viu suas meninas correndo em sua direção.

— Mamãe! Mamãe! — As duas meninas a chamavam, não apenas Ashlyn. Que som doce era aquele! Gracie tropeçou no chão e Ashlyn a ajudou a se levantar antes de continuarem a correr. Caralyn se apressou o máximo que pôde, com lágrimas correndo por seus olhos diante da visão de suas filhas diante dela.

As duas meninas estavam sorrindo, com os braços estendidos, esperando por ela. Quando finalmente as alcançou, ela ergueu Gracie em um braço e envolveu o outro em torno de Ashlyn. Incapaz de falar através das lágrimas, ela as abraçou e as beijou.

Uma voz estrondosa as interrompeu, e ela olhou para cima para ver o homem mais imponente que já tinha visto abraçando Robbie. Outro homem grande estava perto dele.

— Já passou da hora de você chegar em casa, irmão.

O segundo homem mancou até ele e agarrou Robbie em um abraço apertado.

— Fico feliz em ver que você está inteiro, Robbie.

— E vejo que a Brenna não arrancou sua perna? — Ele olhou para baixo para o kilt de seu irmão para se certificar de que tudo estava bem.

— Não, nossa irmã cuidou bem de mim. — Brodie segurou o ombro de Robbie, ainda sorrindo.

Seguindo-os, uma corrente de garotos, garotas e crianças, todos tentavam chegar até Robbie.

Caralyn encarou o rosto sorridente de Gracie e beijou sua bochecha.

— Você está feliz, minha pequenina?

O sorriso de Gracie se alargou, e ela colocou suas mãozinhas nas bochechas de Caralyn antes de se inclinar para beijar sua bochecha.

— Eu a amo, mamãe.

Os olhos de Caralyn se encheram de lágrimas com as palavras doces, mas ela se inclinou e bagunçou o cabelo escuro de Ashlyn antes de beijar sua bochecha.

— E você, Ashlyn? Eles têm sido bons com você aqui?

— Sim, mamãe. Nos divertimos muito. Temos muitos amigos novos e Gracie tem falado cada vez mais a cada dia. Ela adora o Logan.

Uma voz chamou seu nome por trás e ela se virou para ver Gwyneth vindo em sua direção, com os braços abertos.

— Gwyneth, obrigada por cuidar das minhas filhas.

Gwyneth sorriu e a abraçou.

— Ah, não foi nenhum problema. Suas garotinhas são muito doces.

Caralyn procurou o rosto de sua amiga.

— Nenhum problema aqui, Gwyneth?

— Não. — Ela sorriu. — Todos são maravilhosos, Caralyn. Você vai ver. É um mundo diferente aqui. Eles trabalham duro, mas todos são gentis. Estou muito feliz que você chegou. — Ela ergueu a mão e passou os dedos pelos cortes em seu rosto. — Problemas pelo caminho?

— Sim — Caralyn disse. Ela olhou significativamente para suas filhas.

— Vamos conversar mais tarde. Estou muito cansada hoje. Foi uma jornada longa e eu estava muito preocupada com minhas meninas.

Uma mão grande envolveu sua cintura e Robbie Grant a puxou para perto.

— Quero apresentar todos vocês para Caralyn, a mãe de Gracie e Ashlyn.

Caralyn olhou para um mar de rostos sorridentes. Os nomes passaram rapidamente por ela: Laird Alex e Lady Madeline, Brodie, Celestina, Brenna, Quade, Torrian, Jennie, Avelina, Lily, Jamie, John, Kyla, Bethia, e a última pessoa que ela conheceu estava com o peito estufado como um pavão.

— E meu nome é Loki Grant.

Caralyn foi abraçada por tantos que perdeu a conta. Já estava escurecendo, e seu estômago roncava de fome.

Robbie finalmente os deteve e disse:

— Podemos entrar para comer algo? Estamos muito famintos, já que fomos forçados a viajar tão depressa.

Assim que entraram, Caralyn sentou-se em um banco à mesa mais longa que já vira no meio do grande salão. O laird os conduziu a essa mesa para que todos pudessem se sentar juntos. Criados trouxeram pedaços de queijo e travessas de ensopado e pão integral. Uma tigela cheia de maçãs estava no meio da mesa.

Ela não pôde deixar de encarar o salão. Um grande pódio ficava atrás deles. Embora não fosse tão majestoso quanto o que ela estivera em Glasgow, Caralyn gostava mais daquele. Belas tapeçarias representando a mudança das estações decoravam as paredes. Uma grande lareira ocupava uma parede com cadeiras almofadadas dispostas em um semicírculo na frente. Juncos perfumados estavam no chão e um grupo de cães brincava perto da porta.

Gracie sentou-se no banco e segurou um pedaço de queijo para sua mãe.

— Mamãe. Queijo.

Caralyn deu uma mordida. Ela maravilhou-se com a mudança em sua filha. Seus olhos estavam brilhantes, não assombrados, e ela comia tudo ao seu alcance. Ashlyn riu e disse:

— Mamãe, eles têm a melhor cozinha aqui. A senhora deveria conhecê-la. E às vezes ela nos dá tortas de maçã.

Uma criança correu até lá e disse:

— Eu sou a Lily. Gracie e eu brincamos juntas porque ela é minha nova amiga. Ela gosta de encontrar minhas pedras quando eu as escondo. — Ela subiu no colo de Caralyn e beijou sua bochecha. — Estou feliz que a senhora está aqui. A Gracie sentiu sua falta.

Assim, as lágrimas embaçaram a visão de Caralyn. Meu Deus, mas tudo em sua vida a fazia chorar ultimamente. Será que ela finalmente encontrara o que sempre desejara? Não pedira muito: uma família para amar e comida para saciar a fome de suas filhas. Bem, agora as meninas sorriam com exuberância. Ela espiou os rostos restantes à mesa, todos tagarelando entre si, compartilhando comida, rindo, abraçando, tocando. Caralyn parecia não conseguir parar de chorar. Robbie, que estava sentado ao seu lado, esfregou suas costas e se levantou, acenando para a mulher ao lado de Alex.

A esposa do laird veio até o seu lado.

— Eu sou a Maddie. Tenho certeza de que você não se lembra de todos os nossos nomes — sussurrou ela em seu ouvido. — Venha comigo até lá em cima. Vou mostrar-lhe sua câmara. Pegue algumas maçãs. Você parece exausta.

— Lady Madeline, minhas filhas podem vir junto?

— Shh, me chame de Maddie. Você já é quase da família. Claro que as garotas podem vir. Imaginei que você gostaria que elas dormissem com você.

Caralyn assentiu, mas estendeu a mão para Robbie.

— Robbie?

Ele se inclinou e beijou sua bochecha.

— Você ficará bem. A Maddie vai cuidar de você. Ela entende. — Ele olhou nos olhos dela. — Confie em mim. Ela sabe do que você precisa mais do que eu. Eu estarei aqui se precisar de mim.

CAPÍTULO VINTE E QUATRO

Caralyn pegou Gracie nos braços e seguiu Ashlyn até o fim do grande salão. Lady Madeline as conduziu escada acima até o segundo andar e pelo corredor quase até o fim. Ela abriu uma porta à esquerda e recuou.

— Acho que esta câmara será adequado. O leito é grande o suficiente para as três dormirem juntas, se quiserem. As meninas estavam dormindo juntas em uma câmara antes de você chegar.

Ashlyn agarrou a mão da mãe.

— Mamãe, vamos ficar com a senhora esta noite. É um castelo grande.

Caralyn entrou na linda câmara, maravilhando-se com o espaço simples, mas confortável. Um grande leito repleto de cobertores quentes e peles grossas estava em uma parede enquanto a lareira embelezava a parede externa. Um baú estava no pé do leito e uma mesa com duas cadeiras estavam dispostas perto da lareira. Flores secas decoravam a câmara feminina e juncos frescos tinham sido adicionados ao chão. Uma janela estava na lateral, com coberturas de pele grossa proporcionando proteção contra o frio.

— Fiona virá visitá-la com frequência para ver do que você precisa. Vou mandar alguém acender uma fogueira na lareira para tirar o frio da câmara enquanto mostro a câmara de banhos.

— Uma câmara de banhos? — Caralyn nunca tinha visto uma antes e não sabia o que esperar.

— Mamãe, a senhora vai adorar. — Ashlyn sorriu. Gracie puxou o braço de Caralyn para ser colocada no chão, e uma vez que estava no chão, correu à frente delas até a câmara no final do corredor.

Maddie revirou os olhos timidamente quando abriu a porta.

— Meu marido me mima e mandou construir esta câmara para mim. Eles têm uma grande câmara de banhos para os homens lá fora, perto dos estábulos, mas eu sempre me sentia desconfortável nela e ele não queria que eu saísse de lá com o cabelo molhado. Admito que gosto de tomar banho com mais frequência do que todo mundo. — Maddie acariciou a barriga enquanto entrava.

— Quanto tempo falta para o seu bebê, senhora? — Caralyn não pôde deixar de admirar o cabelo loiro e os belos olhos azuis de Maddie. Não era à toa que o laird se casou com ela, a moça era deslumbrante.

— Ah, não mais do que uma quinzena, acho. — Ela liderou o caminho pela grandiosa câmara com três lareiras separadas. Quatro banheiras de diferentes tamanhos adornavam o cômodo e toalhas de linho estavam empilhadas ordenadamente nas prateleiras. Ela se dirigiu à parede externa. — Essas cordas puxam pequenos baldes de água. É encantador no verão porque a pequena piscina externa é aquecida pelo sol. Agora, no entanto, a água está bem fria, e por isso temos três lareiras. Meu marido pede aos homens que tragam água à noite para aquecer para o banho.

Ela apontou para o canto:

— Aqui, nesta prateleira, temos óleos de banho, que são criações de Celestina. O óleo de lavanda dela é magnífico. Por favor, use o que quiser. — Ela se virou e apontou para uma porta no canto do cômodo. — Ali, meu marido novamente me mimou ao construir uma latrina também, com uma porta para privacidade. Se desejar, pode tomar um banho agora para se livrar da sujeira e da poeira da viagem. Depois, tenho certeza de que gostaria de descansar da jornada.

Um cômodo dedicado ao banho era uma extravagância que Caralyn nunca teria imaginado, mas neste momento não conseguia pensar em nada melhor do que um banho. Assentindo, ela disse:

— Eu gostaria disso. Um banho seria adorável e Gracie pode tomar banho comigo, mas...

— Sim, foi uma longa viagem e você não trouxe muitas roupas. Ashlyn, seja boazinha e chame Fiona, por favor? E leve Gracie com você para ajudá-la.

As meninas correram para cumprir as ordens. Caralyn olhou para a mulher nobre à sua frente, sem saber como falar. Ela olhou para o chão, decidindo que a melhor abordagem seria esperar que sua companheira falasse.

Lady Madeline juntou toalhas e óleos e encontrou um biombo para colocar ao redor de uma das banheiras.

— Então, você já esteve nas Terras Altas antes?

— Não, é minha primeira viagem às Terras Altas. É magnífico. Eu não tinha ideia da beleza nas colinas e vales daqui. — Caralyn ajudou Lady Madeline a mover o biombo.

— Talvez isso seja bom. Esperamos que você decida ficar. Suas filhas são adoráveis. Gwyneth nos disse que vocês são de South Ayrshire. É verdade?

— Sim, e é bonito na costa, mas é mais lindo aqui. Parece mais tranquilo. — Oh, como ela esperava que Gwyneth não tivesse dito mais nada sobre sua vida. Ela confiava na amiga.

— Ah, espere até ver nossa neve. — Maddie riu, então caminhou e segurou as mãos de Caralyn nas suas. — Quero que saiba que você será sempre bem-vinda aqui no Clã Grant. Quando cheguei aqui pela primeira vez, tive a ideia tola de que não pertencia e não merecia estar em um lugar assim. Pode imaginar?

Caralyn podia, pois era exatamente como se sentia naquele momento e era o que temia o tempo todo. Ela olhou para lady Madeline, imaginando como ela sabia. Momentos depois, Ashlyn entrou pela porta com Fiona e Gracie logo atrás.

— Oh, aqui está Fiona agora. — Maddie se virou para sua serva. — Por favor, peça aos homens para trazerem água quente para a senhora. Também precisamos encontrar algo limpo para ela vestir.

Maddie beijou a bochecha de Caralyn e disse:

— Bem-vinda ao Clã Grant. Estamos muito felizes em tê-la aqui. Por favor, me avise se eu puder ajudar em algo. Vou deixá-la sozinha com suas adoráveis filhas. Tenho certeza de que elas têm muito para contar. — Ela saiu com um sorriso.

Caralyn esperou no banco enquanto os homens traziam a água e Fiona saía para encontrar roupas adequadas. Mais enérgica do que Caralyn já a vira, Gracie correu e pulou na banheira menor. Ela espiou por cima da borda e gritou:

— Me encontre, mamãe.

Ashlyn sussurrou em seu ouvido:

— Gracie gosta de se esconder, e a senhora tem que fingir que não a vê. Então ela vai pular e a assustar. Esse é o novo jogo favorito dela. Venha, vou lhe mostrar.

Ashlyn andou na ponta dos pés pela câmara, falando o tempo todo enquanto puxava a mãe.

— Onde está Gracie? Não consigo encontrá-la, consegue, mamãe?

Uma explosão de risos veio da banheira.

— Ela está aqui nesta banheira? — Ashlyn espiou na primeira. — Não. — Ela continuou ao redor do cômodo.

Mais risos vieram de Gracie, e os olhos de Caralyn se encheram de lágrimas. Alguma vez ela ouviu um som mais bonito do que o deleite de sua

filha mais nova?

— Ela está debaixo deste banco? Não.

— Ashlyn, não consigo encontrar Gracie. Onde ela está? — Caralyn entrou no jogo de Gracie.

Mais risos surgiram de sua filha outrora silenciosa. O coração de Caralyn se encheu de alegria, uma sensação de felicidade radiante percorrendo seu corpo.

Quando elas se aproximaram da banheira onde Gracie estava escondida, ela pulou com as mãos no ar e gritou:

— Rrrrrr!

Ashlyn pulou, e Caralyn riu, pegou Gracie e a abraçou.

— Aqui está você.

Gracie olhou para sua mãe e colocou a mãozinha na bochecha molhada dela.

— Mamãe, ficaremos aqui?

— Sim, ficaremos. — Como poderia levar suas filhas? Embora ainda não soubesse o que o futuro reservava para ela e Robbie, faria qualquer coisa para ver suas filhas tão felizes o tempo todo.

Gracie bateu palmas, se afastou da mãe para descer, então correu para a mesma banheira e pulou novamente. Ela espiou por cima da borda e disse:

— Mamãe, me encontre. — Então sua cabeça desapareceu novamente.

Ashlyn assentiu com um sorriso travesso e olhou para a mãe.

— Sim, o mesmo jogo. Ela precisa encontrar novos esconderijos.

Caralyn olhou para suas filhas adormecidas no meio do leito grande e macio. Gracie costumava dormir com o polegar na boca, mas não no Clã Grant. As meninas pareciam tão tranquilas e relaxadas, e a visão delas assim aquecia seu coração.

Ela já tinha derramado lágrimas suficientes por um dia. Tão grata por tudo que os Grant tinham feito por elas, sentia que precisava fazer algo.

Vira Robbie entrar em sua câmara quando saíram da câmara de banho. Sorrindo ao se lembrar de Gracie caminhando pelo corredor para dar um abraço nele, Caralyn percebeu o quanto sentia falta dele. O abraço caloroso do rapaz foi muito bem-vindo no frio lá fora.

Depositando um beijo na testa de cada uma de suas filhas, pegou um robe que Fiona deixara para cobrir a camisola e saiu silenciosamente pela

porta, descendo o corredor de pedra fria até a câmara de Robbie. Ele não tinha trancado a porta, então ela entrou silenciosamente e fechou a porta atrás de si.

Aguardou perto da porta até que seus olhos se ajustassem à escuridão. Ela percebeu que ele estava acordado.

Um suspiro profundo veio da cama. Ele levantou as cobertas, e ela se enfiou no leito ao lado dele.

— Sim, Caralyn? O que você precisa?

Caralyn pigarreou antes de responder. Ela desejava ter pensado melhor antes de entrar na câmara dele.

— Estou muito grata por tudo que você fez. Minhas meninas...

Robbie colocou os dedos contra seus lábios, interrompendo-a no meio da frase.

— Se está aqui apenas para expressar sua gratidão, por favor, vá embora.

— Eu não entendo.

— Moça, você já agradeceu muitas vezes, mais do que posso contar. Você não precisa me agradecer mais.

— Mas eu estou muito grata, você não faz ideia. Meu único desejo sempre foi livrar minhas filhas do olhar assombrado em seus olhos, e você fez isso. Nunca as vi tão felizes. — Ela fechou os olhos por um momento para tentar parar as lágrimas. — Robbie, o que você fez por elas merece mais do que duas palavras.

— Então, qual é a sua intenção?

— Eu só sei como agradecer de uma maneira. Por favor, permita-me servi-lo para mostrar o quanto eu aprecio tudo que você fez...

Robbie pulou da cama.

— Não. Não é isso que eu quero, Caralyn. — Sua voz ficou áspera. — Eu não quero ser servido. Se essa é a única razão pela qual você está aqui, por favor, vá embora.

Lágrimas se acumularam em seus cílios.

— Robbie, não entendo. Por que você está bravo? O que eu fiz de errado? Você não me quer? — Ela se sentou no leito e o encarou.

Ele se inclinou sobre o leito, colocando as mãos de cada lado dela para poder olhar em seus olhos.

— Caralyn, eu a quero com cada fibra do meu ser, mas não assim. Eu a quero quando você me quiser.

— Eu quero. Quero lhe agradecer.

— Esse é o problema. Você não me quer pelo que sou, você me quer pelo que fiz. Você me quer porque eu lhe ajudei. Você me quer por salvar suas filhas. Sei que não entende por causa do seu passado, mas você precisa me querer pelo que eu sou. Até lá, não a quero na minha cama. Não é pelos motivos certos.

Ela limpou as lágrimas das bochechas enquanto saía da cama.

— Mas eu sinto sua falta.

— Eu também sinto a sua. Mas preciso de mais de você. Talvez você não possa dar isso. Preciso saber que você está aqui porque tem sentimentos por mim, não porque quer me servir. Você entende a diferença? Já amou um homem antes?

Ela balançou a cabeça em confusão.

— Não. Eu gostava do meu marido, mas acho que não o amava. — *Por favor, Robbie, se eu disser que quero estar aqui por qualquer outro motivo, sou má, má. Minha mãe vai me acusar.* Na verdade, ela mal tinha admitido seus verdadeiros motivos para ir a câmara dele para si mesma, assim como da primeira vez que ela tinha se esgueirado para o leito dele.

— Eu quero o que meus irmãos e minha irmã têm. Um relacionamento precisa ser construído com base nos sentimentos mútuos. Você não sabe como é difícil para mim te afastar, mas isso está errado.

— Eu sinto muito, eu só queria...

— Um relacionamento não deve existir apenas na cama. Não vai acabar bem. Eu já tive esse tipo de relacionamento com outras mulheres, e não é o que eu quero. Não com você. Eu quero mais.

Caralyn balançou a cabeça, tão confusa que nem sabia o que dizer a ele.

Ela abriu a porta e correu pelo corredor. Não querendo acordar as filhas, ela subiu as escadas até as ameias.

E correu direto para Gwyneth.

CAPÍTULO VINTE E CINCO

Gwyneth deu uma olhada nela e estendeu os braços para a amiga.

— Caralyn, o que há de errado? Você não está feliz aqui?

— Sim, mas... o Robbie não me quer aqui. — Caralyn caiu nos braços de sua amiga.

Gwyneth a segurou por um tempo antes de forçá-la a olhar para ela.

— O que você quer dizer com Robbie não lhe quer? Pelo que vejo, o homem está apaixonado.

— Acabei de sair da câmara dele e ele me afastou.

Gwyneth a puxou para um conjunto de pedras embutidas na parede onde podiam se sentar.

— Caralyn, você precisa perceber que ele é muito diferente de Malcolm. Você nunca conseguirá satisfazer Robbie da mesma forma que fazia com Malcolm.

— Não entendo. Todos os homens querem copular. Era o que meu marido queria de mim também. Ele queria copular o tempo todo.

— Você tinha algum sentimento pelo seu marido?

— Não. Bem, eu gostei dele por um tempo, e ele me protegia e caçava comida para nós, mas Robbie me perguntou se eu já tinha amado alguém antes. Eu não entendo o amor. Eu amo minhas filhas, mas é diferente.

Gwyneth afastou o cabelo do rosto dela.

— Oh, querida. Sei de onde você está vindo. Lembro-me dos horrores pelos quais passou. Isso me faz perceber como estou feliz por ter conseguido lutar contra o norueguês que veio até mim no navio. Mas aqui é diferente. Tenho observado todos esses maridos e suas esposas todos os dias desde que chegamos.

Ela olhou para Caralyn antes de olhar para as estrelas no céu.

— Alex, Brodie e Quade, todos eles tratam suas esposas de maneira diferente. Eles pedem suas opiniões. Eles tocam, riem e fazem o que suas esposas pedem. E as esposas fazem coisas para seus maridos com um sorriso no rosto, como se gostassem. Também é novo para mim. Mas não lembro da minha mãe e tenho pouca experiência com casais casados. Pelo que me lembro, sempre disse que nunca me casaria. Mas sabe de uma coisa?

Caralyn balançou a cabeça, tentando recuperar o fôlego.

— É muito bom. Quase me faz querer me casar. Não pensei que diria algo assim. Todos eles são felizes. — Gwyneth se levantou e olhou para a terra. — Olhe para isso, Caralyn. Você já viu um mundo assim? O que você vai fazer?

Caralyn balançou a cabeça novamente.

— Não sei, mas quero ficar. Minhas meninas estão as mais felizes que já as vi. Gracie está falando e não chupa o dedo.

— Talvez você possa contribuir de alguma forma e encontrar sua própria cabana.

— Ah, o que posso fazer? Minhas únicas habilidades são na cama, e não acho que o laird Grant concordaria com isso. Não sei costurar ou cozinhar. Talvez eu pudesse ser uma serva. E você? Pretende ficar?

— Ah, você sabe que tenho algo a terminar. Vou caçar o homem que me colocou naquele barco e matá-lo com minhas próprias mãos, se necessário. Não vou descansar até fazer isso.

— O Logan vai te ajudar?

— Logan é um homem admirável. Ele é maravilhoso com os pequenos, e suas filhas o adoram, mas ele é muito teimoso para mim. Não posso pedir a ele que venha comigo e resolva meus problemas. Tenho meu arco e flechas, e você sabe o quanto treinei para isso. Estarei bem. Ele me mostrou como marcar meu caminho de volta.

— E se o Malcolm vier atrás de mim? E se ele trazer um batalhão inteiro de guerreiros e atacar os Grant? Eles são tão maravilhosos, não suportaria ver alguém se machucar.

— O laird Grant tem mais de quatrocentos homens treinando, e outros esperando para se juntar. Acho que ele pode lidar com Malcolm Murray e seu grupo de desajustados. — Gwyneth riu. — E você viu o tamanho de Alex Grant? Brodie e Robbie também não são pequenos. Os três são imensos, junto com Quade e Logan. Eles criam rapazes grandes aqui.

As duas riram até a barriga de Caralyn doer.

— Talvez você esteja certa, mas alguém ainda pode se machucar. Eu deveria ir, mas não tenho coragem de tirar minhas meninas daqui. Quando você vai partir?

— Em breve. Vou voltar para Glasgow e, talvez, para Ayrshire. Depende de onde eu encontrar aquele desgraçado, Duff Erskine. O homem matou meu pai e meu irmão na minha frente. Ele precisa pagar pelo que fez a mim e à minha família.

— Espero que você consiga resolver isso, e espero que Logan lhe ajude, queira você ou não. Vai voltar depois, ao menos para uma visita? Entendo por que você deve ir. Você lida com as coisas de maneira diferente de mim. Mas espero que nossos caminhos se cruzem novamente. Obrigada por tudo o que fez. Sei o quanto deve ter sido difícil para você viajar sozinha com três homens, mas me senti muito melhor sabendo que você estava com elas.

— Foram todos cavalheiros. Até Logan foi bastante decente. Ele me ensinou algumas coisas. Se eu encontrar Malcolm no caminho, cuido dele para você.

Caralyn abraçou sua amiga.

— Deus a acompanhe, Gwyneth. Sabe que vou me preocupar com você.

— E eu com você.

— Acha que Malcolm virá atrás de mim? É uma longa viagem.

Gwyneth se inclinou novamente sobre a borda e olhou para a terra. Caralyn ficou ao lado dela.

— Para a maioria dos homens, eu diria que não. Mas Malcolm? É uma competição para ele e aquele homem sempre precisa sair por cima. Temo que ele venha, mas talvez não até a primavera. É uma longa viagem no inverno. Vou ver o que posso descobrir em Glasgow.

— Gwyneth, tem certeza de que não pode ficar aqui? Vou sentir sua falta. Você pode ter um novo começo aqui. Você foi uma amiga verdadeira quando eu realmente precisei de uma. Talvez a única amiga verdadeira que já tive.

— Ah, nos encontraremos novamente. Não se preocupe.

Dois dias depois, Robbie estava sentado à mesa no meio do solar, enquanto Alex estava atrás de sua escrivaninha com Maddie perto dele.

— Por que ela quis lhe ver, Alex?

— Não sei, mas atendi ao pedido dela. Quer nos dar um pouco de contexto sobre seu relacionamento com Caralyn antes que ela se junte a nós?

Robbie deu de ombros enquanto caminhava até a janela e puxava a pele para trás.

— Eu a encontrei depois que um norueguês a espancou até ela ficar inconsciente. Ela estava em péssimo estado e não acordou até a manhã seguinte. Eu a trouxe para o meu acampamento, depois voltei e resgatei suas filhas. Tomas e eu as levamos todas para o convento perto de Glasgow, logo antes da Batalha de Largs.

— E isso é tudo? — Alex levantou as sobrancelhas enquanto observava o irmão.

— Isso é o mais importante. — Ele se virou da janela para encarar Alex e Maddie.

— Então como você acabou trazendo-a para o nosso clã?

— Ah, é uma longa história.

— Temos tempo. — Alex olhou para sua esposa, esfregando metodicamente sua barriga volumosa. — Está tudo bem, querida?

Maddie sorriu.

— Não, estou bem. Só um pouco cansada.

Alex se inclinou e beijou sua bochecha.

— Vocês dois querem que eu saia? — Robbie perguntou.

— Não! Você ficará até responder minhas perguntas. — Alex lançou-lhe um olhar penetrante.

Uma leve batida soou na porta.

— Entre — Alex disse.

Caralyn entrou hesitante antes de fechar a porta, parando por um momento ao ver Robbie perto da janela.

— Devo voltar mais tarde?

— Não. — Alex se levantou e a conduziu até uma cadeira. — Pedi ao meu irmão para comparecer. Isso é aceitável, Caralyn?

Ela assentiu e alisou suas saias enquanto aguardava um sinal para começar.

Alex se acomodou na cadeira atrás de sua escrivaninha e acenou para ela começar.

— Meu laird, vim para explicar um pouco sobre mim e pedir um favor.

Robbie não conseguia adivinhar do que se tratava. Nervoso, começou a andar de um lado para o outro em frente à lareira.

— Tenho duas coisas que gostaria de discutir, se me permite.

— Vá em frente, moça.

— Minha mãe sempre me ensinou a ser honesta, então sinto a necessidade de dar uma explicação sobre meu passado. Não sei o que

Robbie lhe contou sobre mim. — Ela olhou de Robbie para Alex Grant.

— Muito pouco. Conte-nos o que precisar — Alex disse.

As mãos de Caralyn agarraram suas saias antes de começar. Robbie queria caminhar até ela e segurá-la em seus braços antes que ela começasse, mas ele podia ver o quanto lhe custava vir aqui falar com Alex, e ele precisava deixá-la se sustentar por conta própria.

— Tenho um passado muito diferente. Embora eu tenha sido casada por um tempo, nos últimos cinco anos fui amante de um homem que às vezes me entregava aos seus amigos.

Robbie exclamou:

— O que você está fazendo? Eles não precisam saber disso.

Alex levantou a mão para seu irmão antes de segurar a mão de sua esposa.

— Maddie, você gostaria de sair?

— Não, Alex, estou bem.

— Continue. — Alex acenou para Caralyn.

Caralyn olhou para Robbie antes de falar.

— Percebo que talvez não seja melhor eu ficar perto de todas as suas crianças devido ao meu passado, então quis ser completamente honesta com o senhor. Eu gostaria de ficar em seu castelo, se possível, mas percebo que sou um incômodo. Ainda assim, me perguntei se poderia ter uma cabana perto do lago onde eu pudesse ficar com minhas filhas.

Robbie parou de andar e cruzou os braços.

— Peço desculpas se isso o incomoda, mas não posso mudar quem sou.

— Caralyn manteve os olhos fixos em Alex Grant enquanto falava.

Após refletir por um momento sobre suas palavras, Alex pigarreou.

— É isso que deseja fazer? Deseja continuar sendo amante de alguém enquanto está no castelo Grant?

— Não! — Caralyn saltou de sua cadeira, mas depois sentou-se novamente. — Perdão — sussurrou.

— Foi sua escolha ser amante desse homem? — Alex perguntou.

— Não. — Caralyn balançou a cabeça vigorosamente, depois abaixou a cabeça. — Fui forçada. Estávamos desesperadas por comida, e o homem deixou claro seu preço. Depois ele segurou minhas filhas e ameaçou machucá-las se eu não cumprisse suas instruções.

— Então, não vejo relevância nisso para esta discussão.

A cabeça de Caralyn ergueu-se rapidamente, e ela olhou de Alex para Maddie.

Maddie se levantou e deu a volta na mesa até ela, segurando suas mãos nas dela.

— Não importa para nós o que você fez no passado. Eu discordo de você. Você pode mudar quem é. O que gostaria de fazer para contribuir com o clã?

— Bem, isso é parte do meu problema. A única coisa que meu marido me ensinou antes de falecer foi pescar. Pensei que, se vivêssemos perto do lago, eu poderia pegar e limpar peixes. Ashlyn também adora pescar.

Alex acenou com a cabeça.

— Entendo. E a segunda coisa que queria discutir conosco?

— A pessoa que me forçou tem me procurado. Ele nos seguiu para fora de Glasgow, mas Robbie e seus homens lutaram contra os guardas dele. Ele conseguiu escapar de volta para Glasgow. Temo que ele possa vir atrás de mim e não quero arriscar que alguém do seu clã seja ferido por causa dele.

Alex virou-se para seu irmão.

— Robbie, o homem escapou?

— Sim, ele jogou Caralyn em seu cavalo enquanto lutávamos contra os guardas. Quando fui atrás dele, ele já estava longe o suficiente para me forçar a usar minha flecha. Acertei-o no ombro e ele empurrou Caralyn do cavalo em uma inclinação. Tive que fazer uma escolha, e era mais importante para mim garantir que ela não estivesse em perigo.

Alex levantou uma sobrancelha, então voltou sua atenção para Caralyn.

— Se ele vier atrás de você, é mais seguro aqui dentro do castelo do que em uma cabana.

— Mas não quero colocar ninguém aqui em perigo. — Sua voz era firme.

Maddie voltou para sua cadeira a tempo de ouvir Alex sussurrar para ela pelo canto da boca.

— Hummm, onde já ouvi isso antes, esposa?

Alex se levantou.

— Obrigado, Caralyn. Vou considerar seu pedido. Até tomar minha decisão, espero que fique no castelo.

Caralyn se levantou e agradeceu a Alex e Maddie. Ela abriu a porta para sair e Logan entrou correndo, parando quando a reconheceu.

— Onde está Gwyneth?

Caralyn deu de ombros.

— Não sei. Ainda não a vi hoje.

— Ela disse que partiria? — Seu tom era insistente.

Caralyn assentiu.

— Ela disse que planejava partir em breve.

— Para onde ela estava indo?

— Em busca de alguém em Glasgow.

— Quem? — Logan se aproximou mais de Caralyn, impondo-se sobre ela.

Robbie se colocou na frente dele.

— Fique longe dela.

— Ela tem informações que eu preciso — declarou Logan, com as mãos nos quadris.

— Então pergunte educadamente e talvez ela responda. — Robbie lançou um olhar de raiva para seu amigo.

— Faça do seu jeito, Grant. Caralyn, poderia me dizer onde Gwyneth foi? — Ele inclinou a cabeça para trás com um sorriso, olhando por cima do ombro de Robbie.

Robbie deu um passo para trás, satisfeito de que Logan estava tratando Caralyn com o respeito que ela merecia.

— Ela foi atrás de Duff Erskine, o homem que a drogou e a forçou para o barco.

— Ela foi sozinha?

— Sim. Ela está com seu arco e flechas. — Caralyn olhou de Robbie para Logan. — Gwyneth sempre viaja sozinha.

— E qual é o propósito dela?

Caralyn olhou para seus pés, mexendo-os nervosamente.

Robbie deu um passo em sua direção e levantou o queixo dela para que seus olhos se encontrassem.

— Caralyn?

— Ela foi matá-lo.

Logan rosnou.

— Moça tola. — Ele amaldiçoou algumas vezes antes de se virar.

Caralyn o deteve.

— Logan?

— Sim?

— O homem matou o irmão e o pai dela na frente dela. Ela não vai desistir até que ele esteja morto.

Foi toda a motivação que Logan precisava para se virar e correr para fora da porta.

Quando os Grant e Caralyn retornaram ao grande salão, Logan havia terminado os preparativos para a viagem, tendo pegado outra plaid, um pão, um pedaço de queijo e sua bolsa. Ele saiu pela porta, tomando uma cerveja pelo caminho.

Quade, que também estava no grande salão e fora informado sobre sua missão, gritou atrás dele.

— Boa sorte, certo? Até mais, irmão.

— Oh, sim — Logan gritou por cima do ombro enquanto corria pelas escadas e desaparecia de vista.

CAPÍTULO VINTE E SEIS

Mais tarde naquela noite, os irmãos Grant estavam sentados ao redor da lareira bebendo cerveja, junto com o cunhado, Quade. A única mulher presente era Maddie, adormecida no colo de Alex, descansando juntos em sua cadeira favorita, aquela que o laird havia feito especialmente para eles. Ele beijou sua testa e ela suspirou, aconchegando-se mais perto dele.

— Então, Robbie, quer nos contar exatamente o que essa moça significa para você? — perguntou Alex.

Brodie sorriu.

— Sim, vejo um pouco mais de interesse do que o habitual em você. Na maioria das vezes, você ignora as moças até que elas atendam às suas necessidades. Seus olhos seguem essa por toda parte.

Robbie suspirou.

— Na verdade, estou interessado nela. Mas o passado dela foi tão difícil que não sei se algum dia seremos compatíveis. A vida dela é focada nas filhas, e não sei se ela quer outro homem na vida dela.

Maddie sentou-se, esfregando os olhos.

— Com licença. Posso falar algo, Robbie?

— Claro, Maddie. Eu estava esperando sua opinião. Parece que sempre digo e faço as coisas erradas.

— Pelo que ela disse, minha suposição é que ela não vai querer ser tocada por um tempo. Ela foi forçada por tanto tempo que provavelmente não quer o toque de um homem agora.

— Ela não tem medo do toque de um homem. Mas acho que ela não entende como as coisas deveriam ser entre um homem e uma mulher. Novamente, suas experiências distorceram sua visão do mundo.

— Sim, porque tudo o que ela aprendeu foi errado. Faz cinco anos que o marido dela faleceu. Os anos desde então parecem pura tortura. Sei que isso é difícil, mas você terá que ser paciente se realmente deseja atraí-la.

Ele fez uma pausa por um momento antes de admitir a verdade.

— Sim, eu quero.

Quade perguntou:

— Você está pronto para se envolver na vida das filhas dela? Acho que isso seria importante para a moça. Ela precisa ver você interagir com as pequenas.

— Gracie me aceitou imediatamente, muito antes de Caralyn. Então, ela não é um problema. Acho que não tenho certeza sobre Ashlyn. Elas estão tão ocupadas com seus novos amigos que não tenho passado muito tempo com elas.

— Você deve cortejá-la — disse Alex.

— O que você quer dizer? — Robbie perguntou.

— Comece do início e faça coisas que nunca foram feitas por ela. Leve-a para uma caminhada, faça um piquenique, um passeio de barco no lago. Ela precisa saber que a vida com você será diferente.

Maddie assentiu.

— Sim, ela precisa aprender o que é um bom relacionamento.

— Talvez possamos arranjar um lugar para ela, para que ela sinta que tem algo próprio. E a cabana perto do lago? Poderíamos arrumá-la para ela.

— Robbie olhou para Quade em busca de apoio.

Alex disse:

— A cabana da família ainda está lá e precisa de reparos, mas ela não pode ficar lá sozinha até que a questão com Murray esteja resolvida. Não acho que demorará muito para ele aparecer, então vá em frente e trabalhe nela se desejar.

Quade concordou:

— Eu ajudo. Vai me dar algo para fazer enquanto esperamos o nascimento de nossa nova sobrinha.

— Sobrinho — Maddie corrigiu.

— Outro menino, esposa?

— Sim, outro menino. Posso dizer pela maneira como ele se move. Ainda não teremos uma menininha loira, Alex.

— Humph. Então teremos que tentar novamente — ele disse com um sorriso.

Dois dias depois, Caralyn correu escada acima para pegar seu manto. Robbie se ofereceu para levá-la para uma caminhada à beira do lago, e ela havia aceitado. Estava tão animada para ir, seu coração batendo como o de uma jovem moça.

Ashlyn a seguiu até a câmara.

— Posso ir com você, mamãe?

— Talvez à tarde, Ashlyn. Acho que seria muito longe para Gracie, e preciso que você fique e cuide dela. Estou tentando encontrar nossa própria cabana para vivermos.

— Não podemos ficar aqui?

Ela se ajoelhou em frente à filha.

— Preciso encontrar um lugar onde eu possa contribuir com o clã. Pensei que poderíamos pescar e limpar os peixes para a cozinheira usar na refeição do meio-dia. Lembra-se de como costumávamos pescar com o papai?

— Sim, eu gosto de pescar. Parece divertido. E precisamos ajudar, embora eu cuide dos bebês, mamãe.

— Sim, e estou orgulhosa de você. Você está fazendo um ótimo trabalho com os pequeninos. Logo haverá um novo bebê.

Caralyn arrumou sua trança e desceu de volta, com Ashlyn seguindo atrás. Ela parou no topo e apenas observou por sobre o corrimão. Robbie estava sentado em um banquinho no meio do grande salão enquanto Gracie e Lily corriam em círculos ao seu redor. Embora Lily fosse dois verões mais velha, ambas as meninas gritavam e riam como se fosse o melhor jogo de todos. O coração de Caralyn se derreteu ao ver esse grande e robusto Highlander brincando com duas pequenas meninas.

Robbie gritou:

— Pare!

As meninas congelaram e não se moveram. Caralyn apoiou o queixo na mão, com o cotovelo no corrimão, tão encantada com a maneira como as duas meninas o olhavam, as expressões angelicais nos rostos enquanto aguardavam mais instruções. Ela se perguntou qual jogo estavam jogando.

Ele se inclinou e as virou para que ficassem de frente na direção oposta.

— Prontas. Agora, Gracie, você tem que perseguir Lily e tentar pegá-la. Um-dois-três, vai! — As meninas dispararam como um raio, braços balançando de alegria, suas risadas enchendo o salão enquanto Gracie corria para pegar Lily, enquanto todos no salão paravam para assistir suas brincadeiras. Um simples jogo de pega-pega e as crianças estavam se divertindo ao máximo.

Ashlyn ficou ao lado da mãe e deu uma risadinha.

— Lily e Gracie brincam de pega-pega o tempo todo, mamãe. Elas adoram.

— Você gosta de ter novas amigas, não é? — Caralyn sorriu enquanto ajeitava alguns fios de cabelo de Ashlyn atrás das orelhas.

Ashlyn assentiu.

— Sim, nunca tivemos amigas antes.

Caralyn desceu os degraus com a filha e caminhou até Robbie com determinação. Ashlyn correu para brincar com as outras.

Robbie arqueou a sobrancelha quando ela se inclinou e o beijou na bochecha.

Ela corou.

— Esse beijo é pelo seu talento com as pequenas. Faz parte de quem você é, eu acho, e considero isso uma habilidade digna de nota.

Robbie sorriu e a beijou nos lábios, cuidadoso para não se mover no caminho das crianças correndo.

— Beijo aceito e retribuído. Amar crianças faz parte de quem sou e agradeço por notar. Adoro todos os meus sobrinhos e sobrinhas, mas principalmente quando já são um pouco mais velhos e fora das fraldas. — Ele se levantou e estendeu o braço para ela.

Caralyn pegou Gracie enquanto ela passava correndo e a ergueu para beijar sua bochecha.

— Tchau, meu doce. Mamãe volta em um instante. — Gracie lhe deu um beijo e desceu rapidamente para continuar com seu jogo.

Loki veio correndo e se juntou à bagunça.

— Vou ajudar a cuidar delas, Mestre Robbie. Vou garantir que nenhum pestinha irritante as incomode. — Ele levantou o punho para dar ênfase às suas palavras.

— Sim, tenho certeza de que Ashlyn adoraria sua ajuda, mas tente não ensinar palavrões às crianças. Guarde isso para os guerreiros. — Robbie bagunçou o cabelo do garoto.

Loki cobriu a boca e pediu desculpas timidamente a Caralyn.

— Desculpe, minha dama.

Caralyn sorriu e disse:

— Pode me chamar de Caralyn, Loki. Não sou de nascimento nobre.

— Não, ele pode chamá-la de “minha dama”. É o respeito adequado.

Robbie pegou a mão de Caralyn e a colocou no seu braço enquanto a escoltava até a porta. Antes de sair, eles se viraram e mandaram um beijo para os pequenos, embora a única que tenha notado foi Ashlyn. Uma brisa

fresca de outono fez com que as saias de Caralyn esvoaçassem assim que eles saíram.

— Ainda está gostando das Terras Altas, senhora? — Robbie olhou em seus olhos enquanto caminhavam pelo pátio em direção aos portões.

— Elas parecem se tornar mais bonitas a cada dia. As folhas estão deslumbrantes. Estou feliz que não tenham mudado todas antes de chegarmos. Mas também adoro o som do vento através dos pinheiros.

— Fico feliz em ouvir isso. — Assim que saíram dos portões, ele pegou a mão dela. — Quero que veja nosso lago antes de decidir onde gostaria de morar.

— Você acha que Alex vai aprovar meu pedido?

— Há algumas questões a serem resolvidas e consideradas. Primeiro, há apenas uma cabana velha e em ruínas aqui. Quero verificar por dentro para ver se pode ser reparada. Segundo, e isso é algo para nós dois pensarmos, você ficará a uma curta distância da aldeia, então seria mais difícil mantê-la segura. Não acho que seria sensato para você estar aqui sozinha, e Alex não aprovará sua mudança até sabermos o que acontecerá com Murray. Não seria seguro para você e as meninas.

Eles caminharam por um curto período, mas logo chegaram a uma colina. O lago surgiu à vista quando alcançaram o topo. Caralyn parou, maravilhada com a vista à sua frente.

— Robbie, é tão bonito. — As colinas e vales se estendiam em todas as direções, e as cores laranja e vermelha decoravam a paisagem em esplendor absoluto. Folhas douradas ondulavam na brisa e Caralyn ergueu o rosto para o sol, absorvendo o calor dos raios. Ela sorriu ao ver a água cintilar, refletindo a luz do sol em suas pequenas ondas.

Caralyn olhou para Robbie, um sorriso travesso no rosto.

— Podemos dar uma corrida até lá?

— Como você pode correr com seu tornozelo machucado?

— Oh, está muito melhor agora.

Robbie exibiu seu sorriso encantador, mas ela podia ler a pergunta em seus olhos.

— Até onde?

Caralyn apontou para uma construção de pedras do outro lado do lago.

— Não é aquela a cabana?

— Sim. Quer me desafiar até lá? — Os olhos de Robbie se arregalaram.

— Sim, estou com minhas botas. Corrida até a cabana. — Ela partiu, rindo de pura alegria enquanto descia a colina, tentando manter o equilíbrio. Seus braços giravam algumas vezes apenas para se manter ereta, mas isso não a impediu. Ela começou com uma boa vantagem sobre ele, mas podia ouvir seus passos pesados se aproximando. Uma mão a alcançou e apertou sua cintura enquanto ele chegava ao seu lado, e ela gritou, empurrando-o e correndo na frente dele.

Ela perdeu o equilíbrio e estava prestes a cair de cabeça quando um braço forte a segurou pela cintura e a endireitou, puxando-a para junto dele.

— Não! — ela gritou, empurrando seu peito, seu humor mudando de repente para o desespero.

As mãos de Robbie caíram e ele as levantou no ar.

— Caralyn, não. Nunca vou machucá-la ou forçá-la a fazer qualquer coisa. Eu só estava tentando evitar que você caísse.

Caralyn arfava, principalmente pela corrida, mas também um pouco pelo medo. Parando a uma certa distância dele, ela colocou as mãos nos quadris para recuperar o fôlego. Ela olhou em seus olhos e viu a dor ali, e algo mais. Preocupação.

E ela fez a única coisa que conseguiu pensar em fazer, caminhou até ele, envolveu os braços ao redor de seu peito largo e sussurrou:

— Desculpe. Eu sei que você nunca me machucaria.

Enterrando o rosto em seu peito, ela apertou seus bíceps enquanto se repreendia. *Má, por que você continua sendo má?* Mas ela estava se divertindo tanto e qual era o mal nisso? Correr com Robbie a fez sorrir novamente.

A voz de sua mãe ecoou em sua mente. *Não seja má com seu marido ou ele se livrará de você. Mulheres boas não gostam disso, apenas mulheres más. Você me entende? Seja uma esposa boa e adequada.*

Toda vez que ela achava que tinha uma chance com Robbie, sua mãe a lembrava de todas as razões pelas quais não daria certo, todas as razões pelas quais Caralyn não era uma mulher boa e virtuosa. Algo dentro dela era ruim, tinha que ser isso.

Ela era podre, por inteiro.

Robbie recuou e levantou seu queixo.

— Caralyn, não fique tão frustrada e desanimada. Sei que você tem questões que precisa resolver. Vamos trabalhar nelas juntos. Apenas me diga o que a deixa desconfortável.

Ela o encarou, lutando contra as lágrimas, querendo contar tudo a ele, querendo confessar tudo. Mas não podia. Se o fizesse, ele a odiaria.

CAPÍTULO VINTE E SETE

Robbie estendeu a mão para Caralyn.

— Vamos, o que passou, passou. Não vou deixar isso arruinar nosso dia. Estamos quase chegando à cabana.

Caralyn colocou a mão na dele e sorriu.

— Sim, eu gostaria de vê-la.

Eles caminharam ao redor da borda do lago até chegarem à pequena cabana de pedra.

Robbie ainda segurava a mão dela na sua. Ele inclinou a cabeça em direção à cabana, com ervas daninhas cobrindo o exterior.

— O que acha?

Caralyn examinou a área. Um pequeno cais estava sobre a água, ainda em bom estado. Ela ofegou ao se aproximarem mais da construção, manchas de flores silvestres dispostas ao redor do exterior. Grupos de árvores estavam atrás da cabana. Ela olhou para o telhado de palha, onde havia alguns buracos claramente precisando de reparos.

Ela parou quando estavam diretamente na frente da casa. Uma entrada coberta estava anexada à frente com um corrimão largo de um lado, provavelmente para limpar peixes. Três degraus de pedra os convidavam a entrar.

— Robbie, é linda. — Ela virou a cabeça para olhar para ele e seus olhos brilhavam de esperança. — Podemos entrar?

Ele assentiu, satisfeito ao ver o brilho de esperança no olhar dela. Ele sempre amou essa cabana, embora não entrasse nela há anos. Era frequentemente usada apenas para pesca no verão, mas ele e seus irmãos passaram muitos meses quentes nadando no lago.

Robbie abriu a porta grossa de carvalho com um empurrão e ela rangeu ao se abrir. Enquanto caminhavam pela sala da frente, ele ficou surpreso ao ver que o chão também era de pedra. Ele lembrava como sendo de terra, mas estava sólido... e bastante sujo, embora um pouco de sabão e água resolvessem isso facilmente. Fazia sentido a cabana ter o chão de pedra com a água tão próxima.

Os olhos de Caralyn se iluminaram ao observar o cômodo da frente, claramente a câmara principal. Uma grande lareira estava na parede lateral com um grande caldeirão pendurado ao lado. Utensílios pendiam de uma

fileira na parte de trás, misturados com algumas panelas. Uma mesa e quatro cadeiras estavam no meio e um tipo de bancada de trabalho estava nos fundos, perto dos utensílios. Uma variedade de bancos estavam em vários lugares junto com dois grandes baús. Eles tiveram que afastar algumas teias de aranha, e tudo estava coberto de poeira, mas o lugar tinha potencial.

Robbie puxou a mão dela em direção ao corredor. Ele teve que se abaixar para passar, mas o corredor levava a uma câmara de bom tamanho com um leito grande. Havia duas portas na parte de trás da sala. Uma rápida inspeção revelou que uma levava a uma câmara menor com uma mesinha. A outra dava para outro pequeno corredor que levava a uma latrina e ao exterior.

— Robbie, eu adorei. Sim, precisa de reparos, mas poderia ser um lugar adorável para viver. Bem perto do lago, onde se poderia ouvir os sapos à noite.

Robbie olhou para o teto.

— O telhado precisa de muitos reparos. E teríamos que substituir a roupa de cama. Parece que há algumas criaturas que não ficarão felizes com isso, mas concordo com você. Não há muitas cabanas de três cômodos com uma sala principal tão grande. Me pergunto por que ninguém mais está aqui, exceto pelo fato de ser um pouco distante da aldeia.

— Sim, mas eu gosto de privacidade.

— Seria muito frio aqui. Não tem muitos pinheiros para proteção. Alguns nos fundos, mas a neve deve se acumular terrivelmente aqui.

— Poderíamos transplantar alguns pinheiros para ajudar com a neve?

— Sim, não vejo por que não. — Robbie não podia deixar de compartilhar o entusiasmo dela. Ele podia se imaginar vivendo aqui com Caralyn como sua esposa, especialmente com a câmara extra para seus filhos. Eles poderiam sentar-se do lado de fora à noite e aproveitar a paz e a tranquilidade do lago, e pescar e nadar quando a água estivesse quente. Não estavam longe do castelo e ele poderia protegê-la.

Olhou para o rosto radiante dela. De alguma forma, ele não acreditava que compartilhavam a mesma visão.

Malcolm estava no meio da clareira, berrando com os quatro homens que o acompanhavam.

— Eu disse que estávamos indo para as Terras Altas. Por que eu pagaria tanto dinheiro de outra forma? Eu não pagaria essa quantia para correr por Glasgow. Eu sabia que seria difícil.

O homem mais corpulento estava de frente para Malcolm.

— Sim, mas o senhor nunca nos disse que teríamos dificuldade para respirar aqui. Mal consigo dormir neste ar. Daremos o fora daqui. Vamos, Duncan.

Ele chamou o homem ao lado dele e foi em direção ao seu cavalo.

— Vamos cair fora dessas Terras Altas. Pode ficar com seu dinheiro. Este lugar vai me matar se eu continuar aqui.

— Espere — gritou Malcolm. — Vou dobrar seu pagamento.

— Não, não vale a pena para mim. O senhor é louco. — Os dois pularam em seus cavalos e galoparam de volta pelo caminho.

Malcolm sabia que essa seria uma jornada difícil para qualquer um que não estivesse acostumado às Terras Altas, mas não desistiria. Não agora. Finalmente, estava quase exatamente onde sempre quisera estar. O comércio em antecipação a uma possível guerra lhe rendera mais dinheiro do que ele jamais imaginara. A venda de armamentos, especialmente os arcos e as alabardas irlandesas, lhe trouxera grande riqueza. Ele colocou seus pais em uma boa cabana e seu pai estava orgulhoso dele.

Erskine tentara convencê-lo a vender escravos, mas ele recusara. Malcolm não tinha muito coração, mas existia um. E Erskine queria vender Caralyn junto com a amiga. Não, nunca. Caralyn era dele, ele a treinara bem e ela se tornara um verdadeiro deleite, especialmente com a culpa que a mãe dela lhe impusera.

Ele esfregou o ombro onde a flecha o havia perfurado. Droga, mas Grant tinha boa pontaria. Caralyn estava exatamente onde ele a queria até Grant interferir.

Ainda tinha dois homens, Ross e Bruce. Três deveriam ser capazes de sequestrar Caralyn.

— Como podemos sequestrar três pessoas quando somos apenas três?
— Ross perguntou.

— Não precisamos das três. Precisamos apenas de uma das filhas para fazer com que ela faça o que quero. Diabos, ficarei feliz se conseguir apenas Caralyn. Só precisamos mudar nossos planos um pouco.

Isso satisfez Ross e Bruce, mas Malcolm tinha que pensar bem. Ele andou pela clareira enquanto refletia sobre a situação. Talvez devesse

desistir e voltar. Tinha várias outras que gostava. Por que precisava de Caralyn?

Sim, ela era uma beleza, mas era a forma como ele conseguia fazê-la gemer que o forçava a persegui-la... isso e seu outro propósito. Ele riu. A verdadeira razão pela qual gostava tanto dela era por causa de sua mãe. A mãe dela enchera a cabeça de Caralyn de loucuras, e ele usava isso a seu favor. Ora, nunca precisara punir a moça, ela passava todo o tempo se punindo. Ele a viu se cortar uma vez, apenas para enfiar a unha na ferida e causar mais dor. A garota era louca, mesmo sendo apaixonada.

Então Robbie Grant surgiu em sua mente. Como poderia esquecê-lo? Isso já era razão suficiente para não desistir. Não deixaria o pequeno rato ficar com sua mulher. O capitão Grant não poderia vencer. Olhara para ele de cima, como se fosse melhor ou de sangue nobre.

Cuidaria daquele olhar nos olhos do capitão Grant. Mostraria quem era o melhor. Que se danassem as filhas. Malcolm Murray sequestraria Caralyn para fazer o capitão pagar.

CAPÍTULO VINTE E OITO

Caralyn estava sentada, penteando o cabelo em frente à lareira. Ela tinha acabado de sair do banheiro e colocado as meninas na cama. Esfregar as costas de Gracie sempre a fazia dormir rapidamente. Caralyn suspirou ao pensar em como a filha estava feliz ali. Ashlyn também estava, ela adorava ter meninas da sua idade para brincar, mas Caralyn podia perceber que sua filha mais velha ainda se preocupava com ela.

A tarde com Robbie tinha sido maravilhosa, exceto por sua explosão. Não podia acreditar em como o tratara, mas fora instintivo para ela... e o maior milagre de todos foi que ele parecia ter entendido.

A cada dia seus sentimentos por Capitão Robbie Grant cresciam. Ela adorava a maneira como ele segurava sua mão e a protegia. Ele era tão bom com a pequena Gracie, que o adorava. Seu coração era gentil e generoso... apesar de sua grande força física, ele não era de dar ordens ou insistir em fazer as coisas do seu jeito.

Quando estavam dentro da cabana, ela se pegou imaginando como seria viver com Robbie como seu marido, morar com ele na cabana, pescar com ele, cozinhar para ele e passar os dias brincando com seus filhos. Ela sabia que Robbie tinha que trabalhar nas listas todos os dias ou fazer o que seu laird exigisse, mas como seria maravilhoso estar nos braços dele todas as noites, do jeito que ela estivera sob as estrelas.

Verificou as meninas novamente antes de pegar seu robe e calçar seus chinelos. Saindo pela porta, virou à direita e desceu as escadas. Ela havia pedido a Maddie se poderiam conversar em particular depois que as meninas estivessem acomodadas, e Maddie concordou. Assim que chegou ao final da escada, Maddie apareceu na porta do solar e a chamou para entrar. Alex, Brodie, Robbie e Quade estavam sentados em frente à lareira no grande salão, rindo de algo. Loki e Torrian brincavam com Growley, o grande cão de Torrian, no chão.

Caralyn entrou e fechou a porta.

— Obrigada por se encontrar comigo.

Maddie sorriu e a abraçou de lado.

— Claro, ajudarei da maneira que puder. — Ela recuou e sentou-se em uma cadeira em frente à lareira. — Pedi a Alex para reforçar o fogo um

pouco. Ele se preocupa muito comigo quando estou grávida, mas não vai demorar muito agora.

Caralyn sentou-se e cruzou as mãos no colo. Ela olhou para baixo, sem saber como começar.

— Robbie me disse que a senhora tem algumas coisas em comum comigo... — ela gaguejou. — Mas não sei por onde começar.

Ela pausou por um momento e disse:

— Hoje, Robbie e eu estávamos correndo, e eu comecei a cair e ele estendeu a mão e me segurou. Ele só estava tentando me ajudar, mas eu o empurrei e gritei com ele.— Ela enxugou as lágrimas que ameaçavam cair por suas bochechas. — Como ele pode querer estar perto de mim quando ajo assim?

— Primeiro de tudo, saiba que não está sozinha. Estamos todos aqui por você, e sempre terá alguém para conversar neste castelo — disse Maddie. — Da primeira vez que conheci Alex, ele me resgatou no meio de uma surra do meu meio-irmão. Você pensaria que eu confiaria nele depois disso, não é?

Caralyn assentiu.

— Toda vez que Alex dava um passo em minha direção, eu dava dois para trás. E se não acredita em mim, pode perguntar aos irmãos dele, porque eles perceberam.

Caralyn sorriu.

— Acho que seria perceptível.

Maddie estendeu a mão e deu um tapinha no braço de Caralyn.

— O que você está fazendo é normal. Robbie se acostumará.

— Mas não entendo. Como a senhora pôde querer se casar? Depois de tudo o que passei, não tenho certeza se posso confiar plenamente em um homem novamente... mesmo Robbie. Eu tenho fortes sentimentos por ele, mas estou confusa.

Maddie disse:

— Com o homem certo, você conseguirá. Talvez seja o Robbie, talvez não.

— Meu maior problema é que Malcolm está na minha mente o tempo todo. Como faço para parar com isso?

Maddie puxou sua cadeira ao lado da de Caralyn e a abraçou.

— Vai levar tempo, especialmente porque Malcolm ainda é uma ameaça para você e suas filhas. Mas com o tempo, você pensará mais nas

peessoas que ama e menos nas pessoas que a machucaram. — Depois de um breve silêncio, ela acrescentou: — Na verdade, tive que fazer um compromisso, e fiz por mim e por Alex.

— O que foi? — Caralyn enxugou os olhos com um dos lenços de linho que Celestina havia lhe dado outro dia.

— Meu meio-irmão era a pior pessoa da minha vida, e a que eu mais pensava. Percebi que se ele ainda estivesse vivo, ficaria muito feliz em saber que ainda estava em meus pensamentos. Ao pensar nele, você lhe dá esse poder sobre você, esse controle. Não pode fazer isso.

— Como a senhora o derrotou? Não será fácil. Não posso simplesmente fazê-lo desaparecer ou já o teria feito.

— Retreinei minha mente. Sempre que meu meio-irmão surgia em meus pensamentos, me forçava a pensar em Alex. Levou tempo, mas funcionou. Os pensamentos felizes se tornaram mais fortes do que os aterrorizantes.

Maddie massageou o ombro de Caralyn encorajadoramente.

— Caralyn, isso pode ser mais difícil para você porque, pelo que me contou, você não tem certeza de como se sente em relação ao Robbie, correto?

— Sim... não. Oh, às vezes tenho certeza, e outras vezes não.

— Pense em qualquer pensamento agradável. Você gostou da caminhada até o lago?

— Sim, especialmente quando estávamos correndo. — Caralyn sorriu ao pensar em Robbie correndo ao lado dela, a luz do sol refletindo em seu cabelo e seu sorriso que derretia seu coração.

— Então use isso. Sempre que pensar no Malcolm, pense nessa corrida em vez disso. Isso pode fazê-la sorrir. — Maddie beijou sua bochecha. — Robbie vale a pena, ele é um homem maravilhoso e adorá-íamos tê-la na família.

Embora surpresa ao ouvir Maddie dizer que adorariam tê-la na família, Caralyn assentiu. Ela tentaria. Ela tinha que tentar.

CAPÍTULO VINTE E NOVE

Caralyn acordou no meio da noite com uma batida suave na porta. Ela se levantou do leito e foi até a porta, mantendo-a aberta só uma fresta para ver quem estava do outro lado. Robbie estava ali com uma expressão de urgência no rosto que imediatamente chamou a atenção dela.

— Caralyn, a hora da Maddie chegou e Brenna se perguntou se você se importaria de ajudá-la. Elas estão na câmara da Maddie, no fim do corredor.

— Sim, claro. Dê-me um momento para vestir alguma coisa. — Ela correu pela câmara, procurando um vestido limpo e seus chinelos. Assim que se vestiu, ajeitou o cabelo por um momento, tentando arrumar as tranças antes de se juntar a Robbie e fechar a porta atrás de si. — As meninas estão dormindo profundamente.

Robbie puxou-a para perto.

— Moça, não posso resistir a você.

Ele a beijou, apenas o tempo suficiente para invadir seus sentidos e fazê-la esquecer seu propósito. Ela se inclinou para ele para saborear seu gosto e a sensação de seu abraço caloroso. Como sentia falta deste homem. Ela o queria agora e para sempre.

Ele encerrou o beijo e ajudou-a a ficar de pé novamente.

— Se não levar você até lá, meus irmãos vão arrancar minha pele. — Ele segurou seu rosto e a beijou rapidamente. — Você me distrai, Caralyn. — Enquanto seguiam pelo corredor, Robbie perguntou: — Já ajudou em um parto antes?

Ela assentiu, escondendo o sorriso diante da declaração de Robbie.

— Sim, no convento.

Ele a guiou até a câmara de Maddie e ela entrou, surpresa ao ver Alex ainda lá, andando freneticamente, junto com a empregada de Maddie, Alice.

— Ah, bom. Outro par de mãos — disse Brenna. — Você não se importa, Caralyn? Não vai desmaiar?

— Não, ajudei as irmãs com um parto no convento. Fico feliz em ajudar de qualquer maneira que puder.

— Maravilhoso. Precisamos preparar a cama. Vamos colocar Maddie nesta cadeira e arrumar o leito com lençóis extras. Robbie, leve Alex para baixo um pouquinho, sim?

Alex retrucou.

— Não, Brenna. Eu ficarei enquanto minha esposa dá à luz o bebê. Você já deveria saber disso.

— Sim, Alex, eu me lembro. Mas você ocupa metade da câmara, especialmente quando anda de um lado para o outro. Pode sair para que possamos nos preparar para a chegada do seu mais novo filho? Tem alguns minutos antes que o bebê chegue.

Robbie riu.

— Vamos, Alex. Uma cerveja pode ajudá-lo. Você tomou várias antes dos gêmeos nascerem.

— Certo. Mas voltarei em breve. — Ele ajudou Maddie a sair do leito e a sentar-se em uma cadeira perto da lareira. Ele a beijou nos lábios e disse: — Eu a amo. Voltarei. Não faça nada sem mim.

— Vá, Alex. — Ela cerrou os dentes quando outra onda de dor atingiu seu corpo. — Vou ficar bem. Deixe-os resolver tudo. E, por favor, vá encontrar o berço.

Alex saiu furioso e, assim que ele se foi, Caralyn virou-se para Brenna em busca de orientação.

— Caralyn, você conhece a criada de Maddie, Alice, que está com ela desde que ela era criança. Pode ajudá-la a preparar a cama?

— Claro. — Ela resolveu a tarefa com Alice e observou Brenna usar um baú próximo para colocar suas ferramentas. Fiona entrou na câmara com água e mais lençóis. Quando terminaram, ajudou Maddie a voltar para a cama, afofando os travesseiros nas costas.

— Eu queria tanto ter esse bebê durante o dia para que você pudesse dormir, Brenna. Isso é tudo culpa de Alex.

— Ah, todos nós sabemos disso, Maddie. — Brenna revirou os olhos para a cunhada.

— Não, não foi isso que eu quis dizer. Alex não consegue manter as mãos longe. Eu disse a ele que se continuássemos assim, faríamos o bebê sair mais depressa. — Ela riu enquanto contava sua história.

Caralyn não conseguiu esconder o choque no rosto. Ela teve relações enquanto estava grávida?

Brenna olhou para Caralyn.

— Caralyn, você está bem? Não vai cair em cima de mim, vai?

— Não. — Ela pegou os lençóis e os dobrou, ainda intrigada com o que acabara de ouvir.

Brenna riu.

— Quando eu estava grávida de Bethia, Quade teve medo de me tocar. Eu disse a ele que não conseguiria passar nove meses sem me divertir. Ele finalmente cedeu. É divertido brincar com as diferentes posições, não é?

Brenna e Maddie riram de suas próprias lembranças. Caralyn olhou para elas, ainda boquiaberta.

— Caralyn, você era casada quando teve Ashlyn, certo? — Brenna perguntou. — Você não gostava de relações quando a carregava?

Caralyn pigarreou e engoliu em seco antes de se sentar em um banquinho próximo, intrigada.

— Minha mãe me disse que não se podia ter relações enquanto estava grávida.

— Criança, sua mãe estava errada — Alice falou. — A maioria das mulheres pode ter relações enquanto durante a gravidez. Embora muitos na Inglaterra acreditem no mesmo que sua mãe. Você concorda, Brenna?

— Ah, sim. Eu teria ficado maluca se não pudesse abraçar meu marido e apreciá-lo. Esta é a melhor parte do matrimônio. Mas ajudei uma mãe a quem aconselhei a não ter relações perto do fim. Ela carregou o bebê muito baixo. Mas, fora isso, a maioria continua a desfrutar dos seus maridos até o fim.

Naquele momento, o mundo de Caralyn desmoronou. Será que tudo o que ela sabia poderia estar errado? Sua mãe lhe contara mentiras? E as duas mulheres estavam falando sobre gostar de relacionamentos... desejá-los... como se não fosse pecado. Como se fosse natural.

Maddie pegou a mão dela.

— Venha sentar-se no leito perto de mim. Você pode segurar minha mão.

Caralyn sentou-se ao lado dela e agarrou-lhe a mão, depois sussurrou:

— A senhora gosta de ter relações com seu marido?

— Ah, sim. Adoro relações ter com meu marido. Ele cuida muito bem de mim. Mas ouvi falar de algumas mulheres que não gostam. — O rosto de Maddie se voltou para Brenna. — Brenna?

— Sim, digo o mesmo. Caralyn? Por que pergunta? Você nunca gostou?

A voz de sua mãe ecoou em seus ouvidos, alta e insistente. *Boas esposas não gostam de relações conjugais. É pecado uma mulher desfrutar disso como um homem. Não deixe que ele tente fazer você participar disso. Apenas fique deitada até que ele termine e não demorará muito. Mulheres*

que gostam de relacionamentos são ruins. Você será má, muito má, e seu marido se livrará de você. Só as vadias gostam. Lembre-se do que eu lhe digo, Caralyn. Seja uma boa esposa, fique aí deitada e não diga nada. Caso contrário, você será considerada uma prostituta.

Ela massageou a têmpora enquanto a verdade abria caminho através de suas memórias.

A mãe mentiu e, durante todos estes anos, Caralyn acreditou nela. Ela segurou o lado da cabeça enquanto tentava entender como essas mentiras profundamente arraigadas impactaram seus pensamentos, suas ações, seu tudo. Malcolm lhe dissera as mesmas coisas, provocando-a, dizendo-lhe que seu prazer no sexo fazia dela uma grande prostituta. Na maioria das vezes, ela podia ignorar e fingir que nada estava acontecendo, mas Malcolm sempre soube como forçar seu prazer. Como fazê-la se sentir culpada. Era disso que ele tratava. Culpa. Controle. Como ela o odiava!

Mentiras, eram todas mentiras.

Apenas uma pessoa não a fez sentir-se mal em sua cama.

Capitão Robbie Grant.

Ela ouviu a voz de Brenna antes de perceber a mão em seu braço.

— Caralyn, gostaria de conversar sobre isso?

Caralyn teve que perguntar novamente... ela tinha que saber.

— É normal gostar? — ela sussurrou, rezando para que a resposta ainda fosse sim.

— Sim. — Brenna segurou sua mão. — Você não parece bem.

— Ninguém pensa mal de uma mulher que gosta? Minha mãe me ensinou que só prostitutas gostam disso.

Alice ofegou.

— Não, criança. Perdoe-me, mas sua mãe lhe disse errado. Ela pode ter sido criada em uma das igrejas rígidas, então não pense mal dela. Meu palpite é que ela lhe contou o que lhe ensinaram.

— Você é uma moça normal, Caralyn. — Maddie apertou a mão dela. Um segundo depois, um aperto mais forte veio quando outra onda de dor e pressão atingiu o corpo de Maddie, tentando prepará-la para o processo de parto.

A porta se abriu e Alex entrou voando, puxando Caralyn para fora do leito para que ele pudesse subir atrás de Maddie.

— Desculpe, moça. — Ele deu a Caralyn um olhar tímido. — Isso ajuda quando minha esposa tem que expulsar o bebê. É tudo que posso

fazer por ela. Ele começou a massagear os ombros de Maddie e Caralyn recuou.

Robbie parou na porta, piscou para ela e disse:

— Até mais tarde, moça. É hora de eu ir embora.

O tempo voou na hora seguinte. Maddie trabalhou duro para dar à luz seu filho e Caralyn ajudou onde pôde. Ela se esqueceu de tudo o que haviam discutido, dedicando todo o seu foco a Maddie e Brenna. Alex era uma delícia de ver enquanto ele cuidava de sua pequena esposa, embalando-a entre as dores, encorajando-a quando ela precisava dele. Ele enxugou sua testa e beijou sua bochecha. Ela nunca tinha ouvido falar de nenhum homem que sobrevivesse a um parto. Definitivamente, isso era algo que ela teria que perguntar a Robbie.

Em algum momento na hora seguinte, Brenna gritou:

— Posso ver a cabeça da criança, Maddie. Empurre agora, empurre com força. — Brenna puxou Caralyn para perto e apontou para o cabelo do bebê. — Acho que terá cabelos louros, Maddie. Pressione por seu marido. — Jennie colocou a cabeça no último minuto e Brenna acenou para que ela entrasse. A moça olhou para tudo com os olhos arregalados de admiração, mas se ajoelhou no chão para observar.

Alex segurou Maddie enquanto ela empurrava, com as mãos atrás dos joelhos para se apoiar. A cabeça da criança estava perto de sair, mas voltou quando Maddie respirou fundo. Enquanto ela relaxava, Brenna contou a Caralyn e Jennie sobre o cordão salva-vidas que saiu com o bebê e mostrou-lhes o que usaria para amarrá-lo e depois cortá-lo quando chegasse a hora. Elas esperaram que outra onda de pressão levasse Maddie a empurrar.

Quando chegou, Maddie empurrou com toda a força. Finalmente a cabeça saiu e Brenna segurou a cabecinha do bebê, usando um pano para limpar o rosto.

— Vamos, Maddie, a cabeça está para fora, você precisa empurrar e tirar os ombros.

— Não posso, não tenho mais forças. — Maddie ofegou de exaustão.

Brenna limpou o interior da boca do bebê.

— Alex, ela precisa empurrar. Faça com que ela termine isso.

Alex a sentou e quando uma nova onda de contrações assaltou Maddie, ela empurrou até seu rosto ficar vermelho como uma beterraba. Os ombros da criança deslizaram pela pequena abertura e Maddie caiu para trás contra o marido, suspirando de alívio.

Brenna pegou o bebê e Caralyn se abaixou para ajudá-la. A curandeiro tinha acabado de colocar a criança nas mãos de Caralyn quando ele soltou um grito alto e ficou vermelho.

— Você tem outro rapaz, Alex! Maddie, é um rapaz lindo. Ele tem cabelo claro e está louco agora. Que rapaz forte! — A alegria de Brenna era contagiante.

O bebê soltou um grito agressivo enquanto se mexia, suas pequenas mãos cerradas com toda a força, e todos sorriram. Caralyn só percebeu que havia lágrimas escorrendo pelo seu rosto quando sua visão ficou turva. Ela observou Brenna amarrar e cortar o cordão salva-vidas e envolver o bebê em uma manta macia antes de acomodá-lo nos braços da mãe. Maddie chorou ao ver seu novo filho e Alex a beijou.

Alice, que estava ao lado de Maddie, chorou muito e, no meio, conseguiu dizer:

— Quatro, criança, quatro bebês saudáveis. Como eu gostaria que sua mãe pudesse vê-la agora.

Caralyn ajudou Brenna a cuidar da peça de vida que surgiu depois do bebê. Todos trabalharam juntos e limparam o bebê o suficiente para mandar Alex sair para mostrar seu novo filho. Finalmente, elas limparam Maddie, vestiram-na com uma camisola limpa e a moça adormeceu.

Brenna abraçou Caralyn e agradeceu antes de mandá-la descansar. Quando ela entrou no corredor, percebeu que o sol havia nascido. Ela se virou e viu Robbie caminhar em sua direção, e imediatamente correu para os braços dele, soluçando.

CAPÍTULO TRINTA

Robbie abraçou Caralyn, sem saber o que dizer, mas grato por tê-la em seus braços por qualquer motivo. Ele ficava muito feliz sempre que ela estava por perto.

— Querida, você está bem? — ele perguntou baixinho.

Caralyn ergueu a cabeça e soluçou:

— Sim, foi tão lindo. — Sua respiração engatou três vezes. — Não, minha mãe mentiu para mim há muitos anos.

Robbie entendeu o primeiro comentário, mas não tinha ideia do significado do segundo. Ele passou o braço em volta dos ombros dela e a guiou em direção a sua câmara. Ela soluçou durante todo o corredor, mas ele a segurou com força.

Assim que ela entrou, ela lançou lhe um olhar interrogativo.

— Minhas filhas? Onde estão minhas filhas? — Ela soluçou e esperou pela resposta dele.

— Querida, já é de manhã. Os pequeninos estão todos no grande salão comendo e se preocupando com o novo bebê. Quando saí, estavam tentando escolher um nome para o rapaz. — Ele deu um tapinha no ombro dela em segurança. — Elas estão bem. Quade, Brodie e Celestina estão elas. Venha, sente-se e me diga por que você chora tanto.

Ela se sentou no leito e se apoiou no ombro dele.

— Seu irmão foi tão maravilhoso pelo jeito que ele esteve ao lado de Maddie. E foi lindo quando o bebê nasceu, todo vermelho e bagunçado, mas ainda lindo. Fiquei tão surpresa ao ver Brenna dar à luz o bebê. Ela é uma curandeira talentosa.

— Sim, ela aprendeu com nossa mãe e está ensinando Jennie agora. Ela salvou muitas vidas, incluindo a de seu marido.

— E quando Brenna embrulhou o bebê na manta e o entregou a Maddie, tive vontade de chorar na hora, mas não pude porque queria ajudar sua irmã.

Robbie beijou sua testa.

— Você não teve ninguém para ajudá-la quando teve suas filhas, não é?

— Não, apenas a parteira, mas eu não gostava dela. Ela me contou coisas horríveis, nada parecidas com as coisas ditas a Maddie. Brenna e Alex foram muito encorajadores. Alice também.

— Sinto muito, moça. Mas você ainda tem duas lindas meninas. — Ele afastou o cabelo do rosto, absorvendo sua beleza, aproveitando a rara oportunidade de estar perto dela. De alguma forma, sabia que ela ainda tinha segredos, mas será que ela os compartilharia? Ele aguardou, esperando que ela continuasse.

Caralyn pegou um lenço de linho limpo e enxugou o rosto. Ela levantou a cabeça do ombro de Robbie e olhou nos olhos dele, muito grata pelo calor que viu ali. Ele realmente se importava com ela. Ele tinha que fazer isso, ou por que ele estaria ali segurando-a enquanto ela chorava tanto? Ela suspeitava que ele se provaria ser um companheiro tão maravilhoso quanto seu irmão, Alex, se ela lhe desse uma chance.

Ela sentou-se ao lado dele no leito e o encarou, cruzando as pernas à sua frente enquanto organizava seus pensamentos e tentava acalmar a respiração. As lágrimas diminuíram e ela respirou fundo, ainda apertando a mão dele como se tivesse medo de soltá-la.

— Robbie, preciso contar uma coisa e é um assunto embaraçoso. Talvez não seja algo que eu deva discutir com um homem, mas por mais difícil que seja para mim admitir isso para mim mesma... confio em você. Estou tão confusa que não sei a quem mais recorrer. — Ela mordeu a unha do polegar enquanto olhava para ele para ver sua reação.

— Prossiga. Tentarei ajudar se puder, Caralyn. — Ele apertou a mão dela e ela segurou com força.

— Quando estávamos juntos no convento... — Ela fez uma pausa e captou o olhar dele, esperando ver algo além de condenação ali, em vez disso vendo preocupação e algo mais: amor? Ela só podia ter esperança. Olhando para o teto, ela reuniu forças antes de continuar, depois olhou para as mãos entrelaçadas. — Se você se lembra, antes de sair, eu empurrei você para longe, com raiva.

Robbie assentiu.

— Lembro-me de cada momento daquela noite, a maioria deles maravilhosos.— Ele passou os dedos pela bochecha dela, acariciando sua pele sob as lágrimas. — O que você está se referindo foi a única parte ruim para mim.

Ela desviou o olhar, com muito medo de ver julgamento no rosto dele, mas se forçou a terminar, mesmo sabendo que não conseguiria olhar nos

olhos dele enquanto confessava. — Na noite anterior ao meu matrimônio, minha mãe me explicou sobre o leito conjugal. Ela me disse para ficar deitada pelo meu marido e quieta.

A testa de Robbie franziu, mas ele não disse nada.

— Ela me disse que as moças não gostavam do leito conjugal, que se sentisse prazer significava que você era uma prostituta e seu marido a mandaria embora.

Ela se atreveu a olhar rapidamente para o rosto dele, e o choque que viu ali a encorajou a continuar.

— Foi o que fiz com meu marido. Fiz o que deveria fazer, o que me ensinaram. Eu não sabia de nada. — Seus olhos ficaram marejados novamente e ela usou o lenço de linho para enxugá-los enquanto falava. — Eu também não acho que ele tivesse muita experiência, mas ele nunca me disse o contrário e eu fiquei grávida em breve, então nosso amor parou. — Ela fechou os olhos com força enquanto memórias assaltavam sua mente, memórias que ela havia excluído por tanto tempo.

Robbie estendeu a mão para ela e puxou-a para seu colo.

Ela descansou a cabeça em seu ombro antes de continuar.

— Quando Malcolm apareceu e me forçou a ter relações com ele em troca de comida, ele fez coisas comigo que me deram prazer. Conteí a ele o que minha mãe havia dito e ele riu. Ainda me lembro exatamente do que ele disse. “Sua mãe tem razão, você é uma prostituta, então você vai ser uma vadia para mim e para os meus amigos, e ainda vai gostar. Em troca, garantirei que suas filhas não passem fome. Mas tenha certeza de que você sempre saiba o que você é. Uma prostituta”.

Ela manteve a cabeça apoiada no ombro dele, com vergonha de olhá-lo nos olhos.

— Eu fiz o que tinha que fazer para encher a barriga da minha filha, mas o tempo todo me castiguei por ser a prostituta que minha mãe me advertiu contra. Aquela noite com você foi a mais maravilhosa da minha vida. Você me fez sentir especial e nunca me fez sentir culpada. Era como se você gostasse de me dar prazer, e a verdade é que gostei de dar prazer a você. Quando terminamos, minha mãe voltou à minha mente e me falou o quanto eu fui má. Errada.

Ao terminar a última frase, ela sentou-se abruptamente, como se estivesse sob o controle de outra pessoa, e sua mão direita agarrou seu pulso esquerdo e ela enfiou a unha na pele. Robbie separou suas mãos.

— É por isso que você se machucou? Eu já vi você fazer isso antes.

— Sim. — Lágrimas brotaram de seus olhos novamente, mas desta vez ela as deixou cair. — É como eu me castigo por ser má. Mas agora, depois de conversar com Brenna e Maddie, sei que minha mãe mentiu. Talvez eu não seja ruim, afinal. — Ela tirou a unha da pele macia. — Talvez eu não precise mais fazer isso.

— Ah, querida. — Ele levou o pulso dela aos lábios e beijou o ponto machucado com ternura. — Sim, é uma mentira vinda da ignorância de sua mãe, e provavelmente o que ela ou seu pai acreditavam. Ela não disse isso para lhe machucar. Tenho certeza de que sua mãe a amava. Você acredita nisso, não é?

Caralyn assentiu enquanto olhava para a mancha em seu pulso, sabendo que em seu coração ela acreditava que a mãe a amava. Ela disse isso por causa de suas próprias crenças, não porque quisesse machucá-la. Ela voltou seu olhar para Robbie.

— Mas quanto ao Malcolm, ele disse isso para você ganhar mais controle sobre você. — Ele colocou a mão sob o queixo dela. — Você não é má por desfrutar de relações comigo. É assim que deve ser entre marido e mulher, entre duas pessoas que se preocupam uma com a outra. Mesmo que não sejamos casados, ainda é normal.

Ela olhou em seus olhos cinzentos e tocou seu queixo com o dedo, acariciando a barba áspera com o polegar e desejando beijá-lo mais do que jamais quis beijar alguém.

— Você se importa comigo, Robbie Grant?

— Sim, moça, me importo. E espero muito que você sinta o mesmo.

Ela sorriu enquanto esfregava o lábio inferior dele com o polegar.

— Eu o amo, capitão Grant. Eu nunca entendi o que era o amor por um homem até nos conhecermos. Estou com muito medo do que sinto, mas não há como negar.

— Posso perguntar por quê? — Ele sorriu, mas a expressão em seus olhos lhe disse que não recuaria. Ele precisava que ela fosse honesta com ele agora.

Robbie queria segurança dela e, de alguma forma, isso a fez sentir cócegas desde a base da coluna até o pescoço. Este Highlander grande, musculoso e bonito queria saber se ela tinha sentimentos verdadeiros por ele.

— Eu o amo pela maneira como você me faz sentir, tão especial e tão desejada. Eu o amo pelo jeito que você é com minhas filhas. Amo você pelo seu toque terno, pela sua proteção com todas nós, pelo seu sorriso e pela maneira como você olha para mim. Isso tem sua aprovação?

Tudo o que ela ouviu foi um grunhido quando ele tomou seus lábios em um beijo ardente, inclinando sua boca sobre a dela. Ele varreu sua doce boca com a língua, saboreando-a e atormentando-a ao mesmo tempo.

Ele segurou seu rosto e se afastou, apoiando a testa contra a dela e disse:

— Sim, moça. Isso é o suficiente por enquanto.

— Então faça amor comigo, Robbie. Quero saber como é não ter culpa pelo que fazemos.

CAPÍTULO TRINTA E UM

Robbie não poderia estar mais feliz em ajudar Caralyn, mas primeiro levantou-se para bloquear a porta. Tinha que se certificar de que as meninas não iriam encontrá-los. Ele tirou o broche e jogou a plaid no chão antes de tirar a túnica. O som musical da risada de Caralyn ecoou pela sala.

Ele a puxou para fora do leito e para si, segurando-a com força contra seu peito.

— Sabe quanto tempo esperei por isso? Há quanto tempo eu a quero, moça?

Ele acariciou seu pescoço antes de ajudá-la a tirar o vestido. Quando finalmente os dois ficaram nus, ele fez uma pausa para olhar para ela, impressionado.

— Caralyn — ele estendeu a mão e passou pelo braço dela. — Você é tão linda. Eu sabia disso no escuro, mas vê-la agora me deixa sem fôlego.

O sangue percorreu seu corpo e ele a esmagou contra si, capturando os lábios dela com os seus para que pudesse saboreá-la novamente. Sua língua acariciou a dela até que uma febre iluminou seu corpo. Podia sentir sua ereção pressionada contra o ventre dela e gemeu quando a mão da moça o envolveu e o acariciou em um ritmo perverso que ameaçava desmanchá-lo.

Ele a levantou em seus braços e a colocou no leito, dando outra olhada em seu lindo corpo, bebendo dela antes de se inclinar para tocá-la. Instalando-se em cima dela, ele afastou o cabelo do rosto e disse:

— Você vai me dizer se eu fizer algo que você não gosta, querida?

— Robbie, não acho que você possa fazer algo que eu não gostaria. Você é tão terno, mas tão grande e duro. — Ela agarrou seus bíceps com alegria, sorrindo para ele. — Por favor, não pare.

Ele adorou a sensação dos seios dela contra seu peito quando se inclinou para beijá-la. Incapaz de se conter, ele abaixou a cabeça para saboreá-la, lambendo um caminho pelo vale entre seus lindos montes. Com apenas um olhar, ela desencadeou uma fome dentro dele. Ele beijou uma trilha quente até cada mamilo, trazendo-os para um pico tenso enquanto ela se contorcia debaixo dele em paixão febril. Colocando um na boca, ele a sugou até ela gritar. Ela se abaixou e agarrou seu membro, acariciando-o como uma provocação, tocando a ponta com a mais leve das carícias.

Ele acalmou a mão dela para não derramar o sêmen quente em sua mão. Uma onda de emoção o atingiu, sentindo o quanto era incrível o que uma pequena moça poderia fazer com ele, poderia fazê-lo sentir. Sua mão acariciou o quadril dela, deslizando pela pele macia da coxa até encontrar sua entrada. Sondando as dobras suaves, ele gemeu com a umidade e a carne escorregadia que encontrou seu toque, então penetrou os dedos dentro dela para deixá-la pronta para ele.

— Por favor, Robbie, agora. Eu quero você agora. — Ela agarrou seus braços enquanto olhava para ele, as feições cheias de paixão.

Ele agarrou seus quadris e a penetrou enquanto ela abria as pernas para recebê-lo. Robbie parou por um momento enquanto olhava nos olhos dela.

— Eu não machuquei você?

— Não — ela gritou, inclinando a pélvis para ele para trazê-lo ainda mais. — Mais, eu quero mais.

Robbie apoiou-se nos cotovelos e deu-lhe o que ela queria. Ela se juntou a ele em seu ritmo, ambos governados pela força poderosa que os levou ao limite. Seus gemidos suaves o levaram a um ritmo que ele não conseguia controlar. Ele mergulhou dentro dela e levantou seus quadris, ofegando porque era maravilhoso estar dentro dela. Ela o tomou por inteiro, apertando-o até que ele quisesse gozar, mas não quis ir antes dela. Alcançando-se entre eles, Robbie encontrou seu ponto sensível e a acariciou até ouvi-la ofegar, sentiu-a agarrar-se a ele quando ela ultrapassou o limite, as contrações apertando-o e ele finalmente se rendeu, chamando o nome dela enquanto gozava em um êxtase abrasador que o possuiu como nunca havia sentido antes.

Ele se apoiou nos cotovelos e olhou nos olhos dela, a névoa de seu prazer ainda evidente em seu rosto, uma felicidade que havia compartilhado com ela. Beijou sua testa e cada bochecha, antes de pousar em seus lábios.

— Querida, isso foi maravilhoso — ele sussurrou. — Sem culpa?

Ela sorriu com um prazer lânguido.

— Sem culpa. Eu o amo, Robbie Grant.

Uma paz que o consumia tomou conta dele e o surpreendeu.

— Eu também a amo, Caralyn.

A refeição do meio-dia foi repleta de risadas e conversas alegres enquanto os Grant davam as boas-vindas ao mais novo membro de sua

família. Depois que Caralyn se limpou e tirou uma soneca, ela desceu e suas duas filhas correram para vê-la, ambas puxando-a para o berço colocado no centro da mesa, cercadas por bebês desmamados de vários tamanhos, todas esperando para ver o que o bebê faria a seguir.

Agora ela sentou-se no banco e olhou para a bela maravilha à sua frente. O rapaz dormia como nenhum outro, alheio à agitação ao seu redor.

Gracie sentou-se no colo.

— Mamãe, viu o novo bebê?

Beijando a bochecha de sua garotinha, Caralyn disse:

— Sim, eu o vi ontem à noite. Ele é lindo.

Ashlyn olhou para sua mãe.

— Você estava lá? Por que você não me chamou? Eu queria estar lá. — Seu rosto se desfez, cheio de decepção.

— Oh, moça, eu precisava que você ficasse no leito com Gracie. A câmara estava bastante cheia. Agora é quando você será mais necessária. Você, Jennie e Avelina podem ajudar Maddie a limpá-lo e trocá-lo quando ele precisar.

Os olhos de Ashlyn se arregalaram.

— Mamãe, eu já o vi fazer xixi. Ele faz isso direto. E Loki disse que é isso que os rapazes fazem. Isso não é estranho? Loki disse que ele e Torrian cuidarão do menino porque ele é um rapaz e um dia terá que ser um guerreiro.

— Algum dia, mas acho que ele ainda tem um tempo. — Robbie entrou com os gêmeos, John e Jamie, e Brodie. Loki e Torrian seguiram atrás deles, Growley parou na tigela perto da porta para beber água.

Sem parar, Robbie foi até ela e beijou-lhe o rosto, depois olhou para o novo sobrinho com um sorriso. Gracie desceu para brincar com os gêmeos e Robbie sentou-se em um banquinho próximo.

— Oh, esses rapazes estão ocupados. Jake nunca para.

— Jake? Achei que o nome dele era John?

— Seu nome verdadeiro é John, em homenagem ao avô, mas às vezes o chamamos de Jake. Não me lembro como tudo começou. — Ele se virou para Ashlyn. — O que você acha do novo bebê?

— Eu já o amo, mas ele chora muito alto.

— Ashlyn, assim que as coisas se acalmarem aqui, pensei em levar você e sua mãe para ver a cabana perto do lago. Brodie e Quade disseram

que me ajudariam a consertar o telhado, e você poderia ajudar sua mãe a arrumar o interior?

— Alex nos deu permissão para morar lá? — Caralyn não conseguia acreditar nas boas notícias. Embora a visita tenha sido curta, ela se apaixonou pela casa.

— Não, ainda não, mas levará algum tempo para consertá-la adequadamente. Se todos ajudarmos, devemos terminar antes que a neve caia. Queremos consertar o telhado primeiro para ajudar a protegê-la das intempéries. Também quero a ajuda de Quade com o trabalho pesado antes que ele e Brenna voltem para casa. Eles querem vencer as neves do inverno ou ficarão conosco durante o inverno.

— Eles não vão ficar? Isso significa que Lily, Torrian e Bethia também irão embora. A decepção de Ashlyn se espalhou por suas feições.

— Quade é o laird do clã Ramsay e Brenna é sua curandeira. Eles são necessários em casa. Eles trouxeram muitos membros de seu clã, mas desejam se estabelecer em casa. Ela prometeu a Alex que ficaria até o meu retorno e o parto de Maddie. Todos estão bem, então ela pode ir para casa agora. A mãe e o irmão de Quade aguardam o seu regresso.

— Mas então quem é o curandeiro aqui? — Ashlyn perguntou.

— Alice pode dar à luz a crianças e, embora Jennie ainda seja jovem, Brenna a treina. Há um velho curandeiro na aldeia também.

E então, o bebê Grant começou a gritar.

— Já escolheram um nome, Robbie? — Caralyn estendeu a mão para o berço para pegá-lo. Ela adorava ninar crianças.

— Connor é o nome do rapaz. O que acha? — Ele sorriu para seu novo sobrinho. — Ele terá que ser durão para lidar com seus dois irmãos mais velhos.

Connor continuou a gritar depois que ela o envolveu com firmeza em sua manta.

— Talvez eu o leve para Maddie. Pode ser hora de ele se alimentar. Sentindo que ele logo seria levado embora, Gracie correu para beijar a bochecha do bebê antes de voltar a brincar com os rapazes. De repente, ela se virou e correu para o lado de Caralyn. Ela colocou as mãos nos joelhos da mãe e disse:

— *Mu a siola*, mamãe.

Caralyn disse:

— Eu também a amo, Gracie;

Sem hesitar, Ashlyn se aproximou e sussurrou em seu ouvido.

— Mamãe, você se ama?

Caralyn não sabia como responder a essa pergunta.

Robbie olhou para ela enquanto ela estava com o bebê nos braços.

— A moça tem um bom argumento. Você se ama depois de tudo que passou? Seria difícil depois de todas as coisas erradas que lhe contaram a seu próprio respeito.

Caralyn dirigiu-se para a escada, com a mente totalmente confusa. Ela nunca havia pensado nisso.

CAPÍTULO TRINTA E DOIS

Dois dias depois, a equipe de trabalho andou pela casa perto do lago. Quade, Brodie, Tomas e Robbie trouxeram o que precisavam para consertar o telhado. Loki trouxe Growley com ele porque Torrian estava tendo um dia ruim com a barriga e o mandou brincar com as meninas. Ashlyn e Gracie vieram com Caralyn para ver a casa.

Quando Ashlyn entrou, ela ofegou de animação.

— Mamãe, esta casa é tão grande. — Ela correu pelo corredor até os fundos e gritou para a mãe. — E olhe, Gracie e eu podemos ter nossa própria câmara. — Ela ainda estava balbuciando quando reapareceu na sala da frente. — E tem até um guarda-roupa nos fundos. Mas não há câmara de banho, não é?

Loki riu.

— Para que você precisa de uma câmara de banho quando tem o lago?

Ashlyn respondeu com uma bufada que fez Caralyn rir.

— Porque o lago é frio nesta época do ano.

Loki disse:

— Oh, você só precisa de duas imersões no inverno. Basta escolher um dia em que o sol brilhe. Vou sair para catar pedras para minha atiradeira. Quer que a Gracie venha comigo ou fique dentro de casa?

— Duas imersões durante todo o inverno? Que porcaria, Loki Grant.

— Calma, Ashlyn. Loki teve uma educação diferente.

— Sim — ele disse com um sorriso. — Eu costumava ser Loki Sortudo e morava embaixo de uma caixa, mas agora sou Loki Grant e — ele deu um tapinha no peito — sou um poderoso guerreiro Grant e Brodie Grant é meu Mestre. — Ele se virou e correu pela beira da água, parando de vez em quando para pegar uma pedra e enfiá-la no bolso.

— Talvez hoje trabalhemos lá fora nos jardins — Caralyn disse à filha enquanto a levava para a varanda. Pouco antes de sair, ela olhou para um buraco no telhado e pegou Robbie olhando para ela com um sorriso no rosto. Ele piscou e ela corou, alcançando Ashlyn.

— Vamos ver o que encontramos nas ervas daninhas. Se tivermos sorte, há uma velha horta embaixo. — Ela levou as meninas consigo e encontrou algumas manchas de crescimento diferente. — Vamos dar uma olhada por

aqui, Ashlyn. Muita coisa já morreu, mas podemos encontrar algumas mudas para o próximo ano.

Caralyn e as filhas começaram a trabalhar no enorme pedaço de grama e ervas daninhas. De vez em quando, ela verificava Robbie no telhado. A certa altura, ela se aproximou e gritou.

— Está muito ruim? Há muita coisa que precisa ser consertada?

Brodie enfiou a cabeça na borda.

— Ah, algumas criaturas precisam encontrar novos lares, mas não será tão ruim. Devemos ser capazes de consertar isso dentro de uma semana.

Caralyn estremeceu ao pensar no que poderia estar vivendo no telhado, mas voltou para o grande pedaço de grama por onde as meninas ainda vagavam. Uma vez lá, ela deu um passo para trás e passou um minuto examinando a área.

— Ashlyn, todo este trecho está ao sol. O resto das áreas com ervas daninhas ficam sob as árvores. Isto deve ser um jardim. Eu me pergunto quem morava aqui.

Robbie veio por trás dela e passou os braços em volta de sua cintura.

— Meus avós adoraram aqui. Brodie e eu estamos voltando para buscar suprimentos. Quade e Tomas ficarão com você. Devemos estar de volta em menos de uma hora. Ele acariciou o pescoço dela e sussurrou em seu ouvido. — Sabe o que a visão de você debruçada sobre aquele jardim faz comigo, moça?

Caralyn deu um tapinha no braço dele e riu, depois olhou para Ashlyn para ter certeza de que ela não tinha ouvido.

Ele acariciou o traseiro dela antes de ir até seu cavalo e montar, sacudindo as rédeas para alcançar Brodie.

Caralyn observou-o partir e suspirou. Como esse rapaz mudou sua vida, e tudo para melhor.

Ashlyn sussurrou:

— A senhora o ama, mamãe, não é? Acho que ele a ama.

Caralyn corou.

— Sim.

— Vai se casar com ele?

— Ah, Ashlyn, ele não me pediu isso. Mas Robbie deveria ter uma esposa nobre, alguém que possa contribuir. É pouco o que posso fazer para ajudar Maddie e Brenna em tudo o que fazem para administrar o clã e a fortaleza. Não sei nada sobre essas coisas.

— Mamãe, a senhora é bastante inteligente e nobre. A senhora é tão boa quanto Maddie e Brenna. Por que diria uma coisa dessas?

A inocência no rosto da filha a trouxe de volta à juventude. Como ela esperava que Ashlyn nunca soubesse por que ela era tão diferente.

Ecoando as palavras do outro dia, Ashlyn deixou escapar:

— Mamãe, a senhora se ama? Se a senhora se amasse, não poderia dizer tal coisa. A senhora está sempre me dizendo para acreditar em mim mesma.

Gracie levantou-se com um punhado de ervas daninhas e jogou-as na pilha crescente.

— Mamãe, *a siola si ama?*— ela perguntou.

Minha nossa. Como ela sabia exatamente quando fazer tal pergunta?

— Obrigada, Gracie. Vamos continuar trabalhando.

Ela olhou para a beira do lago enquanto Loki corria para os arbustos.

— Tenho que mijar.

O rapaz sempre parecia esperar até o último minuto. Ela riu e se inclinou sobre o canteiro do jardim. Percebendo a partida de Loki, Grace correu para segui-lo.

— Gracie, volte. Loki não precisa da sua ajuda.

O som de cavalos se aproximando chamou sua atenção. Como Robbie acabara de sair, ela duvidava que fosse ele. A voz de Quade gritou:

— Caralyn! Vá para os cavalos. Coloque as meninas nos cavalos!

O som da voz de Quade foi suficiente para lhe causar um arrepio na espinha. Ela se virou e viu que havia três cavalos vindo direto para elas. Malcolm. Malcolm e dois outros a cavalo atravessaram a campina.

Quade e Tomas saltaram do telhado e montaram em seus próprios cavalos, preparando-se para um confronto. Ashlyn gritou e começou a correr em direção aos cavalos enquanto Gracie ainda se dirigia para Loki, alheia ao perigo que se aproximava.

Caralyn largou tudo e correu até Gracie. Oh, Senhor, ajude-nos. Ela passou por Ashlyn, tentando alcançar a menininha. Só quando já era tarde demais é que lhe ocorreu que a outra filha não conseguiria montar um cavalo sozinha.

Tomas e Quade soltaram o grito dos Grant enquanto galopavam em direção aos intrusos. Aproximando-se do primeiro cavaleiro, Tomas brandiu a espada, mas errou. O segundo cavaleiro veio atrás dele e balançou uma clava, acertando-o na nuca, derrubando-o do cavalo. O estômago de

Caralyn se contraiu de pânico quando Tomas caiu no chão. Com força. *Levante-se, Tomas, levante-se.* Ele não se mexeu.

Ela segurou as saias e correu o mais rápido que pôde, gritando para as meninas correrem. Um homem foi direto para Gracie, os outros dois foram em direção a ela e Ashlyn.

Tudo parecia estar se movendo em câmera lenta enquanto sua vida desmoronava diante dela. O homem menor se inclinou e pegou Gracie e o outro agarrou Ashlyn pelo braço e jogou-a sobre o cavalo. Caralyn mudou de direção e correu de volta para os cavalos.

Ela olhou por cima do ombro para ver Loki saindo correndo dos arbustos com Growley ao seu lado. Ambos perseguiram o homem com Gracie no colo. Lágrimas escorreram por seu rosto ao ouvir os gritos das filhas no ar. Quade foi atrás de Ashlyn, Loki atrás de Gracie, e tudo o que Caralyn pôde fazer foi tentar montar em seu cavalo na tentativa de escapar de Malcolm.

Enquanto ela montava, Loki puxou sua atiradeira, carregou as pedras nela e atirou no homem que segurava Gracie.

O patife gritou e deu um tapa no próprio rosto.

— Meu olho! O pequeno bastardo me atingiu no olho. — Ele largou Gracie e Loki correu para pegá-la, jogando-a nas costas do cão de caça gigante em um movimento suave, prendendo os braços em volta do pescoço de Growley e as pernas em suas costas. Ele então empurrou o cachorro em direção às árvores e gritou:

— Vá, Growley!

Growley disparou pelo caminho em direção à floresta e Malcolm gritou com o bruto.

— Pegue-a, seu idiota! Está planejando deixar um garotinho te vencer, Ray?

Ray partiu atrás de Growley, mas o cachorro correu entre os arbustos onde o cavalo não conseguia ir. Gracie aguentou firme, mas conseguiu ficar com ele, pelo menos até onde Caralyn podia ver. *Vai, Growley, vai!* Loki seguiu o atacante e continuou a acertá-lo com pedras por trás. Ray finalmente amaldiçoou e virou seu cavalo, atacando Loki, que partiu para a floresta novamente, evitando facilmente seu perseguidor.

Quade seguiu o bruto que tinha Ashlyn deitada sobre seu cavalo na frente dele, e conseguiu apunhalá-lo pelas costas. O grandalhão caiu de lado, caindo do cavalo. O animal empinou e Ashlyn agarrou a crina,

gritando por socorro. Caralyn investiu em seu cavalo direcionando-o para Ashlyn.

Quade saltou do cavalo e, após uma batalha rápida, matou o único intruso que ainda estava no chão. Quando seu cavalo voltou, ele montou e saiu atrás de Ashlyn, finalmente agarrando as rédeas do cavalo e colocando a garota em seu colo.

Caralyn soltou um suspiro de alívio. Ambas as meninas estavam seguras no momento. Ela examinou a área e notou que Malcolm a estava seguindo.

— Ray, vá atrás da pequena, seu idiota! — Ele apontou para a campina onde Growley acabara de emergir da floresta com Gracie ainda segurando seu pelo, o rosto enterrado nas costas do cão.

Ray recuou e foi atrás de Gracie novamente. Ela assistiu com horror quando Ray alcançou o cachorro e agarrou a menina novamente no momento em que Loki saiu correndo da floresta.

Memórias inundaram Caralyn. Em questão de segundos, ela viu o olhar assombrado de Gracie mudar para alegria na fortaleza Grant, a carranca de Ashlyn mudar para um sorriso enquanto ela brincava com Torrian, Jennie e Avelina. Ela ouviu a risada de Robbie enquanto ele estava junto à lareira no grande salão com seus irmãos, Brodie e Alex.

E tomou uma decisão. A escolha tinha que ser feita rapidamente e ela não hesitou. Ela parou o cavalo e estendeu os braços para Malcolm.

— Deixe minhas meninas em paz e irei com você de boa vontade. — Ela não teve escolha, suas filhas finalmente estavam onde pertenciam. Ela não permitiria que nada tirasse sua felicidade. — Malcolm, deixe a Gracie e irei com você.

Malcolm sorriu.

— Solte a pequena, Ray. Eu tenho o que quero.

CAPÍTULO TRINTA E TRÊS

— Proteja minhas costas, Ray. Deixe as meninas. — Malcolm sorriu enquanto galopava em sua direção. Ray foi até a beira da campina e deixou Gracie perto de Loki, contornando Quade e Ashlyn e desviando-se da floresta.

Caralyn soltou um suspiro profundo. As crianças estariam seguros.

Seguindo atrás dela, Quade gritou:

— Não!

Caralyn cavalgou até Quade enquanto Malcolm seguia atrás dela. Ray já havia partido da área.

— Quade, fique para trás. Não quero que ele fique com as minhas filhas. Me deixe ir. É o melhor para minhas meninas.

Ashlyn gritou:

— Não, mamãe! Não nos deixe.

O Highlander parou o cavalo e começou a colocar Ashlyn no chão, mas Caralyn não deixou.

— Não! Proteja-a. E, por favor, ajude a Gracie. Ela pode se machucar por causa do passeio na floresta. — Ela podia perceber a indecisão na mente de Quade, mas ele tinha que escolher proteger Loki, Ashlyn e Gracie. — Por favor, Quade.

Com sua decisão finalmente tomada, ele cavalgou e desceu para verificar Tomas. O amigo de Robbie gemeu quando Quade o virou, com os cílios tremulando. Assim que viu Quade seguir para ver como estavam Gracie e Loki, Caralyn virou seu cavalo e galopou até Malcolm, ignorando os apelos e soluços vindos da filha mais velha.

Malcolm agarrou as rédeas do cavalo dela.

— Promete?

— Sim. — Ela assentiu e olhou por cima do ombro para ver Loki parado não muito longe dela, observando Malcolm com a atiradeira na mão. — Loki, diga a Robbie para me deixar ir e diga a ele para cuidar das minhas meninas. — Sua voz falhou enquanto ela dava instruções a Loki. Ele lhe lançou um olhar triste antes de ir atrás de Quade.

Enquanto desciam o caminho, o coração de Caralyn afundou. Ela estava fazendo o que era melhor para suas meninas. Afinal, seus sonhos quase se tornaram realidade. Suas filhas eram felizes aqui e os Grant

cuidariam bem delas. Ela não poderia contribuir para o clã de qualquer maneira. Cada um fazia a sua parte; os homens lutavam e construíam cabanas, e as mulheres cozinhavam, limpavam, costuravam e curavam. O que ela tinha a oferecer? Nada.

Por mais que amasse Robbie, não tinha nada a oferecer a ele, e tinha que agradecer a Malcolm por isso. Enquanto desciam o caminho, ela olhou por cima do ombro e notou a fila de cavalos Grant ao longe, e tudo o que conseguia pensar era uma coisa. *Deixe-me ir, Robbie. Apenas me deixe ir. Não posso mais colocar seu clã em perigo.*

Ela ouviu as últimas palavras de Quade.

— Só vou deixá-lo ir para que Robbie Grant possa cuidar de você, Murray. Ele não estará muito atrás de você.

Malcolm esporeou o cavalo.

Robbie praguejou assim que ouviu o grito de guerra dos Grant. Ele gritou enquanto voltava para os estábulos, Brodie logo atrás dele. Uma enxurrada de rapazes das listas correu na mesma direção.

Uma vez que ambos estavam montados, ele gritou para Brodie.

— Quantos? Você pode ver?

— Sim, três ou quatro. Não, três.

Robbie esporeou seu cavalo mais rápido, tentando superar a sensação de que já era tarde demais, de que já a havia perdido. Como pôde ter sido tão tolo? Meu Deus, ele não poderia tomar as decisões certas? A moça nunca mais confiaria nele. Agora, ela e as meninas estavam em perigo. Por que não levou dez guardas com eles? Porque ele foi idiota e pensou que poderia cuidar de tudo sozinho. Ainda tentando provar seu valor para seus irmãos, idiota.

— Pare de se culpar e concentre-se — Brodie disse. — Você pode dizer quem é?

Robbie se recompôs. Ele tinha que fazer isso. Não a deixaria ir.

— Não posso dizer quem é desta distância, mas só pode ser Murray. Não sei quem está com ele. Garantimos que seus outros ajudantes nunca mais retornariam. Ele deve ter contratado mais arruaceiros para ajudá-lo.

— Qual é o seu plano quando chegarmos lá?

O fogo voltou aos seus olhos.

— Malcolm é meu. Você vai atrás dos outros dois, se ainda estiverem de pé. Você terá ajuda em breve. — Ele inclinou a cabeça para trás na direção dos guerreiros que os seguiam. Eles os ultrapassaram em seus cavalos superiores.

Assim que chegaram ao lago, Robbie relaxou um pouco. Dois cavalos se dirigiam para o final da campina – esperava que fossem Malcolm e seu companheiro, porque o outro assistente do homem estava claramente morto, de bruços no chão. Quade estava caminhando em direção a eles com Ashlyn e Gracie nas mãos e Loki e Growley logo atrás. Tomas estava deitado de lado no chão, gemendo, mas vivo.

Robbie foi até Quade.

— Onde está Caralyn? — Seu olhar procurou a área novamente, certo de que devia ter deixado de notá-la. — Caralyn? — ele gritou. Seu pulso acelerou enquanto verificava o chão em busca de outro corpo.

— Malcolm fugiu com ela. Sinto muito, Robbie. Tive que fazer uma escolha. Eu estava com as duas meninas, e Loki e Tomas no chão. — Quade enxugou o suor e a sujeira do rosto enquanto colocava Gracie no chão. Havia alguns cortes no rosto da pequenina, mas fora isso as duas pareciam ilesas.

— Tomas sobreviverá? — ele perguntou.

— Sim. — Quade assentiu. — Eu sabia que você gostaria da honra de cuidar de Murray sozinho, então o deixei ir. Será fácil capturá-lo, embora Caralyn tenha decidido que a única maneira de salvar as crianças seria ir com ele. — Então seu rosto se abriu em um enorme sorriso. — Ela ainda não conhece você muito bem, não é?

— Capitão Grant, por favor encontre nossa mãe. Não me importo com o que ela diz. Eu a amo e a quero de volta. — Lágrimas escorreram pelo rosto de Ashlyn.

Robbie voltou seu olhar para Quade e balançou a cabeça.

Loki foi quem falou.

— Mestre Robbie, ela disse para você deixá-la ir e prometer cuidar de suas meninas.

— Ela realmente foi sozinha? — Robbie não conseguia registrar esse pensamento em sua mente. Maldição, ela era uma moça teimosa.

Quade assentiu.

— Sim, ela disse a Murray que iria de boa vontade se ele promettesse deixar as crianças em paz. Grant, eles não estão muito à sua frente. Você

deveria ser capaz de pegar alguns homens e alcançá-los facilmente.

Robbie olhou para Brodie.

— Por que as mulheres são tão tolas? — Como diabos ela pôde fazer uma coisa dessas? Ele não precisava pensar muito sobre isso. Ela se sacrificaria pelas filhas a qualquer dia, a qualquer hora. Ele viu isso na praia; viu isso na casa de Murray.

Caralyn Crauford era uma moça muito corajosa que faria qualquer coisa para salvar suas filhas. Ele poderia aceitar isso, mas ela esperava que ele não a seguisse? De jeito nenhum.

— Loki, mais alguma coisa que eu preciso saber?

Loki balançou a cabeça.

— Não, mas posso ajudar. — Ele olhou para Robbie com expectativa.

Ele segurou o braço para Loki.

— Vamos. Está com sua atiradeira?

Os olhos de Loki brilharam quando ele agarrou o braço de Robbie e passou a perna por cima do cavalo.

— Sim, estou sempre pronto. Atirei no olho do homem mau e ele derrubou Gracie. Eu sou Loki Grant, um guerreiro Grant.

Robbie olhou para Quade.

— Quantos?

— Só dois.

Robbie virou-se para o irmão.

— Brodie, você está pronto?

Quade gritou:

— Você me quer junto?

— Não, leve as meninas de volta para casa. Brodie e eu podemos lidar com dois brutos. O resto dos guardas veio atrás deles em seus cavalos. Robbie virou-se para Angus, que estava na frente e vinha logo atrás dele. — Permita que Brodie e eu sigamos em frente antes de vocês seguirem. Quero o elemento surpresa. Vocês podem seguir à distância caso haja mais do que esperamos.

— E eu, Mestre Robbie? Eu também ajudarei. — Loki olhou para ele, esperança em seus olhos.

Quade sorriu.

— Loki salvou a Gracie sozinho. Eu estava com as mãos amarradas com o patife ali. — Ele apontou para o único corpo na campina.

— Sim, e Loki. Três a dois, sem problemas. Ashlyn, estamos indo atrás de sua mãe. Fique com a sua irmã, ela precisa ver a Brenna.

Ashlyn olhou para Robbie, os soluços finalmente diminuindo.

— Eu confio no senhor, Capitão Grant. Sei que vai salvá-la. — Gracie mandou um beijo e eles saíram, seguindo pelo caminho até que Robbie encontrou seu rastro. À medida que se aproximavam, percebeu que havia pegadas de três cavalos, e não de dois, e que estavam na rota principal. Bom, isso significava que Caralyn estava em seu próprio cavalo, o que tornaria tudo mais fácil. Não queria arriscar a segurança dela quando finalmente se aproximasse de Malcolm Murray.

— Brodie, estamos seguindo o caminho mais curto. Duvido que ele tente, ele não conhece bem as Terras Altas. Talvez possamos alcançá-los.

Brodie assentiu.

O caminho que seguiram juntou-se ao caminho principal pouco depois, logo depois de algumas pedras grandes. Assim que retornaram ao caminho principal, Robbie parou.

— Não vejo nenhuma impressão recente.

Brodie concordou.

— Parece que eles ainda não passaram por aqui.

— Caralyn não anda rápido. Eles devem estar atrás de nós, então vamos voltar atrás, mas primeiro precisamos de um plano. Brodie, você pega o outro idiota. Malcolm é meu. Loki, quando chegarmos perto, vou deixá-lo para que você possa andar pelo perímetro e ajudar onde for mais necessário. Confio no seu julgamento, rapaz.

— Sim, capitão Grant. Lutarei como um verdadeiro guerreiro Grant.

— E você deve ficar de olho em Caralyn o tempo todo. Entendido? — Robbie precisava ter certeza de que ela estava segura. Quando pegasse Malcolm, não queria distrações.

— Sim. Vou me certificar de que ela esteja segura.

Robbie queria rir da seriedade do garotinho, mas, droga, ele o tinha visto em ação. Ele era um guerreiro perspicaz e tinha grande pontaria com seu poderoso lançador.

Eles galoparam pela trilha rochosa até chegarem a uma pequena campina entre as montanhas. Assentindo um para o outro, eles se acomodaram para esperar pelos outros. Como esperado, três cavalos saltaram pela abertura do outro lado da campina alguns minutos depois. Murray segurava as rédeas do cavalo de Caralyn, mantendo-a atrás dele.

Robbie colocou Loki no chão e apontou para uma pedra ao lado que seria perfeita para ele se esconder. Então ele acenou para Brodie.

— Ataque total?

Robbie assentiu. Ele soltou seu grito de guerra e galopou direto para Murray. Ele desembainhou a espada e gritou com Caralyn enquanto se aproximava.

— Caralyn, saia do caminho.

— Não, Robbie! Me deixe ir. Não quero que mais ninguém se machuque! Por favor, pare com isso.

Robbie a ignorou e foi direto para Malcolm Murray. Tudo o que ele queria era enfiar a espada direto na barriga do homem por tudo que ele tinha feito a Caralyn.

— Robbie, me deixe ir! — Sua voz ricocheteou nas rochas que os cercavam.

— Nunca! — Ele não tirou nem por um momento o olhar do alvo. Aproveitaria cada minuto acabando com o tolo.

Caralyn afastou o cavalo do caminho, mas persistiu com sua tolice.

— Por favor, Robbie. Eu não suportaria se você se machucasse. Me deixe ir!

Robbie virou-se para olhar para Caralyn por um segundo.

— Não! Eu nunca vou deixá-la ir! Você ainda não entende isso? Nunca!

Voltando a olhar para o alvo, ele gritou ao encontrar Murray no meio da campina. Balançou o braço da espada diretamente para o patife com toda a força, na esperança de derrubá-lo com um golpe brutal.

Caralyn gritou ao som do aço quando a espada de Robbie colidiu com a de Murray. Ele passou pelo homem e se virou, surpreso ao vê-lo ainda sentado.

Malcolm riu.

— Oh, ela é uma coisa muito doce, Grant. Lamento por termos demorado tanto, tive que tomá-la uma vez a caminho.

O sorriso rasgou as entranhas de Robbie, mas ele canalizou sua raiva em outra investida contra Murray.

Malcolm avançou em sua direção, mas uma pedra o atingiu no rosto.

— Aquele desgraçado está atirando pedras de novo, não é? — ele gritou. Saindo do caminho, ele foi direto em direção a Loki, que estava

parado do lado de fora da campina, como os irmãos lhe ordenaram que fizesse. Loki se virou e fugiu, enquanto Malcolm avançava atrás dele.

Caralyn gritou.

— Malcolm, não! Deixe-o em paz. — Ela pulou do cavalo e correu em direção ao pequeno Loki.

Robbie o seguiu e estava prestes a acertar Malcolm nas costas quando o homem mudou de direção e se virou, com o braço da espada estendido. Robbie empalideceu porque pensou que o braço de Malcolm estava apontado diretamente para o coração de Caralyn e ele nunca chegaria a tempo de detê-lo. Mas a espada de Malcolm continuou em seu arco e a ponta da espada atingiu Robbie no rosto quando passou voando por ele. O sangue jorrou da ferida e Caralyn gritou.

O rosto de Robbie queimou com o impacto. Mas ele entrou em pânico com a perspectiva de Caralyn ser esfaqueada e com sua incapacidade de impedir quando, na realidade, Murray não estava perto o suficiente dela para fazer contato. O sangue quente atingiu seu olho temporariamente, cegando-o. Ele havia perdido o foco por uma fração de segundo e isso poderia ter lhe custado o olho. Assim que limpou o sangue do rosto, viu Murray se aproximar dele para outro golpe. Loki e Caralyn agarraram a perna de Malcolm e a puxaram no exato momento em que seus braços foram levantados acima da cabeça. Murray perdeu o equilíbrio e caiu no chão.

Soltando o escudo, ele ficou de pé, ainda segurando a espada, e foi direto para Caralyn.

— Você não a terá! — Malcolm gritou enquanto apontava para a barriga de Caralyn.

Rezando para chegar a tempo, Robbie rugiu e esporeou seu cavalo, investindo em direção a Malcolm. Murray estava a segundos de Caralyn com sua espada, quando Robbie avançou e enfiou a espada nas costas do homem.

Murray caiu e Robbie saltou do cavalo para verificar se ele estava realmente morto. Caralyn gritou seu nome e correu para ele, jogando os braços ao seu redor e soluçando em seu ombro. Ele passou os braços em volta dela, segurando-a enquanto ela chorava, beijando sua testa e bochechas.

— Shhh, querida, você não está ferida? — Ele notou que Loki estava indo em direção a eles, de cabeça baixa, mas sem evidências de ferimentos.

— Robbie. — Caralyn não conseguia recuperar o fôlego, ela soluçava muito. — Estou bem, mas fiquei com tanto medo quando o vi machucar você. — Sua respiração engatou de novo. — Você está sangrando muito. Onde você está cortado? Você vai se curar?

Ele olhou por cima do ombro para ver Brodie caminhar em sua direção, guiando seu cavalo atrás dele. Seu oponente estava deitado no meio da campina, imóvel. Robbie ouviu uma vozinha gritar:

— Papai! — E viu Loki correr para os braços de Brodie.

— Papai, o capitão Robbie está sangrando muito. Ele irá morrer? — Loki perguntou enquanto agarrava seu mestre.

Caralyn se afastou e segurou o rosto de Robbie, beijando seus lábios e sussurrando:

— Eu o amo, Robbie Grant. — Ela rasgou um pedaço da saia para limpar o sangue que ainda escorria pelo rosto dele. — Como fiquei assustada quando pensei que iria perder você. A ideia de deixar as Terras Altas e nunca mais vê-lo partiu meu coração em dois. Então tive que me preocupar com a sua morte. Nunca mais faça isso de novo!

— Oh, minha querida, estou bem. — Ele beijou seus doces lábios novamente, mas ela o empurrou.

— Não, você não está. Tem sangue por toda parte. — Ela continuou a esfregar, procurando a ferida.

Brodie se aproximou de Robbie e puxou a cabeça de Loki para longe para que o menino pudesse ver seu tio.

— Olha, rapaz. O capitão Robbie ficará bem. — Brodie pegou o pano da mão de Caralyn e enxugou a testa de Robbie. — Eu acho que é aqui, moça. — Caralyn e Loki olharam com os olhos arregalados. — Veja, é na testa dele. Vai sangrar como um rio, mesmo que seja um pequeno corte.

Quando Brodie finalmente diminuiu o sangramento, Loki sussurrou para seu pai:

— Papai, não é um pequeno corte.

Robbie o ouviu, sorriu e bagunçou o cabelo de Loki.

— Não se preocupe, rapaz. Não pretendo morrer tão cedo. Todos os guerreiros devem ter uma cicatriz de vez em quando.

Tomando a mão de Robbie, Caralyn apoiou a cabeça em seu ombro e passou o outro braço em volta de sua cintura.

— Robbie, foi muito perto.

— Sim, mas seus problemas acabaram, moça. Ele nunca mais irá incomodá-la. E acredito que devo agradecer a alguém por salvar minha vida.

A testa de Loki franziu enquanto ele olhava para Robbie confuso.

— Quem?

— Você, rapaz. Não se lembra de puxar a perna dele e desequilibrá-lo o suficiente para que ele caísse do cavalo? Eu mal conseguia ver através do sangue naquele momento. Você teve um timing muito bom, porque puxou a perna dele no momento em que os braços dele voaram no ar. Em qualquer outro momento, você não seria capaz de movê-lo.

O rosto de Loki se iluminou.

— Eu fiz isso? — Houve uma expressão confusa em seu rosto por um momento, seguida por um sorriso. — Sim, eu fiz, agora me lembro. Caralyn e eu o derrubamos. Você não está orgulhoso de mim, papai?

Brodie deu um tapinha nas costas dele.

— Sim, estou muito orgulhoso de você. Agora vamos nos recompor para podermos voltar. Robbie, consegue levar Caralyn em seu cavalo?

— Ah, eu consigo.

CAPÍTULO TRINTA E QUATRO

Antes de montarem, Caralyn agarrou-lhe o pulso.

— Robbie, minhas meninas. Elas estão bem?

— Ah, sim. Gracie tem alguns pequenos cortes, mas ela não estava chorando e Ashlyn me implorou para vir atrás de você. — Ele colocou uma mecha perdida de seu cabelo atrás da orelha. — Suas filhas ficaram com o coração partido.

— Mas eu não as deixei porque quis. Eu não tive escolha, era a única maneira de mantê-las seguras. — Seu rosto caiu.

— Acho que a Ashlyn precisa ouvir isso de você. Ela sabe que foi tudo culpa de Malcolm, mas ficou bastante chateada.

Depois que Robbie montou e ela se acomodou de lado na frente dele, ele perguntou:

— Você deseja me dizer por que se ofereceu para ir com Malcolm?

A cabeça dela estava apoiada no ombro dele.

— Você sabe por quê. A mesma razão pela qual não deixei o castelo dele com você quando você me convidou pela primeira vez. — Ela agarrou seu bíceps enquanto cavalgavam, não querendo soltá-lo, esperando nunca mais ter que soltá-lo novamente. A agonia pela qual passou quando a espada de Malcolm atingiu seu rosto foi algo que ela nunca mais gostaria de experimentar novamente.

— Você se importaria de repetir para mim? — Sua voz era apenas um sussurro acima do som dos cascos do cavalo nas rochas.

— Por causa das minhas meninas. Você sabe disso. Quando o bruto pegou Gracie, senti vontade de vomitar. Eu tinha que fazer alguma coisa. — Ela brincou com a plaid que ele enrolou parcialmente em volta dela.

— Essa é a única razão?

— Eu não queria que mais ninguém se machucasse. Tomas já estava no chão e eu não sabia se ele estava vivo ou morto. Gracie estava nas costas de Growley na floresta, enquanto Ashlyn estava esparramada no cavalo de um patife e Loki estava sendo perseguido pelo outro. Quade salvou Ashlyn, mas então o bruto agarrou Gracie novamente e... — Ela enterrou o rosto no peito de Robbie novamente. — Eu não conseguiria lidar com todas as pessoas que amo em risco. Quade poderia ter se machucado, eram dois

contra um. — Havia outro motivo, é claro, mas ela não se sentia preparada para admitir isso para ele.

Robbie riu.

— Sim, essas chances são boas para os Highlanders. O inimigo pode nos superar em dois para um e ainda assim venceremos. Sabemos lutar, amor. Você não confiou em mim para vir te salvar? Tenho certeza de que meu irmão tem mais de cem guerreiros montados e prontos para vir nesta direção.

— Mas você não estava lá e quando Tomas caiu, Quade estava lutando sozinho. Tomas está vivo?

— Ele estava se movendo quando saí. Ele tem uma cabeça dura, então deve ficar bem. Ele está mais envergonhado do que qualquer coisa.

Um momento de silêncio pairou entre eles, então Caralyn disse:

— Talvez fosse melhor se eu não estivesse aqui. Minhas meninas adoram esse lugar, mas parece que tudo o que faço é causar problemas.

Robbie beijou o topo de sua cabeça.

— Seu problema agora está morto. Então você deseja ficar no Clã Grant? Ou há mais alguma coisa que você precisa me dizer?

Ela balançou a cabeça.

— Não, eu só desejo que minhas meninas vivam uma vida feliz. — Movendo os dedos em seu braço, ela não conseguiu olhar para ele. Se pudesse pensar em algo de valor para oferecer ao seu clã, talvez se sentisse digna de ser sua mulher, sua esposa.

Robbie parou o cavalo e forçou o olhar dela a encontrar o dele.

— Caralyn, suas filhas precisam de você. Ninguém é mais importante para elas do que você. E depois de perder metade dos meus anos restantes quando Malcolm apontou a espada para o seu coração, percebo o quanto preciso de você. Nós três a amamos. Por que você não pode aceitar isso? Estaríamos perdidos sem você.

Caralyn balançou a cabeça confusa, mas depois beijou-o nos lábios porque ele era muito querido para ela. Ela sabia que precisava dizer o que ele queria ouvir.

— Eu também o amo. Acho que estou sempre agradecendo e você não gosta, mas devo agradecer novamente. Minha mente descansará melhor agora que Malcolm se foi.

— Ah, bom. Era isso que eu esperava ouvir você dizer. Pode parar de se preocupar com o patife vindo atrás de você e de suas garotas. Acabou. —

Ele beijou sua bochecha e investiu em seu cavalo para seguir em frente.

Ela recostou a cabeça no peito dele e fechou os olhos. Sim, ela amava Robbie Grant; ele era tudo que ela poderia pedir. Seria um marido e pai maravilhoso. Mas ela, Caralyn Crauford, filha de um pescador, não era digna de seu amor... e não sabia se algum dia poderia ser.

Maddie administrava a maior fortaleza das Terras Altas com a facilidade de qualquer rainha. A irmã de Robbie, Brenna, era uma curandeira cujos talentos eram elogiados em todas as Terras Altas. Jennie, muito mais jovem que Caralyn, ajudava Brenna com frequência e raramente ficava nervosa com todo o sangue. Celestina criava os mais maravilhosos óleos de banho e fragrâncias. Até Ashlyn se tornou uma assistente de confiança de Maddie e Brenna com seus filhos. Mas o que Caralyn poderia fazer?

Nada. Ela não podia fazer nada. Na verdade, tinha duas habilidades. Era capaz de limpar um peixe e cozinhá-lo, e sabia como atender às necessidades de um homem – uma habilidade que dificilmente desejaria anunciar ou colocar em uso com alguém além de Robbie.

Assim que eles saíram um pouco mais do caminho estreito, dez fileiras de guerreiros Grant vieram em direção a eles. Foi uma visão poderosa. Angus estava na liderança.

— Grant, precisa de ajuda? Cuidou dele desta vez?

— Sim, Murray está morto. Provavelmente não seria uma má ideia procurar na área por outras pessoas que possam estar escondidas. Deixamos os corpos se quiserem cuidar deles.

— Sim, eu cuidarei do bufão. — Angus sorriu e galopou ao redor deles, seguido pelos outros.

Quando chegaram de volta à fortaleza, os outros se reuniram ao redor deles, com preocupação estampada em seus rostos. Tudo o que Caralyn queria era encontrar suas garotas. Robbie segurou a mão dela com força enquanto procuravam suas filhas no salão. Assim que Celestina os viu, ela os levou para a câmara que Brenna usava para curar.

Eles entraram na câmara e Caralyn notou que Brenna estava ocupada trabalhando em alguns guerreiros, enquanto Tomas dormia em um catre próximo. Seu coração se partiu quando viu a pequena Ashlyn em um leito no canto. Sua filha mais velha estava chorando, com a mão agarrada à de Gracie, embora a pequenina estivesse dormindo.

— Mamãe! — Ashlyn gritou assim que viu sua mãe. Ela atravessou a sala e se jogou nos braços da mãe. — Estava com medo de que você nunca mais voltasse. Por que a senhora fez uma coisa dessas? Nós nunca poderíamos deixar a senhora ir.

Caralyn beijou suas bochechas molhadas e disse:

— Calma, moça. Estou aqui agora. Vou explicar mais tarde. Apenas saiba que nada me deixa mais feliz do que estar de volta com minhas meninas.

Ashlyn agarrou-se às saias enquanto chorava.

— Venha, sente-se aqui comigo enquanto Gracie dorme. — Ela passou as mãos pelos cabelos da filha, surpresa com o quanto ela ainda estava chateada. Ashlyn geralmente era a forte e corajosa, aquela que sempre protegia Gracie. Mesmo assim, Gracie dormia profundamente e Ashlyn soluçava. Será que a filha mais velha sempre foi forte por causa da pequena?

Caralyn sentou-se e deu um tapinha no lugar ao lado dela, mas Ashlyn não conseguiu sentar-se. Ela correu até Robbie e o abraçou com força pela cintura.

— Obrigada, capitão Grant, por salvar nossa mãe. — As lágrimas continuaram a escorrer por seu rosto. E Caralyn notou algo novo. Ashlyn não queria soltá-lo ir mais do que ela. Ele a conquistou também.

Robbie se ajoelhou e enxugou as lágrimas do rosto de Ashlyn.

— De nada, moça. Você sabe que não há outro lugar onde sua mãe preferiria estar a aqui com você.

Ashlyn acenou com a cabeça e depois se inclinou para sussurrar para ele.

— O senhor não pode se casar com a minha mãe para que possamos ficar para sempre? Não quero o voltar para o lugar onde morávamos antes. Havia muitos homens maus. Eu odeio Malcolm. — Ela parou quando seus soluços forçaram sua respiração a parar. — Ele foi mau com minha mãe e com Gracie. Por favor? Gracie e eu prometemos que sempre seremos boas. Posso cuidar da Gracie para que ela não incomode o senhor.

— Malcolm nunca mais irá incomodar vocês. Acho que primeiro preciso conversar com sua mãe sobre nos casarmos. E agora estou com esse

corte feio no rosto. Você acha que ela ainda gostará de um homem com cicatrizes?

Ashlyn inclinou a cabeça para ver melhor o rosto dele.

— Ainda está sangrando um pouco. — Seu rosto se contorceu em uma careta de preocupação. — Acho que o senhor precisa cuidar disso.

Acordada assustada pelo barulho, Gracie pulou do catre e foi até a mãe.

— Mamãe! — Ela beijou a mãe e depois recuou para mostrar todas as suas feridas. — Mamãe, tem *coites*. Vê? Mas *Bwenna cuida isso*. — Seu dedinho apontou para o pescoço, onde alguns pequenos arranhões estavam cobertos de pomada. — *E eu monto Gwowley. Gwowley me salve*. — Growley veio por trás dela, de onde estava enrolado no canto da sala, e deu uma lambida no rosto da menina, fazendo com que uma explosão de risadas surgisse dela. — *Gwowley ama eu*. — Ela passou os braços em volta do pescoço do grande cão de caça e deu-lhe um beijo.

Caralyn sorriu enquanto acariciava Growley.

— Sim, terei que encontrar um grande osso para você, meu amigo, por salvar minha moça.

Inclinando-se, Robbie beijou a bochecha de Caralyn.

— Preciso ir ver meu irmão. Você se incomoda se eu a deixar aqui sozinha?

Ela olhou para ele e balançou a cabeça.

— Estou bem, mas você não deveria cuidar desse corte primeiro? — Sem esperar por uma resposta, ela saiu correndo e disse algo para Brenna. Quando voltou, ela enxugou a testa dele com um pano umedecido.

Robbie sorriu.

— Devo dizer que poderia me acostumar com você cuidando de minhas necessidades, moça.

Os olhos de Caralyn brilharam.

— Eu gosto mais quando você cuida das minhas.

Robbie riu antes de lhe dar um beijo rápido nos lábios.

— Vou ter que me lembrar disso.

Momentos depois, Brenna veio verificar sua lesão.

— Ah, Robbie, vai ficar bem. Vou colocar um pouco de pomada para estancar o sangramento, mas não acho que precise de pontos.

Enquanto Brenna aplicava a pomada, Caralyn olhou ao redor da sala para os diferentes homens que estavam sendo tratados. Tomas ainda dormia profundamente em seu catre. Outro rapaz estava sentado em um banquinho, sem as botas, esperando que Brenna envolvesse seu pé inchado, enquanto outro segurava um pedaço de pano em seu braço ensanguentado.

— Brenna, como está Tomas? — Robbie perguntou.

— Ah, vai ficar bem. Ele tem um belo hematoma na nuca, mas vai se recuperar.

Uma comoção soou na porta e Alex Grant entrou com um embrulho enrolado na frente dele. Seu braço segurava um guerreiro atordoado e ensanguentado, claramente vítima de um ferimento nas listras.

— Brenna, Tavish estava sonhando com uma garota fora da lista. Poderia cuidar dele, por favor?

Brenna deixou a mão cair da testa de Robbie e balançou a cabeça.

— Alex, o que está fazendo aí? Você não pode desacelerar? Nunca chegarei em casa nesse ritmo.

Um sorriso se espalhou pelo rosto de Alex quando ele voltou q atenção para seu irmão.

— Ah, Robbie, está tudo resolvido? — Então ele espiou dentro do pacote amarrado ao peito e beijou uma cabecinha loira.

Foi então que Caralyn percebeu que ele carregava Connor agasalhado contra o peito nu. O bebê estava dormindo profundamente, mesmo com todos os barulhos altos que seu pai fazia. Ela não pôde deixar de sorrir.

Alex retribuiu o sorriso.

— Nunca é cedo demais para ter um rapaz Grant trabalhando duro nas listras. Maddie diz que eu o mantenho aquecido com minha explosão de calor, e isso ajuda a aliviar o fardo dela. — Ele esfregou a cabeça de Connor enquanto falava.

— Sim, está tudo bem — Robbie respondeu. — Assim que a Brenna terminar com minha cabeça, que realmente não precisa de cuidados, explicarei tudo para você. — Ele apontou para as meninas. — As moças querem que ela seja cuidada.

Alex sorriu e saiu pela porta.

— Brenna, cuide bem dos meus guerreiros. Robbie, estarei na minha cadeira perto da lareira assim que verificar minha esposa. É bom ver que você está segura, Caralyn.

Assim que Brenna terminou seus cuidados e passou para Tavish, Robbie beijou a bochecha de Caralyn.

— Preciso conversar com meu irmão — disse ele em voz baixa.

Caralyn assentiu e sentou-se no catre. Ela não conseguia tirar os olhos do rapaz com o corte no ombro.

— Brenna, posso ajudar?

— Se você não se importar. Você poderia enfaixar o tornozelo de Gavin ou apenas limpar o sangue de Tavish para que eu possa dar uma olhada no ferimento por baixo.

— Sim, posso limpá-lo para você.

Brenna passou para o rapaz com o tornozelo inchado.

— Isso seria maravilhoso. Assim que terminar de enfaixar Gavin, verificarei se Tavish precisa de pontos.

Depois de encontrar um banquinho para Tavish, ela pegou um pano e uma bacia. Gracie brincou com Growley, mas Ashlyn ficou ao lado de Caralyn.

— Mamãe, posso ajudar?

Caralyn ficou e ajudou Brenna por mais algumas horas. Durante todo o tempo em que trabalhou, ela pensava em como era bom sentir-se realmente útil, dar e não apenas receber. Onde ela se encaixava?

CAPÍTULO TRINTA E CINCO

Robbie entrou no grande salão depois de se encontrar com seus irmãos nas listas. Ele havia pedido um tempo para si mesmo.

Precisava acertar as coisas com Caralyn.

Dois dias se passaram desde o confronto com Malcolm. As duas meninas haviam se acomodado e parado de se apegar à mãe, então ele esperava que hoje fosse um dia perfeito para levar seu plano adiante.

Essa ideia estava em sua mente o tempo todo, mas a conversa que ele e Alex tiveram após o ataque de Malcolm o fez perceber que precisava agir rapidamente.

Santos, ele estava grato por ninguém mais estar perto da lareira quando encontrou seu irmão naquele dia. Assim que ele se sentou, seu irmão gritou:

— Quando será o matrimônio?

Robbie apenas olhou para Alex, tão envolvido com tudo o que acabara de acontecer com Malcolm e Caralyn que o comentário do irmão o pegou totalmente desprevenido.

— Matrimônio?

— Ah, sim. Depois dos sons vindos da câmara de Caralyn algumas horas depois do nascimento do meu filho, na outra manhã, estou surpreso que o matrimônio não tenha sido no dia seguinte.

Robbie ficou vermelho como uma beterraba, envergonhado pelo comentário grosseiro de seu irmão:

— Tenho planos de pedir à moça em matrimônio.

— Vá em frente.

Tudo o que Robbie pôde fazer foi franzir a testa quando Alex ergueu a sobancelha para ele, sua expressão deixando claro que ele pensava que a discussão havia terminado. Robbie deveria ter percebido que alguém descobriria o que estavam fazendo. Ele contava com o nascimento do sobrinho para distrair a família. Aparentemente, isso não distraiu o irmão, embora Robbie tivesse que admitir que Alex raramente perdia muita coisa.

Eles terminaram o assunto com uma breve conversa sobre Malcolm, mas Alex estava muito envolvido com a esposa e o novo filho para ficar parado por muito tempo. Maddie demorou a sair do confinamento desta vez e Alex ficou bastante perturbado.

O casal voltaria a vida normal em breve, mas Robbie precisava completar seu plano agora. Quando encontrou Caralyn com as meninas na refeição do meio-dia, correu até a mesa delas. Ele pegou Gracie e deu-lhe um beijo antes de se inclinar para beijar Ashlyn na bochecha.

— Bom dia a todas vocês. Caralyn, gostaria de convidá-la para ir até o chalé perto do lago depois de terminar de comer.

Ashlyn bateu palmas.

— Podemos ir junto?

— Ah, desta vez não, moça — ele disse. — Sua mãe precisa me dizer o que ela quer que seja feito no interior da casa.

Ashlyn olhou para as mãos.

— Talvez eu não queira ir, afinal. Isso me lembraria do outro dia.

— Shh — Caralyn murmurou, passando a mão reconfortante pelo cabelo da filha. — Esse homem nunca mais nos incomodará.

Como se algo lhe tivesse ocorrido de repente, Ashlyn sorriu para a mãe e depois para Robbie.

— Tudo bem se os dois forem sozinhos.

A expressão de Caralyn era ilegível e Robbie pensou que ela recusaria, mas disse:

— Estou pronta agora. Tenho certeza de que as meninas podem ficar com a Celestina. Elas podem ajudá-la com os meninos da Maddie e a pequena Kyla.

Celestina estava sentada mais abaixo na mesa, mas ouviu.

— Sim, elas podem me ajudar. — As meninas correram para se juntar a ela.

Caralyn subiu correndo para pegar sua capa e encontrou Robbie na porta. Ele segurou a mão dela com um sorriso, e uma risada alta soou de suas filhas enquanto observavam as duas com alegria.

Enquanto se dirigiam para os estábulos, Robbie disse:

— Acho que suas filhas gostariam de nos ver juntos.

Caralyn riu.

— Elas não estão sendo nem um pouco sutis sobre isso, estão?

Uma vez montados em seus cavalos, eles cruzaram a campina a meio galope, aproveitando o dia fresco de outono.

Robbie ergueu o olhar para o céu.

— Não demorará muito para que a neve caia. Você gosta de neve, Caralyn?

— Sim, minhas meninas adoram.

— Não foi isso que eu perguntei. *Você* gosta de neve? — Ele ergueu uma sobrancelha para ela, sorrindo.

Ela franziu o cenho antes de responder.

— Não gosto muito de andar nela, mas é bonita.

— Você já desceu uma colina por cima da neve?

— Não, mas as meninas gostam de fazer bolas de neve e tentar jogá-las nas coisas.

— Então devemos planejar fazer isso neste inverno. Os meninos do Alex adoram.

Quando chegaram ao chalé, Robbie ajudou-a a desmontar. Ele não pôde deixar de ficar um pouco nervoso porque não tinha ideia do que ela diria. Embora soubesse que ela se importava com ele, não tinha certeza se isso era o suficiente para superar as cicatrizes do passado dela. E também tinha um palpite de que havia algum motivo tácito para ela ter se oferecido para ir com Malcolm outro dia, embora ele não soubesse qual poderia ser.

Segurou a mão dela, conduziu-a até a varanda e entrou pela porta da frente. O olhar de surpresa de Caralyn valeu todo o trabalho.

— Não há buracos! — ela disse, olhando para o novo telhado. — Quando você os consertou, Robbie?

Santos acima, ela era adorável. Ele podia entender por que Malcolm a seguiu até as Terras Altas. Não havia muitas belezas naturais como Caralyn, e menos ainda que fossem lindas por dentro e por fora. Mas ele sabia que ela não se via como todos a viam.

— Quade e Brodie voltaram comigo ontem. Não demorou muito. Depois, trouxe alguns rapazes para limpar a lareira e eles também trouxeram um colchão novo para o leito. — Ele a conduziu pela mão até os fundos da cabana.

Caralyn riu ao saltar no colchão e na roupa de cama novos, depois deitou-se de costas, olhando para o telhado novo.

— Robbie, é adorável. Você trabalhou tanto. Então Alex está disposto a me deixar morar aqui com as meninas mesmo depois do que aconteceu?

— Bem — Robbie pigarreou. — É por isso que eu a trouxe aqui sozinha. Queria perguntar se você me daria a honra de se tornar minha esposa.

Caralyn sentou-se e olhou para ele.

Ajoelhando-se no leito ao lado dela, Robbie segurou a mão de Caralyn.

— Prometo tratar suas meninas como se fossem minhas. Você sabe que eu já as amo.

Caralyn corou e olhou para as mãos entrelaçadas.

— Robbie, não sei o que dizer.

— Sim, diga sim e me faça um homem muito feliz.

De alguma forma, Robbie sabia que isso não iria acontecer do jeito que ele esperava.

Ela se levantou e foi até uma janela, puxando a pele para o lado para olhar o lago.

— Caralyn, o que foi? Você não me ama? Você disse que amava.

Quando ela se virou, seus olhos estavam cheios de lágrimas.

— Não é isso. Eu o amo, Robbie. É apenas...

— O quê? O que é?

— Robbie, não sou digna de você. Você é o capitão Robbie Grant dos guerreiros Grant. Você é irmão do laird Alexander Grant. Deveria se casar com uma jovem que lhe dará muitos filhos, alguém que tenha sangue nobre como você. Tenho vinte e sete anos. Talvez eu não consiga ter mais filhos. Você precisa de alguém que possa administrar sua casa, que possa deixá-lo orgulhoso. O que posso fazer?

Ela torcia as mãos enquanto falava, a tal ponto que ele ficou com medo de que ela comesse a se machucar novamente. Robbie se aproximou e segurou suas mãos.

— Caralyn, não seja tola. Eu a amo por quem você é. Você é uma mãe incrível para suas filhas. Veja como você as protegeu. Você criou duas meninas maravilhosas e isso não é uma coisa fácil de se fazer sozinha. Eu a vi lutar pela sua vida, pela vida delas. Você é honesta e doce. Eu não conseguiria pensar em uma mulher melhor.

— Mas, Robbie, eu já disse isso antes e direi novamente. Não posso fazer nada. Não consigo curar pessoas, não sei cozinhar ou cuidar de uma fortaleza, não consigo fazer óleos perfumados ou doces, nem criar bordados finos. Você entende?

— Caralyn, não me importo com doces e óleos. Você administrará perfeitamente nossa fortaleza, casa de campo ou onde quer que escolhamos morar. Por que você não acredita em si mesma? Malcom se foi. Ele nunca mais vai incomodá-la.

— Mas ele já arruinou minha vida. Você não vê? Só sirvo para uma coisa e isso é tudo que posso lhe oferecer.

A fúria disparou através dele. Ela não poderia estar falando sério o que acabou de dizer, poderia?

— Não me diga que estamos de volta a isso. O que está tentando me dizer? — Sua voz saiu em um rugido, mais alto do que ele pretendia, mas ele não conseguiu se conter.

— A única habilidade que tenho. Sei como agradá-lo. Isso foi tudo que me ensinaram: como servir um homem. Não tenho mais nada a oferecer. É por isso que não posso me casar com você. Às vezes, nem sei se deveria ficar perto das minhas próprias filhas.

— Então, o que isso significa?

A voz dela aumentou um nível.

— Talvez eu as crie mal. Não sei ler, não sei escrever. Como poderia ser uma esposa respeitável para você ou uma boa mãe para elas, quando minha única habilidade está na câmara?

— Então deixe-me ter certeza de que entendi corretamente. Você está me rejeitando. Você se recusa a se casar comigo. Está disposto a me servir, então? É isso que você oferece?

Caralyn fez uma pausa antes de responder. Ela olhou para os pés.

— Sim, eu irei servi-lo se for isso que você deseja. Mas só farei isso aqui no chalé quando as meninas não estiverem.

Ele podia sentir o sangue pulsar em um ponto de sua têmpora, mas se forçou a continuar.

— E devemos fazer com que as meninas morem no castelo para que não fiquem envergonhadas com o que você faz?

Ele podia ver a confusão nos olhos dela, mas não disse nada. Se era isso que ela pensava de si mesma, então a forçaria a ver a verdade. Não havia outra alternativa. Teria que convocar ajuda de suas cunhadas, mas achou que poderia fazer funcionar. Apenas diga sim, Caralyn, e você verá com certeza. Diga!

— Sim. — Sua voz era apenas um sussurro, mas ela concordou.

— Bom, então a partir de amanhã, você e eu vamos morar aqui para que você possa me atender e arranjaremos alguém para cuidar das meninas. Você diz que não tem habilidades, mas não me disse que sabia pescar e cozinhar peixe?

— Sim.

Ele se sentiu tão culpado quando viu a derrota nos olhos dela, mas pensou que seu plano poderia ser a única maneira de provar a importância

dela para ela.

— Perfeito, porque adoro peixe. Assim, você pode pescar e limpar nossa casa durante o dia, preparar peixe para o jantar e servir-me à noite. Vou levar você para ver as meninas uma vez por semana. Dessa forma, não há chance de você corrompê-las. Temos um acordo adequado?

Caralyn hesitou, mas finalmente respondeu, com os ombros tão caídos que lhe partiu o coração.

— Sim.

Raios, por que a moça não conseguia ver seu próprio valor? Ele realmente teria que passar por essa farsa para ajudá-la a ver seu significado? Com base no olhar dela, a resposta a essa pergunta era sim.

Robbie esperava não ter cometido o maior erro de sua vida.

CAPÍTULO TRINTA E SEIS

O que diabos aconteceu? Caralyn montou em seu cavalo de volta ao castelo, cavalgando em silêncio ao lado de Robbie. Em primeiro lugar, não conseguia acreditar que ele a pedira em matrimônio. Embora cada parte sua quisesse dizer sim, ela não conseguiu. Percorreu um longo caminho desde que chegou ao castelo Grant, mas ainda sabia que não era boa o suficiente para Robbie.

Agora ela deveria fazer o que ele desejasse. De alguma forma, estava vivendo a mesma vida que vivia antes do ataque dos nórdicos, com duas exceções. Uma era que não veria suas meninas todos os dias, e a outra era que Robbie seria seu homem e não Malcolm. Talvez não fosse tão ruim. Pelo menos, se cuidasse de Robbie, sentiria que estava fazendo algo pelas filhas. Malcolm não lhe dizia sempre alguma coisa sobre ganhar o seu sustento? Bem, ela daria às meninas o direito de morar no castelo.

Suas filhas seriam felizes, bem alimentadas e teriam muitos amigos. Os Grant as tratariam como parte da família, e ela, Caralyn Crauford, teria conseguido algo sozinha. Sentiria muita falta, mas isso seria o melhor para elas.

Gracie ainda era pequena, mas Ashlyn tinha idade para começar a fazer perguntas. E Caralyn não queria que a filha soubesse dos detalhes do seu passado. Embora tivesse sobrevivido a isso, talvez Ashlyn fosse jovem demais para ter entendido completamente.

Quando chegaram ao castelo, Robbie ajudou-a a descer. Ele estava com um humor diferente, mas ela o rejeitou. Os homens provavelmente não aceitavam bem esse tipo de coisa.

— Prepare suas coisas. Vou levá-la para a cabana amanhã. Decida quem você gostaria que cuidasse de seus filhos e converse com a pessoa. Se precisar da minha ajuda, me avise. Há mais alguma coisa que você precise na casa de campo?

Caralyn sacudiu as saias e disse:

— Não. Ah, talvez uma vara de pescar, se você conseguir localizar uma, e uma boa adaga para filetar o peixe.

Robbie disse:

— Vou cuidar disso. — Ele acenou para ela e foi para as listas.

Caralyn conseguiu arrastar um pé na frente do outro e subiu até o grande salão. Para quem ela pediria? E pior ainda, o que diria? Passou por inúmeras pessoas no pátio que acenaram para ela ou a cumprimentaram, mas ela pouco pôde fazer a não ser seguir em frente. Seu coração estava partido. O homem que tinha seu coração acabara de quebrá-lo, mas de alguma forma ela sabia que a culpa era sua. Todos os seus sonhos poderiam ter se tornado realidade, mas ela os arruinou pelo desejo de ser fiel aos seus sentimentos.

Considerou duas possíveis protetoras: Maddie e Celestina. Rejeitou Maddie porque ela tinha acabado de dar à luz e agora tinha quatro crianças para cuidar, embora Alex sempre ajudasse. Teria que ser Celestina. Ela e Brodie não tinham filhos, embora tivessem adotado Loki.

Não vendo Celestina no grande salão, ela subiu as escadas e desceu o corredor até ouvir a voz de Gracie na câmara de Maddie. Ela bateu na porta e entrou. Gracie estava beijando o pequeno Connor no leito enquanto Ashlyn ajudava Avelina a trocar seus trapos. Maddie estava com Kyla no colo. Parecia que Brenna estava saindo pela porta, com sua filhinha dormindo em seus braços, mas ela parou para sorrir para Caralyn.

— Como você está depois daquela briga horrível, Caralyn? A propósito, suas meninas são encantadoras. — Brenna a abraçou.

— Estou bem. Na verdade, eu estava procurando por Celestina. Alguém sabe onde posso encontrá-la? — Ela olhou para Maddie. — A senhora se importaria se as meninas ficassem aqui por mais algum tempo até eu voltar?

— Ah, não, eles são uma grande ajuda para mim. — Maddie sorriu e acenou com a mão para Caralyn.

Gracie e Ashlyn correram para lhe dar um abraço antes de voltarem para o lado do pequeno Connor. Estendendo um dedo para ele agarrar, Gracie riu quando ele apertou com força.

— *Mu* você, Connor.

— Acho que ela está em sua câmara cerzindo o *leine* de Brodie — disse Brenna. — Venha, veremos se podemos localizá-la.

Enquanto Caralyn seguia Brenna pelo corredor, a pequena Bethia acordou e começou a balbuciar e sorrir. Bateram na porta de Celestina.

Celestina abriu bem:

— Entre, por favor. Que bom ver você, Caralyn. Brenna, como está a pequena Bethia? Posso segurá-la?

Caralyn ficou de lado observando Celestina e Brenna se preocuparem com a menina.

— Posso ajudá-la com algo, Caralyn? — Celestina perguntou enquanto balançava Bethia no quadril até que ela sorrisse.

— Eu só queria perguntar uma coisa, se puder. — Caralyn ficou de lado.

Brenna pegou Bethia de volta e se virou para sair:

— Vou deixar vocês sozinhas para que eu possa dormir com Bethia. — Ela fechou a porta atrás depois de ir para o corredor.

Celestina voltou para seu lugar em frente à janela, a pele puxada para trás para lhe dar luz para trabalhar. Ela deu um tapinha na cadeira ao lado dela.

— Entre, entre, Caralyn. Você teve uma semana tão difícil, não foi?

Tudo o que Caralyn conseguia pensar era que Celestina não tinha ideia do quanto foi difícil. Ela se sentou em um banquinho e ajustou as saias, perguntando-se como formular seu pedido. Corando de vergonha, ela lutou contra a vontade de chorar enquanto gaguejava:

— Tenho um favor a pedir. Sei que não a conheço bem, mas espero que você possa me ajudar.

— Claro, eu ficaria feliz em ajudar. — Celestina continuou a trabalhar com agulha e linha na camisa do marido. — O que é?

— Eu me perguntei se você estaria disposto a cuidar das minhas filhas por um tempo. — Ela pensou muito antes de formular sua próxima frase. Não queria mentir, mas não parecia certo descrever a situação em palavras grosseiras. — Robbie e eu concordamos em morar juntos no chalé perto do lago por um curto período de tempo sem minhas filhas.

Os olhos de Celestina se arregalaram de surpresa, mas ela não hesitou antes de dizer:

— Claro, adoro suas meninas. Ajudarei de qualquer maneira possível. — Passou um momento e então ela acrescentou: — Desculpe minha intrusão, mas isso não parece algo que Robbie Grant faria. O que você vai dizer às meninas?

Caralyn enxugou as lágrimas que se formavam em seus cílios.

— Bem, pensei em dizer a elas que era muito perigoso para elas se juntarem a nós. De qualquer forma, Ashlyn pode se sentir desconfortável lá, depois de tudo o que aconteceu.

O silêncio se instalou entre os dois. Celestina disse:

— É isso que você quer ou o que Robbie quer? Perdoe-me se eu bisbilhotar demais.

— Nós dois concordamos. — Caralyn não sabia mais o que dizer, porque não conseguia encontrar palavras para explicar a situação.

Celestina levantou-se e puxou-a para ficar de pé, envolvendo-a nos braços.

— Faça o que precisar, porque você merece muito a felicidade. Você teve pelo menos duas semanas traumáticas. As crianças são muito resistentes; elas ficarão bem sem você por uma lua.

Caralyn só conseguiu assentir e dizer:

— Obrigada.

— Caralyn, você não parece estar satisfeita com a situação. Posso fazer mais alguma coisa para ajudar?

Caralyn balançou a cabeça, incapaz de falar por medo de desmoronar na frente da jovem.

Quando se virou para sair, Celestina chamou seu nome novamente. Ela fungou e inclinou a cabeça para olhar para a outra mulher.

— A propósito, Ashlyn me perguntou se eu poderia ensiná-la a ler e escrever. Isso seria aceitável para você?

— Claro — disse Caralyn.

— Eu ficaria feliz em ensinar a você também, se estiver interessada, Caralyn. Ashlyn disse que achava que você não sabia ler.

Caralyn assentiu e saiu correndo pelo corredor, indo direto para sua câmara. Ela caiu no leito e chorou incontrolavelmente.

CAPÍTULO TRINTA E SETE

Robbie levou uma surra de Brodie e Quade, que pensaram que ele era idiota e que seu esquema nunca funcionaria. Mas Alex não discordou dele. Ele achou que a ideia tinha mérito.

Tomas ficou de lado balançando a cabeça com um sorriso no rosto.

— Você é um tolo e vai se arrepender disso.

Ele não queria perguntar ao amigo por quê. Que outra escolha tinha? Ele não desistiria dela.

Foi difícil ver Caralyn se despedir chorosa das filhas, mas elas apenas acenaram para ela com sorrisos, ansiosas para voltar correndo para o jogo. Gracie, Jake, Jamie, Lily e Loki estavam brincando de perseguição, todos gritando alto o suficiente para sacudir as vigas.

— Mamãe, vou sentir sua falta. — Ashlyn olhou para os dois, incerteza e perguntas estampadas em seu rosto, mas de alguma forma, a menina não compartilhou o que estava em sua mente.

A culpa de Robbie o incomodava um pouco, mas ele lembrou a si mesmo que se seu plano funcionasse, Ashlyn seria muito mais feliz.

Ele a ajudou a levar suas coisas para o chalé pouco antes do anoitecer. Caralyn verificou as prateleiras e os armários, surpresa ao ver tudo o que já estava guardado ali. Ela trouxera vários sacos de pano, embora ele não tivesse ideia do que ela planejava para aquilo. Depois de arrumar seus pertences, ela voltou para a sala principal e sentou-se à mesa à sua frente.

Robbie podia ver a ansiedade em seu rosto.

— Relaxe, Caralyn. Não vamos começar nada esta noite. Só queria arrumar a cabana para nós. Amanhã irei treinar nas listas e você terá o dia para si.

— Você voltará para comer a refeição do meio-dia ou irá para o castelo?

— Virei para cá. Não quero você sozinha o dia todo. Isso está bom para você?

— Sim.

Quando se acomodaram na cama, Caralyn rolou de lado, de frente para fora, mas ele não a deixou escapar impune. Sabia que faria frio no meio da noite, então puxou-a para perto. Neste momento, ele sabia que Caralyn estava um pouco zangada com ele e sentia falta das filhas. Ela precisaria do

calor dele, e ele do dela ao seu lado também. Seria difícil controlar seus impulsos com o traseiro macio aninhado contra ele, mas estava determinado a seguir seu plano. Ele até discutiu o assunto com Maddie, que lhe deu algumas ideias.

Ele dormiu como uma pedra a noite toda, mas partiu para as listas pela manhã, conforme planejado. Caralyn ainda estava dormindo, então ele beijou sua bochecha, pegou um bolo de aveia e saiu pela porta depois de acender o fogo na lareira da sala principal.

Quando voltou ao meio-dia, ficou um pouco receoso com o que poderia encontrar. Meio que esperando ver o chalé vazio, ficou surpreso ao ser saudado por um doce aroma de maçã ao abrir a porta. Caralyn lhe deu um sorriso encantador quando ele se sentou à mesa e lhe trouxe uma caneca de cerveja e um prato de peixe cozido, junto com uma mistura marrom amassada. Com base nas histórias do irmão, sabia que não deveria dizer nada sobre isso e, além disso, estava faminto, então comeu tudo.

Alguns momentos depois, ele parou e olhou para ela.

— O que é isso?

— O quê? O mingau de maçã?

— Sim, nunca comi isso antes, mas é delicioso.

— Oh, esta é a única maneira de fazer Gracie comer às vezes. Tenho que cozinhar até ficar bem macio. É purê de maçã e pastinaga. Ela adora.

— O peixe está saboroso. Quantos você conseguiu pegar?

Caralyn brincou um pouco com a comida antes de responder.

— Peguei quatro, mas são pequenos. Guardei dois para usar na sopa da refeição desta noite. Isso é aceitável? Tenho pastinagas e cenouras para adicionar. Não pude acreditar quando encontrei algumas no subsolo lá fora. Aquele lugar onde Ashlyn e eu estávamos arrancando ervas daninhas outro dia, sabe? Achei que poderia ter sido um jardim porque estava ao sol. Encontrei pastinagas lá e algumas ervas que usei também.

— Caralyn, você me disse que não sabia cozinhar.

— Sim, eu disse que sabia cozinhar peixe. Sempre cozinhei para minhas meninas, mas nunca consegui cozinhar para todos os homens do castelo.

— Bem, está delicioso. Você pode cozinhar para mim a qualquer hora.

— Ele estava falando sério. Espere até que ele informasse seus irmãos. Sabendo que Caralyn negava qualquer conhecimento de culinária, todos apostavam se ele voltaria doente ou faminto.

Antes de ir, ele beijou seus doces lábios e disse:

— Obrigado. Gostei da refeição.

Ela riu.

— Já ouvi você me agradecer por alguma coisa? Geralmente é o contrário.

O jantar também correu bem. A ideia da sopa de peixe não parecia atraente, mas ele se obrigou a provar tudo o que ela colocou na frente dele... e adorou. Ele tomou duas tigelas e comeu o pão integral.

— Você assou o pão aqui?

— Não, eu trouxe do castelo ontem. Achei que não conseguiria viver sem forno.

— Boa ideia, querida. E a sopa está excelente. Você acha que a horta produzirá muito no próximo ano?

— Escolhi e tirei o que pude do que sobrou da trama. Há o suficiente para dar sabor ao caldo. Eu provavelmente poderia adicionar sementes do jardim da Brenna para o que não tiver aqui. O solo é bom e escuro naquele local.

— Caralyn, não sei nada sobre jardinagem.

Ela sorriu.

— Fiquei sozinha por muito tempo, Robbie. Lembre-se de que eu estava desesperado para fazer qualquer coisa para alimentar minhas meninas. Comemos peixe e nabos durante muito tempo e aprendi a procurar macieiras e pereiras.

Depois de comerem, ficaram sentados nos degraus da frente por um tempo, ouvindo os sapos e conversando, aproveitando a serenidade do lago. De alguma forma, ele pensou que nunca se cansaria de conversar com ela. Seus olhos brilhavam de entusiasmo pelas coisas mais simples. Ele sabia o quanto ela amava o lago e a água – ela disse que isso combinava o que ela amava em sua antiga casa com o que ela amava nas Terras Altas. O próximo verão aqui seria maravilhoso, se ela ainda estivesse com ele.

Que era o que ele esperava. Seu estômago se apertou com o pensamento do que havia planejado para aquela noite, mas tinha que fazer isso. Ele tinha que saber como ela responderia. Ela não gostaria, mas não era por isso que eles estavam aqui.

Ele se levantou e estendeu a mão para ela.

— Venha. Está na hora de dormir. — A mão dela ficou tensa na dele, a umidade gelou sua palma.

Ele entrou na câmara e deixou a plaid cair no chão. Ele tirou a túnica e se virou para ela.

— Tire seu vestido, moça. Está na hora de fazer a sua parte. Você prometeu, certo? — Ele não conseguiu evitar reagir à visão de seu lindo corpo quando ela ficou na frente dele vestida apenas com sua camisa de dormir, os mamilos rosados empinados na noite fria. — Moça, você tem um corpo lindo.

— O que exatamente você gostaria? — ela sussurrou com a cabeça baixa.

Maldição, isso seria difícil. Mas também era a única coisa que poderia funcionar.

— Eu não tenho certeza. Qual é a sua especialidade?

O olhar dela subiu para encontrar o dele e Robbie notou o fogo em seus olhos. Bom. Era exatamente o que ele esperava ver. Tinha que continuar. Ela deu um passo mais perto dele, então estavam perto o suficiente para se tocarem. Ele olhou para ela e disse:

— Talvez fosse bom se você ficasse de joelhos me chupando.

A mão dela voou e deu um tapa na bochecha dele.

— Como você ousa falar comigo desse jeito!

Ele reagiu instantaneamente, agarrando as duas mãos dela e prendendo-a contra a parede para que as mãos dela ficassem presas nas dele acima da cabeça. Ele esperava raiva dela, mas não um golpe físico. Ele se forçou a ficar feliz. Ela se respeitava. Ela só não percebia isso ainda. Ele falou devagar, com os lábios perto do rosto dela.

— Lembre-se, pequenino, isso é o que você queria, não eu. Quero você na minha cama de verdade. Quero você comigo porque te amo. É você quem não me aceita.

O fogo ainda queimava em seu olhar. Ela estava furiosa por ele ter o controle sobre ela; resistiu e lutou contra as mãos dele. Ele tinha mais uma coisa a dizer antes de libertá-la.

— Você acha que sou forte o suficiente para forçá-la? Posso obrigar você a fazer o que eu quiser neste momento?

— Sim — ela sussurrou enquanto tentava chutá-lo.

Ele vira Logan fazer algo semelhante com Gwyneth e achou que a mudança tinha mérito. Ela precisava confiar nele.

— Você está certa. Posso fazer o que quiser com você agora mesmo. — Seus olhos estavam voltados para baixo. — Olhe para mim, Caralyn. — Ele

sabia que ela não queria, mas esperou até que ela o fizesse. — Isso é para que você saiba que nunca vou te machucar. Eu posso, mas nunca levantarei a mão para você. Não sou assim. Não importa o que você diga ou faça, mesmo quando você me atacar, eu nunca contra-atacarei.

Quando ele soltou as mãos dela, ela voou para ele, empurrando seu peito.

— Talvez você não tenha me batido, mas o que você me disse? Foi como um tapa na minha face. Não vou permitir que você me trate como uma prostituta. Você me ouviu? Eu parei com essa vida. Parei!

Ele olhou para ela, permitindo que suas próprias palavras fossem absorvidas, sabendo que ela disse tudo sem pensar em suas palavras. Ele fixou seu olhar no dela.

— Bom. Isso é exatamente o que eu esperaria de uma mulher forte, de uma mulher digna de ser minha esposa. Agora, vá para a cama, terminamos por esta noite.

Caralyn se jogou no leito e se afastou dele antes que as lágrimas caíssem. Ele a puxou contra si novamente, beijando seu ombro e segurando sua mão até que ela adormecesse.

Até agora, tudo funcionou exatamente como planejado.

CAPÍTULO TRINTA E OITO

Caralyn acordou na manhã seguinte em uma cabana tranquila. Ela foi até a sala principal e descobriu que ele já havia saído, mas não antes de acender o fogo na lareira da frente. Enrolando-se em uma manta, sentou-se numa cadeira em frente à lareira, com a mente em uma tempestade de confusão.

Ela ficou bastante surpresa que Robbie gostasse de sua comida. Sabia que ele não havia mentido porque comeu tudo muito rápido e com muito gosto. Talvez não fosse uma cozinheira tão ruim, afinal.

A noite passada desencadeou um turbilhão de sentimentos profundos. Ficou muito zangada, mais do que acreditava ser capaz. Era um sinal do quanto estava cansada de sua antiga vida – sendo controlada por Malcolm, não tendo nenhuma palavra a dizer sobre o que quer que fizessem – sendo forçada a servir um homem que odiava. Tudo o que ela fez e disse a Robbie foi por instinto.

Não pôde deixar de pensar na primeira vez que deu um tapa em Malcolm por chamá-la de prostituta – seu rosto ficou machucado por uma semana por causa da retaliação. Robbie sequer a arranhou. Ele era realmente um homem especial.

E Robbie não a forçou a cumprir sua parte no acordo. Sim, ela cuidou dele o dia todo, mas os homens tinham necessidades específicas. Ela sabia disso muito bem, tinha visto a evidência disso em Robbie quando ela se despiu para vestir a camisa de dormir.

Mas em vez de forçá-la, ele a segurou nos braços para que ela chorasse até dormir. Tinha que admitir, era sua maneira favorita de dormir. Sim, ela sentia falta das meninas, mas não havia lugar onde ela preferisse estar à noite a nos braços fortes de Robbie Grant.

Olhou ao redor e decidiu que o chalé ficaria perfeito com apenas mais alguns toques femininos. Era algo que poderia realizar hoje. Mas primeiro, tinha que fazer o desjejum, então terminou de se lavar e saiu pela porta para o lindo lago. Ela havia pensado em ir até a fortaleza para ver as meninas, mas sabia que seria errado. Não voltaria atrás em sua palavra e seria muito difícil para as meninas.

Robbie voltou para uma refeição rápida ao meio-dia. Quando ele entrou pela porta, ela deu uma olhada em seu cabelo despenteado e no suor

visivelmente descendo por seu peito, e ela paralisou. Ela umedeceu os lábios enquanto visões dele sem nada dançavam em sua mente, mas ela se forçou a parar e se mover para pegar a travessa de peixe para ele.

Ele a surpreendeu puxando-a para perto e beijando-a. Foi um beijo rápido, mas ela o puxou de volta e o provou com a língua, inspirando-lhe um grande gemido que lhe causou um arrepio até os dedos dos pés.

Para sua alegria, a mão dele subiu pelas saias e acariciou sua bunda, e ela perdeu toda a capacidade de pensar. Ela enfiou a mão sob seu kilt e encontrou sua dureza e o provocou acariciando-o com um toque leve como uma pluma.

— Moça, não consigo parar. Você quer isso tanto quanto eu?

Ela gemeu quando a mão dele encontrou seu ponto sensível e ele esfregou o polegar nela, fazendo-a se inclinar para trás na mesa e se abrir para ele.

— Robbie, sim — foi tudo o que ela conseguiu dizer, e saiu em um gemido que não parou.

Robbie empurrou tudo para fora da mesa e ajudou-a a deitar-se antes de se posicionar na entrada dela.

— Moça, você me faz perder todo o controle. — Ele a penetrou rapidamente e se inclinou para capturar seus lábios em um beijo profundo, fundindo seu corpo contra o dela enquanto ela balançava a pélvis para pegar seu ritmo.

Minutos depois, ela desabou e ele a seguiu, gritando seu nome ao terminar.

Robbie a pegou no colo e se acomodou na cadeira com ela no colo, ainda acariciando seu pescoço.

— Eu baguncei a comida, moça. Mas você foi a melhor refeição que tive em muito tempo. Deixe-me ajudá-la a limpar.

Ela apoiou a cabeça em seu ombro e bebeu sua essência; seu cheiro, seu calor, tudo que ela sabia ser Robbie, o homem que ela adorava. De alguma forma, tinha que fazer isso funcionar.

Caralyn conseguiu encontrar uma maçã para ele e um pedaço de pão antes que ele saísse correndo porta afora explicando que Alex estava reclamando muito naquele dia.

A tarde voou enquanto as lembranças de seu amor mantinham um sorriso no rosto dela. Quando ele entrou pela porta no final do dia, parecia exausto. Sua testa sangrou novamente em algum momento, mas agora

estava formando crosta. Isso não o impediu de notar os poucos toques extras que ela havia acrescentado durante o dia.

— Moça, onde você encontrou as almofadas para as cadeiras?

— Eu as fiz. Adoro esta casa de campo, mas precisava de algumas coisas para iluminá-la e suavizá-la. Maddie me disse que eu poderia pegar qualquer pano que precisasse no depósito. Queria fazer vestidos novos para as meninas.

— E as flores ?— Ele apontou para a peça central da mesa e as flores penduradas nas vigas.

— Procurei para ver o que poderia encontrar para secar no inverno. Mamãe e eu tínhamos um lindo jardim de flores quando eu era pequena.

Ele comeu tudo o que ela colocou na mesa, elogiando-a enquanto comia, mas Caralyn percebeu que ele estava muito cansado.

— Você não disse que não tinha habilidades de costura?

— Bem, tive que costurar roupas para minhas meninas com todos os restos de material que pude encontrar. Eu gostaria de poder fazer os lindos vestidos de lã que Madeline faz, mas não sei como.

— Caralyn, ela ficaria feliz em mostrar a você.

Ela se levantou e levou os pratos para a bacia para lavá-los.

— Você acha que o Logan já encontrou Gwyneth? — Isso estava em sua mente há algum tempo, desde que Malcolm não era mais uma ameaça.

— Não sei, mas espero que sim. — Robbie passou os braços em volta da cintura dela.

— Não acho que ela descansará até que Duff Erskine pague pela morte de seu irmão e pai. Eu me preocupo com ela. Ela é uma moça teimosa.

— Logan irá encontrá-la e protegê-la, não se preocupe com isso.

Ela fez uma pausa para olhar para Robbie e pensou em como era afortunada por ter seu próprio protetor, não apenas para ela, mas para suas filhas.

Depois que terminaram de limpar, ele olhou nos olhos dela com um sorriso no rosto.

— O que é? — ela perguntou, confusa com o olhar dele.

— Eu poderia ir direto para a cama, estou muito cansado, mas não aguento mais o meu cheiro. Estou indo para o lago. Quer se juntar a mim?

— Ah, não! Está muito frio.

— Moça, vamos, é bom para a pele. Limpa bem.

— Você deveria entrar para limpar seu ferimento, mas está muito frio para mim.

Ele se aproximou e a pegou nos braços, rindo.

— E se eu jogar você dentro da água?

Ela gritou quando ele a carregou para fora da porta.

— Robbie, não. O vestido vai me arrastar para baixo.

— Então tire isso. Vou jogar você lá dentro. Se deseja morar perto de um lago, deve aprender como aproveitá-lo... durante todo o ano. Nadei neste lago durante muitos meses de inverno quando era pequeno. Ainda não está tão frio. Vou mantê-la aquecida.

Ele a colocou no chão e ela fugiu dele. Ele a seguiu, perseguindo-a por metade do lago, as risadas deles ecoando nas colinas. Quando ele finalmente a pegou, puxou-a gentilmente pelo braço, conduzindo-a em direção ao lago.

— Pare, pare! — Caralyn gritou e finalmente decidiu juntar-se a ele. Quando ela riu tanto assim? Seu sorriso era contagiante. — Me solte e eu tirarei meu vestido.

— Promete?

— Eu prometo. Agora me deixe ir.

Ele soltou a mão dela e ela tirou o vestido enquanto ele se despiu. Ela riu.

— Se você for sábio, também removerá a camisa. A sarja só vai deixar você com mais frio quando sair.

Ela olhou para ele por um momento enquanto considerava seu conselho. Finalmente decidindo que ele estava certo, ela tirou a camisa.

Robbie olhou para ela e disse:

— Ah, moça, você sabe como deixar um homem de joelhos.

— Agora ou nunca, Robbie Grant. Não vou ficar aqui sem nada por muito tempo. Ela colocou as mãos nos quadris e esperou.

Ele agarrou a mão dela e juntos eles correram para o lago, saltando no último minuto. Ela emergiu, cuspidando.

— Frio! Está frio, Robbie! Por que deixei você me convencer disso?

Ela começou a tremer e ele a puxou para perto, seu corpo ainda explodindo de calor. Caralyn não sabia como isso era possível, mas ele sabia. Robbie pegou o sabonete que trouxera e ensaboou as costas e os cabelos dela, entregando-o para ela limpar a frente. O rapaz era um

cavalheiro por completo. Ela tremia tanto de frio que se dirigiu para a costa assim que se lavou. Um olhar para Robbie a fez virar-se.

— Robbie, deixe-me lavar sua testa. Tem muita sujeira no corte. — Ela gentilmente lavou o cascalho. — Você esteve rolando na terra hoje nas listas? Como conseguiu tanto cascalho nele?

Ele sorriu.

— Só rolei com você na mesa. Sua bunda está dolorida esta noite? Talvez eu deva verificar se há lascas.

— Não. — Ela riu. — Você não me machucou. Mas você precisa cuidar melhor de suas feridas.

— Moça, você ainda consegue amar um rapaz com cicatrizes? Sempre tive garotas me perseguindo, mas só por causa da minha aparência. Agora minha aparência se foi. Você ainda me amará?

— Ah, Robbie — ela suspirou. — Eu o amo por muitos motivos, mas não apenas por causa da sua aparência.

Ele franziu o cenho

— Eu sou feio para você?

Ela terminou sua tarefa e devolveu o sabonete para ele, virando as costas para sair do lago. Pouco antes de sair correndo, ela se virou e espirrou água nele.

— Não, não é feio, mas não vou alimentar seus sentimentos de auto importância.

Ela saiu correndo e ele a perseguiu até os degraus da frente da casa.

— Está congelando! — Enquanto estremecia na porta, ela disse: — Meu vestido, esqueci meu vestido.

— Maldição. — Ele disparou de volta pela costa, pegou suas roupas e retornou.

Uma vez lá dentro, ele a envolveu em sua plaid e eles se sentaram em frente ao fogo para que ela pudesse secar o cabelo. Robbie passou os dedos pelas longas tranças, ajudando-a a secá-las.

— Caralyn, você pensou mais na minha oferta? Você deve ver o quanto combinamos um com o outro. Nosso tempo aqui está sendo maravilhoso.

— Sim, pensei. O que sua família diz? Estou preocupada que eles não me aceitem como sua esposa.

— Espere, deixe-me encontrar algo e vou trançar o cabelo para você.
— Ele saiu da sala e foi para a câmara deles.

Caralyn olhou para as próprias mãos. Seus pulsos estavam se curando porque ela não precisava se punir, só agora percebeu isso. Poucos minutos depois, como Robbie não voltava, ela foi para a câmara e o encontrou dormindo profundamente no leito.

Ela se arrastou ao lado dele e se aconchegou contra ele.

CAPÍTULO TRINTA E NOVE

No meio da noite, uma forte batida na porta acordou os dois. Robbie se levantou e vestiu sua plaid antes de atender.

— A Brenna precisa da ajuda da Caralyn.

Quade estava na porta e Caralyn o ouviu, então pulou do leito para se vestir. Ela correu para a sala principal e olhou para Quade.

— São as minhas meninas?

— Não, as meninas estão bem. Há duas mulheres prontas para o parto e ela não pode estar nas duas cabanas ao mesmo tempo. Brenna esperava que as duas parissem antes de partirmos, mas não ao mesmo tempo. De qualquer forma, ela perguntou se você ajudaria Jennie.

— Claro. — Ela pegou as botas e Robbie terminou de se vestir.

— Eu vou levá-la. Onde?

— Esposa do Gavin. — Quade assentiu para eles e saiu. Momentos depois, Caralyn saiu da cabana e dirigiu-se para o cavalo, mas Robbie a deteve. — Você mal acordou e o caminho pode ficar confuso no escuro. Vou levá-la em meu cavalo, já que conheço o trecho.

Ela não discutiu, muito perdida em seus pensamentos, tentando se lembrar de tudo sobre os dois nascimentos que presenciou. Claro, tinha o seu próprio para lembrá-la de tudo, mas não desejaria a ninguém as parteiras que assistiram seus partos.

Quando chegaram à casa de Gavin, Robbie ajudou-a a descer e deu-lhe um beijo na bochecha.

— Você é forte o suficiente para fazer isso — ele a lembrou.

Ela olhou nos olhos dele, percebendo o quanto seu comentário significava para ela. Então ela assentiu com tristeza, tentando dizer a si mesma exatamente a mesma coisa. Ela poderia? Colocou a mão no braço dele.

— Obrigada por me escutar, mas você não precisa esperar. Pode demorar muito. Encontrarei o caminho de volta.

— Estarei aqui quando você terminar. — Ele lhe deu um leve empurrão em direção à porta antes de se juntar a Gavin, que estava esperando em um tronco próximo, balançando o joelho para cima e para baixo.

Caralyn entrou e encontrou um pequeno grupo de pessoas aglomeradas ao redor da cama. Brenna e Jennie estavam no final enquanto duas servas

cuidavam da água e da roupa de cama, enrolando um berço próximo.

Brenna se virou assim que ela entrou.

— Ah, ótimo. Caralyn, muito obrigada por ter vindo. Tem outra mulher dando à luz algumas fileiras abaixo e ela está passando por momentos difíceis, pois é o primeiro. Este é o terceiro de Nessa, então ela deve ficar bem. Jennie sabe o que fazer, mas me sentirei melhor sabendo que ela terá ajuda. Você consegue lidar com isso?

— Sim, eu me lembro do que fazer. Se acontecer alguma coisa que eu não entenda, o Robbie está lá fora. Vou mandá-lo buscar você.

— O Gavin pode vir atrás de mim também. Se tudo correr bem, posso voltar antes que a Nessa termine o parto. Aqui está o laço para o cordão, uma faca limpa e não se esqueça de limpar a boca do bebê. — Brenna deu-lhe um abraço e saiu depressa pela porta.

Caralyn respirou fundo e se apresentou a Nessa e às servas no momento em que uma forte contração tomou conta da mulher e ela gritou. Jennie sorriu para Caralyn e mostrou-lhe onde colocar todos os suprimentos.

— Estou animada com isso — disse Jennie em um sussurro, com as bochechas brilhantes. — Adoro trabalhar com a Brenna.

— Você já assistiu a muitos nascimentos? — Caralyn perguntou a ela, esperando que sua resposta fosse sim.

— Sim, passei um tempo em Lothian com ela. Quando ela se casou com Quade e se mudou, não tínhamos curandeiro. Minha mãe e meu avô eram curandeiros, então eu queria tentar. Já fiz alguns, mas ainda sou nova nisso, então agradeço por você ter vindo.

Caralyn experimentou um momento de pânico e depois assentiu para Jennie. Embora não conseguisse pronunciar as palavras certas, sabia exatamente o que fazer. Ela tinha que acreditar em si mesma, assim como todos tentavam lhe dizer para fazer.

Respirando fundo, ela colocou a mão no joelho de Nessa e deu uma olhada para ver em que ponto ela estava. Oferecendo palavras de encorajamento, ela conseguiu fazer Nessa passar pela próxima contração.

— Você está tendo contrações frequentes? — ela perguntou assim que a dor passou.

— Sim, a cada minuto ou mais. Não estou tendo folga e, se bem me lembro, foi assim antes de parir o último. — Nessa recostou-se e respirou

fundo algumas vezes antes de avançar. — Oh, aqui vamos nós, moças. Eu tenho que empurrar.

— Seus filhos são moças ou rapazes? — ela perguntou para distrair Nessa da dor.

— Duas moças. Gavin quer muito um rapaz. — A resposta foi dada entre grunhidos.

Nessa esforçou-se e empurrou durante vários minutos enquanto Jennie e Caralyn observavam a cabeça da criança aproximar-se do fim. Elas disseram muitas palavras de incentivo a Nessa, segurando sua mão quando ela precisava.

Outra contração forte a forçou a empurrar e Jennie gritou:

— Posso ver o cabelo da criança. Continue empurrando, Nessa. O bebê está quase chegando. — Caralyn ajudou-a a conduzir Nessa durante o resto do trabalho de parto, as duas encorajando-a até que ela deu um último empurrão e a cabeça e os ombros deslizaram para as mãos de Caralyn. Ela respirou fundo, puxou o bebê o suficiente para segurá-lo, depois fez como Brenna havia instruído e colocou o dedo na boca da criança para limpar todo o muco. O bebê deslizou completamente para fora com o próximo empurrão e Jennie agarrou seus pés, segurando-o por um momento para esticar o cordão. Ele soltou um rugido alto para que todos soubessem que ele havia chegado.

— Um rapaz — disse Caralyn. — É um rapaz lindo.

Gavin entrou correndo pela porta e parou.

— Um rapaz? A senhora disse um rapaz? Temos um filho, Nessa?

Caralyn assentiu e levantou-o para Gavin ver.

— Sim, o senhor tem um rapaz robusto. — O menino continuou a gritar de insatisfação enquanto Caralyn o envolvia em uma manta e Jennie amarrava um barbante no cordão. Ela o limpou e o colocou nos braços da mãe. Nessa começou a chorar e Gavin passou pelas servas para beijar sua esposa.

— Estou tão feliz por termos um garotinho — ele sussurrou. Gavin não conseguia tirar os olhos do filho e da esposa.

Caralyn começou a limpar tudo, sentindo como se estivesse invadindo um momento privado. A última parte do parto ocorreu pouco depois, e ela e Jennie estavam trabalhando juntas para ajudar Nessa quando a porta se abriu.

Brenna entrou correndo.

— Tudo está progredindo? — Ela sorriu ao ver o bebê nos braços da mãe, com os olhos brilhando. — Muito bem, Caralyn e Jennie. Aqui, deixem-me terminar. Brenna abraçou Caralyn e assumiu.

Recuando, Caralyn tentou processar tudo o que acabara de acontecer enquanto Jennie contava a Brenna sobre o parto enquanto as duas lavavam Nessa.

As mãos de Caralyn começaram a tremer quando ela percebeu o que acabara de fazer.

Ela as lavou, esperando que o tremor parasse, mas isso não aconteceu. Ela tinha acabado de ajudar a dar à luz a um bebê, a trazê-lo ao mundo. E fez isso bem. Lágrimas escorreram por seu rosto e suas mãos tremeram. Brenna olhou por cima do ombro e, percebendo que Caralyn estava emotiva, abraçou-a por trás. Ela a virou em direção à porta e disse:

— Vá. Você fez um ótimo trabalho, mas é estressante. Dê uma volta lá fora.

Caralyn saiu pela porta e viu Robbie parado do lado de fora, encostado em uma árvore.

Ela se jogou em seus braços e soluçou.

E novamente, como sempre, ele estava lá para ajudá-la.

Dois dias depois, Robbie estava nas listas, quando Alex veio correndo procurá-lo. Robbie deu uma olhada no rosto do irmão e sentiu um aperto no estômago. Embora não tivesse certeza do que estava errado, sabia que algo estava. Alex apontou para a fortaleza e disse:

— Agora.

Robbie montou em seu cavalo e galopou pela ponte e pelo pátio, não parando até chegar aos degraus da frente da fortaleza. Quando entrou pela porta, Celestina estava esperando por ele lá dentro.

— O que é? — ele perguntou, ofegante enquanto tentava recuperar o fôlego. Ele não gostou da expressão no rosto dela.

— É a Gracie. Você deve chamar Caralyn. Ela precisa vir para cá agora. — Celestina apontou para o canto do salão, onde Gracie estava cercada por várias pessoas.

Robbie deu uma olhada em Gracie e saiu correndo pela porta, depois montou em seu cavalo e disparou em direção ao lago o mais rápido que seu

cavalo conseguia galopar. Tudo estava indo tão bem. Caralyn estava saindo de sua concha, encontrando um propósito próprio.

Mas isso? Ele nunca pretendeu que isso acontecesse. Santos acima, ela nunca o perdoaria. Por que ele foi tão teimoso? Ela provavelmente teria mudado sozinha, se tivesse tempo suficiente. Maldição, por que ele insistiu em conseguir o que queria?

CAPÍTULO QUARENTA

Caralyn ouviu o barulho dos cascos de um cavalo na campina, mas não estava nem perto do meio-dia. Quando saiu para ver quem estava chegando, Robbie já estava lá, ofegante, montado em seu cavalo. Ele desmontou em um momento e estendeu a mão para ela.

— Você precisa vir para a fortaleza. É a Gracie.

Eles estavam a caminho antes mesmo que Caralyn pudesse entender suas palavras. Santos acima, não sua doce Gracie. Ela orou o tempo todo enquanto cavalgavam.

— Caralyn, sinto muito. Eu esperava lhe mostrar o seu próprio valor, mas, por favor, entenda, eu nunca teria feito isso se pensasse que machucaria suas filhas. Por favor me perdoe.

— Robbie, o que há de errado com ela? Diga-me o que aconteceu! — Ela não conseguia abrir os punhos ou impedir que seus pensamentos fossem para os piores lugares.

— Não tenho certeza se alguém sabe. Vi Gracie deitada no chão, em um canto, sem se mover, mas olhando para frente como se estivesse em transe. Vim buscar você imediatamente. Alex me tirou das listas.

Eles correram pela porta da frente e todos recuaram para que pudessem alcançar a pequenina. O coração de Caralyn estava na garganta quando viu a filha deitada de lado no chão ao lado dos cachorros. Ela estava respirando, mas não se movia. Seus olhos estavam abertos e olhando para frente, o polegar estava na boca.

Caralyn se ajoelhou na frente dela.

— Gracie? — Nada. Ela piscou, mas nem sequer se mexeu com a menção de seu nome.

Ashlyn sentou-se chorando ao lado de Gracie.

— Mamãe, ela está como antes, mas pior. Ela parou de falar ontem. Ela não comeu ontem à noite e esta manhã foi até ali e deitou-se ao lado de Growley. Ela tem estado assim desde então. Lily, Maddie, todo mundo já tentou falar com ela, e ela apenas olha para frente. O que vamos fazer?

Caralyn colocou as mãos sob os braços de Gracie e levantou-a, apoiando a cabeça da pequena menina sobre seu ombro. Lágrimas escorreram pelo rosto de Caralyn. Ela havia falhado com a filha. Gracie

parecia uma boneca de pano, sem se mover sozinha, ainda sem olhar para nada nem para ninguém, nem mesmo para a mãe ou para a irmã.

Robbie colocou a mão gentilmente no braço de Caralyn e conduziu-a até a lareira.

— Segure-a e fale com ela. O acordo acabou, Caralyn. — Sua voz tremia de angústia quando ele disse isso. — Você pertence às suas filhas. Sinto muito por atrapalhar.

Caralyn assentiu enquanto abraçava Gracie contra o peito. Ela estendeu a mão e puxou Ashlyn para perto para que ela pudesse beijar sua bochecha.

— Sinto muito, Ashlyn. Não vou deixar vocês de novo.

Robbie ficou ao lado dela antes de se inclinar para dar um beijo em Gracie.

— Nós amamos você, Gracie. — Ele beijou Ashlyn na bochecha antes de se virar para sair. — Estarei lá fora se precisar de alguma coisa. Talvez seja melhor se você ficar sozinha com suas meninas.

Assim que Caralyn se acomodou em uma cadeira perto do fogo, Maddie e Brenna correram.

— Eu a verifiquei, Caralyn — disse Brenna, ajoelhando-se na frente dela. — Não há nada de errado com ela fisicamente. Acho que se você se sentar com ela e prometer que vai ficar, ela vai sair dessa. Ela sentiu muita a sua falta quando você se foi. A menina passou por muita coisa para alguém tão jovem. Vocês três. Com seu amor, acho que ela vai voltar a si. Manteremos a todos afastados e se precisar de alguma coisa, é só pedir. Estamos aqui por vocês.

Caralyn olhou para as duas, com lágrimas ainda inundando seu rosto, e disse:

— Vocês poderiam ser uma boa mãe para mim? Aparentemente, não consigo fazer as coisas direito, não importa o quanto eu tente.

Maddie colocou a mão em seu ombro.

— Você é uma boa mãe. Você ama suas filhas mais do que tudo, e isso é a única coisa necessária. — Maddie beijou sua bochecha, e depois a pequena Gracie, e foi embora com Brenna.

Caralyn segurou a filha e esfregou-lhe as costas.

— Gracie, sinto muito. Prometo nunca mais lhe deixar. Você irá comigo onde quer que eu vá. Eu amo você e a sua irmã mais do que tudo. — Ela beijou a testa da filha. — Malcolm se foi, ele nunca mais vai incomodar você. Fiquei com Robbie por pouco tempo. Eu precisava saber

se conseguiria viver com ele, se realmente o amo. Eu amo... mas só porque amo Robbie não significa que vou deixar de amar vocês. Eu amo você, Ashlyn e Robbie. Não é errado amar as pessoas. Você ama a Lily, não é? — Ela parou para olhar em seus olhos em busca de qualquer movimento ou reconhecimento, mas não havia nada.

Ashlyn estendeu a mão e esfregou o cabelo de Gracie.

— Mamãe, ela está melhor?

— Não.

— Mamãe, sentimos sua falta. Você vai voltar?

— Sim. Nunca mais vou deixar minhas doces meninas. Pelo menos, não à noite. Posso ter que fazer uma ou duas tarefas, mas sempre estarei com vocês à noite. Eu prometo. — Ela deu um beijo na testa de Ashlyn e depois se levantou. — Venha, vamos para a nossa câmara. Acho que a Gracie e a mamãe precisam descansar.

Algumas horas depois, Caralyn acordou na câmara deles. Gracie ainda estava em seus braços, mas algo estava diferente.

— Gracie? — Nada. O olhar da filha ainda estava vazio de reconhecimento. No entanto, duas coisas mudaram. A mãozinha de Gracie segurava com força o vestido de Caralyn e ela chupava o polegar. Caralyn sorriu e passou a mão pelos cabelos de Gracie. — Você está segura, pequenina; a mamãe está aqui para você agora. Volte para mamãe. Sinto sua falta.

Robbie estava sentado no degrau da frente do castelo com a cabeça entre as mãos quando Brenna, Quade, Brodie, Celestina e Tomas saíram para se juntar a ele.

Ele olhou para sua irmã.

— Houve alguma mudança?

— Não, Caralyn a levou para sua câmara. Não é sua culpa, Robbie.

— Como pode dizer uma coisa dessas, Brenna? É tudo culpa minha. Isso nunca teria acontecido se eu não tivesse feito Caralyn morar comigo no chalé.

— Pensei que ela tivesse se oferecido para morar com você no chalé — disse Brodie.

— Ah, é complicado. Eu esperava que meu plano mostrasse que ela tinha valor. Ela não conseguia imaginar isso vivendo no castelo com todos

os outros. Em sua mente, ela nunca poderia estar à altura. Claramente, foi um péssimo plano. Ela nunca vai me perdoar agora, e olhar para Gracie nesse estado parte meu coração. — Ele embalou a cabeça entre as mãos mais uma vez. — Que tolo eu sou.

Celestina disse:

— Parece que funcionou perfeitamente para mim.

Robbie levantou a cabeça para olhar para ela.

— O quê? Como isso funcionou? A filha dela está péssima.

Brenna falou.

— Porque a filha dela recuou pouco depois de ela partir. Caralyn sempre me pareceu perdida, como se pensasse que não era desejada. Não ajudou o fato de Gracie ter se saído tão bem aqui desde o início. A pequenina começou a falar e rir quando não estava com ela. Essa foi a reação da menina ao se sentir segura e livre daquele homem miserável, mas posso ver como Caralyn não enxergaria dessa forma. Ela poderia facilmente ter interpretado isso como se suas filhas estivessem melhor sem ela. Mas agora ela está descobrindo o quanto é importante para elas.

Tomas se aproximou e agarrou o ombro de Robbie.

— Vamos esperar que Caralyn veja dessa forma, certo?

Caralyn e Ashlyn imprensaram-se uma de cada lado de Gracie. Embora ainda não estivesse falando, ela levantou a cabeça e estava olhando para a mãe. Muito feliz com essa melhora, Caralyn começou a chorar e beijou-a nas duas bochechas.

— Eu a amo, doce moça. Por favor volte para mim. Eu nunca vou lhe deixar novamente.

— Mamãe, por que a senhora nos deixou? — Ashlyn perguntou em voz baixa.

Caralyn suspirou:

— É difícil explicar coisas sobre pessoas grandes, mas você sabe como tive dificuldades com os homens. Mas eu amo Robbie Grant e precisava ver se havia alguma maneira de isso dar certo entre nós.

— Mas, mamãe, ele realmente ama a senhora. Ele não é como nenhum dos outros.

— Ashlyn, sei disso agora, mas precisava descobrir isso sozinha. Eu deveria ter confiado nele, mas estava confusa. Você estava certa quando me

perguntou se eu me amava. Isso tem sido difícil para mim por causa de Malcolm, mas Robbie me ajudou a ver que sou uma boa pessoa. Ele me pediu em matrimônio e estou pronta para aceitar. Como você se sentiria tendo o capitão Grant como seu padrasto?

Ashlyn ficou com os olhos arregalados.

— Sim. Podemos chamá-lo de papai?

— Teremos que fazer essa pergunta a ele, mas você ficaria feliz se morássemos com ele no chalé? Achei que você nunca iria querer sair da fortaleza agora que tem tantos amigos aqui.

— Não, mamãe. Queremos morar com você. Poderíamos voltar para brincar. Sim, Gracie e eu ficaríamos muito felizes se você se casasse com o capitão Grant e vivêssemos juntos perto do lago.

Gracie estendeu a mão e deu um tapinha no rosto de Caralyn, ainda chupando o outro polegar com fúria.

— Acho que sua irmã também gosta da ideia. — Ela beijou a palma da mãozinha de Gracie e sorriu. — Tive medo de que vocês não fossem comigo.

— Por que, mamãe? Nós a amamos. — Ashlyn se aproximou da mãe e de Gracie.

Ela sabia que precisava explicar um pouco melhor.

— Ashlyn, você e a Gracie têm sido tão felizes aqui, que não achei que sentiriam minha falta. Vocês tem tantas outras pessoas com quem brincar, Gracie estava falando antes mesmo de eu chegar aqui, e vocês tem muitas outras mães – Celestina, Maddie, Brenna.

— Não, nós não temos! — A voz de Ashlyn ficou alta e severa. — A senhora é nossa mãe, elas não são. Nós as amamos, mas elas não são a senhora. A senhora é nossa única mãe. Nós precisamos da senhora.

Caralyn saiu do leito com Gracie nos braços e disse para Ashlyn.

— Venha, há alguém com quem precisamos conversar.

Ela desceu a escada até o corredor e procurou Robbie, finalmente encontrando-o nos degraus da frente, cercado por sua família e amigos.

Ele deu uma olhada em Gracie e se levantou.

— Ela está melhor?

Caralyn disse:

— Sim, ainda não está falando, mas está se movendo e seu olhar me segue. Não vou deixá-la fora da minha vista por um tempo. Ela precisa de mim.

Robbie sorriu e beijou a testa de Gracie.

— Sim, ela precisa.

Ela olhou para os outros e disse:

— Obrigada a todos pela ajuda, mas gostaria de saber se poderia falar a sós com Robbie.

— Claro — disse Brenna. — Gostaria que levássemos Ashlyn conosco?

Quando Caralyn balançou a cabeça, Ashlyn se inclinou para ela e passou os braços em volta de sua cintura.

— Não, a Ashlyn precisa de mim também. Pode vir para o jardim comigo? — ela perguntou, seus olhos nos de Robbie. Ele assentiu e se levantou, pegando a outra mão de Ashlyn quando ela a estendeu para ele. Juntos, eles caminharam até o jardim de Brenna, parando quando chegaram ao banco no meio dele.

Ele se virou para Caralyn.

— O que houve? Caralyn, você sabe o quanto sinto muito...

Ela ergueu a mão.

— Não sinta. Suas intenções eram boas e eu entendo o que você estava tentando fazer por mim... — ela olhou para suas meninas — ...por nós.

Caralyn pigarreou e seu olhar se fixou novamente no dele, aqueles lindos olhos cinzentos indo direto para seu coração. Ela podia sentir o frio na barriga ganhar vida com a proximidade dele, podia sentir sua necessidade de atraí-lo para mais perto, de fazê-lo abraçá-la, apoiá-la e amá-la tanto quanto ela o amava.

— Robbie, sua oferta de matrimônio ainda está aberta?

Robbie pareceu atordoado, mas disse:

— Claro. Você sabe que eu amo você e suas filhas. Adoraria ter a chance de amar vocês por toda a vida.

Caralyn sorriu e apertou as mãos das filhas.

— Então aceitamos. Nada me faria mais feliz do que ser sua esposa.

Chocado a princípio, seu olhar procurou o dela, como se não tivesse certeza de tê-la entendido corretamente.

Ela assentiu e sorriu.

— Eu o amo, capitão Robbie Grant. Acho que sempre amei. Você se lembra do dia em que ignorou seu comandante para ir em busca de duas meninas famintas na floresta? Você pegou um pedaço do meu coração naquele dia. Só tive dificuldade em aceitar que você poderia me amar tanto quanto eu amo você.

Seus olhos se arregalaram e ele abriu seu grande e lindo sorriso. Ele segurou seu rosto e a beijou profundamente. Ashlyn bateu palmas.

— Sim, Gracie, finalmente temos um pai.

Quando ela se afastou do beijo, Gracie deu um tapinha no peito de Robbie e disse:

— Capitão Robbie, eu o *mu*. — Em seguida, ela deu um tapinha em Caralyn e disse: — E *mu* a *siola*, mamãe.

Todos se juntaram chorando e rindo para receber Gracie de volta de onde ela havia se retirado. Então Ashlyn apontou para o peito de Caralyn e disse:

— Agora a senhora também se ama.

EPÍLOGO

Alguns meses depois

Caralyn estava sentada em uma cadeira junto à lareira do grande salão, aquecida pelas chamas crepitantes no meio de um inverno frio. Ela prendeu a respiração e segurou-a. Poderia ser? Olhou ao redor para toda a atividade acontecendo na sala. Felizmente ela estava sozinha perto da lareira; ela não queria que ninguém visse a expressão em seu rosto ainda. Robbie, Brodie, Tomas e Alex estavam sentados à mesa no estrado, rindo e discutindo sobre algum desafio nas listas. Maddie levou Connor e Kyla para a cama, mas Celestina estava lendo um dos livros ilustrados de Maddie para as outras crianças.

Como sua vida melhorou desde que conheceu o marido. Ela e Robbie se casaram rapidamente para que Brenna e Quade pudessem assistir à cerimônia antes de voltarem para casa. Ela não queria nada sofisticado, apenas uma cerimônia simples, e fora linda.

No dia seguinte ao matrimônio, Alex a levou para seu solar junto com Robbie, Brenna, Maddie e Jennie. A ideia dele chocou Caralyn na época – ele queria que ela se tornasse a mais nova curandeira Grant. Ela se lembrava exatamente de como ele disse:

— Parece que é melhor eu nunca depender de apenas um curandeiro do clã. As moças têm tendência a ir embora. Ele deu a Brenna um olhar penetrante e ela riu.

Brenna a abraçou depois que ela concordou e disse:

— Tenho total fé em você, Caralyn. Você será uma curandeira maravilhosa. Você e Jennie trabalham bem juntas.

E ela não se arrependeu de sua decisão nenhuma vez. Desde aquele dia, ajudou a dar à luz a vários bebês e aprendeu a costurar feridas e, melhor ainda, a aliviar a tensão relaxando nos braços do marido.

Robbie lhe ensinou o verdadeiro significado do amor e abriu um mundo totalmente novo para ela. O ato sexual deles era doce às vezes, e intenso em outras. Ela e o marido desfrutavam de sua câmara privada no chalé, e ela nunca sentiu a menor culpa por nenhum dos novos truques que ele lhe ensinara.

Suspirando, ela refletiu sobre como sua vida era maravilhosa – a cada momento, todos os dias. Só faltava uma coisa: um filho. Ela amava suas

filhas, mas como sonhara com outro pequeno, um filho para compartilhar com o marido, para que pudessem se deliciar ao ver algo que seu amor havia criado florescer diante de seus olhos.

Com medo de não conseguir engravidar novamente por causa da idade, ela até fingiu ter suas regras algumas vezes, não pronta para contar a verdade a Robbie. Estava com muito medo de estar errada ou que algo acontecesse para impedir a chegada do bebê.

Lá estava de novo! Sim, ela tinha certeza agora. Uma leve vibração se espalhou dentro de sua barriga, muito parecida com as asas de uma pequena borboleta. Um bebê. Ela e Robbie teriam seu próprio filho.

Lágrimas escorriam por seu rosto enquanto segurava a barriga. Queria gritar para o marido, mas estava emocionada demais para falar. Sua respiração ofegou duas vezes antes que ela fosse capaz de forçar outra respiração calmante.

Ela observava de longe o marido e todos os outros membros maravilhosos de sua família.

Robbie parou, olhando para ela. Ele foi em sua direção, com um olhar perplexo no rosto. Ela queria contar a ele, finalmente estava pronta para isso, mas não conseguia falar. Se o fizesse, choraria alto o suficiente para que Brenna e Quade a ouvissem durante todo o caminho em Lothian.

— Querida? — Ele acelerou o ritmo. — Algo está errado? Porque voce está chorando?

Ela balançou a cabeça e depois olhou para a barriga enquanto ele se ajoelhava diante dela. O silêncio desceu sobre o grande salão enquanto todos se viravam para olhar para ela. Caralyn pegou a mão dele e colocou-a sobre a barriga, depois assentiu, embalando o rosto dele com a outra mão.

Robbie arqueou a sobrancelha.

— Um bebê? É isso que você está tentando me dizer?

Ela assentiu e soltou um soluço, envolvendo os braços no pescoço dele.

Robbie soltou um grito e pegou-a, girando-a em círculos. Ele beijou seus lábios e sussurrou:

— Eu a amo, Caralyn Grant.

Caralyn assentiu e olhou por cima do ombro enquanto Maddie descia as escadas.

Alex, Brodie e Loki soltaram o grito dos Grant, enquanto o resto da família correu para envolvê-la em seus braços.

As meninas estavam ao lado da mãe em um instante. Ashlyn olhou para Caralyn e perguntou:

— Um bebê, mamãe? É verdade?

Assentindo, Caralyn deu um tapinha na barriga, sem conseguir pronunciar as palavras.

Gracie se inclinou e beijou sua barriga.

— *Mu* você, pequenino.

FIM

www.keiramontclair.com

TAMBÉM DISPONÍVEL POR KEIRA MONTCLAIR

SÉRIE CLÃ GRANT

- 1- RESGATADA POR UM HIGHLANDER - Alex e Maddie
- 2- A SALVAÇÃO DO CORAÇÃO DO HIGHLANDER - Brenna e Quade
- 3- CARTAS DE AMOR DE LARGS - Brodie e Celestina
- 4- JORNADA ÀS TERRAS ALTAS - Robbie e Caralyn
- 5- CENTELHAS NAS TERRAS ALTAS - Logan e Gwyneth
- 6- MEU TERRÍVEL HIGHLANDER - Micheil e Diana
- 7- A ESTRELA MAIS BRILHANTE DAS TERRAS ALTAS-Jennie e
Aedan
- 8- HARMONIA DAS TERRAS ALTAS - Avelina e Drew
- 9- ANJOS DE NATAL

Querido leitor,

Muito obrigada por ler Viagem às Terras Altas! Estou muito animada por ter publicado este quarto romance da minha série Highlander. Se este foi seu primeiro romance de Keira Montclair, agradeço sua disposição em experimentar um novo autor. Caso contrário, obrigada por retornar para saber mais sobre o Clã Grant. De qualquer forma, espero que tenham gostado da leitura! Eu me esforço para entregar histórias únicas e emocionantes em cada um dos meus romances.

Adoro ouvir meus leitores e também valorizo suas opiniões. Por favor, compartilhe comigo sua opinião sobre a história de Robbie e Caralyn. Existem várias maneiras de me dizer o que você pensa:

1 – Escreva uma avaliação: Por favor, considere deixar uma avaliação. Elas podem realmente ajudar um autor, em especial os que são autopublicados como eu. Não tenho um departamento de marketing ou uma equipe de publicidade me apoiando. Qualquer avaliação é apreciada, e sim, eu leio todas. Essas resenhas também são úteis para outros leitores.

2 – Me envie- um e-mail para keiramontclair@gmail.com. Prometo responder!

3 – Visite meu site: www.keiramontclair.com: Outra maneira de entrar em contato comigo é através do meu site.

Mais uma vez, obrigada por ler!

Keira Montclair

SOBRE A AUTORA

Keira Montclair é o pseudônimo de uma autora que vive na Carolina do Sul com seu marido. Ela escreve romances históricos envolventes e acelerados, que frequentemente inclui crianças como personagens secundários.

Se não estiver escrevendo, prefere passar tempo com seus netos. Ela já trabalhou como professora de matemática do ensino médio, enfermeira e gerente de escritório. Keira adora balé, matemática, quebra-cabeças, aprender algo novo e criar novos personagens para seus leitores se apaixonarem.

Ela considera seu trabalho bem-sucedido quando seus leitores derramam lágrimas por suas histórias, mas sempre há um final feliz!

Sua série de maior sucesso é uma saga familiar que acompanha dois clãs escoceses medievais ao longo de três gerações e agora conta com mais de 40 livros.

Entre em contato com ela através de seu site, www.keiramontclair.com, ou diretamente em keiramontclair@gmail.com.